

O diário de D. Rodrigo Lobo da Silveira, conde de Sarzedas e vice-rei do Estado da Índia (1655-1656) constitui um repositório informativo de enorme riqueza histórica. Nele averbou, dia a dia, a navegação efectuada de Portugal à Índia e as condições climáticas que a determinaram, a rotina do quotidiano, como uma imensidade de acontecimentos ocorridos ao longo dos cinco meses de viagem. Chegado a Goa, prosseguiu sem qualquer interrupção o registo diário da sua actividade, tombando aí alguma correspondência e outros poucos documentos. Mas o autor tece também comentários sobre a situação económica, política, social e religiosa do Estado Português da Índia, como opina sobre muitos outros dos seus intervenientes. Denuncia inoperâncias e fraudes e critica severamente o funcionamento das instituições. Daí a importância acrescida do seu conteúdo.

Firme, experimentado, prudente e determinado, D. Rodrigo Lobo da Silveira empenhou-se, sem descanso, na tentativa de resolução da terrível crise que assolava o Estado da Índia, descurando até os males que lhe minavam a saúde. O distanciamento da Coroa é grande, absorvida com os problemas decorrentes da Restauração e com o Brasil.

E, talvez por isso, não lhe proporcionará os meios para sustentar os males que ameaçavam de morte o Estado Português da Índia.

Na capa: D. Rodrigo Lobo da Silveira, conde de Sarzedas.
Archaeological Museum de Velha Goa, Galeria dos vice-reis.
Foto de Francisco de Sá.

DIÁRIO DO CONDE DE SARZEDAS
VICE-REI DO ESTADO DA ÍNDIA
(1655-1656)

DIÁRIO DO CONDE DE SARZEDAS
VICE-REI DO ESTADO DA ÍNDIA
(1655-1656)

Edição preparada por
Artur Teodoro de Matos



Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
LISBOA 2001

C o l e c ç ã o O u t r a s M a r g e n s

Título: *Diário do conde de Sarzedas – Vice-rei do Estado da Índia (1655-1656)*

Edição preparada por: Artur Teodoro de Matos

© Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Revisão: Pedro Alçada Baptista

Capa: Fernando Felgueiras

Paginação: Jorge M. Belo

Fotolitos: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Impressão e acabamento: Gráfica Maiadouro, S. A.

1.ª edição: Dezembro de 2001

ISBN: 972-787-052-X

Depósito legal: 173 111/01

CNCDP – Catalogação na Fonte

SARZEDAS, Conde de

Diário do Conde de Sarzedas – Vice-Rei do Estado da Índia (1655-1656) / Edição anotada e prefaciada por Artur Teodoro de Matos. – Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001. – 173p; 24cm. – (Outras Margens). – ISBN-972-787-052-X

1 – SARZEDAS, Conde de; 2 – MATOS, Artur Teodoro de

INTRODUÇÃO

No início da Primavera de 1655 largava do Tejo, rumo a Goa, a armada da carreira que anualmente fazia a ligação entre Portugal e o Estado da Índia. A deste ano era constituída por quatro embarcações: a almiranta *Santíssimo Sacramento da Trindade*, galeão de 54 peças, sob o comando de António de Sousa de Meneses; a *Bom Jesus da Vidigueira*, nau de 30 peças, de que era capitão Jerónimo de Carvalho, piloto Manuel André e mestre Luís Fernandes; o galeão de 30 peças, *São Francisco*, comandado por Baltasar de Paiva Brandão; e o patacho *Santa Teresa de Jesus*, de 12 peças, conduzido por Manuel de Castro Favila ou Tavila¹. Esta frota tinha a particularidade de transportar o novo vice-rei D. Rodrigo Lobo da Silveira, conde de Sarzedas, que viajava na nau *Bom Jesus da Vidigueira*, feita nau capitânia.

Do ocorrido, para além do relato do jesuíta Joseph Tissanier, incluído na sua relação de viagem de França ao reino de Tonquim, editado poucos anos depois², chegaria até nós o diário que o vice-rei elaborou, desde que se despedira de Lisboa, até ao termo da sua laboriosa e atormentada governação³. Acompanhavam esta armada

¹ Arquivo Histórico Ultramarino, códice 1659, vulgarmente designado por «Livro do Padre Montanha», «Relação dos Capitães mores e naus que vieram do Reino a este Estado da Índia desde o seu descobrimento», publicada pelo comandante Carlos A. da Encarnação Gomes, *Subsídios para o Estudo da Carreira da Índia*, 9, sep. de *Anais do Clube Militar Naval*, vol. CXXV (Janeiro-Março, 1995), p.89. Conforme oportunamente observou o autor, vários dos nomes estão estropiados; Quirino da Fonseca, *Os Portugueses no Mar. Memórias Históricas e Arqueológicas das Naus de Portugal*, 2.^a ed., Lisboa, s.d., pp. 500-501; comandante António Marques Esparteiro, *Catálogo dos Navios Brigantinos*, Lisboa, Centro de Estudos de Marinha, 1976, pp. 7, 11 e 58. A descrição destes navios e a sua história de vida pode ainda ver-se numa outra obra de António Marques Esparteiro, *Três Séculos no Mar*, Lisboa, Ministério da Marinha, 1974-1975, vol. III, pp. 99-106, 112-119, e vol. IV, pp. 29-31.

² *Relation du voyage du P. Joseph Tissanier depuis la France jusqu'au Royaume de Tunquim*, Paris, 1663, pp. 14-33. Tissanier viajou no galeão *São Francisco*. À nossa colega e amiga Ernestina Carreira, da Universidade de Aix-en-Provence, ficamos gratos por nos ter facultado a consulta desta obra, que não havíamos encontrado em Portugal.

³ Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, *Série Azul*, n.º 58, «Diário do Senhor Conde de Sarzedas na viagem e governo da Índia», a seguir publicado.

três embarcações com destino à Madeira e seis a Cabo Verde e Maranhão e uma a Angola que, ao longo do percurso, se foram gradualmente dela separando.

Recorde-se que depois de uma década de infortúnios para a carreira da Índia que se seguiram à Restauração, a partir de 1650 experimentou-se uma recuperação que se prolongará até 1658, altura em que, de novo, se acumularão desaires, que se arrastarão até meados da década seguinte⁴. As duas naus eram seguras e velozes, enquanto o galeão era «navio de mau governo» e, com o patacho, acabariam por ir «dilatando a viagem»⁵. Todavia, o comando das várias embarcações havia sido cometido a capitães e pilotos experimentados: Jerónimo Carvalho era tido por «prático nas coisas do mar» e os pilotos da almiranta, do patacho e da *Bom Jesus* haviam feito esta viagem em anos anteriores⁶.

*

Como é do conhecimento dos estudiosos deste tema, são escasos os relatos e outras fontes para o estudo desta carreira, sobretudo para os séculos XVII e XVIII. Daí a importância que adquirem os que gradualmente vão surgindo, um pouco ao acaso, já que o principal acervo para o seu estudo – os «livros de nau» – terão desaparecido nas chamas que devoraram o arquivo da Casa da Índia no rescaldo do terramoto de Lisboa, de 1755. É certo que missionários e viajantes deixaram muitas vezes relatos, impressões e comentários das suas viagens e as de vice-reis e arcebispos deram também ocasião a relações, quase sempre anónimas, constituindo assim um *corpus* documental de grande relevância para o estudo do tema. Todavia estas últimas, porque elaboradas em muitos casos com a intenção de enaltecer o quotidiano ou a intervenção do passageiro ilustre a bordo, distorcem de algum modo a realidade, exigindo ao historiador redobrada atenção no trabalho de crítica à fonte.

O *Diário do Senhor Conde de Sarzedas na viagem e governo da Índia* que a seguir se edita, constitui um repositório informativo de enorme riqueza histórica. Nele averbou, dia a dia, a navegação efectuada e as condições climáticas que a determinaram, a rotina do quotidiano, como uma imensidade de acontecimentos ocorridos ao longo dos

⁴ Sobre o assunto veja-se a análise feita por Charles R. Boxer, *A Índia Portuguesa em Meados do Século XVII*, trad. port., Lisboa, Edições 70, 1982, pp. 42-45.

⁵ *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fls. 16v, 13v.

⁶ *Ibid.*, fls. 20v-21 e 25.

cinco meses de viagem. Mas, chegando a Goa, prosseguiu sem qualquer interrupção o registo diário da sua actividade, tombando aí alguma correspondência e outros poucos documentos. Mas o autor tece também comentários sobre a situação económica, política, social e religiosa do Estado Português da Índia, como opina sobre muitos dos seus intervenientes. Denuncia inoperâncias e fraudes e critica severamente o funcionamento das instituições. Daí a acrescida importância do seu conteúdo.

Se um diário é, por princípio, uma fonte importante para a história do quotidiano, o certo é que a rotina que o conde de Sarzedas imprimiu à sua quase frenética actividade político-administrativa, não constituirá um aliciente para o desenvolvimento do tema. Daí a exigência de alguma imaginação metodológica no aproveitamento da fonte. Começado à data da partida de Lisboa, a 23 de Março de 1655, terminaria a 1 de Janeiro de 1656, cerca de duas semanas antes da sua morte, ocorrida a 13 de Janeiro⁷.

O diário de D. Rodrigo Lobo da Silveira chegou até nós através de uma cópia mandada executar por Luís Afonso Dantas, casado com uma neta do vice-rei, a partir de documentos que estiveram na posse de seu sogro, D. Manuel Lobo da Silveira. Este partira para a Índia em Abril de 1649 e por lá permaneceu até 1708, data da sua morte⁸. A partir de 1675 procedeu a uma grande recolha de documentos e variadas informações, além de «lembranças da sua casa», que ocuparam mais de uma centena de livros manuscritos. Elaborados de forma desorganizada – já que «ao mesmo tempo escrevia em diferentes livros os mesmos sucessos» – com dificuldade se separava «o útil do inútil». Mas, como entre muita «inutilidade» havia algumas memórias que poderiam ser úteis «a huma verdadeira historia», o vice-rei D. João de Saldanha da Gama (1725-1732) ordenou a Luís Afonso Dantas, genro e herdeiro de D. Manuel Lobo da Silveira e em cuja posse estavam os livros, que mandasse tresladar tudo o que fosse de interesse. Estimava-se que a tarefa pudesse estender-se por vários anos de trabalho,

⁷ *Ibid.*, fl. 69v.

⁸ D. Manuel Lobo da Silveira saiu de Lisboa em 15 de Abril de 1649 no galeão *São Lourenço*, que se perdeu quando eram decorridos cerca de seis meses e meio de navegação. A outra nau de sua companhia, a *Bom Sucesso*, desapareceria a 12 léguas de Moçambique. Com outros companheiros marchou durante dezoito dias com «enfadamento e desconfortos» até alcançar a fortaleza. Aqui permaneceu um ano até aguardar viagem para Goa, onde chegou a 4 de Outubro de 1650. Governava o Estado da Índia D. Filipe de Mascarenhas, que o casou com D. Francisca Xavier de Moraes. Cf. B.A.C.L., *Série Azul*, n.º 58, fl. 2.

não só «por haver muito que tresladar», como por ser «difficultozo» e necessitar de muita «aplicação o exame de tudo»⁹. Na monção de 1727 partiria de Goa o primeiro códice onde, entre outros documentos copiados, constava o presente diário. Ignoramos se o trabalho teve continuidade.

*

D. Rodrigo Lobo da Silveira terá nascido nos últimos anos do século XVI. Filho de D. Luís Lobo da Silveira, 5.º senhor de Sarzedas e dos direitos reais de Sobreira Formosa, comendador de Santa Olalha, etc. e de sua mulher D. Joana de Lima¹⁰. Feito conde de Sarzedas por carta de Filipe III de 31 de Outubro de 1630, casou com D. Maria Antónia de Vasconcelos, filha dos 4.ºs condes de Linhares.

Tomou parte na expedição de reconquista da Baía em 1625 e, em 1637, foi nomeado governador de Tânger, cargo em que se manteve até 1643, ou mesmo 1644. Como anotaria seu filho D. Manuel Lobo da Silveira nos apontamentos que precedem o diário, foi «o unico sujeito portuguez que quando o aclamarão [D. João IV] lhe não entregou o que governava, e depois de aclamado governou meo Pay que Deos tem Tamgere quatro annos, por ordem del Rey de Castella, the que o prendeo a gente da cidade, e a entregou a el Rey Dom João, que lhe foi muito affecto»¹¹. Aliás, em resultado da residência que lhe foi tirada após o desempenho em Tânger, o rei agradecer-lhe-á tudo quanto realizara ali, apontando-o como «hum dos melhores capitaens que entrarão naquela praça»¹². Ao enaltecer o seu procedimento, afirma que este bem poderia «servir de regimento para os capitaens futuros». E enumera o merecimento de alguns dos seus actos: particular zelo pela honra das mulheres, dispêndio de recursos pessoais com soldados e com a assistência às viúvas e meninas.

A confiança que D. João IV nele depositava levá-lo-á a nomeá-lo Governador do Reino quando, em Salvaterra de Magos, foi acometido de «mal da dor da pedra». Mas desempenharia ainda outros importantes cargos antes da sua partida para a Índia. Membro do Conselho de Guerra, seria também presidente do Senado de Lisboa, pelo

⁹ B.A.C.L., *Série Azul*, n.º 58, «Noticia dos treslados seguintes», fls. 1-1v.

¹⁰ Sobre os condes de Sarzedas veja-se *Nobreza de Portugal*, coordenação do doutor Afonso Martins Zuquete, vol. III, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1960 e 1989, s.v.

¹¹ B.A.C.L., *Série Azul*, n.º 58, fl. 1v.

¹² Id. *ibid.*, carta de 11 de Junho de 1650, tresladada nos apontamentos que precedem o diário.

menos desde 1653, funções que desempenhava quando foi nomeado vice-rei do Estado da Índia, em 1655¹³.

Refere o filho nos apontamentos já citados que, aquando da sua nomeação para a Índia, o rei lhe ordenara que «pedisse o que quizesse para acrescentamento de sua casa». Mas D. Rodrigo da Silveira ter-lhe-á respondido que «o servia pella obrigação que tinha de vassallo, e não por interesse», declinando qualquer recompensa.

*

Acompanhemos a frota que largou de Lisboa em 1655 e, de um modo muito particular, a nau *Bom Jesus da Vidigueira* que conduziu o conde de Sarzedas.

Na manhã de 23 de Março saía barra fora a armada destinada à Índia, acompanhada de mais de uma dezena de embarcações que seguiam para as Ilhas, Angola e Brasil. A necessidade de aguardar por despachos que o rei estava a ultimar obrigou-a a «andar às voltas», defronte de Cascais, durante todo o dia, aonde dera fundo o patacho *Santa Teresa* que os iria receber. Mas também as instruções régias particulares para cada um dos capitães «da conserva», para que nunca se apartassem, as especiais recomendações do vice-rei sobre procedimentos a ter no eventual encontro com inimigos, juntamente com a informação sobre o nome dos santos – código identificativo na aproximação – deveriam ser entregues aos capitães se o piloto da barra as não deixasse cair ao mar quando se aproximou da almiranta. O vento norte rijo que se fazia sentir, não só provocou este acidente, depois remediado pelo vice-rei e impediu que o patacho se mantivesse no seu posto, como obrigou na manhã seguinte a que toda a frota lentamente fosse navegando rumo à Madeira, continuando a aguardar a correspondência que um navio aviso de Cascais lhe faria chegar, o que parece não ter acontecido.

A 28, ao aproximar-se da Madeira, aproveitou a ocasião para remeter notícias ao rei por um dos navios que para ali se destinava e que o governador madeirense deveria fazer rapidamente chegar ao destino por uma caravela. Dois dias depois passaram as Canárias e, a 2 e 5 de Abril, separaram-se da armada as charruas destinadas a Cabo Verde e Angola, levando cada uma delas vias de nova correspondência para o rei e secretário de estado Pedro Vieira da Silva. Experimentaram alguma calmaria a 21 de Abril e, sobretudo, quando passaram o Equador nos últimos dias do mês. A 7 de Maio, encontrando-se a 9,25°, dão conta

¹³ Eduardo Freire de Oliveira, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, t. VII, Lisboa, 1894, pp. XLV e 46.

que haviam dobrado o cabo de Santo Agostinho (que fica a 8,5°), assegurando-se que já não poderiam arribar a Portugal. Rumando ao Cabo, a 18 de Junho avistam as mangas de veludo e outros pássaros, sinais da aproximação da Boa Esperança, cabo que, no dia seguinte, pela altura da água e qualidade do fundo concluem ter já «vencido». Em 3 de Julho entram na terra do Natal que fica a 32° 27' e, uma semana depois, deparam com quantidade de sargaços e grazinas que anunciavam a aproximação da extremidade da ilha de São Lourenço (Madagáscar), que só avistarão na tarde de 12, altura em que foi saudada pela armada.

Costearam esta ilha com tempo limpo, «vendo de dia árvores e de noite fogos» – o que nem sempre acontecia – e, contrariando de algum modo o desejo de Manuel de Castro Favila, capitão e piloto do patacho *Santa Teresa* que desejava escalar Moçambique, o vice-rei, depois de ouvir os capitães e pilotos mais experientes da armada, resolveu seguir directamente para a Índia, não obstante saber que aí aportaria em pleno mês de Agosto e com as restrições de aportamento impostas pelo período de monção. A 22 topam com mais sargaços e canas à tona da água, sinais da aproximação à ilha de Combro que, de facto, divisarão decorridos dois dias.

Se bem que o vento rijo e mar grosso que se fizeram sentir desde 6 de Agosto e se prolongaram até 15 tenham causado problemas e retardado bastante a navegação, o tempo bonançoso trazido pela lua cheia desse dia fez com que se decidisse «buscar a terra», com a firme convicção de que, em breves dias, chegariam a Mormugão. De facto, na manhã de 20 foi avistada terra e, pelas 5 da tarde, aproximaram-se da nau *Bom Jesus* dois paraus, que há alguns dias aguardavam a armada trazendo a bordo os pilotos. No dia seguinte, pela 10 horas, dava entrada na barra de Mormugão toda a armada, salvando com artilharia as fortalezas que a defendiam. Estas corresponderam à saudação.

Apenas cinco meses havia durado a viagem. Tripulação experiente, comando seguro, condições meteorológicas favoráveis, inexistência de escalas, ausência de imprevistos: condições essenciais a uma viagem bem sucedida. O roteiro da navegação utilizado continuava a ser o do piloto de Lagos de finais de quinhentos, Vicente Rodrigues, ainda considerado em 1664 o «mais experimentado e aprovado no que escreveu»¹⁴.

¹⁴ *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fl. 23. «Copia do capitulo 29 do regimento dos Capitães mores das Naos da India», publicado por Alberto Iria, *Da Navegação Portuguesa no Índico no Século XVII (Documentos do Arquivo Histórico Ultramarino)*, 2.ª ed., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973, pp. 169-170. Sobre esta rota veja-se o importante estudo de Max Justo Guedes, *A Carreira da Índia – Evolução do seu Roteiro*, sep. de *Navegador*, n.º 20, Rio de Janeiro, s.d.

*

Ao montar o cabo de Santo Agostinho, anotou D. Rodrigo Lobo da Silveira no seu diário a grande proximidade da armada do porto da Baía, mas nem ele nem os demais capitães ou pilotos levantam a hipótese de o escalarem. Recorde-se que a paragem nesta cidade vinha a ser proibida desde o século anterior¹⁵. O próprio roteiro de Vicente Rodrigues assim o recomendava¹⁶. Aliás, a discussão em torno das escalas, e sobretudo a da Baía, arrastaram-se por todo o século XVII, com avanços e recuos, embora prevalecendo a proibição¹⁷. As razões são desde cedo apontadas: atraso que impossibilitava o carregamento das especiarias desse ano, estrago nas naus, a fuga de gente de navegação e outra, além da despesa com a tripulação¹⁸.

Mas se a relativa proximidade da partida poderia, em princípio, dispensar a escala brasileira, já a de Moçambique tornava-se quase sempre necessária. A morosidade da viagem, o elevado número de doentes, a necessidade de reparações e reabastecimentos impunham esta paragem, considerada obrigatória não por determinação régia, mas exigida pela urgência de socorros. Todavia a viagem de 1655 dispensaria a escala, apesar da insistência do capitão do *Santa Teresa*, Manuel de Castro Favila, invocando falta de lastro, água e vinho. Mas o vice-rei, determinado a «entrar com todas estas embarcações juntas na barra de Goa» e, percebendo que «tudo eram desejos de ir a Moçambique», apressou-se a oferecer-lhe água, vinho e pipas vazias para encher de água salgada e assim resolver o problema do lastro¹⁹.

*

Cerca de 1700 pessoas, incluindo 500 soldados, haviam embarcado em Lisboa com destino a Goa e reduzido foi o número dos que pereceram na viagem²⁰. A *Bom Jesus da Vidigeira*, talvez pelas melhores

¹⁵ «Provisão sobre as náos, que invernaão, arribarem a esta Cidade», Lisboa, 6 de Março de 1565, in *Sistema ou Collecção dos Regimentos Reais*, tomo VI, Lisboa, 1741, pp. 12-13.

¹⁶ «Primeiro Roteiro da Carreira da Índia», in *Roteiros Portugueses Inéditos da Carreira da Índia do Século XVI*, prefaciados e anotados por A. Fontoura da Costa, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940, p. 101.

¹⁷ Sobre o assunto veja-se o estudo de José Roberto do Amaral Lapa, *A Bahia e a Carreira da Índia*, col. Brasiliana, vol. 338, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968, pp. 3-17.

¹⁸ Provisão de 6 de Março de 1565, acima cit., pp. 12-13.

¹⁹ *Diário do Senhor Coude de Sarzedas...* fl. 20v.

²⁰ *Ibid.*, fls. 35-35v.

condições que oferecia, transportava mais de 660 pessoas, pelo que entendeu o vice-rei, para a ir «aliviando», mandar transferir soldados e passageiros para os outros navios. Assim aconteceu com cerca de três dezenas de soldados remetidos para o patacho *Santa Teresa* e duas dezenas para a o galeão *São Francisco*, cuja população se ficava pelos 250 elementos²¹. A gente de guerra havia sido organizada em quatro esquadras e, como era hábito, além de mostras feitas aos soldados, estes praticaram os rotineiros exercícios a bordo²².

Foram companheiros de viagem do vice-rei o desembargador Manuel Martins Madeira, que serviu de auditor da armada, alguns nobres e vários padres franciscanos, dominicanos e vinte e cinco jesuítas, alguns deles franceses e italianos²³. Entre estes registre-se a presença de Manuel Godinho, autor da *Relação do Novo Caminho que fez por terra e mar vindo da Índia para Portugal no ano de 1663* e que será o pregador da festa de São João²⁴.

Se bem que a mortalidade tivesse sido reduzida – pelo menos na nau do vice-rei, da qual nos chegou melhor conhecimento – nem por isso ela foi inexistente. Registaram-se seis mortes que atingiram dois grumetes e três soldados; dois destes vinham presos do Limoeiro e, ao que parece, já doentes; mas também um pagem de 12 anos conheceu a morte no mar, não tendo tido a sorte de poder agarrar-se a um balde, como anteriormente lhe acontecera. Melhor sorte teriam dois pagens e outros tantos soldados que, caídos no mar, conseguiram salvar-se agarrando-se a tábuas, a um cabo da popa, ao balde de tirar água do mar ou porque socorridos por um batel. Também a queda na própria nau, ou o disparo fortuito fizeram aumentar o número de acidentes²⁵.

Refere Tissanier que o cômputo de mortos nas naus *Santíssimo Sacramento* e *Boim Jesus* não terá ultrapassado as duas dezenas, enquanto no galeão *São Francisco* se ficara pelos sete elementos: cinco de doença e duas crianças que morreram afogadas. De um acidente vascular faleceria, no mesmo galeão, o dominicano António da Cruz de cerca de 50 anos de idade²⁶.

Apesar do elevado número de pessoas que viajaram nesta armada, talvez pela curta permanência na zona das calmarias, pela re-

²¹ *Ibid.*, fls. 7v-8v.

²² *Ibid.*, 13.

²³ J. Tissanier, *Relation...*, pp. 15-16 e 30.

²⁴ *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fl. 15v.

²⁵ *Ibid.*, fls. 5v, 8, 9v, 10, 11v, 12, 13, 15, 16, 19v, 22, 28.

²⁶ J. Tissanier, *Relation...*, pp. 30-31.

lativa rapidez da viagem e pelas condições a bordo, o número de doentes não foi dos mais elevados. À chegada a Goa dariam entrada no hospital cerca de centena e meia²⁷. Na *Bom Jesus da Vidigueira*, onde havia maior população, mas talvez pelas suas eventuais melhores condições, saíam apenas vinte necessitados de cuidados médicos. O escorbuto atingiu pelo menos um soldado e outro tripulante desta nau e, na altura da terra do Natal, vários marinheiros encontravam-se doentes. No galeão *São Francisco* alguns tripulantes passaram por enfermidades, levando o seu capitão a solicitar a substituição, pedido que o vice-rei não quis satisfazer de imediato, por se estar debater com a mesma dificuldade.

Na almiranta, o mestre é acometido de maleita e é pedida a presença do médico. Mas como este não se achasse bem de saúde, optou-se por evacuá-lo para a *Bom Jesus*, recebendo aqui o necessário apoio. Posteriormente o seu capitão-mor, António de Sousa de Menezes, passou por grave e prolongada doença de estômago, com sangrias sucessivas, deixando o vice-rei em cuidados. Apressou-se, assim, a mandá-lo visitar por um criado «com alguns mimos», enviando-lhe também o médico e, posteriormente, os medicamentos por este solicitados. D. Rodrigo Lobo da Silveira parece ter gozado sempre de boa saúde na viagem. Aliás, tendo por costume, na Primavera e no Outono, tomar um purgante, não o dispensou a bordo²⁸.

*

O quotidiano a bordo da carreira da Índia é assunto sobre o qual vários historiadores se têm debruçado fixando-se, sobretudo, no século XVI, época em que as fontes são mais abundantes e ricas²⁹. Todavia, se uma viagem nunca é igual a outra, importará determo-nos sobre dois ou três aspectos desse quotidiano referidos neste diário: a prática e os festejos religiosos, os passatempos e os conflitos.

A armada largou de Lisboa em terça-feira de Semana Santa e, conhecidas as dificuldades já referidas da partida, só na quinta-feira

²⁷ *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fls. 35-35v.

²⁸ *Ibid.*, fls. 8, 10v, 11, 12v, 16v, 22.

²⁹ É já vasta a bibliografia sobre o tema. Entre outros veja-se de António da Silva Rego «Viagens Portuguesas à Índia em meados do Século XVI», in *Estudos de História Luso-Africana e Oriental*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1994, pp. 45-108; Francisco Contento Domingues e Inácio Guerreiro, *A Vida a Bordo na Carreira da Índia (Século XVI)*, sep. da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. xxxiv (1988); Artur Teodoro de Matos, *Na Rota da Índia. Estudos de História da Expansão Portuguesa*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1994.

de Endoenças se rezaram as primeiras missas a bordo, até porque este era também o dia da invocação de Nossa Senhora da Encarnação. Não é, por isso, de estranhar, que as tradicionais cerimónias não tivessem ocorrido com o esplendor de outrora. No sábado teve lugar a missa de Aleluia, finda a qual o vice-rei mandaria atirar três peças. E, por ter percebido que parte da população de bordo não se havia confessado previamente, como era seu dever, ordenou que todos o fizessem nesse dia. O domingo de Páscoa também seria assinalado com a celebração de missas³⁰.

Já as festas da Ascensão e do Corpo de Deus, organizadas pelos padres da Companhia de Jesus e ocorridas, respectivamente, a 6 e 27 de Maio, teriam maior solenidade, com altares especialmente montados para o efeito, missa e pregação e saudação pela artilharia de bordo. O dia de Corpo de Deus seria mesmo o escolhido para a celebração da primeira missa de um jovem jesuíta. Todavia o domingo do Espírito Santo, ao contrário do que acontecera anteriormente, já não era objecto de qualquer festejo, recebendo apenas a menção do dia³¹.

Não passaram despercebidos os tradicionais dias de Santo António e São João, cujos festejos religiosos e profanos couberam à tripulação do navio. Com altar levantado no convés, aí se rezou missa com sermão e presença do vice-rei que, em véspera de São João, mandaria ainda colocar lanternas e lampiões nas antenas e gáveas dos navios. Em dia de Santo António realizaram-se ainda danças, uma comédia e entremezes. Estes também teriam lugar pelo São João³².

Na frota seguiam Franciscanos, Jesuítas e Dominicanos, não sendo por isso de estranhar que tendo caído em época de viagem a comemoração de dois dos seus patronos, Santo Inácio de Loiola (31 de Julho) e São Domingos (4 de Agosto), promovessem as respectivas festas. Com a liturgia habitual realizada em altar também para o efeito erguido no convés, talvez os promotores tivessem aprimorado de um modo muito especial a sua ornamentação, já que foi descrita como contendo «todo o conserto que o mar pode dar de si»³³.

Mas para além da comemoração das festas comuns e dos santos, no quotidiano religioso de bordo destacaram-se duas devoções: a das Almas do Purgatório e a do Rosário. Quanto à primeira, recorde-se que estavam na altura divulgadas as confrarias das Almas e a bordo a

³⁰ *Diario do Senlhor Conde de Sarzedas...*, fls. 3v, 4.

³¹ *Ibid.*, fls. 10, 11v, 12v.

³² *Ibid.*, fls. 14, 15v.

³³ *Ibid.*, fl. 27.

elas se recorria para que, por seu intermédio, Deus mandasse o vento necessário para as naus navegarem. Daí o hábito de fazer-se peditório em altura de calma para, com o produto das esmolos, se rezarem missas por tal intenção³⁴. A do Rosário, de especial afecto da Ordem dos Pregadores, conheceu nesta viagem não só uma prática diária que chegou a registar a participação do vice-rei, como foi implementada a sua devoção no galeão *São Francisco*, como na capitânia, através da pregação que propositadamente ali foi realizada por frades dominicanos ao longo de diferentes ocasiões³⁵. No testemunho de Tissanier, no galeão todas as sextas-feiras se fazia a devoção da Boa Morte, conforme as intenções do padre-geral da Companhia, Vincent Carafa³⁶.

Quanto aos passatempos, a pesca foi, porventura, aquele que terá conhecido mais praticantes e do qual também tiraram mais proveito. Albacoras e outros muitos peixes não identificados foram capturados ao longo da viagem, sobretudo na zona da Guiné³⁷. Alguns jogos também serviram de entretenimento, como os de «parar», embora a este tenham sido impostas algumas restrições³⁸. Mas as danças, comédias e entremezes também ocuparam e distraíram passageiros e tripulantes. Alguns, certamente pela sua condição social e hierárquica chegaram a deslocar-se a outros navios para assistirem a representações teatrais³⁹.

A conflituosidade a bordo das naus da Índia era, como se sabe, muito comum, a julgar pelas informações disponíveis. Aliás, a morosidade e as intempéries da viagem, a exiguidade dos espaços, a incomodidade dos alojamentos, a falta de higiene, a carência e má qualidade dos alimentos e a dificuldade na sua confecção, a convivência forçada entre pessoas de desigual condição social e cultural, criavam um ambiente psicológico muito propício aos desentendimentos e discórdias, que atingiam com frequência a violência. Recorde-se que boa parte dos contingentes militares enviados para a Índia saíam directamente das prisões e, muito especialmente, da do Limoeiro. Aliás, dois

³⁴ *Ibid.*, fl. 8.

³⁵ *Ibid.*, fls. 7v, 10v, 11v.

³⁶ J. Tissanier, *Relation...*, p. 26.

³⁷ O primeiro dia de pesca ocorreu a 9 de Abril, em que foram capturadas três albacoras. Mas a alusão ao muito peixe e a esta actividade é várias vezes referida. Cf. *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, sobretudo os fls. 6 e 8.

³⁸ Só poderia ser jogado com nove cartas e tábuas. Cf. *ibid.*, fl. 4v.

³⁹ O escrivão da almiranta e um frade franciscano deslocaram-se ao galeão *São Francisco* para assistirem à representação de uma comédia. E, pelo vento ser rijo, acabariam por vir ter à *Bom Jesus da Vidigueira*. Cf. *ibid.*, fl. 13.

soldados daqui vindos, assinala-se, pereceram na viagem. O uso de facas e adargas era proibido, como forma de prevenir esfaqueamentos.

Na presente viagem, nem a presença do vice-rei, nem as razoáveis condições do mar e a quase ausência de calmarias evitaram algumas brigas e desacatos. Estes ocorreram quer entre grumetes e sodados, quer entre gente de condição, como foi o caso de um moço fidalgo e um soldado ou de D. João Lobo, capitão-do-fogo e Gaspar Carneiro, capitão de uma das esquadras, que se bateram, ou do mesmo João Lobo que estando à mesa do vice-rei se desentendeu com João Furtado, acabando os dois na prisão. Também noutros navios as agressões ocorreram. No galeão *São Francisco* o meirinho feriu com uma faca um aio do vice-rei; dias depois um soldado e um grumete tomaram-se de razões junto ao fogão – lugar de grande concentração de gente e de muita espera – e desencadearam um motim, do qual resultarão feridos. Aliás, na mesma embarcação, o capitão e Manuel de Mendonça passaram a viagem a acusar-se mutuamente, acabando o vice-rei por autorizar a transferência de Manuel de Mendonça com os seus criados para o patacho *Santa Teresa*. Na almiranta é um grupo de degredados que, com a convivência de dois religiosos, ao que parece, provocaram distúrbios⁴⁰. E os exemplos poderiam multiplicar-se. Os castigos são quase sempre a prisão, os trabalhos na bomba e nos batéis. Mas também o julgamento de alguns casos é adiado para Goa.

*

Se esta viagem foi marcada por alguma normalidade, tem, porém, a particularidade de nela ter participado um vice-rei que, por essa razão, assumiu o comando supremo da armada. Os navios seguiram em conserva e apenas o patacho *Santa Teresa de Jesus* se ausentou durante alguns dias, o que causou alguma preocupação. As embarcações comunicaram entre si através de batéis e houve uma correspondência assídua trocada com os comandos, as ordens religiosas, o auditor, ou com algumas outras pessoas de relevo social. Mas a circulação de gente entre navios também ocorreu, ou por necessidade de serviço, ou por simples visita de cortesia e distração. Sempre que o tempo o permitiu, foi tirada a coordenada do lugar e, algumas vezes, medida a altura com o prumo. O confronto destes elementos entre pilotos foi muitas vezes feito, como solicitada a opinião de capitães e pilotos experientes sobre algumas decisões importantes a tomar.

⁴⁰ *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fls. 4-5v, 10v, 14, 19, 19v, 21v, 27.

*

Em 22 de Agosto de 1655 desembarcava em Goa o vice-rei D. Rodrigo Lobo da Silveira. A conjuntura político-militar no Estado da Índia exigia um governante competente e avisado. O governador em exercício, D. Brás de Castro, havia tomado conta da administração do Estado em condições irregulares, já que tinham resultado de um motim chefiado pelo secretário de estado José de Chaves Sotomaior e em que fora também um dos promotores. Apesar disso, manter-se-ia no governo por três anos⁴¹.

A somar a esta crise política, a defesa da Cidade de Goa mostrava-se incapaz de poder resistir a um ataque inimigo. Estava «sem muros e com poucos moradores», alertava a vereação goesa⁴². As demais fortalezas do Estado da Índia davam mostras de não poderem sobreviver aos ataques sucessivos perpetrados por naturais e europeus. Mascate caíra em 1650, arrastando as fortalezas em redor. Diu, bloqueado por uma armada holandesa, via-se impossibilitada de comerciar com Moçambique, Pate e Meca. Com dificuldade resistia Chaul à pressão dos mouros sobre o seu termo. No Canará os holandeses pressionavam os reis locais a manterem o cerco às fortalezas portuguesas, como forma de impedir a saída da pimenta e do arroz, este essencial à sobrevivência de Goa. E, fracassadas as diligências diplomáticas e sem recursos para uma defesa eficaz e, muito menos, para uma ofensiva militar, Barcelor é abandonada e Mangalor entregue ao inimigo. Onor terá o mesmo destino, já que, após heróica mas malograda resistência, por decisão do Conselho de Governo de Goa é desmantelada a fortaleza e mandada recolher a Goa a sua gente⁴³. «Muito ruim exemplo para conservação do povo que tínhamos na Índia», comentava assim um contemporâneo este acontecimento⁴⁴.

⁴¹ Sobre a situação política e militar do Estado da Índia neste período, veja-se de Maria Manuela Sobral Blanco, *O Estado Português da Índia. Da Rendição de Ormuz à Perda de Cochim (1622-1663)*, vol. I, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992, pp. 665-659 (dissertação de doutoramento, policopiada), de que nos servimos neste passo.

⁴² «Carta da Câmara de Goa ao Rei», de 20 de Dezembro de 1650, in *Asseentos do Conselho de Estado*, vol. III, documentos coordenados e anotados por Panduronga S. S. Pissurlencar, Bastorá, Goa, 1955, pp. 520-521.

⁴³ Parecer do Conselho de Governo de 5 de Setembro de 1654, in *Asseentos do Conselho de Estado*, III, pp. 357-358.

⁴⁴ Biblioteca da Ajuda, 50-V-38, fls. 170-170v, «Relação do sucedido na Índia no ano de 1654».

As posições portuguesas no Malabar sofriam das mesmas maleitas. Cranganor, com as muralhas arruinadas e sem guarnição suficiente, não resistiria a qualquer embate organizado. E, no Kerala, a cidade de Cochim e o forte de Coulão, desguarnecidos de meios de defesa, estavam prontos a render-se ao inimigo. Também a decadência comercial e política das cidades de Negapatão e São Tomé de Meliapor no Coromandel, prenunciavam o ocaso da presença portuguesa, até porque a vizinhança holandesa em Paliacate lhe retirava qualquer pretensão de ressurgimento económico imediato. Aliás, estes haviam saqueado recentemente Tuticorim, na costa da Pescaria, centro produtor de aljófar.

No restante Estado a situação era análoga. Moçambique achava-se desprovido do essencial e a indisciplina militar grassava de tal modo, que alguns soldados haviam morto à paulada um dos seus oficiais⁴⁵. No Extremo-Oriente, as arremetidas holandesas haviam feito paralisar o comércio de Macau devido ao encerramento do estreito de Malaca, enquanto os castelhanos de Manila constituíam também uma ameaça de peso. As carências da administração eram enormes e avolumara-se o descontentamento da população que, amotinada, trucidara o capitão-mor. Em Timor, os holandeses apoderavam-se da tranqueira de Cupão e instalavam-se definitivamente na ilha⁴⁶.

Mas onde a situação militar se agravava terrivelmente era no Ceilão. Terminadas as tréguas em 1652, os holandeses fizeram avançar as suas tropas na ilha, com a intenção de tomarem Colombo. Por sua vez, também o rei de Cândia não desistira de expulsar os portugueses, perfilando-se ao lado dos holandeses. A agravar estas frentes de combate, a desordem nas hostes portuguesas, a fome, a insatisfação e a pressão psicológica que a ameaça do ataque militar provocava, desencadearam um motim que conduziu à execução de dois oficiais e à deposição do geral, Manuel de Mascarenhas Homem. E os meios para fazer face a esta situação de guerra eram muito escassos⁴⁷.

*

⁴⁵ Cf. M. M. Sobral Blanco, *O Estado Português da Índia*, já cit., p. 657 e fontes aduzidas pela autora.

⁴⁶ Artur Teodoro de Matos, *Timor Português – 1515-1769. Contribuição para a Sua História*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, Instituto Histórico Infante Dom Henrique, 1974, p. 81.

⁴⁷ Para mais pormenores veja-se M. M. Sobral Blanco, *O Estado da Índia*, já cit., pp. 659-660.

É esta, no essencial, a situação que o novo vice-rei irá encontrar em Goa. Ancoradando a nau *Bom Jesus da Vidigueira* no porto de Mormugão na manhã de 21 de Agosto, logo o capitão-mor António de Sousa de Meneses, com outros capitães e fidalgos, o foram visitar a bordo. O novo governador teve assim o ensejo de se inteirar da situação política e militar da Índia e de avaliar a sua gravidade. Todavia não terá ficado surpreendido. «Lastima» sabê-lo mas, como faz notar, «enxerguei que me não enganava!»⁴⁸

No dia seguinte, após ouvir missa ainda a bordo – acto religioso a que o vice-rei diariamente assistirá –, embarcou com alguns fidalgos na manchua do Estado com destino a Reis Magos, indo alojar-se, como era usual, no colégio franciscano desse nome. Não passou despercebido ao novo vice-rei o sombreado das árvores e o verde dos campos que o final da monção provocara, bem como a grandiosidade e a beleza dos templos e das casas. De caminho recebeu carta do inquisidor com o traslado do auto-de-fé que ocorrera nesse dia e de D. Brás de Castro, o governador cessante. À entrada da igreja aguardava-o uma «figura de fama», não identificada, que lhe deu as boas-vindas em verso. Atento, ouviu, entrou na igreja e rezou. De tarde recebeu visitas e, ao anoitecer, a de D. Brás de Castro e seu filho.

No dia seguinte, depois de ouvir missa cantada, certamente de acção de graças pelo bom sucesso da viagem, iniciava a sua actividade. Recebeu o secretário de estado a quem incumbiu, entre outros assuntos, de enviar avisos para o Norte informando da sua chegada. Convocou os juizes da Relação para combinar a sua posse e tratou de matérias de justiça com o ouvidor-geral. A posse ocorreria no mesmo Colégio dos Reis Magos a 24, com a presença da Cidade, Conselho de Estado, Relação e fidalgos⁴⁹. E, de seguida, reuniu o Conselho de Estado para decidir o modo como haviam de desembarcar os soldados que ainda se encontravam a bordo e o envio de tropas para Salsete e Bardes. É que haviam chegado notícias de estar a aproximar-se da fronteira o exército do Idalxá. Mas o erário estava exaurido ou, na sua expressão, «não havia um real para nada». Por isso teve de recorrer a um empréstimo de dois mil e quinhentos xerafins. «Este é o estado em que achei este Estado», comentaria o vice-rei⁵⁰.

⁴⁸ *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fl. 30.

⁴⁹ «Termo de posse e entrega que tomou o Exmo. Senhor Dom Rodrigo da Silveira Conde de Sarzedas do Concelho d'Estado de S. Mag.de da gouernança de V. Rey e capitão geral da India de que a my foi seruido encarregar», 24 de Agosto de 1655, in *Assentos do Consello de Estado*, III, pp. 386-388.

⁵⁰ *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fl. 31v.

Certamente para dar tempo a que se preparasse a costumada recepção na Cidade de Goa, continuará instalado nos aposentos franciscanos em Reis Magos. Despacha assuntos mais imediatos, como seja a descarga das naus, o envio de cartas para o Norte, ou até a recomendação aos conventos para que agradecessem a Deus a boa viagem que fizera e Lhe pedissem graças para o seu governo.

A partida para a Cidade de Goa teve lugar a 26, quando já eram decorridos quatro dias de permanência em Reis Magos. De manhã dá audiências, despacha com o secretário de estado e às duas horas parte «com o acompanhamento que se costuma em actos semelhantes»⁵¹. Aguardava-o a vereação, que lhe entrega as chaves da cidade e, a seguir, o cabido, que lhe dá a beijar um crucifixo. O cortejo solene prossegue, agora debaixo do pálio, com destino à Sé. No percurso, «danças e folias» abrilhantam a festa e pretendem significar o regozijo popular. A situação financeira não permitia grandes gastos e o vice-rei ordenara contenção nas despesas. Na catedral reza e, depois, a cavalo, dirige-se ao seu palácio, onde a nobreza da cidade, que já o havia acompanhado, o aguardava.

Apesar das duas horas de viagem até à cidade, do cortejo e cerimonial que teve de cumprir, ainda tratou com vários oficiais de assuntos respeitantes à Fazenda Real que considera em «grande lástima»⁵². Aliás, D. Rodrigo da Silveira parece estar ciente da oposição que lhe será movida pelos «poderosos» e oficiais de justiça, quando tiver de proceder, «como é justo e sem respeitos», ao saneamento financeiro do Estado e à aplicação da justiça. Todavia não parece preocupar-se. «Bem sei que lhes não há-de parecer bem – comentava –, porém dá-se-me pouco disso». Aliás, no começo da semana seguinte⁵³, mandaria reunir os ministros dos Contos para lhes dar uma reprimenda pelo incumprimento das suas obrigações, já que tivera «queixa geral de seus procedimentos», e da má «arrecadação das dividas gerais»⁵⁴.

Acompanhemos o primeiro dia de trabalho do novo vice-rei, já instalado no seu palácio⁵⁵. Levantou-se às 5 horas, ouviu missa e, na sala real, deu audiência a todos os que lhe quiseram falar. Depois, querendo demonstrar o seu empenhamento pessoal nas armadas que se aprestavam, foi à Ribeira «dar calor» à armada da colecta e às que

⁵¹ *Ibid.*, fl. 32.

⁵² *Ibid.*, fl. 32v.

⁵³ A 30 de Agosto de 1655.

⁵⁴ *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fl. 33v.

⁵⁵ A 27 de Agosto de 1655.

seguiriam de socorro para Ceilão e para o Norte, bem como a outros navios. Aproveitou para visitar, na Ribeira, a Casa da Fundação e a do Armazém. Regressou ao palácio para jantar. De tarde reuniu o Conselho de Estado, onde analisou as cartas remetidas de Ceilão em meados do mês anterior. Estuda agora a possibilidade de enviar, com urgência, reforços para esta ilha, bem como para Tivim, ameaçado pelas tropas do Idalxá. Manifesta também o desejo de se deslocar em breve a esta praça.

O conde de Sarzedas cumpre, diariamente, uma agenda bem preenchida de tarefas governativas. Recebe embaixadores, fidalgos, o capitão-mor da cidade, o da armada do Norte e os de outros navios, o patriarca da Etiópia e indigitado arcebispo de Goa⁵⁶, o inquisidor, os vigários-gerais das Ordens – sobretudo o de São Domingos – ou os simples religiosos. Dá audiência a diversas pessoas em simultâneo, incluindo, por vezes, elementos da nobreza. Atende, no seu palácio, capitães-mores e os procuradores de Damão e de outras cidades do Norte e do Sul, para além de muitas pessoas. Reúne-se, frequentemente, com o secretário de estado, com o vedor da Fazenda ou com os dois em conjunto, mas também com os ouvidores-gerais do Cível e do Crime, com os ministros da Relação, dos Contos e da Mesa do Desembargo do Paço. Convoca, com regularidade, o Conselho de Estado e o Conselho da Fazenda, que faz reunir na denominada Sala da Rainha, cujas actas são, em bom número, hoje conhecidas⁵⁷. Despacha petições, envia cartas e ordens para diferentes partes e sobre variadíssimos assuntos do Estado.

A Ribeira é um dos locais que o vice-rei visita assiduamente. O apresto dos navios para o socorro de Ceilão e dos que seguiriam para o Norte, ou a partida da armada dos periches⁵⁸ que acompanhava a cáfila com destino a Cambaia e o carregamento das naus do Reino, são as razões que sobretudo invoca para tais deslocações. Mas também o fabrico de amarras e âncoras foram motivo da presença de D. Rodrigo da Silveira no mesmo local, em dois dias muito próximos.

O Tribunal da Relação, a Casa dos Contos, a Matrícula, a Casa da Pólvora e a Mesa do Desembargo do Paço foram outras das instituições que algumas vezes receberam a visita do vice-rei. A 4 de Setem-

⁵⁶ D. Afonso Mendes. Veja-se o que sobre este bispo se escreveu na p. 139.

⁵⁷ *Assentos do Conselho do Estado*, documentos coordenados e anotados por Panduranga S. S. Pissurlencar, 5 vols., Bastorá (Goa), 1953-1957, e série suplementar, vol. I, parte I e II, Panaji Historical Archives of Goa, 1972.

⁵⁸ Pequeno barco, do tipo canoa ou almadia, usado no Canará e Malabar.

bro vai a Tivim observar o andamento dos trabalhos de fortificação, pelo que teve de se levantar às 4 horas da manhã, regressando já noite dentro.

A consciência da importância da sua presença em certos actos públicos de culto e, por certo, a sua condição de cristão, levou-o também a deslocar-se ao Convento da Madre de Deus em Daugim, por ocasião das festas da Natividade e da Imaculada Conceição⁵⁹, ao dos Agostinhos para a festa do Bom Jesus no primeiro de Janeiro e no dia do seu patrono⁶⁰ e à festa de São Francisco de Assis, celebrada pelos Franciscanos no convento da cidade⁶¹. Também honrou, em pessoa, os Carmelitas Descalços na festa da padroeira, Santa Teresa de Ávila⁶² onde, aliás, se confessou, comungou e assistiu a um sermão. Na festividade de Santa Catarina, promovida anualmente pelo Senado de Goa, incorporou-se na procissão, como também participou em idêntico acto litúrgico e noutros, comemorativos da Restauração, na catedral. A festa de São Francisco Xavier mereceria uma visita ao Convento do Bom Jesus, para ouvir a pregação em vésperas do dia comemorativo em honra do Apóstolo das Índias⁶³. Para sua «grande consolação», o corpo do santo já lhe havia sido aqui mostrado, logo após a sua chegada a Goa⁶⁴. Na Igreja de São Caetano dos Teatinos, assistiu, em dia da Exaltação de Santa Cruz⁶⁵, aos actos solenes aí realizados, tendo sido padrinho de um judeu que se convertera ao cristianismo quando detido no cárcere da Inquisição de Goa⁶⁶.

Nesta azáfama diária que nem conheceu descanso ao domingo ou dia santo, três assuntos parecem ter dominado a agenda política do conde vice-rei nos pouco mais de quatro meses em que dela deixou registo: o apresto das armadas que faziam o comércio regional e garantiam o abastecimento às guarnições das diversas fortalezas portuguesas; o agravamento da situação militar, quer no território de Goa quer, sobretudo, em Ceilão e onde os portugueses davam mostras de não poderem resistir por muito mais tempo; e, por último, a falta de recursos humanos, navais e, mormente, financeiros, que permitissem remediar de imediato a difícil situação em que o Estado da Índia se

⁵⁹ Respectivamente a 7 e 8 de Setembro e a 8 de Dezembro.

⁶⁰ A 28 de Agosto.

⁶¹ A 4 de Outubro.

⁶² A 15 de Outubro.

⁶³ A festa de São Francisco Xavier ocorre no dia 3 de Dezembro.

⁶⁴ A 11 de Setembro.

⁶⁵ A 14 de Setembro.

⁶⁶ *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fl. 39v.

encontrava. Era urgente que Portugal enviasse meios para enfrentar a crise, sob pena de perder-se o Estado da Índia, concluía o vice-rei no final de uma reunião do Conselho da Fazenda⁶⁷.

«Não há nenhuma [fortaleza] que dê boas-novas», anotava em 15 de Novembro; e acrescentava na semana seguinte: «Todos representam misérias e faltas, pedindo socorros.⁶⁸» Faltava arroz, pólvora, soldados, cavalaria e fortificações⁶⁹. Todavia, como várias vezes também observou, «não havia um real para nada»⁷⁰. Há dois anos que não chegava canela de Ceilão, em razão da guerra que aí grassava, e porque os capitães a vendiam para pagarem aos soldados⁷¹. A armada dos periches que deveria sair de Goa em começos de Outubro, para acompanhar a cáfila regressada de Cambaia com roupas, necessitava de 10.000 xerafins (3.000\$000 réis). A inexistência de financiamento levou o governador a tentar convencer os guzerates, importadores destes tecidos, a adiantar a quantia. Mas só lhe conseguiu «virar» 6.000 xerafins⁷².

Apesar dos esforços, não consegue ver assinada a paz com o Idalxá. Duvida mesmo que tal venha a contecer, tais as manobras dilatórias do embaixador. «Tudo são mentiras e falcidades», comentava! E, comparando o comportamento deste mouro com o dos que privara em Tânger, concluía: «Não tem fé nem constância em nada [...] mas como isto é longe parece que também enxerga na mudança do modo e natureza⁷³.»

Onde a situação se tornava mais crítica era em relação ao socorro a Ceilão. «Para este socorro não há vintém nem real, nem donde possa vir; acuda Deus com sua Misericórdia, que só ela o pode fazer», anotava o vice-rei em meados de Novembro⁷⁴. Talvez por isso escreveria a todas as ordens religiosas encomendando o bom sucesso de Ceilão e que se expozesse o Santíssimo diariamente⁷⁵. Sobre o mesmo motivo e depois de ouvir o Conselho de Estado convocou as forças representativas do Estado para uma reunião na sala real: Câmara, tribunais, provinciais das ordens religiosas, procuradores das cidades do

⁶⁷ Realizado em 7 de Setembro. Cf. *ibid.*, fl. 37v.

⁶⁸ *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fls.61v e 62v.

⁶⁹ *Ibid.*, fl. 46v.

⁷⁰ *Ibid.*, fl. 31v.

⁷¹ *Ibid.*, fl. 47.

⁷² *Ibid.*, fl. 47v.

⁷³ *Ibid.*, fls. 62-62v.

⁷⁴ *Ibid.*, fl. 61v.

⁷⁵ *Ibid.*, fls. 64-64v.

Norte e do Sul. A todos deu conta da difícil situação militar de Ceilão e das dificuldades em acudir-lhe. Depois chamou ao palácio várias pessoas a quem solicita empréstimo de dinheiro para o socorro. Mas todos se «escusam com misérias e trabalhos»⁷⁶. Situação semelhante ocorreria em relação ao arroz, cuja carência era gritante, devido à situação de guerra com o Canará, fonte tradicional de abastecimento deste cereal.

Pede pareceres ao Senado, Inquisição, Relação e provinciais das ordens religiosas sobre a legalidade do lançamento de um tributo para fazer face à difícil situação do Estado⁷⁷. Havia que adquirir meios, já que era difícil, senão impossível, conseguir qualquer empréstimo. À falta de recursos financeiros, certamente motivada pelas diminuição do comércio regional, das rendas do Estado e pelo acréscimo das despesas militares, juntava-se alguma desorganização dos assuntos da Fazenda Real. Desmazelo nos oficiais dos Contos e queixas contra os seus procedimentos, negligência na arrecadação das dívidas reais, arrematação das rendas por preços inferiores ao habitual, tais eram os males diagnosticados pelo vice-rei em relação à Fazenda que achava «mui desencaminhada»⁷⁸.

Também a morosidade da justiça mereceria a sua crítica. Em 3 de Setembro, após o termo das férias, deslocou-se à Relação a fim de despachar petições de presos e de agravos. E, perante o volume de processos nas mãos dos desembargadores, recomendou-lhe celeridade e despacho às solicitações. Mas no mês seguinte voltaria a denunciar o «descuido» que ali reinava, perante a delonga de seis anos num julgamento⁷⁹.

*

D. Rodrigo da Silveira terminou o seu diário em 1 de Janeiro de 1656. Em 3 de Dezembro acordara com o braço e a mão inchados, mas os médicos não deram importância. Três dias depois passará parte do dia deitado, apesar de aí fazer despacho. A 12 sobreveio-lhe febre e, em dias seguintes, o mesmo acontecerá. No derradeiro dia do ano, apesar de acordar «com febre e maltratado», cumpriria a rotina do trabalho normal. O mesmo acontecerá no primeiro de Janeiro, apesar de não registar queixumes. Na manhã de 13 de Janeiro falecia na Cidade de Goa,

⁷⁶ *Ibid.*, fls. 64 e 65.

⁷⁷ *Ibid.*, fl. 50v.

⁷⁸ *Ibid.*, fl. 39.

⁷⁹ *Ibid.*, fls. 36 e 49.

«ao décimo dia de doença», com pouco mais de 50 anos⁸⁰. Quatro meses depois, caía Ceilão nas mãos dos holandeses, após um cerco de sete meses e sem que lhe chegasse socorro da Índia⁸¹. A suspeita de envenenamento foi levantada, mas talvez sem grande fundamento.

Um autor, seu contemporâneo, ao noticiar os acontecimentos ocorridos na Índia em 1655, deixou o elucidativo depoimento:

«Neste meio tempo foi Deus servido levar para si o Conde Vice Rei. E como não há morte sem achaque, muitas coisas se dão à sua: a principal porém foi o sentimento que tomou por ver as coisas do Estado tão impossibilitadas; o susto de Ceilão e de um temporal que pôs em grande perigo as naus na barra, a que ele em pessoa acudiu com grande zelo; o desgosto que teve pela prisão destes fidalgos, posto que a ordenou com grande prudência, porque tinha alcançado que se foi erro o que obraram, foi boa a tenção com que o fizeram; o ver-se obrigado a pedir tributo ao Estado, que já tinha aceite o da décima; e, finalmente, o grande trabalho que de dia e de noite tomava sobre a sua pessoa, sem admitir alívio. Fez no princípio pouco caso da doença, mas declarando-se depois maligna, por mais remédios que se lhe aplicaram. Recebidos os sacramentos, morreu aos 13 de Janeiro de 1656⁸².»

Pelo diário do vice-rei conde de Sarzedas perpassa a vida política e económica de Goa em meados de Seiscentos, ao mesmo tempo que o estudioso permite nele descortinar o perfil do seu autor como governante. Preocupado com os problemas do Estado da Índia, não poupou esforços para os tentar resolver, trabalhando sem descanso, de manhã à noite. Mas a situação militar, económica e financeira foi-lhe terrivelmente adversa.

Da sua vida privada, pouco ou nada deixou transparecer. E o seu perfil psicológico é difícil de determinar. Tem um filho na Índia – D. Manuel Lobo da Silveira – que já aqui residia há cinco anos e que havia sido preso em 1654, em Cuncolim, aquando da invasão de Salsete pelo capitão do Idalxá, Abdulá Haquim⁸³. É homem de confiança

⁸⁰ «Conselho de Estado de 13 de Janeiro de 1656», in *Assentos do Conselho de Estado*, III, p. 427.

⁸¹ M. A. H. Fitzler, *O Cêrco de Ceilão*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928, p. 53.

⁸² Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, cód. CV/2-15, fl. 57v, «Relação de novas da India Oriental desta monção de 1655», transcrito por Panduronga S. S. Pissurlencar, *Assentos do Conselho de Estado*, III, p. 427.

⁸³ Veja-se o que sobre o assunto se escreveu na nota 106 do «Diário».

do pai, que recorre à sua experiência e dele fez um cabo-de-guerra, enviando-o para Salsete com 250 homens. D. Manuel da Silveira vai informando o vice-rei de tudo o que julga de interesse, sobretudo das movimentações do inimigo, das deserções e de tudo o que pudesse interessar à administração portuguesa⁸⁴.

Tem a noção de quanto é importante estar presente à partida das naus e, por isso, a Ribeira é o local que mais visitou⁸⁵. Disponibiliza-se perante o Conselho de Estado a ir a Ceilão na armada de socorro, desde que haja condições para o fazer. Sabe que a informação é fundamental para as operações de guerra. Lança, assim, frequentes vezes espiões «disfarçados» entre os holandeses e fica receoso quando algum português se passa para o inimigo, como acontecera com um antigo secretário de D. Filipe Mascarenhas.

Não aceita presentes de ninguém. Estando próximo o regresso das naus a Portugal, e num gesto de surpresa, manda prender D. Brás de Castro e os implicados no golpe contra o conde de Óbidos, para os remeter para o Reino, quando já eram decorridos mais de três meses sobre a sua chegada e talvez disfarçara um relacionamento normal com o seu antecessor⁸⁶. O distanciamento da Coroa é grande, absorvida com os problemas decorrentes da Restauração e com o Brasil. Talvez por isso exclamasse em tom de desabafo: «Cada vez vou enxergando mais que se Portugal não socorre este Estado com grande pressa, assim com dinheiro, como soldados e galeões, não se pode isto conservar⁸⁷.» A Coroa fizera uma escolha acertada ao nomear D. Rodrigo Lobo da Silveira para vice-rei e governador da Índia. Firme, experimentado, prudente e determinado, empenhara-se, sem descanso, na tentativa de resolução da terrível crise que assolava o Estado da Índia, descurando até os males que lhe minavam a saúde. «Morrer com a espada na mão, cumprirei com a minha obrigação», escrevia a 2 de Outubro no seu diário⁸⁸. A Coroa, porém, não lhe dera os meios para sustentar os males que ameaçavam de morte o Estado Português da Índia.

⁸⁴ Veja-se o que sobre ele se escreveu em notas e no *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fls. 30, 36, 36v, 39v, 40v, 49, 49v, 53, 58 e 59.

⁸⁵ *Ibid.*, fl. 32v.

⁸⁶ Em 10 de Dezembro. Foram presos, além de D. Brás de Castro, o rei das Ilhas D. Filipe, D. Rodrigo de Monsanto, D. Pedro de Castro, D. Pedro Henriques, Manuel Sousa Cabral, Diogo Salazar e Jerónimo de Falcato. Comentava o vice-rei a propósito destas prisões: «[...] as quais se fizeram todas a um tempo, sem errar nenhum». Cf. *Diário do Senhor Conde de Sarzedas...*, fls. 61-61v.

⁸⁷ *Ibid.*, fl. 37v.

⁸⁸ *Ibid.*, fl. 46v.

INTRODUÇÃO

*

Somos devedores da colaboração do Dr. Paulo Lopes Matos na transcrição deste diário, do Dr. Luís da Cunha Pinheiro na informatização dos dados, do Mestre João Manuel Teles da Cunha em muitas das eruditas anotações. A todos o nosso profundo reconhecimento. Ao Dr. João Paulo Salvado, vogal da Comissão Executiva da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, ficamos gratos pelo interesse manifestado por esta edição e pela atenção que lhe dispensou.

Artur Teodoro de Matos

DIARIO DO SENHOR CONDE
DE SARZEDAS NA VIAGEM
E GOVERNO DA INDIA ¹

¹ Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, *Serie Azul*, n.º 58.

Na transcrição respeitou-se a grafia original, introduzindo as seguintes alterações:

- a) Regulatizámos o uso das maiúsculas e minúsculas, de acordo com o uso mais frequente do texto.
- b) Desenvolvemos todas as abreviaturas, sem contudo o indicarmos.
- c) Separámos as palavras juntas e unimos as várias sílabas da mesma palavra.
- d) De modo a facilitar a leitura do texto, introduzimos e suprimimos alguns sinais de pontuação, respeitando o uso mais frequente.
- e) Utilizámos o «ç» em vez de «c», sempre que assim o julgámos correcto.
- f) Substituímos o «u» por «v» e o «j» por «i», de acordo com a moderna grafia.

Comprende este diario todo o successo da viagem que faço para a India, a que dey principio em terça feira 23 de Março de 1655, com todos os successos della, assim na navegação, como os mais succedidos na nao, esperando em Nosso Senhor o ha de dar muito bom em tudo

[fl. 3] Terça feira vinte e tres de Março. Pella menhã sahimos pella // barra fora com Norte e muito boa maré; salvey Nossa Senhora da Guia com nove pessas, e porque me tinha dito o Marques de Niza² ao desamarar que Sua Magestade³ que Deos guarde, ficava acabando huns despachos para a India, que depois de sahir da barra andasse às voltas defronte de Cascais, adonde tinha mandado dar fundo ao pataxo Santa Thereza da minha companhia para receber os ditos despachos; andamos athé às seis da tarde obedecendo a esta ordem que vimos sahir o pataxo, e o esperamos à capa⁴ sem velejar, o qual se deteve algumas horas chegando pouco mais ou menos pella popa da nao às dez horas de noite, e pello vento Norte ser rijo não foi possível chegar à falla athé pella menhã 24. E porque neste mesmo dia de 23 tive cartas de Sua Magestade pera o almirante e mais capitaens da conserva, com copia para mym do que continhão, que hé a forma em que havemos de seguir a viagem sem nos apartarmos, lhas remety pello Piloto da barra com outra ordem minha que continha a com que se havião haver na occasião de encontros de inimigos, mandando lhe juntamente os nomens dos santos que se han de seguir⁵; hindo fazer a diligencia o Piloto da barra, depois de chegar à almiranta voltou a dar me conta que hindo dar a ordem que levava lhe

² D. Vasco Luís da Gama (1612-1676), 5.º conde da Vidigueira e 1.º marquês de Nisa, um dos mais distintos diplomatas da Restauração, que à data era vedor da Fazenda da Repartição dos Armazéns da Índia, cargo para onde fora nomeado a 16 de Agosto de 1654.

³ D. João IV (r. 1640-1656).

⁴ A reduzida velocidade, com pano reduzido.

⁵ O nome de um santo, variável de dia para dia, indicado pelo capitão-mor aos capitães dos navios da sua armada, a fim de eles poderem descobrir se era português ou inimigo, qualquer navio que, durante a noite, conseguissem ver nas proximidades.

cahio ao mar, e lhe dey outra a que levava pera o Capitão Manoel da Costa Brandão⁶ que o hé do galião Sam Francisco, e mandando lhe de novo fosse dar a outra ao Capitão do pataxo Manoel de Crasto Távila, poz difficuldade com o tempo, mas que o faria todo o possivel, e com a chegada do pataxo se entendeo que a não dera, e assim mandey fazer outras valendo me para isso do treslado das cartas de Sua Magestade.

[fl. 3v]

Quarta feira 24. Pella menhã chegou a fallar ao pataxo, e cuidando se trazia os despachos que ficou esperando sobre o ferro em Cascais, disse que estivera dado fundo naquelle porto athé às seis da tarde sobre huma ancora, e por se lhe romper se fizera na volta do mar, com tenção de andar às voltas esperando os, e que // o rigor do tempo lhe rompera a vella da gavea grande, com que não pudera continuar com a espera pella falta da vella, e o tempo o não consentir. Mandey chamar todos os officiaes da nao, e o Capitão Hieronimo Carvalho⁷, pratico nas couzas do mar, e lhe disse cletreminava tornar na volta da terra e esperar à vista dos Cascaes a ordem de Sua Magestade, e que o pataxo fosse diante a busca la; e porque me disserão tinha difficuldade, lhes disse a propuzessem a que responderão conformemente que a armada se achava dez legoas ao mar muito gilaventeada⁸ pello vento Norte ser muito rijo, e as embarcaçoens hirem muy empachadas para se poder forçar, e que alem dos riscos que poderião correr, por estas resoens por mais que o quizessem fazer poderião alcançar ver outra terra que Sezimbra ou Setual⁹, o que vinha a ser em grande damno da viagem, sem esperança de remedio para o vento; e vista a impossibilidade em que todos confirmarão, ordeney com o parecer dos mesmos officiaes que fossemos fazendo viagem ao Sudueste, em demanda da ilha da Madeira só com a vella da gavea, e o triquete¹⁰ que hé o menos pano que se podia levar a respeito do tempo e grossura dos mares, com tenção que se o avizo que havia de vir a Cascaes se despachasse nos pudesse encontrar athé à dita ilha, o que se continuou athé noite; e de todo

⁶ Há aqui um equívoco, atribuível a um lapso do copista ou compilador, dado que mais à frente, no fl. 6, indicou de forma correcta o nome do capitão do galeão *São Francisco*, Baltasar de Paiva Brandão. O do patacho *Santa Teresa de Jesus* era Manuel de Castro Távila ou Favila.

⁷ Capitão da *Bom Jesus da Vidigueira*.

⁸ «Gilaventear» ou «sotaventear»: cair para sotavento.

⁹ Setíbal.

¹⁰ Deturpação de «traquete».

o referido mandey fazer hum termo assinado pellos ditos officiaes e cappitão da nao.

Quinta feira de endoenças 25, que foy dia de Nossa Senhora da Encarnação, se deo principio a se dizerem missas na nao, e por amaneher muito longe da armada o galião Sam Francisco, que hé muito ruim de vella, esperey, e o pataxo algumas horas por elle, athé se ajuntar com ella, e por lhe poder fazer companhia hé necessario hir esta nao somente com as vellas da gavea mezuradas¹¹, não podendo elle com todas faze lo, o que me vay dando grande cuidado pello que se perde da viagem, e tem se emxergado que hé esta nao melhor de vella muito que a almiranta com todas as mais partes boas, com que espero em Deos há de ter muito bom successo.

[fl. 4] Sesta feira 26. Pella menhã amanhecerão // as embarçaçoens perto desta nao capitania, tirado Sam Francisco que fuy esperando; fomos navegando com o mesmo vento fresco; mandey que se acabasse o alardo da gente do mar e guerra pera se ajuntar o numero de huma e outra, e hé muito pera se reperar que esquecesem os officiaes por cuja conta corre o asento da gente do mar e guerra de meterem aquy memoria, ou livro do alardo que se fez em Lisboa da dita gente que hé costume. Tive por noticia que hum cabo de esquadra ferira hum gurumete¹² no fugão, e que estava já prezo; mandey deitar hum bando com penas que se nam trouxessem faccas nem adagas.

Sabbado 27. Pella menhã amanhecerão as embarçaçoens à vista da armada, e mais longe que todas o galião Sam Francisco. Diçesse missa na nao, e ao dar aleluya mandey tirar tres pessas, e depois por estar o tempo bonançozo mandey dar as ordens ao pataxo pera levar à almiranta e galião Sam Francisco e à sua, pello pilloto da barra que as havia levado pera lhas dar o não fazer como fica referido, as quaes entregou a todos. Ordeney que se confessassem todos os soldados e marinheiros e mais gente que vem na nao, por se entender vem os mais delles por confessar; e por se entender que estavamos perto da ilha da Madeira, escrevy athé às dez horas da noite pera Lisboa.

Domingo que foy dia de Paschoa 28. Pella menhã disserão se algumas missas na nao, confessey me, veyo me avizo que se vião as ilhas Dezertas, que são quinze legoas pouco mais ou menos, de da

¹¹ A meia altura.

¹² Leia-se «grumete».

Madeira; escrevy a Sua Magestade e ao Secretario Pedro Vieyra da Silva, e fiz esperar a hum navio da ilha de Madeira para que as levasse ao Governador Bertholameu de Vasconsselos, a quem escrevy convinha ao serviço de Sua Magestade lhas despachasse logo por huma caravela; e porque a embarcação da ilha se quis hir sem esperar, a seguiu o pataxo, e a obrigou a voltar com lhe tirar huma pessa a que obedeceo, e levou as cartas; pellas quatro de tarde se apartarão mais tres navios que hião pera as ilhas, e ficarão seguindo esta armada seis que vão pera Cabo Verde e Maranhão.

[fl. 4v] Segunda feira 29. // Amanhecerão as embarçaçoens à vista da armada; discerão se missas na nao, navegou se todo o dia com Lesnordeste, ao meyo dia [de]jitou batel fora o pataxo e veyo o escrivão delle com reccado pera mim do cappitão, e a buscar hum marinheiro que não poude alcançar o pataxo em Lixboa e vinha nesta nao; escrevy hum papel ao Capitão mor em que lhe ordenava procurasse se confessava toda a gente da sua nao, e o mesmo disse ao escrivão do pataxo que o discesse ao cappitão da minha parte, e a mesma diligencia hei de mandar fazer com o galião Sam Francisco; e às Ave Marias me vierão dizer que [hum] grumete ferira outro, e porque tenho mandado deitar bando sobre este caso, predeio se o deliquente e se há de executar. E porque também se me queixarão que no corpo da guarda mandara o merinho asender hum lampião para se jugar, contra o que es[tá] ordenado na materia de fogo, o mandey prender.

Terça feira 30. Pella menhã amanhecerão as embarçaçoens à vista desta capitania; na[ve]lgou se com Lesnordeste muito fresco, e entenderão o Piloto e officiaes que passamos as Canareas¹³; às duas de tarde veyo o batel do pataxo a esta nao e me trouxe huma carta de Conde de Obidos¹⁴ em que me recomenda hum official do mesmo pataxo. Ouve alguns chuveiros com o mesmo vento com que se fez esta sangradura¹⁵ muy boa navegação. Avizou se me que hum mosso fidalgo que chamão Thome de Sá, tivera differenças com hum sol-

¹³ Leia-se «Canárias».

¹⁴ Trata-se de D. Vasco de Mascarenhas, conde de Óbidos e governador e vice-rei da Índia (1652-1653), que foi deposto após uma revolta, chefiada pelo secretário de estado José de Chaves Sotomaior, sendo o governo depois entregue a D. Brás de Castro. Veja-se o que sobre o assunto escrevemos na introdução.

¹⁵ O mesmo que «singradura»: espaço de 24 horas compreendido entre dois meios dias consecutivos e durante o qual o navio fosse a navegar.

dado que vay nesta nao; mandey me enformar do caso, e achey que fora mais culpado o soldado, e assim o mandey prender.

Quarta feira 31. Pella menhã amanheceo o mesmo tempo de Les-nordeste e as embarçoens à vista, e pella queixa que se me fez que havia excessos em se jugarem jogos de parar¹⁶; mandey deitar hum bando que se nam jugassem senam de nove cartas e tabolas, e pello consequinte que se não jugasse. Apartarão se dous navios dos que sahirão de Lisboa com esta armada.

Abril de 1655

[fl. 5] Quinta feira, o primeiro de Abril. Pella menhã amanheceo o vento Nordeste e as embarçoens à vista desta capitania; veio o batel do // pataxo trazer me reposta da carta que tinha escrito ao cappitão mor, a quem torney a escrever, e ao cappitão do galião Sam Francisco ordenando lhe metesse vellas novas, e mandasse arumar a carga de maneira que pudesse acompanhar esta nao que vay sempre esperando por elle. À tarde escrevy para Lisboa, e a mayor parte da noite apartarão se duas embarçoens das que sahirão de Lisboa com esta armada.

Sesta feira 2. Pella menhã amanheceo o mesmo vento Nordeste, e as embarçoens à vista; escrevy pera Lisboa athé o meyo dia, por via de huma charrua que vay a Cabo Verde, escrevendo ao governador emcomendando lhe remetesse as cartas logo pella primeira embarcação que se offerecesse. Levou lhe as cartas o batel do pataxo; à noite mandey soltar o prezo que havia tido differenças com Thome de Sá.

Sabbado 3. Pella menhã amanheceo o mesmo vento Nordeste, e as embarçoens junto a esta capitania; ao sol posto se apartou a charrua que sahio de Lisboa com esta armada, e vay pera Angola.

Domingo 4. Pella menhã amanheceo o vento Nordeste muito fresco, e a almirante e pataxo perto desta capitania; e por [o] Sam Francisco vir muito longe se mandou estingar¹⁷ a vella da gavea

¹⁶ «Jogo de parar»: aquele em que um dos jogadores faz branca, e os demais que jogam os pontos apontam ou param contra ele, como no jogo da ronda, no da roleta, etc.. Cf. A. Moraes Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, s.v.

¹⁷ Levar os punhos de uma vela redonda ao terço da verga, alando pelos estingues (cabos de laborar). Cf. H. Leitão e J. Vicente Lopes, *Dicionário da Linguagem de Manilha Antiga e Actual*, s.v.

grande e a sevadeira até tarde que se chegou mais; andou se nesta sangradura dous graos e meyo; ouve alguns trovoens, e mostra de agoa.

[fl. 5v] Segunda feira 5. Pella manhã amanheeo o vento Nordeste, e as embarçaens todas juntas a esta capitania; mandey o pataxo à charrua que vay para Angola, por haver arribado, dizer ao capitão della aguardasse para me levar cartas a Sua Magestade. Ao meyo dia se achou pello sol estarmos em dezaseis graos e vinte nove minutos da parte do Norte; à tarde // escrevy a el Rey, e ao Secretario Pedro Vieyra da Silva; deitou a almiranta bandeira a quadra que hé sinal para chamar o pataxo, o qual voltou a esta nao a dizer que trazia huma carta do Capitão mor pera mim, e por haver mar, e não poder deitar batel fora a deixou para o dia seguinte. À noite mandey que se prendesse hum merinho que deo huma facada por hum hombro a hum lacayo meu até se averiguar o que hé culpado, e emcorreo no bando que mandey lançar para ser castigado.

Terça feira 6. Pella manhã amanhecerão as embarçaens junto a esta nao; navegou se com vento Nornordeste fresco; veyo a bordo o batel do pataxo trazer me a carta do Capitão mor e levou a charrua que vay pera Angolla as que escrevy a Sua Magestade, por duas vias, remetendo lhe huma pella do Governador, e outra pello Brazil, escrevendo ao Conde de Atouguia¹⁸ a emcaminhase a Lisboa. Achamos ao meyo dia em 14 graos e meyo da parte do Norte. À tarde sahy à nao e estive ao terço que rezão os frades de Sam Domingos; à noite ventou o mesmo vento.

Quarta feira 7. Pella manhã amanheceo o vento Nornordeste, e as embarçaens junto a esta capitania; veyo o batel do pataxo a bordo della com cartas pera o Piloto Manoel Andre. A meyo dia se tomou o sol, e se achou o Piloto em 12 graos e 50 minutos; navegou se com o mesmo vento até à noite; apartou se de nós a charrua que vay para Angola às tres da tarde.

Quinta feira 8. Pella manhã amanheceo o vento Norte, e as embarçaens junto a esta nao; achou se o Piloto em 11 graos e 24 minutos; à noite acalmou o vento; deitarão ao mar hum soldado que faleceo por nome Christovão Martins.

¹⁸ D. Jerónimo de Azaide, que governou o Brasil de 1654 a 1657.

[fl. 6] Sesta feira 9. Pella menhã amanheceo o vento Nornordeste com alguma calma, e as embarçaçoens junto a esta // nao; achamos em 10 graos, 2 terços; à tarde estive com os Padres de Sam Domingos e da Companhia; deitou bandeira a quadra¹⁹ o galião Sam Francisco a chamar o pataxo, e por estar distante lançou batel fora em que veyo a esta capitania hum alferes a trazer me cartas do Capitão Balthazar de Paiva Brandão, e hum auto que mandou fazer de Manoel de Mendonça Furtado²⁰, a vir tirar da prizão hum cozinheiro seu que o dito Capitão tinha mandado prender; mandey no mesmo batel ao galião o Dezembargador Manoel Martins Madeira, que per mandado meu serve de auditor nesta armada, e o escrivão a tomar enformação judicialmente da queixa que o dito Capitão me fazia, ordenando lhe notificasse a ambos e lhes requeresse estivessem em seus camarotes enquanto se fizesse esta dilligencia, pera conforme o que resultar della se haver de tratar do remedio, os quaes por hirem já tarde ficarão lá esta noite; este foy o primeiro dia em que se pescarão tres albacoras.

Sabbado 10. Pella menhã amanheceo o vento Norte muito brando e as embarçaçoens junto a esta capitania; a meyo dia achou o Piloto estarmos em 9 graos e 2 terços; à tarde veyo o batel do galião Sam Francisco, e nelle o Auditor e Escrivão com o autto que mandey fazer; rezultou delle que o cappitão havia excedido algum a cortezia que devia a Manoel de Mendonça, e que elle havia feito em tirar o cozinheiro da prizão²¹.

[fl. 6v] Domingo 11. Pella menhã amanheceo o vento Noroeste muito brando, e as embarçaçoens junto a esta capitania; veyo me dizer o Capitão da nao que apparecia huma vella que no tamanho era mayor que o galião Sam Francisco desta conserva; ordeney que fosse o pataxo reconhece la, mandando por a proa a ella, ordenando se fizesse lestes a artelharia; e vindo ella também na nossa demanda couza de huma legoa desta capitania, tirou huma pessa, e à distancia de meya legoa della tornou a voltar fugindo; disse o pataxo que lhe parecia navio olandes, e o pareceo // no effeito, e hindo a seguindo espaço de tempo com pouco fruito por andar ella muito mais, e se entender que perdiamos a altura, e que danava muito a nossa derrota. tornamos a

¹⁹ Bandeira de quadra: bandeira quadrada.

²⁰ Entenda-se «Furtado».

²¹ Frase incompleta.

seguí-la; escrevy à tarde ao Capitão do galião Sam Francisco, e a Manoel de Mendonça extranhando-lhes a ambos a parte em que haviam excedido, e mandey [a]o Capitão desta naó, e ao Auditor para que lhe tomassem as mãos, mandando advertir a Manoel de Mendonça que se não obedecesse ao dito cappitão como era rezão, que o passaria a outro navio. Fizerão-se as amizades de que se fez hum termo assinado por ambos ficando muito conformes. Esta tarde foy a primeira vez que nos acalmou o vento, e estivemos toda ella até às dez da noite em calma, e depois tornou a refrescar alguma couza o vento, e entenderão os Pilotos que procederam de passar o sol por nós este dia no qual nos achamos em 9 graos.

Segunda feira 12. Amanheceo o vento Noroeste brando, e as embarçaóens junto a esta capitania; não se tomou o sol pella vizinhança em que o tínhamos, e pella fantezia pareceo que estávamos em 7 graos e dous terços; antes de meyo dia acalmou o vento, e passou toda a tarde com grande calma, e à noite refrescou alguma couza.

Terça feira 13. Pella manhã amanheceo o [vento] Esnoroeste, e as embarçaóens junto a esta naó, tirado o galião Sam Francisco, que por mais dilligencias que tenho mandando fazer com elle vem notavelmente roim de vella, e nos obriga com isso a atrazar muito a viagem; tomou-se o sol e achamos em 7 graos e oito minutos, ficando nos dous graos já atrás; à tarde ouve calma, e à noite refrescou alguma cousa o mesmo vento.

Quarta feira 14. Pella manhã amanheceo o vento Noroeste, e as embarçaóens junto a esta capitania; tomou-se o sol e achamo-nos em 6 graos e 7 minutos; esteve o dia calmo, mas como foy com algum vento passou-se melhor. //

[fl. 7] Quinta feira 15. Pella manhã amanheceo o vento Nornoroeste brando, e as embarçaóens perto desta capitania; pellas nove horas cahio hum pagem da naó ao mar pella parte do bombordo, o qual se salvou, por se pegar em hum balde com que outro estava tirando agoa; às dez tirou huma pessa o galião Sam Francisco ao que acudio o batel do pataxo, e atraveçou esta naó a esperar o avizo, e ao mesmo tempo dezamarrou de Sam Francisco o seu batel em que veyo o Escrivão e tres Padres da Companhia trazer-me hum carta do Cappitão Balthazar de Payva Brandão, em que me dava conta de hum motim que havia succedido ontem à noite, principiado de humas palavras

que tivera hum soldado com hum grumete sobre o fugão, e depois de pousigado se tornou atear, de que resultou haver feridos. Mandey logo lá o Auditor com ordem minha para devaçar do caso; escrevi ao Capitão mor mandando lhe a carta pello batel do pataxo; não se tomou o sol por estar o dia cuberto; à noite acalmou o vento muito.

Sesta feira 16. Pella menhã amanheceo o vento Susueste calmo, e as embarçaçoens junto a esta nao; pelas onze horas rareou o vento pondo se pello Sueste com trovadas e agoazeiros que nos fazem andar às voltas, por não ser vento da viagem, e por esta causa e estar muito nublado se não tomou o sol. Sobre tarde se vio que quebrara a verga da gavea grande à almiranta que logo consertarão.

Sabbado 17. Pella menhã amanheceo o mesmo vento Susueste muito brando e calmozo, com nublados e chuveiros e as embarçaçoens junto a esta capitania, e por estar o dia cuberto se não tomou o sol; à tarde fez grande calma.

Domingo 18. Pella menhã amanheceo o vento Oessudueste brando com trovoens, e chuveiros e as embarçaçoens junto a esta capitania, e pello sol não descobrir se não tomou o sol; à tarde fez grande calma. //

[fl. 7v]

Segunda feira 19. Pella menhã amanheceo o vento Susueste calmo, e as embarçaçoens junto a esta capitania. Às dez horas veio o batel do pataxo com os dous frades de Sam Domingos que havião hido quinta feira ao galião Sam Francisco, os quaes estiverão no mesmo pataxo dous dias por não haver tempo com que pudesse vir a esta capitania; veio me ver Manoel de Mendonça no batel do galião, e com elle chegou o Auditor Manoel Martins Madeira, com a devaça que foi tirar, e troxe prezos o soldado e homem do mar, por constar della serem os aggressores da pendencia; mandey os meter na bomba, e nos bateis do pataxo e Sam Francisco; mandey 20 soldados a aquelle galião para aliviar esta nao que levava mais de 660 pessoas, e o galião só 250. Tomou se o sol, achou se o Piloto em 3 graos e dous terços; à tarde fez grande calma, escrevy pera o cappitão do galião, e fiz resposta a huma carta que tive de hum Padre da Companhia que vay nelle; e foy se o batel ficando nesta nao Manoel de Mendonça com licença minha athé amanhã que diz há de voltar para [o] pataxo; e foi o cappitão da nao levar ao Padre Frei Thomas da Ordem de Sam Domingos, pello Padre Frei Antonio de Castro seu superior me dizer que

comvinha fosse aly para continuar com a devoção do Rozario, e com elle forão dous soldados por conta de dez que detremino mandar lhe.

Terça feira 20. Pella menhã amanheceo o vento Nornordeste calmo, e as embarçaçoens junto a esta nao; ouve chuueiros sem vento, tomou se o sol e achou se o Piloto em tres graos; à tarde e toda a parte da noite fez muita calma.

[fl. 8] Quarta feira 21. Pella menhã amanhecerao as embarçaçoens junto a esta capitania; com grande calmaria estiverão todo o dia sem governar por não haver nenhum genero de vento; veio o batel do pataxo, no qual mandey sete soldados que com dous que forão segunda feira fazem nove, para hir aliviando esta nao da muita gente que leva; tive hum carta // do cappitam do galião Sam Francisco, a qual mandou no seu batel em que se foi Manoel de Mendonça, e com elles o Padre Frei Thomas da Ordem de Sam Domingos, que com licença minha e do Padre Antonio de Castro seu superior quis passar a aquelle galião para exercitar a devoção do Rozario; às oito da noite refrescou o vento Susueste, porem durou pouco, e deve se às Almas, porque lhes tirarão hum esmola para missas para nos darem vento, o que mediamente se viu.

Quinta feira 22. Pella menhã amanheceo o vento Susueste e as embarçaçoens junto a esta nao. A meyo dia appareceo hum vella por nosso Sotavento tres legoas desta armada; a qual appareceo ser de porte do nosso patoxo²², supposto que ouve alguns de que era caravela, porem não hé²³ averiguou bem; antes da noite se perdeo de vista; matou se muito peixe na nao. Assentey me por irmão de Nossa Senhora de Penha de França dando lhe hum esmolla. Às oito da noite cahio hum soldado da bocca da escotilha abaixo ao porão, e entendendo se que se faria em pedaços quando lhe acudirão virão que não perigara, o que se atribue a milagre.

Sesta feira 23. Pella menhã amanheceo o vento Sul, e as embarçaçoens junto a esta capitania; lançou bandeira a quadra a almiranta que hé sinal a chamar o pataxo, o qual chegou a ella, e como o vento era fresco não poude tomar o avizo, e esteve ariscado a dar pella proa da nao, e supposto que perto, depois de dar boa viagem não se poude entender o que disserão. À tarde foy a bordo della o batel do pataxo e trouxe me hum carta do Capitão mor em que me pedia que man-

²² Entenda-se «patacho».

²³ «Se»?

[fl. 8v] dasse o Medico para ver o Mestre de sua nao que hia doente sangrado seis vezes. Respondei lhe logo, porem não foi o Mestre²⁴ por andar doente; ordenei lhe mandasse aplicar por escrito alguns remedios, o que logo fez; disse me hum marinheiro do batel do // pataxo que virão ontem hum vella que a que se divizou desta nao, e que hum era caravella, e outra navio redondo; não se tomou o sol por estar o dia cuberto; à noite abrandou o vento pondo se pelo Sueste.

Sabbado 24. Pella menhã amanheceo o vento pelo Susueste, e as embarçoens junto a esta capitania; lançou a almiranta bandeira a quadra, porem não poudo chegar a ella o pataxo; tomou se o sol e achou Piloto em dous graos e meyo.

Domingo 25. Pella menhã amanheceo o vento Sul, e as embarçoens junto a esta nao; não se tomou o sol por estar cuberto com chuviros; ventou o mesmo vento athé noite.

Segunda feira 26. Pella menhã amanheceo o vento Sueste, e as embarçoens junto a esta capitania; não se tomou o sol por estar o dia cuberto com chuviros; à noite ventou o mesmo vento fresco.

[fl. 9] Terça feira 27. Polla menhã amanheceo o mesmo vento Sueste, e as embarçoens junto a esta capitania; veyo a ella o batel do pataxo trazer me hum carta do Capitão mor em resposta de outra que lhe havia escrito em que lhe dizia que havia de mandar aquella nao vinte rapazes para aliviar esta capitania de que logo levou o batel, e à tarde tive outra carta do cappitão em que me diz que se tomou o sol na sua nao hoje, e que se achou estarmos em hum grao e hum terço da parte do Norte, e nesta nos achamos em hum grao e dous terços, sendo que antes de se tomar entendião que estavamos mais // avante; atribuiu se ser a causa correrem muito as agoas nesta paragem; mandey voltar o batel ao pataxo pera tornar pella menhã a levar o resto dos soldados.

Quarta feira 28. Pella menhã amanheceo o vento Susueste, e as embarçoens junto a esta nao; veyo o batel do pataxo e por elle escrevy ao cappitão mor mandando lhe os dez soldados, e por todos os que foão fazem 20. Tomou se o sol e achou se o Piloto estarmos em hum grao e hum terço da banda do Norte, e a grande corrente das agoas hé cauza de hirmos pouco por avante; veyo o batel do pataxo e me trouxe resposta do Cappitão mor.

²⁴ Entenda-se «médico».

Quinta feira 29. Pella menhã amanheceo o vento Susueste, e as embarçaens junto a esta capitania; veyo o batel do pataxo ao meyo dia; tomou se o sol e achou o Piloto em 37 minutos da banda do Norte.

Sesta feira ultimo dia de Abril. Amanheceo o vento Leste, e as embarçaens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol e achou termos passado a Linha, e andado 20 minutos da parte do Sul, e por esta conta se deixa ver que achando nos em nove graos da banda do Norte gastamos em os demenuir thé oje 30. Ao meyo dia e em 9 graos achamos em 2 deste mez²⁵ por rezão das calmarias, falta do vento, e correntes das agoas sendo que o juizo dos officiaes lhes pareceo que se passara com menos calmas do que se custuma achar neste sitio, e eu o emxerguey assim também a respeito de que quando passey a jornada da Bahia²⁶ se gastou mais tempo, e com mais calmas nesta paragem com que vão os officiaes muito contentes; permitira Deos que se siga destes bons principios o fim do bom successo da viagem. //

[fl. 9v]

Mez de Maio de 1655

Sabbado primeiro de Maio. Pella menhã amanheceo o vento Lesueste, e as embarçaens junto a esta capitania; tomou se o sol e achamos em hum grao e 24 minutos da banda do Sul; pellas quatro de tarde cahio hum soldado ao mar, por nomem Pedro Duarte, natural de Tras dos Montes junto a Villa Real do terço da armada, e como hia a nao com pouco vento não foi possivel dar por davante²⁷, posto que se poz ao pario²⁸; para o tomarem fuy assim a ao castello da poupa para obrigar aos officiaes a fazerem todas as dilligencias possiveis; não lhe poderão ser bons, supposto que lhe deitarão taboas; correm ainda tanto as agoas nesta paragem que ellas mesmo afastarão; [o] pataxo deitou fora o seu batel por nos ver atravessados, e acudio pera adonde a nao fazia a esteira²⁹, e já o soldado era afogado; senti o muito porque foy a primeira desgraça que ouve nesta nao, sendo que

²⁵ A frase não faz sentido, talvez por repetição de palavras anteriores.

²⁶ Referência à expedição que retomou a cidade de São Salvador da Bahia aos holandeses em 1625.

²⁷ Pela proa. Por diante.

²⁸ Entenda-se «pairo»: navegar com fraco andamento, em espaço relativamente reduzido.

²⁹ Água revolta que o navio deixa pela popa quando vai a navegar.

havião cahidos outros e escapados; persuado me que se salvou porque ouvvy hir chamando por Nossa Senhora repetidas vezes, e a estas demostraçoens o absolverão; no mesmo tempo deitou bandeira a quadra a almiranta; foi lá o batel do pataxo e trouxe me huma carta do Cappitão mor em que me pedia o Medico para o Mestre, dizendo me hia mal, a que respondi logo mandando lhe, ordenando lhe voltasse, e por se me meter a noite mandey dizer ao Capitão mor ficasse a vinda do Medico pera amenhã.

Domingo 2. Pella menhã amanheceo o vento Sueste, e as embarçaçoens junto a esta capitania; ouve alguns chuveiros, tomou se o sol e achamos em dous graos e 28 minutos; à noite ouve chuveiros com vento rijo, veio o Medico da almiranta no batel do pataxo, e trouxe me carta do Capitão mor em que me diz ficava o Mestre melhor, supposto que fraco.

[fl. 10] Segunda feira 3. Pella menhã amanheceo³⁰ // o vento Leste rijo com chuveiros, e as embarçaçoens junto a esta nau; tomou o pilloto o sol, e achou se em quatro graos escassos; à [tar]de ventou o mesmo vento fresco, e à noute com chuveiros.

Terça feira 4. Pela manhã amanheceo o mesmo vento Leste com chuveiros, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou se o sol, e achamos em 5 graos e meyo; à tarde ventou o mesmo vento.

Quarta feira 5. Pella manhã amanheceo o mesmo vento Leste rijo com chuveiros, e as embarçaçoens junto à nau; tomou se o sol, e achamos em 6 graos e nove minutos. À tarde se atravessou a almiranta pondo se à capa, e tirou se com huma pessa; mandei que voltassemos sobre ella, e acudio lá o pataxo deitando batel fora; chegamos à falla, e entendeo se que disserão que lhe cahira hum homem ao mar, e que o tomara o batel do pataxo, e suposto que a algumas pessoas que virão o batel toma lo, como os mares erão grandes ficou em duvida. Às dez da noute por ser o vento rijo quebrou a escota da vella da gavia grande e foi cauza de se romper juntamente a vella; sahy ao convés para apressar que se metesse outra, o que se fez com muita brevidade.

Quinta feira 6. Dia de Assenção. Amanheceo o mesmo vento Leste rijo, e as embarçaçoens junto a esta nau; depois de ouvir missa estiverão os Padres de S. Domingos comigo à hora em que rezarão o

³⁰ A partir daqui até ao final do fl. 110v a caligrafia é diferente.

[fl. 10v] terço entoado, e os Padres da Companhia fizerão hum altar na proa, e tiverão sermão; depois de acabada a hora mandei atirar tres pessos, e o mesmo fez a almiranta, galião e pataxo, deitando suas bandeiras a quadra³¹, chegando a dar a boa viagem a esta capitania. Tomou se o sol, e achamos em 7 graos e 27 minutos; o pataxo disse que o homem que cahira ao mar da almiranta era o gajeiro, e que o tomara o seu batel; à tarde // estiverão comigo os Padres da Companhia.

Sexta feira 7. Pela manhã amanheceo o mesmo vento Leste e as embarçaomens junto a esta capitania. Tomou se o sol e veyo me dizer se achava em 9 graos e hum terço, e que tinhamos passado o cabo de S. Agostinho³² que está em 8 graos e meyo, com que se assegurava não podermos aribar a Portugal, e que hiamos amarados³³ delle quatorze legoas; Deos olhe na nau a boa viagem que hé costume da gente maritima. À tarde se navegou com o mesmo vento, e estamos nesta paragem tão perto da Bahia por estar em 13 graos³⁴, que em menos de sincoenta dias da viagem se pudera chegar lá, que vinha a ser se sahira em direitura de Lisboa em menos de 50 dias.

Sabbado 8. Pella manhã amanhecerão junto a esta nau as embarçaomens; abonançou alguma couza o vento que he o mesmo destes dias. Tomou se o sol, e achou se o pilloto estarmos em 10 graos e dous terços; às oito de manhã veyo o batel do pataxo, dizendo que o Mestre da almiranta se achava com pouca melhoria, e me pedio licença para [se] vir curar a esta nao; escrevy ao Capitão mor que se elle o havia por bem que o podia mandar; veyo no mesmo dia, e da volta forão no batel o soldado e marinheiro do galião Sam Francisco, que aquy tinha mandado vir prezos a respeito da briga que havião tido naquelle galião, que foi cauza de poder haver nelle hum motim grande; sentençou os o Auditor em degredo na viagem para diferentes navios que o seu, e levando nos³⁵ Deos à India em degredo a meu arbitrio, e em lugar do marinheiro que foi degredado para a almiranta pedy ao Capitão mor que me mandasse outro que fosse bom timoneiro, a respeito de que hindo aquy muitos são poucos os que fazem bem feito, e o soldado foi para o pataxo.

³¹ Bandeira à popa.

³² O cabo de Santo Agostinho fica no estado brasileiro de Pernambuco e é a ponta mais a oriente do continente americano; fica a 8° 20' S e 34° 56' O.

³³ Afastados.

³⁴ A Baía fica quase a 13° S, na realidade a 12° 58' S e 38° 33' O.

³⁵ «Levando-nos»?

Domingo 9. Pella manhã amanheceo o vento Leste, e as embarcaçoens junto a esta capitania, tirado [o] S. Francisco, que amanheceo muito longe, e nos faz hir esperando muito. Tomou se o sol, e achou o Pilloto estamos em 11 graos e dous terços. //

[fl. 11] Segunda feira 10. Pella manhã amanheceo o vento Lesnordeste, e as embarcaçoens junto a esta capitania, tirado o galião Sam Francisco que amanheceo mais de duas legoas da nossa poupa, e nos faz hir com algum panno ferrado³⁶; tomou se o sol, e achou o Piloto em 12 graos e 44 minutos. Fizerão me huma petição alguns officiaes da nao, que o Mestre, Piloto e Capitão lhe mandavão passar ao porão o que trazião nas suas despenças para mais segurança da navegação; dei vista às partes e vim a resolver que o Capitão da nao executasse o que fosse mais serviço de Sua Magestade.

Terça feira 11. Amanheceo o vento Leste, e as embarcaçoens junto a esta nao, e foy cauza do galião Sam Francisco amanhecer perto della, o levámos de noite algum panno estingado³⁷ pera esperar por elle. Tomou se o sol, e achamos em 14 graos; à tarde acalmou o vento, e neste dia fez annos a Senhora Donna Mariana³⁸ que Deos guarde, minha senhora, que celebrey com galas, e mandando dizer missas.

Quarta feira 12. Pella menhã amanheceo o mesmo vento, supposto muito brando, e as embarcaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 14 graos e 40 minutos.

Quinta feira 13. Pella menhã amanheceo o mesmo vento com nublados e mostras de agoa, e as embarcaçoens junto a esta nao; tomou se o sol, e achou se em 15 graos e meyo. Neste dia tomey huma pequena³⁹ de agoa de folhas de sene⁴⁰, por custumar faze lo em Lisboa, na Primavera e Octono.

³⁶ Enrolado.

³⁷ Pano puxado pelos cabos de laborar.

³⁸ Cabe a hipótese de «a Senhora Donna Mariana» ser a nora do conde de Sarzedas, D. Mariana da Silva e Lencastre, filha do regedor das Justiças João Gomes da Silva e de D. Joana de Távora, que se consorciou com o filho mais velho do conde, D. Luís Lobo da Silveira, em 19 de Outubro de 1654.

³⁹ Entenda-se «pequena porção».

⁴⁰ Nome vulgar de várias espécies do género da cássia, usadas como purgantes. Cf. A. Morais Silva, *Dicionário...*, s.v.

Sesta feira 14. Pella menhã amanheceo o vento Sueste, com chu-veiros, e as embarçaogens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou em 17 graos e 27 minutos; à tarde ventou o mesmo vento rijo; e sabbado 15 do mesmo modo.

[fl. 11v.] Domingo 16. Dia de Paschoa do Espirito Santo. // Pella menhã amanheceo o mesmo vento Sueste rijo, e as embarçaogens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol e achou estarmos em 18 graos e 25 minutos; à tarde vay continuando o mesmo vento que nam serve muito para nossa navegação.

Segunda feira 17. Pella menhã amanheceo o vento Leste rijo com chu-veiros e as embarçaogens junto a esta nao e por estar o dia nu-blado se não tomou o sol; à tarde navegamos com o mesmo vento rijo; no quarto de madorna⁴¹ se quebrou a escota⁴² da vella da gavea grande, e supposto que a não rompeo, se meteo logo outra.

Terça feira 18. Pella menhã amanheceo o vento Nornordeste, e as embarçaogens junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol e achou es-tarmos em 21 graos e 15 minutos; à tarde abonançou mais o vento. Faleceo hum soldado dos que vierão prezos do Limoeiro por nomem João Simoens natural de Sorolico⁴³, o qual havia vindo de terra já doente.

Quarta feira 19. Amanheceo o mesmo vento brando, e as embar-çaogens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol e achou estarmos em 22 graos; veyo me dizer o Mestre da almiranta que aquy se tinha vindo curar que por se achar já bom se queria hir, para o que lhe con-cedesse licença; ordeney se fizesse sinal ao pataxo para mandar o ba-tel; escrevy ao Capitão mor, e chegado elle se foy o Mestre, e junta-mente hum frade de Sam Domingos por nomem Frei João da Esperança, o qual com licença minha e do padre Frei Antonio de Cas-tro, seu superior, quiz passar pera aquella nao, para exercitar nella a devoção do Rozario, e levou consigo hum rapas que o servia por no-mem [...] ⁴⁴. Tenho observado, posto que a gente do mar diz que de- pois que passamos a Linha que hé isto Inverno, que não há novidade nenhuma por donde appareça emquanto as calmas, porque se em-xergão como se fora no nosso emispherio, e somente a differença que

⁴¹ O mesmo que «modorra»: o quarto da meia-noite às quatro horas.

⁴² Cabo de laborar.

⁴³ Será Celorico? Mas do concelho de Marvão ou de Marco de Canaveses?

⁴⁴ Espaço em branco, não indicando o nome.

há que os dias depois que passamos a Linha athé esta altura de 21 graos forão mingoados se poem o sol às sinco horas e meya e a noite às seis. //

[fl. 12] Quinta feira 20. Amanheceo o vento Leste brando, e as embarcaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 23 graos escassos; à tarde acalmou mais o vento.

Sesta feira 21. Amanheceo o vento Nordeste, muito brando, e as embarcaçoens junto a esta capitania. Veyo o batel do pataxo a pedir me licença pera se vir curar a ella o Mestre do dito pataxo, que vay muito doente; concedi lha, e voltou logo com elle. Tomou o Piloto o sol, e achou em 23 graos e 15 minutos; andou se pellos graos serem mayores e acalmar muito o vento; de noite huns chuveiros que ouve e durou pouco⁴⁵.

Sabbado 22. Pella menhã amanheceo o vento Nornoroeste, e as embarcaçoens junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se em 23 graos e 47 minutos; à tarde acalmou o vento.

Domingo 23. Pella menhã amanheceo o mesmo vento com alguns chuveiros, e as embarcaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 24 graos e 19 minutos; à tarde ventou o mesmo vento rijo.

Segunda feira 24. Amanheceo o vento Sul, e as embarcaçoens junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se em 25 graos menos 8 minutos; à tarde se mudou o vento, pondo se pelo Sueste.

[fl. 12v.] Terça feira 25. Amanheceo o vento Nordeste e as embarcaçoens junto a esta capitania; às seis de menhã cahio hum pagem da nao ao mar, e permitio Deos que se salvase pegando se a hum cabo que hia pela poupa, com que me alegrey muito por ser dia em que meu filho fazia annos, e sentira mais haver nelle qualquer desastre. // Tomou [o] Piloto o sol, e achou se em 25 graos e dous minutos; e não se andou mais nesta sangradura, em respeito de ser vento pouco, e os graos muito grandes.

Quarta feira 26. Pella menhã amanheceo o vento Nornordeste, e as embarcaçoens junto a esta capitania; às seis de menhã cahio ao mar digo às seis de menhã tomou se o sol, e achamos em 25 graos e

⁴⁵ Há falta de palavras neste final de parágrafo.

36 minutos de nove graos da banda do Norte; se começou a agoa a quentar com notavel differença do que até agora; por aly se continuou nesta forma até altura de 24 graos, e de então pera cá se enxerga nella que está o tempo mais fresco, e deixo de beber com salitre que me foi muy bom companheiro.

Quinta feira 27. Dia de Corpo de Deos. Amanheceo o vento Nor-noreste, e as embarçaõens junto a esta capitania; fizerão os Padres da Companhia hum altar no castello da poupa, em que disse missa nova hum religiozo seu, e tiverão sermão, a que assisti, e acabada a missa derão os soldados algumas cargas de mosqueteira. Tomou o Piloto o sol, e achou se em 26 graos e 11 minutos; à tarde se poz o vento pello Noroeste.

Sesta feira 28. Pella menhã amanheceo o vento Oesnoroeste, e as embarçaõens junto a esta capitania. Às oito horas deitou o pataxo batel fora estando perto do galião Sam Francisco, o qual chegou a esta nao a dar a boa viagem; mandei lhe preguntar o que queria o batel? Responderão que hia buscar o Cirurgião, porem que não pudera chegar a bordo, por serem os mares grandes; não se tomou o sol, por estar o dia nublado, e antes de se trocar o quarto da prima choveo com pouco vento.

[fl. 13] Sabbado 29. Pella menhã amanheceo o vento Oeste, e as embarçaõens junto a esta capitania; às dez horas veio o batel do pataxo pedir me o Medico pera o Cappitão que vay doente; o qual lhe mandey; tomou se o Piloto o sol, e achou se em 26 graos, e 36 minutos; à tarde veyo o batel com o Medico; escrevy ao Cappitão mor, levou lhe a carta o dito batel; começou se a passar mostra de soldados para se exercitarem // e saberem tirar os bezonhos⁴⁶, e desparou se hum mosquete⁴⁷ na mão a hum soldado, e deo com a polvora no rosto a outro, e supposto que o maltratou não foi couza de perigo; à noite esteve o vento calmo.

Domingo 30. Amanheceo o vento Oeste e as embarçaõens junto a esta capitania, e logo se mudou pondo se Oesnoroeste.

Segunda feira 31. Pella menhã amanheceo o vento Noroeste, e as embarçaõens junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se

⁴⁶ Leia-se «bisonhos», i.e., novos no exercício de guerra, inexperientes, não treinados, como se depreende pelo episódio relatado a seguir.

⁴⁷ Arma de fogo semelhante ao arcabuz, mas mais pesada.

em 26 graos e 18 minutos; à tarde passarão mostra os soldados; de noite ouve huns chuueiros.

Mez de Junho de 1655

Terça feira primeiro de Junho. Pella menhã amanheceo o vento Noroeste, e as embarçaçoens junto a esta capitania; veyo o batel do pataxo, e nelle o escrivão da almiranta, e hum frade de Sam Francisco que tinhão ido daquella nao ontem ao galião Sam Francisco ver huma comedia que lá se fez, e pello vento ser rijo não puderão da primeira vez tomar a nao; extranhey lhe deitarem batel fora com tal tempo sem vir o pataxo dizer mo; trouxerão me huma carta em reposta da que havia escrito ao Cappitão mor em 30 do passado, a que respondi logo, mandando o batel por estar o vento rijo, e parecer que cresceria mais. Tomou o Piloto o sol, e achou se em 27 graos e dez minutos; à tarde passarão mostra os soldados.

Quarta feira 2. Amanheceo o mesmo vento, e as embarçaçoens junto a esta capitania. Tomou se o sol, e achamos em 28 graos menos seis minutos; à tarde fizerão exercicio os soldados; tiverão humas rezoens Dom Joam Lobo, que exercita o cargo, e Gaspar Carneiro, Capitão de huma das quatro esquadras que mandey fazer da gente que vay nesta nao; mandey os prender a ambos.

[fl. 13v] Quinta feira 3. Pella menhã amanheceo o mesmo vento, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 28 graos e 37 minutos; à tarde fizerão exercicio os // soldados.

Sesta feira 4. Pella menhã amanheceo o mesmo vento, e as embarçaçoens junto a esta capitania. Tomou se o sol, e achamos em 29 graos e 29 minutos; a mayor parte da noite choveo.

Sabbado 5. Amanheceo o vento Oeste, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou se o sol, e achamos em 30 graos e dez minutos; à tarde ventou o mesmo vento rijo.

Domingo 6. Amanheceo o vento Susudueste rijo com chuueiros, e as embarçaçoens junto a esta capitania. Tomou o Piloto sol, e achou se em 30 graos e 39 minutos; à tarde ventou o mesmo vento rijo, e de noite com alguns chuueiros, e cauzou tantos balanços na nao que se não poude quietar em toda ella.

Segunda feira 7. Pella menhã amanheceo o mesmo vento rijo, e o pataxo muito longe desta capitania, por não poder por cauza do

muito vento e mares grossos acompanha la; foi se esperando por elle athé às tres da tarde que se meteo na conserva, e assim elle como o galião Sam Francisco nos vão dilatando a viagem; tomou o Piloto o sol, e achou se em 30 graos e 50 minutos; de noite choveo.

Terça feira 8. Amanheceo o vento Sul, e a almiranta e pataxo junto a esta capitania, e galião Sam Francisco à sua vista e por esperar por elle himos com pouco pasmo; não se tomou o sol, por estar dia nublado.

Quarta feira 9. Pella menhã tivemos o mesmo vento, e as embarcações junto a esta capitania; tomou o Piloto [o] sol, e achou se em 30 graos e meyo; à noite choveo.

[fl. 14] Quinta feira 10. Pella menhã amanheceo o mesmo vento muito brando, e as embarcações junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 30 graos e 50 minutos; // à tarde acalmou o vento, e no quarto da prima⁴⁸ refrescou alguma cousa.

Sesta feira 11. Pella menhã amanheceo o vento Oeste fresco, e a almiranta e o pataxo junto a esta capitania; e por vir o galião a huma vista foy necessario estingar as vellas pera esperar por elle athé às quatro de tarde que chegou a esta capitania; nam se tomou o sol por estar o dia nublado, e à noite começou a chover.

Sabbado 12. Amanheceo o dia nublado e com nevoa sem vento, nem chu[v]a, e as embarcações junto a esta capitania tirado o galião Sam Francisco; e nam ouve sol, e pela fantezia disse o Piloto se fazia em 33 graos e hum seismo⁴⁹; mandey soltar Dom João Lobo, Capitão do fogo, e Gaspar Carneiro.

Domingo 13. Dia de Santo Antonio. Pela menhã amanheceo o vento Norte, e as embarcações junto a esta capitania, tirado o galião Sam Francisco que amanheceo a huma vista; fizerão os homens do mar hum altar no convés, com todo o conserto que a nao podia dar de sy, para festejarem Santo Antonio; assisty à missa e sermão que fez o Padre Frey Antonio de Castro da Ordem de Sam Domingos; tiverão danças, e à tarde fizerão huma comedia e entremezes que fuy ver ao convéz; tomou o Piloto o sol, e achou se em 34 graos e 345 legoas do Cabo⁵⁰.

⁴⁸ O quarto das 20 horas à meia-noite.

⁴⁹ O mesmo que «sexta».

⁵⁰ Entenda-se o cabo da Boa Esperança, que fica a 34° 21' S e 18° 30' E.

Segunda feira 14. Pella menhã amanheceo o vento Norte com nublados e chuviros, e as embarçaçoens junto a esta capitania; não ouve sol, e pella fantezia se fez o Piloto em 35 graos; à tarde tornou a chover, e parte da noite.

[fl. 14v]

Terça feira 15. Amanheceo o vento Oeste Sudueste, com chuviros, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou se o sol, e achou estar em 35 graos e 266 legoas do Cabo; às quatro // horas da tarde chegou a almiranta a dar nos boa viagem; ordeney lhe perguntasse em que altura se fazia o Piloto, e que legoas achava estar da terra? Responderão que se achara em 35 graos escassos, e 170 legoas do Cabo.

Quarta feira 16. Amanheceo o mesmo Noroeste, e as embarçaçoens junto a esta capitania; chegou o pataxo a dar boa viagem. Ordeney lhe perguntasse quanto se fazia da terra? Responderão que 140 legoas. Tomou o Piloto o sol, e achou em 34 graos e meyo .

Quinta feira 17. Pella menhã amanheceo o vento Norte rijo com chuviros, e as embarçaçoens junto a esta capitania. Tomou se o sol, e achou se em 35 graos; à noite ventou o mesmo vento muito rijo.

Sesta feira 18. Amanheceo o vento Norte muito rijo com mares grossos, pello que foy necessario tomar o pano ficando só de traqueta⁵¹; nesta manhã nos faltou o pataxo, sendo que tinha vindo na companhia athé pouco antes do quarto da lua, entende se foy a causa por não poder com o vento e mares, o que tudo obrigou a correr em poupa; a almiranta e galião Sam Francisco, me vão acompanhando; sahy ao castello da poupa aonde estive algum tempo, e depois de recolher me vierão dizer que se vião algumas mangas de veludo⁵² e outros passaros que são sinais do Cabo e sahem a misriscar⁵³ vinte e sinco e trinta legoas ao mar, com o que me alegrey muito; à tarde abonançou mais o vento e mares, e nam se tomou o sol, por estar o dia nublado, e com chuviros; andou a nao esta sangradura sincoenta legoas; à noite se ascenderão faroes em todas as embarçaçoens.

Sabbado 19. Pella menhã amanheceo o vento Noroeste, e a almiranta e galião perto desta capitania sem termos vista do pataxo, e os

⁵¹ «Vela redonda que enverga na verga de papafigos do mastro da proa». Cf. H. Leitão e J. V. Lopes, *Dicionário...*, s.v.

⁵² Variedade de alcatrazes, de cor branca e as pontas das asas pretas.

⁵³ «Misrcar», o mesmo que «mesclar»: juntar-se.

[fl. 15]

mares mais brandos; fuy assima ao castelo da poupa pelas oito horas ver deitar o plumo⁵⁴; achou o Piloto oitenta braças largas, e area meuda branca, sinal de termos vencido o Cabo; // deu se lhe boa viagem como hé estilo na gente do mar; himos só com o traquete governando a Leste guinando a Nordeste; andou a nao nesta sangradura corenta legoas; pellas onze horas chegou a almiranta a dar nos a boa viagem; ordeney lhe perguntasse que altura acharão no seu plumo? Responderão que oitenta braças e area branca; tomou o Piloto o sol, e achou se em trinta e sinco graos e hum quarto e dez legoas do cabo das Agulhas⁵⁵ que está em trinta e sinco graos menos hum terço; a tarde tornou acrescentar muito o vento e mares com hum chuvereiro; ouve pareceres que se vira terra.

Domingo 20. Pella menhã amanheceo o vento Noroeste muito rijo, e com mares grossos, e a almiranta e galião perto desta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se em trinta e seis graos, e deu de sangradura a nao corenta legoas. À tarde se navegou com o mesmo vento, hindo toda a parte do dia só com o traquete por esperar pello galião Sam Francisco; não se tem tomado athé agora a vista do pataxo, sendo que há tres dias que nos falta.

Segunda feira 21. Pella menhã amanheceo o vento Oesnoroeste, e almiranta e galião junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em trinta e seis graos e hum terço, e corenta e seis legoas da bahia da Lagoa⁵⁶, terra da altura; deu de sangradura a nao corenta legoas levando ainda a proa a Lessueste; morreo hum soldado por nome Domingos Martins, de Vila Real dos que vierão prezos do Limoeiro, o qual havia estado doente e depois de andar levantado lhe deu hum accidente de que faleceo.

[fl. 15v]

Terça feira 22. Pella menhã amanheceo o vento Leste que nos hé pela proa, e a almiranta e galião junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 36 graos e dous terços, e como o vento hé contrario não dá lugar a começar a demenuir graos, senão hir para a altura; chegou o galiam a dar nos boa viagem; // ordeney lhe perguntassem que sol tomarão, e quanto se fazião da terra? Responderão que tomarão trinta e seis graos e sincoenta minutos, em que se faz cento e corenta legoas do cabo das Agulhas.

⁵⁴ O mesmo que «prumo».

⁵⁵ O cabo das Agulhas é o ponto mais meridional de África, a 34° 49' S 20° 00' E.

⁵⁶ A baía da Lagoa fica na costa oriental africana, a «Delagoa Bay» da tradição inglesa, a angra onde fica Maputo, em Moçambique, a 25° 25' S e 33° 30' E.

Quarta feira 23. Pella menhã amanheceo o vento Susueste brando, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 38 graos; a mayor parte do dia esteve a nao sem governo por acalmar de todo o vento; à noite alem dos faroes mandey que puzessem lampioens e alenternas nas entenas⁵⁷, e gaveas para se festejar Sam Joam, e o mesmo fizerão a almiranta e galião Sam Francisco; no quarto da prima refrescou o vento alguma couza, pondo se Lessueste.

Quinta feira 24. Dia de Sam Joam. Pela menhã amanheceo o mesmo vento, e a almiranta junto a esta capitania, e por não termos vista do galião Sam Francisco estivemos esperando por elle, só com a vella grande athé às oito que se teve vista delle; fizerão os homens do mar hum altar no convez para festejar Sam João, adonde fuy ouvir missa, e communguey, e estive ao sermão que fez o Padre Manoel Godinho⁵⁸ da Companhia de Jesus; à tarde fizerão huns entramezes que fuy ver ao convez; tomou o Piloto o sol, e achou se nos mesmos trinta e oito graos e hum quarto, e a rezão de correremos tanto para a altura hé ser o vento pella proa, e correrem muito as agoas pera a mesma altura, e o sol, posto se ajuntou o galião comnosco.

Sesta feira 25. Pella menhã amanheceo o vento Nordeste, e as embarçaçoens junto a esta capitania; e por estar o dia cuberto e com chuveiros, nam tomou o sol; à noite fizerão se fuzis⁵⁹ para a almiranta e galião entenderem que viravamos em outra volta.

Sabbado 26. Pela menhã amanheceo o vento Oeste muito rijo com mares grossos, e as embarçaçoens junto a esta capitania; às dez do dia cresceo mais o vento com chuveiros, e querendo se amainar as vellas a hum delles não pode ser tão depressa que nos quebrou a verga grande; sahy ao comvez para obrigar que se desse // remedio que o tempo desse lugar, o que se fez arriando a verga quebrada, metendo em seu lugar huma do traquete que vay de sobresalente. Tomou o Piloto o sol, e achou se em 37 graos e meyo.

[fl. 16]

⁵⁷ Leia-se «antenas», o nome genérico dado a mastros, vergas, etc., de sobressalente. Cf. Humberto Leitão e J. Vicente Lopes, *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*, s.v.

⁵⁸ O padre Manuel Godinho (1633-1712), da Companhia de Jesus, que escreveu a odisseia por que passou, em 1662, na sua viagem da Índia para Portugal por terra. Cf. *Relação do Novo Caminho da Índia para Portugal*, introdução e notas de A. Machado Guerreiro, Lisboa, Imprensa Nacional, 1974, p. xi.

⁵⁹ Fazer sinais lançando fogo a uma quantidade de pólvora.

Domingo 27. Pella menhã amanheceo o vento Oesnoroeste rijo, e as embarçaçoens junto a esta capitania; às nove de menhã cahio ao mar hum pagem da nao de idade de doze annos por nomem Antonio Balão que vinha à conta do guardião; fez se toda a diligencia pello salvar voltando a nao na sua esteira; não foy possivel alcança lo sendo que nadou e só esteve na agoa espasso; este mesmo mosso havia caído ao mar outra vez, e se salvou pegando se a hum balde; tomou o Piloto o sol, e achou se em 36 graos e meyo.

Segunda feira 28. Pella menhã amanheceo o mesmo vento muito rijo com mares grossos e chuveiros, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 35 graos e meyo; à tarde ventou o mesmo vento com chuveiros.

Terça feira 29. Pella menhã dia de Sam Pedro amanheceo o vento Norte calmo e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 34 graos e meyo.

[fl. 16v] Quarta feira 30. Pella menhã amanheceo o mesmo vento, e a almiranta junto a esta capitania, e Sam Francisco tam longe que foy necessario hir só com o traquete para se esperar por elle; tomou o Piloto o sol, e achou se em 34 graos; à tarde chegou a almiranta a dar nos boa viagem, e mandando eu preguntar como hia o Capitão mor, responderão que sangrando algumas vezes; e porque antes disso se tenha feito sinal ao galião para chegar à fala e se lhe dizer porque não ascendia farol, e que não se quizesse na poupa senão também na proa para se saber a navegação que fazia, a respeito de que já por duas vezes amanhece sem termos vista delle; e antes de chegar à fala deitou batel fora em que veyo Manoel de Mendonça. Tive huma carta do Capitão em que se desculpava com // ser o navio de mau governo e que esta causa e o não ser navio veleiro era a rezão de não poder acompanhar nos como quizera. Respondi lhe que aquelle galião nos tinha atrazado muito a viagem e que procurassem de se compassar, e entendesse que havia eu de procurar quanto pudesse leva lo na conserva, e que puzesse farois para sabermos de noite adonde ficaria e o podermos hir aguardando, e que amanhã se fizesse tempo brando e nesta capitania se lhe fizesse sinal deitasse o batel fora mandando o a ella.

Mez de Julho de 1655

Quinta feira, o primeiro de Julho. Pella menhã amanheceo o vento Nornoroeste, e as embarçaçoens junto a esta capitania; e pello

[fl. 17]

tempo ser brando se fez sinal ao galião pera deitar o batel fora; véo, escrevy ao Capitão mor⁶⁰ e mandey lá Joam de Passos, meu criado a visita los com alguns mimos, a saber o que tinha, e levou consigo o Medico com ordem que se fosse necessario ficar lá o Medico fizesse o que o Capitão mor lhe ordenasse, e o mesmo [e] João de Passos forão, e tornou o batel com carta do Capitão mor para mim em que me dá conta que havia vinte dias que hia muito maltratado do estomago começando lhe por hum catarro, e parecendo lhe passar sem sangrias as havia dillatado, e que estava já sangrando quatro vezes, e outra depois de hir o medico que erão sinco, mandou cá buscar lambedor de violas⁶¹, asucar candil⁶², folhas de violas⁶³; mandey lhe tudo e alguma pedra bazar⁶⁴; tornou o batel sem o medico e João de Passos; mandou me dizer o Capitão mor os deixara lá ficar; estou com cuidado da doença deste fidalgo, porque me parece pellas relações que tive está doente gravemente; permita Deos dar lhe saude. Tive huma carta do Capitão do galião em que me diz leva alguns marinheiros doentes que quizesse eu dar alguns. Respondy // lhe que também cá os havia doentes, porem que passada a paragem em que hiamos que hé estarmos quazi entrados na terra do Natal⁶⁵ se eles lho não melhorarem tarde senão veria o que se podia fazer; e com isto foy o batel; tomou o Piloto o sol, e achou se em 33 graos e tres quartos.

Sesta feira 2. Pella menhã amanheceo o vento Sul, e as embarcaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 32 graos e 27 minutos, com o que esta noite com o favor de Deos entra-

⁶⁰ Jerónimo Carvalho.

⁶¹ Trata-se de um xarope (lambedor) de violetas (violas), feito a partir da *Viola odorata*, Lin.. Garcia de Orta no «Colóquio quarto» referiu-se à sua importação de Portugal ou de Ormuz para uso em Goa, já que ele não confiava nas variedades indianas. Cf. *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, reimpressão da edição do conde de Ficalho de 1891, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1987, p. 62.

⁶² Leia-se «açúcar candi»; o produto era purificado com limo para produzir cristais grossos, duros e quase translúcidos. Cf. Sebastião R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, s.v.

⁶³ Deve tratar-se de pétalas de alguma flor da família das violáceas, talvez a *Viola odorata*, Lin.

⁶⁴ A pedra bazar, do persa *pâdzalir* ou *pâzalir*, passou ao árabe como *bâdizalir* ou *bâzalir*, porque essa língua não tem «p» no seu alfabeto, que significa «o que expele veneno, antídoto». Garcia de Orta dedicou-lhe o «Colóquio quadragésimo quinto», no qual apontou a sua origem e o seu emprego médico, entre os quais serviria de tónico após purgas. Cf. Garcia de Orta, *op. cit.*, vol. II, pp. 231-235.

⁶⁵ A costa sul-africana do Natal fica situada entre 27° 15' e 31° 05' de latitude sul.

mos na terra do Natal, que está em 32 graos; tinha avizado a João de Passos que se o Capitão mor estivesse melhor que me fizesse hum sinal deitando hum bandeira por quadra; não o tem feito com o que entendo nam deve deter melhora.

Sabbado 3. Pella menhã amanheceo o vento Sueste com chuueiros, e as embarçaçoens junto a esta capitania: não ouve sol; fez se o Piloto pela fantezia⁶⁶ em 31 graos escassos; deitou à almiranta a bandeira a quadra que hé o sinal que ordeney me fizessem se fosse melhor o Capitão mor.

Domingo 4. Pella menhã amanheceo o vento Oeste, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 30 graos e 40 minutos.

[fl. 17v] Segunda feira 5. Pella menhã amanheceo o mesmo vento, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em 29 graos e 22 minutos; ao sol posto se mudou o vento pondo se Nornoroeste, com hum chu[v]eiro e relampagos, // que durarão muito parte da noite.

Terça feira 6. Pella menhã amanheceo o vento Nornordeste, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em vinte e nove graos e dez minutos; pelas duas horas veyo hum chu[v]eiro; chegou o galião a dar boa viagem, e por não saber estes dias como vay o Capitão mor mandey chegassemos à almiranta, e mandey perguntar como hia o Capitão mor. Disserão que melhorado; no quarto de madorna se fizerão fozis para virarmos em outra volta, e andando virando as escotas no cabrastante deu hum pé de vento com hum chuueiro tam rijo que dezemparrarão os artilheiros o cabrastante esquando se a escota da vela grande pela escoteira fora, e quis Deos que se remediasssem sem succeder mais que maltratar o cabrastante dous artilheiros.

Quarta feira 7. Pella menhã amanheceo o mesmo vento com chuueiros, e as embarçaçoens junto a esta capitania; e por estar o dia cuberto se não tomou o sol; à tarde começou a crescer muito mais o vento com mares grossos vindo de refregar e chu[v]eiros, e às sette da noite se ferrou a vela grande com muito trabalho, ficando com o traquete à despozição do vento e mares, e cresceram pelo discurso da noite, de maneira com tam grandes balanços que deu cuidado ao Pi-

⁶⁶ Fantasia: estima.

loto e gente do mar; mas foy Deos servido que com o outro chu[v]eiro que nos deu no quarto da prima nos entrou o vento pelo o Oesnoroeste, e ainda que riço servia nos para a navegação, com o que viramos em outra volta fazendo fuzis para entenderem as outras embarcações.

[fl. 18] Quinta feira 8. Pella menhã amanheceo o mesmo vento e as embarcações junto a esta capitania; tomou // o Piloto o sol, e achou se em vinte e oito graos e corenta minutos; à tarde chegou a almiranta, e me fizerão hum sinal que eu tinha dado para saber do Capitão mor por onde entendi que hia melhor, com que fiquey muito contente, porque por todas as rezoens me dava cuidado a doença deste fidalgo.

Sesta feira 9. Pella menhã amanheceo o vento Norte, e as embarcações junto a esta capitania, e de mais a mais se vio também o pataxo que amanheceo connosco, havendo vinte e dous dias que faltava, o que tive por milagre, assim em rezão do temporal com que apartou se de nós, como dos que depois se seguirão; e pela necessidade grande que tinha esta armada de o levarmos em companhia nesta paragem em que estamos athé Mossambique, por ser o mais ariscado nesta viagem da India em rezão dos baxos, chegou a dar a boa viagem, e disse que estivera perdido assim na tromenta com o que se apartou como na que vay referida atrás, e que vira os nossos farois a noite passada às dez, e se persuadira que os fogos eram em terra, e obrigara a fazer se na volta de Noroeste, e reconhecendo nos pela menhã nos viera buscar; tive grande contentamento de tornar a cobrar este pataxo, por todas as rezoens, e espero na misericordia divina que hei de chegar com todas as embarcações juntas à India. Tomou o Piloto o sol, e achou se em vinte e oito graos e sinco minutos Norte Sul, das ilhas de Angoxa⁶⁷, e o mesmo disse ontem o Piloto da almiranta, e [o] do pataxo difirio pouco.

[fl. 18v] Sabbado 10. Pella menhã amanheceo o vento Oeste, e as embarcações junto a esta capitania; e por estar o dia // cuberto não ouve sol, e pela fantezia se fez o Piloto em vinte e sette graos e dous terços; vio se cantidade de sargaço sinais da cabeça da ilha de Sam Lourenço⁶⁸.

⁶⁷ Grupo de ilhas na costa moçambicana cujo nome derivou da maior, Angoche, compreendendo Mafamede, a mais oriental a 16° 21' S e 40° 01' E, Caldeira (a mais ocidental), Pássaros e Pau.

⁶⁸ A ilha de São Lourenço é a ilha de Madagáscar, no oceano Índico frente a Moçambique, situada a 12° 12' e 25° 45' de latitude sul e 43° 40' e 51° 10' de longitude este.

Domingo 11. Pela manhã amanheceo o mesmo vento, e as embarçaens junto a esta capitania; mandey deitar bandeira para chegar o pataxo à fala, e lhe ordeney fosse daquy por diante pela nossa proa, e que se avistasse a terra de noite fizesse fozis, e tirasse huma pessa. Tomou o Piloto o sol, e achou se em vinte e seis graos e dous terços; vio se mais sargasco, e huns passaros que chamão garajinas⁶⁹ que sahem da ilha ao mar; chegou à tarde a almiranta a dar nos a boa viagem, e disse que o Capitão mor hia melhorado.

Segunda feira 12. Pela manhã amanheceo o vento Sudueste, e as embarçaens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em vinte e cinco graos e trinta e cinco minutos, e às duas despois do meyo dia se vio terra da ilha de Sam Lourenço que está em vinte e seis graos, a que se deo a boa viagem como hé costume nos mareantes; este dia a fomos correndo seis legoas afastados della; chegou o pataxo a dar a boa viagem, e lhe mandey dizer que pela manhã fazendo tempo deitasse o batel fora para levar avizos à almiranta e galião Sam Francisco, para que levassem lestes a artelheria, a respeito de que daquy por diante podiamos encontrar inimigos de Europa⁷⁰; e mandey perguntar ao Capitão mor a causa que tivera para prender algumas pessoas na sua nao.

[fl. 19] Terça feira 13. Pella manhã amanheceo o vento Lessueste, e as embarçaens junto a esta capitania; veyo o batel do pataxo, por quem mandey a ordem à almiranta; tomou // o Piloto o sol, e achou se em vinte e oito graos e vinte e dous minutos; vamos correndo a mesma terra da ilha de Sam Lourenço seis legoas; à vista della tive resposta do Capitão mor em que me dis que certos degredados que aly vão procediam com escandolo e dezenvoltura e embrulharão a nao, e que dous religiosos que vão nella fumentarão o mesmo com elles, e particularmente hum que hia hido desta nao; avizei ao Padre Frey Antonio de Castro que aquy vay, o mandasse buscar.

Quarta feira 14. Pela manhã amanheceo o mesmo vento, e as embarçaens junto a esta capitania; veyo o batel do pataxo, por que mandey a ordem à almiranta; tomou o Piloto o sol, e achou se em vinte e quatro graos e vinte e dous minutos; vamos correndo a mesma

⁶⁹ Ave denominada «grazina», charadriforme da subordem das gaivotas. Cf. H. Leitão e J. V. Lopes, *Dicionário...*, s.v.

⁷⁰ Entenda-se os navios e homens da V.O.C., a Companhia [Holandesa] Reunida da Índia Oriental.

terra da ilha de Sam Lourenço seis legoas; à vista della tive resposta do Capitão mor e Padre Frei Antonio de Castro ao religioso que se viesse, escrevendo juntamente ao Capitão mor que o mandava vir para em caso que o religioso o não fizesse lhe mandar dizer que obedecesse à ordem de seu superior; ambas as couzas succederão porque não queria vir, e foy necessario mandar lhe o Capitão mor dizer que obedecesse ao seu Prelado; finalmente veyo muito contra sua vontade, e com elle hum ajudante que me trouxe hum carta de Antonio de Souza de Menezes⁷¹; e na mesma occasião se me deu hum petição de Antonio de Aguiar e Joam de Mendonça que leva prezos o Capitão mor, em que me pedem mande devaçar do seu caso, e os queira mandar para outra embarcação. Tomou o Pilouto o sol, e achou se em vinte e dous graos e corenta e oito minutos; fomos costeando a mesma terra da ilha de Sam Lourenço sinco legoas della ao mar; veyo o Capitão do pataxo⁷² Manoel de Castro Távila dar me rezão da cauza que ouvera para se apartar desta armada que fora o grande temporal que teve dizendo também se achava com // alguma falta de agoa e com pouco lastro, e vim a entender que tudo erão dezejos de hir a Mossambique⁷³; que a agoa lhe acudiríamos e no que tocava ao lastro que compassase o navio, porque com as quatro pessas que me dizia tinha abatidas e deitadas ao porão, me persuadia ficaria o navio compassado; porque determino por todas as rezoens que se me offerçem entrar com todas estas embarçaocns juntas na barra de Goa, sendo Deos servido; foy se o Capitão do pataxo no seu batel, e deitar o ajudante na almiranta; neste dia cahio ao mar hum rapaz de oito annos, filho de hum artelheiro desta nao, e permitio Deos que estava atravçado a elle o batel do pataxo que o tomou.

[fl. 19v]

Quinta feira 15. Pela manhã amamheceo o vento Oeste, e as embarçaocns junto a esta capitania; veyo o batel do pataxo em que mandey o Doutor Manoel Martins Madeira, que serve de Auditor nesta armada com ordem minha à almiranta a devaçar da causa que tivera o Capitão mor para as prizoens que tinha feito, difirindo com isso a petição que tive das partes, mandando que despois do Auditor os ouvir judicialmente os mandasse para o pataxo até ver se tinham culpas de calidade que merecessem demonstração; tomou o Piloto o sol, e achou se em vinte e dous graos que hé a altura do baixo da Ju-

⁷¹ O capitão da *Santíssimo Sacramento da Trindade*.

⁷² O patacho *Santa Teresa de Jesus*.

⁷³ Entenda-se a ilha de Moçambique, a 15° 01' S e 40° 37' E.

dia⁷⁴, e ainda à vista de Sam Lourenço que hé a melhor navegação, e nam sey que tem este natural de nos criarmos na terra que toda esta nos tem festejado hirmos estes dias correndo essa ilha vindo de dia arvores e de noite fogos, sendo que muitas vezes succedem passarem naos por esta altura sem terem vista della que não hé a melhor navegação; depois de se tomar o sol, e nos vermos na altura sobredita, nos vamos apartando della fazendo nos ao mar.

[fl. 20] Sesta feira 16. Pela manhã amanheceo o vento Sul, e as embarcaçoens junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol // e achou se em vinte graos e corenta e sete minutos; à tarde veyo o batel do pataxo com o Medico e Joam de Passos, e trouxe humma carta do Capitão mor em que me diz ficava melhorado.

Sabbado 17. Pella manhã amanheceo o vento Sudueste, e as embarcaçoens junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se em dezanove graos e dezanove minutos. Chegou o pataxo a dar boa viagem; mandey lhe disessem fosse de noite pella nossa proa, e sondasse, e se achasse fundo tirasse humma pessa.

Domingo 18. Pella manhã amanheceo o vento Sudueste, e as embarcaçoens junto a esta capitania; deitou bandeira a almiranta pera hir lá o batel do pataxo a buscar o Auditor e Escrivão; e pelo pataxo hir diante e haver mares, mandey se diçesse à almiranta que chegou à fala, que como passaçemos o baixo de João da Nova⁷⁵ os hirião buscar. Tomou o Piloto o sol, e achou se em dezasete graos e sincoenta e dous minutos; à tarde chegou o pataxo [a] dar a boa viagem, e mandey se lhe disseçem fosse pela proa, e que deitasse plumo, e que se achasse fundo tirasse humma pessa, ou fizesse fozis. No quarto da prima tirou duas perras; sondou o Piloto, e achou altura de vinte e sinco braças, e como se vio neste fundo e no por se, se fez na volta do mar athé pella manhã.

⁷⁴ Uma ilha no canal de Moçambique, actualmente designada, erroneamente, por «Bassas da Índia», a 21° 30' S e 39° 46' E. O nome adveio-lhe de ter sido descoberta pela nau de um armador cristão-novo durante o século XVI. Tal episódio foi descrito na narrativa do naufrágio da nau *Santiago*, que aí se perdeu na viagem de ida em 1585. Cf. Bernardo Gomes de Brito, *História Trágico-Marítima*, edição de Damião Peres, vol. IV, Porto, 1943, p. 65 e sgs; e Humberto Leitão, *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino (1608-1612)*. *Diários de Navegação Coligidos por D. António de Ataíde no Século XVII*, vol. III, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1958, p. 179.

⁷⁵ Ilha no canal de Moçambique, fronteira à ilha de Madagáscar, também designada por Saint-Christophe, aproximadamente a 17° de latitude sul.

[fl. 20v]

Segunda feira 19. Pela manhã amanheceo o vento Sudueste, e as embarcaçoens junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol, e por estar emcuberto algum tanto não segurou muito nelle, mas disse que lhe parecia estava em dezasete graos; ao meyo dia se vio pella parte de bombordo o baixo de João da Nova cousa de quatro legoas ao mar, e hé muito para se observar as particulares merçes que Deos nos tem feito, porque não tem havido cousa de perigo athé este sitio que hé a altura de Mossambique, // que não hajamos passado sem cuidado, e vendo de dia as couzas que o podião dar, porque a ilha de Sam Lourenço a vimos a meyo dia na mesma altura em que ella começa de dezaseis graos, e a fomos correndo athé vinte e dous em que [está?] o baixo da Judia, e como hiamos navegando à vista da ilha se pasçou sem cuidado nenhum por nos ficar corenta legoas ao mar; o baixo de Joam da Nova que hé ariscado pellas correntes das agoas o vimos como está dito; ao meyo dia havendo o Piloto advertido velejar a noite de antes pouco, por lhe parecer hia perto delle, e se o fizera poderamos ver nos abarbados com elle; veyo à tarde o batel do pataxo, e nelle Manoel de Mendonça, e tive huma carta do Capitão do dito pataxo em que me diz vay falto de lastro e de agoa e vinho, dezejos tudo de hirem a Mossambique. Respondi lhe que para lastro daria-mos pipas vazias para as encherem de agoa salgada, e da mesma maneira agoa e vinho que dizia lhe faltava; escrevy para o Capitam mor, e mandey que fosse amanhã o batel buscar o Auditor e Escrivão da nao, mandando juntamente viesse o Pilouto da almiranta e do pataxo para juntos com o desta nao lhes comunicar o modo em que nos havemos de haver na navegação para a India chegados à altura de Mossambique, por ser o tempo ainda cá nesta costa da India muito verde⁷⁶, e estar a barra serrada.

[fl. 21]

Terça feira 20. Pela manhã amanheceo o vento Norte, e as embarcaçoens junto a esta capitania; não se tomou o sol por estar o dia nublado; à tarde veyo o batel do pataxo e nelle o Auditor e Escrivão que tinha mandado à almiranta, e trouxe a informação que foy tirar das pessoas que tinha prezas o Capitão mor, e disse me que o que achara com mais prova foy que o Capelão da nao frade franciscano, e outro domanico⁷⁷ que // desta nao havia hido para aquella inquietação, e seguião bandos parcealidades, e se juntavão com Antonio de

⁷⁶ Entenda-se como «mar forte, alterado». Cf. Humberto Leitão e J. Vicente Lopes, *op. cit.*, s.v.

⁷⁷ Leia-se «domínico», i.e. dominicano.

Aguiar que hé hum dos que atrás digo, mandey hir para o pataxo que hé homem trabalhozo, e que também se dizia que o Escrivão da nao entrava nestas couzas; como o frade domanico o mandou o seu superior vir para esta nao, e no pataxo vão as duas pessoas referidas atrás, pareceo o Auditor que a averiguação do cazo se rezervasse para a India levando nos Deos lá, visto estarmos tam perto, e em muitas couzas destas não haver prova bastante; veyo também o Piloto da dita nao, que mandey chamar a petição do da capitania, para se em-formar delle por ter passado muitas vezes à India, se havia hido de-mandar aquella costa tam cedo em alguma das ocazioens que pas-sara. Disse me que duas vezes havia feito a viagem neste tempo, e chegado a Goa em Agosto, e que nam achara na costa temporaes, e o mesmo disse também Manoel de Castro Tavila Capitão e Piloto do pataxo Santa Thereza.

Quarta feira 21. Pella manhã amanheceo o vento Sudueste, e as embarçaçoens junto a esta capitania; não se tomou o sol, por estar o dia nublado.

Quinta feira 22. Pela manhã amanheceo o vento Sudueste com nublados e chuva, e as embarçaçoens junto a esta capitania; não se tomou o sol, por não descobrir; vio se muito sargasso e canas por sima de agoa que dizem sam sinais de estarmos perto da ilha de Combro⁷⁸; mandey se deitasse bandeira para chegar o pataxo, e lhe dessem por ordem fosse de noite pella nossa proa para vigiar a terra da dita ilha, e como estava longe não poudo chegar senão no quarto da lua.

[fl. 21v] Sesta feira 23. Pela manhã amanheceo // o mesmo vento com nublados, e as embarçaçoens junto a esta capitania; chegou o galião Sam Francisco a dar nos a boa viagem e fez salva com sinco pessas e algumas cargas de mosqueteria; tomou o Piloto o sol, e achou se em treze graos e vinte e seis minutos.

Sabbado 24. Pela manhã amanheceo o mesmo vento, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tivemos ao amanhecer vista da ilha de Combro; tomou o Piloto o sol, e achou se em onze graos e dous terços; fomos todo o dia costeando esta ilha sinco legoas della ao mar; a terra hé muito alva.

⁷⁸ Também conhecida por Angasija e por Ilha de D. João de Castro, é a Grande Comoro, do arquipélago das Comoro. Tem como coordenadas médias 11° 40' S e 43° 22' E.

Domingo 25. Dia de Samthiago. Pella menhã amanheceo o vento Sudueste, e as embarcações junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em dez graos e dezaioito⁷⁹ minutos; à tarde ouve chu[v]eiros sem vento.

Segunda feira 26. Pella menhã amanheceo o mesmo vento, e as embarcações junto a esta capitania; ordeney se deitasse a bandeira à quadra para vir o batel do pataxo, por quem escrevy ao Capitão mor; tomou o Piloto o sol, e achou se em nove graos escassos; à tarde veyo o batel trazer me resposta do Capitão mor.

[fl. 22]

Terça feira 27. Pella menhã amanheceo o vento Sueste, e as embarcações junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em sete graos⁸⁰ e hum quarto; chegou o galião à fala e disserão delle que a hum frade de // de Sam Domingos que hia nelle por nomem Frey Antonio da Cruz, dera hum accidente aquella madrugada que lhe tirava a fala, e que huns dizião que estava morto, e outros que não; deitarão o batel fora em que mandarão os religiosos que aquy vão desta Ordem hum frade a enformar se se era morto, ou não; tive cartas do Capitão do dito galião, e de Manoel de Mendonça em que ambos me fazem queixas hum do outro e durão estes descontentamentos quazy toda esta viagem, havendo os composto huma vez e dado se as mãos e feito termo disso, advertido a Manoel de Mendonça outras, que elle pella sua calidade havia de dar exemplo aos mais para se obedecer ao Capitão não tem bastado nada, e pede me licença Manoel de Mendonça para se hir para o pataxo, com seus camaradas e criados; por evitar o cuidado que me tem dado estas descompozições me pareceo conseder lhe como fiz, comtanto que não levasse entre criados, e camaradas mais que athe dez soldados, e em seu lugar mando meter outros dez no galião para que fique com a mesma gente que trazia. Morreo nesta nao hum grumete por nomem Francisco Vicozo, natural de Meneana⁸¹, e me disserão que havia nella dous doentes de mal de Loanda⁸², hum delles o gajeiro⁸³, e hum soldado; mandey se lhe acudisse com grande cuidado.

⁷⁹ Entenda-se «dezoito».

⁸⁰ Palavra repetida.

⁸¹ Desconhecemos a localização.

⁸² O escorbuto.

⁸³ O marinheiro que tem a seu cargo um dos mastros, olha por ele e dirige os trabalhos aí executados, sendo designado pelo nome do mastro de que se encarrega. Era ainda ele quem subia ao cesto da gávea a fim de procurar terra. Cf. Humberto Leitão e J. Vicente Lopes, *op. cit.*, s.v.

[fl. 22v]

Quarta feira 28. Pela manhã amanheceo o vento Sueste, e as embarçaens junto a esta capitania; veyo o batel do galião Sam Francisco com huma carta do Capitão para mim de avizo de que o religioso de Sam Domingos não tornara do accidente, e era morto; dezejarão os padres que aquy vão da dita Ordem hir assistir lhe e fazer lhe // officio de corpo prezente; mas por haver vento rijo e mares não pareceo aos homens do mar que fossem porque era arriscado, e assim que lhe fizerão cá o officio; escrevy ao Capitão, e tornou o batel com avizo de que não hião de cá os Padres, emcarregando elles aos da Companhia que aly vão o fizessem por elles; tomou o Piloto o sol, e achou se em sinco graos e vinte e quatro minutos; está o dia de chuueiros e vento, e por os baxos do Patrão⁸⁴ estarem em quatro graos e meyo, mandey ordenar ao pataxo fosse diante, e detremino o Piloto hir com pouca vella esta noite para passar de dia pela sua altura; quererá Deos que seja com o bom successo que forão athé agora os mais, que passados elles a primeira terra que se espera ver com o favor divino hé a da India.

Quinta feira 29. Pela manhã amanheceo o vento Sul, e as embarçaens junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se em quatro graos e sinco minutos, havendo passado à altura do baixo do Patrão que se despede em quatro graos e meyo.

Sesta feira 30. Pela manhã amanheceo o vento Sueste, e as embarçaens junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se em dous graos e doze minutos.

[fl. 23]

Sabbado 31. Pella manhã amanheceo o mesmo vento, e as embarçaens junto a esta capitania; fizerão os Padres da Companhia hum altar no convez // para festejarem Santo Ignacio, tiverão missa e sermão a que assisty e communguey, e depois de sermão se derão algumas cargas de mosqueteria, e tirarão tres pessas. Tomou o Piloto o sol, e achou se em hum grao e dous terços; à noite ouve hum chu[v]eiro.

Mez de Agosto

Domingo o primeiro de Agosto. Pela manhã amanheceo o mesmo vento, e as embarçaens junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se em dous minutos da banda do Sul.

⁸⁴ Baixo que os antigos roteiros davam como situado no oceano Índico, em cerca de 4° 30' S, a cerca de 130 léguas da costa da África, mas que não existe. Cf. Humberto Leitão, *op. e vol. cit.*, p. 187.

Segunda feira 2. Pela manhã amanheceu o vento Sudueste, e as embarcações junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se em hum grau e dous terços da banda do Norte, e porque me disse que daquy por diante era necessario saber se havia de hir ao Norte, ou de-mandura⁸⁵ [a] barra de Goa, para conforme isso fazer a navegação, conciderando a importancia desta materia, e que o meu regimento na parte em que dispoem que vá ao Norte, e declarando que se passar o cabo de Boa Esperança no derradeiro de Julho, e Mossambique no derradeiro de Agosto, com que vem a suppor que não chegarey à Índia senam no fim de Setembro, ou em dias de Outubro, que por tarde poderia ter risco o hir demandar a barra de Goa, e neste outro caso de chegar sedo me nam fala nada, pedi ao Piloto desta nao Manoel Andre, e Mestre Luis Fernandes, e Capitão della Hieronimo Carvalho⁸⁶ que me respondessem ao papel que aquy vay lançado, e juntamente a resposta do Capitão mor e do seu Piloto sobre esta materia. //

[fl. 23v] *Copias das perguntas que mandey fazer aos officiaes e Capitão desta nao em que lhe pedy o seu parecer, e da mesma maneira do Piloto da almiranta e Capitam mor*

Ordena me Sua Magestade que Deos guarde, nos capitulos dez e vinte e nove do meu regimento a que me reporto, que fazendo a viagem por dentro ou por fora, conforme os tempos derem lugar, sendo por dentro o farey em dereitura a Chaul, Bombaim, ou Verçava⁸⁷; e

⁸⁵ «Demandaria»?

⁸⁶ O comandante da *Bom Jesus da Vidigueira*.

⁸⁷ O rio de Versavá ficava situado entre Baçaim e Chaul, tendo passado a ser um ponto de referência desde o decénio de 1640, quando o bloqueio holandês à barra de Goa, colocado de forma sistemática a partir de 1634, obrigou, também, à alteração do regimento dado aos capitães das armadas que partiam de Lisboa para o Índico. O roteiro de Vicente Rodrigues, datado dos finisseculares anos de Quinhentos, continuou a ser o principal guia utilizado para os regimentos seiscentistas, mas foram introduzidas modificações, que continuaram a vigorar alguns anos após a paz luso-holandesa. Aos capitães e pilotos era aconselhado seguir dois procedimentos, dependendo de realizarem a viagem por dentro ou por fora. No primeiro caso, as naus ao chegarem aos baixios do Patrão poriam as proas em direcção às barras de Chaul, Bombaim ou do rio de Versavá. Se tivessem optado pela rota por fora, após passarem o cabo da Boa Esperança rumariam em direitura à barra de Cochim, mas, caso o porto malabar estivesse fechado, rumariam para as fortalezas do Norte após atingirem os referidos baixios. A primeira alteração datou de 1643, quando D. João IV, por proposta do vice-rei conde de Aveiras (1640-1645), ordenou que a armada de 1644 demandasse a Índia pelos 19° 30' ou 20° de latitude norte, até acharem o rio de

fazendo a viagem por fora procurarey hir à barra de Cochim, seguindo em tudo o que puder ser o roteiro de Vicente Rodrigues⁸⁸, e que chegando a hum dos portos referidos procurarey saber com certeza o estado em que se acha a barra de Goa, e estando pello contrario desocupada de inimigos mandarey por em terra com a mayor

Versavá, onde a esperaria uma embarcação despachada de Baçaim ou de Chaul com informações sobre a acessibilidade de Goa e pilotos práticos naquela costa. Caso Goa sofresse com o bloqueio, as naves rumariam para Chaul ou ficariam em Versavá, mas deveriam refugiar-se na rada de Bombaim se o mar da Arábia estivesse grosso e alterado. O conde de Aveiras decidiu, em Agosto de 1644, que os capitães de Baçaim e de Chaul armassem duas galvetas para procurar as naus desse ano a fim de as escoltarem até qualquer porto, conforme as condições do mar e a acessibilidade da barra da capital. O sistema continuou a ser aplicado até aos primeiros anos do decénio de 1660.

A assinatura do tratado de paz luso-holandês em Haia, em 1661, só trouxe a pacificação das partidas e chegadas na Índia em 1664. Assim, em 1662, a *Nossa Senhora da Nazaré* foi obrigada a aportar a Chaul, devido ao bloqueio da barra de Goa, e partiu daí para o Reino em 1663. Só em Novembro de 1663 foi publicado na Índia o tratado de paz e, em 1664, o Conselho Ultramarino achou prudente perguntar ao soberano se conviria manter o regimento que vigorara em tempo de guerra, tendo D. Afonso VI decidido que nesse ano as naus procurassem a capital do Estado directamente. Cf. Arquivo Histórico Ultramarino, Índia, cx. [25] 44, «Carta do vedor geral da Fazenda Luís Mendes de Vasconcelos para D. Afonso VI», Goa, 30-12-1662; cx. [26] 46, doc. 13, «Carta de António de Melo de Castro para D. Afonso VI», Goa, 12-01-1664; doc. 89, «Consulta do Conselho Ultramarino», Lisboa, 17-03-1664; «Resposta à consulta», Lisboa, 26-03-1664; «Regimento dos capitães-mores das naus da Índia», s.l., s.d.; Panduronga S. S. Pissurlencar, *Assentos do Conselho do Estado*, vol. III, (1644-1658), Bastorá-Goa, 1955, doc. 21, pp. 32-33; Júlio Firmino Júdice Biker, *Collecção de tratados e concertos de pazes que o estado da Índia Portuguesa fez com os Reis e Senhores com que teve relações nas partes da Asia e Africa Oriental*, (reimpressão da edição de 1884), Nova Deli, 1995, vol. IV, «Alvará de António de Melo de Castro», Goa, 12-11-1663, pp. 116-117.

⁸⁸ Vicente Rodrigues foi piloto-mor da Carreira da Índia na segunda metade do século XVI, tendo sido autor de dois roteiros que permaneceram manuscritos, o primeiro datado de 1575 e o segundo de c. 1591, cujo título era *Roteiro da Carreira da Índia, dos rumos porque se há-de de governar em toda a viagem, e dos sinais que em toda ela se acham, e em que paragem são particulares com as diferenças da agulha*, o qual era o aperfeiçoamento do anterior. Esse roteiro continuou a ser seguido pelos pilotos das naus da Índia até final do século XVII, quando em 1694 entrou em vigor o de Manuel Pimentel, mau grado só ter sido impresso em 1699 e revisto na edição de 1712. Cf. Sousa Viterbo, *Trabalhos Náuticos dos Portugueses. Séculos XVI e XVII*, (reimpressão da edição de 1898), Lisboa, Imprensa Nacional, 1988, pp. 275-276; Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, (reimpressão da edição de 1752), vol. III, Coimbra, Atlântida, 1965, pp. 338-340, 787; C. R. Boxer, «The Principal Ports of Call in the Carreira da Índia», in *Luso-Brazilian Review*, vol. VIII-I, Summer, 1971, p. 19.

[fl. 24] segurança, e brevidade possível os cabedais⁸⁹ e vias⁹⁰, fazendo entrega delles ao Capitão e officiaes da Fazenda, e que o mais que hei de obrar neste caso deixa à minha disposição e prudencia. Visto o que contem os capitulos do meu regimento, e porque estamos no cazo de haver feito a navegação por dentro e nelle se me ordena faça a minha derrota em direitura à barra de Chaul, Bombaim, Verçava, considerando o que contem o dito regimento vejo que suppoem que passado o Cabo // no derradeiro de Julho me manda hir por dentro athé Mossambique, e que chegando a este sitio athé o derradeiro de Septembro tratarey de fazer a viagem por fora, e com tudo o referido suppoem haver de chegar à barra de Goa em hum ou outro caso, no de Septembro, ou mais tarde que hé o tempo em que mais possivelmente poderá o inimigo ter occupada aquella barra, em rezão de ser já lá Verão se preveni[r] com a hida ao Norte, evitar se o risco que pode haver se for assim.

Não vejo que fale o dito regimento em que se Deos ordenar que possamos chegar athé vinte ou vinte e sinco de Agosto, que parece que por ser tão cedo não hé tempo do inimigo poder estar na barra se se há de tomar a derrota de ir a ella ou não, e como esta materia seja tam importante que vay no acerto della levar Deos esta armada junta a aquelle Estado tão necessitado de socorros, quero saber em que tempo se vierão pôr os olandezes na barra de Goa os annos que fizeram no governo do Conde de Aveiros⁹¹, e Pedro da Silva⁹², e qual hé o que se reputa naquella costa por Verão.

E havendo de hir a Bombaim onde será força mandar correyo a saber as novas como hé estilo de haver inimigos, ou não na barra; e vindo com ellas de que está desoccupada, que ventos são necessarios para sahir do sorgidouro de Bombaim, e se hé então tempo de poderem ventar, ou se por falta delles se nos pode dilatar a sahida, e podera ser cauza estas dillaçoens de quando depois formos demandar a dita barra de Goa acharmos o inimigo nella, e cuidando nos desviarmos por este caminho hirmos a encontrar com elle.

[fl. 24v] E considerando tudo, e ser materia em // cujo acerto vay tanto, quis tomar os pareceres por escrito do Piloto desta nao capitania Ma-

⁸⁹ Entenda-se dinheiro, capital.

⁹⁰ Chamavam-se «vias» às diferentes vias da correspondência, que chegavam a ser de duas e três, seguindo uma em cada nau.

⁹¹ D. João da Silva Telo de Meneses, 1.º conde de Aveiras, foi vice-rei da Índia nos anos de 1640-1645.

⁹² Ou Pêro da Silva, que foi vice-rei da Índia nos anos de 1635 a 1639.

noel Andre, e do Capitão della Hieronimo Carvalho, e Mestre Luis Fernandes, para que como tão praticos nesta navegação me digão a altura em que estamos da barra de Goa, e em que tempo sendo Deos servido a podermos tomar, e em que altura está Bombaim, e qual das partes tem menos risco em se hir demandar neste tempo, visto ser cedo, e havendo se de hir a Goa em que porto havemos de hir dar fundo, e se tem toda a segurança para as naos e mais embarcaçoens, com tudo o mais que lhes parecer para com isso me rezolver no que for mais serviço de Sua Magestade e segurança desta armada, cujo acerto tenho mandado emcomendar muito a Deos. Capitania dous de Agosto de seiscentos sincoenta e sinco.

Resposta dos officiaes

Respondido ao que Sua Excelencia nos pergunta neste papel dizemos o primeiro ponto: que ouverão custume entrar na costa da Índia no fim de Setembro, e alguns annos na entrada de Outubro.

Ao segundo: que no tempo de governo do Conde de Aveiros, vierão os olandezes a pôr se na barra de Goa no mez de Setembro de vinte por diante, o que fizerão em todos os annos do seu governo, e no tempo de Pedro da Silva costumão vir no mesmo mez, excepto o anno em que vierão queimar os galioens que foy no mez de Agosto.

[fl. 25] Ao terceiro ponto dizemos: que hindo surgir a armada a Bombaim lhe hé necessario para daly fazer a viagem para Goa ventos Noroestes, que não são aly certos no mez de Agosto, até fim de Setembro; o que a mym me aconteeo hindo por Piloto da nao de que era Capitão mor Luis de Mendonça⁹³ no anno // de seiscentos sincoenta e tres, e hindo tomar Bombaim despois de haver voltado hum patamar⁹⁴ que se mandou saber o estado das couzas da barra de Goa, curssarem os tempos de maneira contrarios que o não tivemos favoravel para sahir, senão no fim do mez de Setembro, pello que faltando nos os ditos ventos Noroestes se nos pode impossibilitar a

⁹³ Luís de Mendonça Furtado de Albuquerque foi, também, capitão da *Santíssima Sacramento da Trindade*, que retornaria ao Índico na armada de 1655 na companhia do vice-rei conde de Sarzedas.

⁹⁴ O patamar, nesta acepção, refere-se ao «mensageiro», «correio», do concani *pathmâr*, «correio», com origem no sânscrito *patha*, «caminho». Cf. Johan Huyghen van Linschoten, *The voyage of John Huyghen van Linschoten to the East Indies*, (reimpresão da edição da Hakluyt Society de 1885), vol. II, Nova Deli, 1988, p. 165.

sahida, de maneira que poderá ser possível acharmos o inimigo [n]a barra de Goa, o que agora se fica, evitando por ser tanto mais cedo.

Ao quarto ponto: diz o Piloto que hoje se acha em altura de dous graos da banda do Norte da Linha, e a havendo de hir buscar à barra de Goa, a vay buscar em dezaseis graos, e para hir à de Bombaim hé necessario hir a dezanove graos largos, e que tanto perigo há em huma barra como em outra, em rezão do tempo ser cedo; e havendo de hir a Goa se não pode entrar em outra barra mais que na de Mormugão, adonde costumão as naos e galioens de Sua Magestade invernarem, e o tem feito muitas vezes entrando de quinze athé fim de Agosto, por ser muy segura dos tempos, e estarem debaixo da fortaleza que as defende; e por tudo o sobredito nos parece fica Sua Magestade melhor servido, e esta armada menos riscada, deixando de hir ao Norte, visto ser tão cedo; e em fé do sobredito nos assinamos. Vossa Excelencia ordenará o que mais for servido que será o mais acertado. Capitania, dous de Agosto de seiscentos sincoenta e sinco. O Piloto Manoel Andre; o Mestre Luis Fernandes; o Cappitão Hieronimo Carvalho.

*Treslado de hum capitulo do Capitão mor Antonio de Souza de Menezes
em reposta do que lhe escrevy sobre a mesma materia
em 26 de Julho de 655 pedindo lhe o seu parecer,
e de seus officiaes*

[fl. 25v] Vejo // o que Vossa Excelencia me diz em rezão da ordem que tem para tomar o Norte, e contradiçoens que para isso há conforme dizem este Piloto e homens praticos, e o mesmo devem dizer os dessa nao, porque como esperamos em Deos chegarmos athé quinze de Agosto, hé tão cedo que não pode haver inimigo na barra, porque como se abre mais tarde, quando vem hé a esse respeito, e em caso que já estivera surto naquella paragem não nos podia prejudicar, segundo dizem vindo nos buscar à fortaleza de Mormugão de mar em fora correndo a costa por Balravento, e ficando lugar para Vossa Excelencia puxar por mais alguma embarcação sendo necessario, e mandar nos pelejar, e hindo ao Norte pode faltar o vento que nos serve para vir, e nas hidas e vindas com avizos a Goa gastar se muito tempo, e quanto mais tarde serão certos os olandezes se ouverem de vir, e no Norte hé grande o desconmodo de ficarem as embarçaçoens surtas muito ao mar por não haver porto sufficiente; e estas rezoens devião também obrigar ao Conde de Obidos a tomar este porto de

Mormugão por chegar também cedo, e como eu não passey nunca a estas partes, pello que ouço ao Pilouto e às mais pessoas praticas. Isto hé o que me parece. Vossa Excelencia ordenará o que for servido que será o melhor e mais acertado.

[fl. 26] Com as respostas dos officiaes desta nao capitania, e do Capitão mor, e seus officiaes despois de haver mandado fazer a Deos muitas oraçoens para que inspirasse em mym o mayor acerto desta materia, rezolvy que visto ser tão cedo, e acontecer poucas vezes as naos que vem do Reino hirem demandar à altura da barra de Goa em Agosto, e a entrada // de Mormugão ser segura de todos os tempos, e ter huma fortaleza para sua defença, e os annos que o inimigo tem hido àquella barra ser sempre mais tarde, considerava grandes conveniencias ao serviço de Sua Magestade visto levar esta armada toda junta hir em direitura a dar fundo na dita barra. E assim o ordeney a todas as embarçaçoens, emcomendando lhes muito não se apartassem como o tem feito athé aquy e que em caso que algum temporal, o que Deos não permita, fosse cauza disso, que cada hum me diria o tempo, e parecendo lhe pode tomar a dita barra athé dous ou tres de Setembro o fizesse, e entendendo também que o não pode fazer senão mais tarde seguindo o regimento fossem ao Norte.

Creyo que ficou Sua Magestade muy bem servido com esta resolução, visto trazer nos Deos a esta paragem tão cedo que parece a todos que não hé tempo do inimigo poder estar na barra, e ganha se muito em chegarmos primeiro a ella por todas as rezoens, e também pello estado da guerra com que o anno passado se soube ficavamos com os reys mouros vizinhos e ficasse também com isto evitando as dillaçoens que pode haver em hir ao Norte, donde hé força mandar correyo a Goa, esperar a reposta, ventos que pode faltar para sahir do porto, que tudo pode occazonar quando despois for demandar a barra de Goa acharmos comcerteza o inimigo nella, tendo se agora por impossivel a poder ser, e dado caso que succeda hindo esta armada junta como vay posso esperar em Nosso Senhor nos ha de dar muito bom successo.

[fl. 26v] Terça feira 3. Pella menhã amanheceo o mesmo vento, e as embarçaçoens junto a esta capitania; veyo o batel de Sam Francisco com o frade de São Domingos que // tinha hido aquelle galião assistir ao que morreo; escrevy ao Capitão mor, e a[o] do galião, e do pataxo tornando [a] emcommendar a todos a vigilancia com que devião hir em nos não apartarmos, pello muito que importa ser; assim tive também

carta de Manoel de Mendonça que tinha passado ao pataxo com licença minha pellas desavenças com que vay com o seu Capitão do galião; e porque depois de haver tres ou quatro dias que está no pataxo me dis de nao que se torna para o galião havendo me escrito o dito Capitão que elle se não atrevia a dar conta delle hindo este fidalgo aly por lhe tomar a sua jurisdição, e lhe não deixar obrar nada e o mesmo me escreveo outra pessoa religioza de credito, pareceo me seria huma total ruina deste fidalgo, e inquietação grande do dito galião dar lhe lugar a que tornasse para elle depois do que se tem passado; e assim mandey huma ordem ao Capitão do pataxo o não deixasse sahir sem ordem minha, com o que se evitão descontentamentos e desordens; e mandey outra ordem ao Capitão do galião, que chamasse o escrivão e despenheiros, e mandasse ajustar as contas das reçoens⁹⁵ de Manoel de Mendonça e de seus camaradas, e se lhe satisfizesse o que constasse se lhe estava a dever, porquanto me fazia queixa o dito Manoel de Mendonça que elle lhas deve e lhes não quer pagar; tomou o Piloto o sol, e achou se em dous graos e corenta e seis minutos.

[fl. 27]

Quarta feira 4 de Agosto. Dia de Sam Domingos. Pela manhã amanheceo o vento Oessudueste e as embarçaõens junto a esta capitania; fizerão os Padres // da dita Ordem hum altar no convez com todo o conserto que o mar pode dar de sy, em que tiverão missa e sermão que pregou o Padre Frey Antonio de Castro, a que assisty e comunguey; e acabado o sermão se tirarão tres peggas, e se tirarão tres cargas de mosquetaria, e o mesmo fizerão na almiranta e galião; tomou o Piloto o sol, e achou se em tres graos e tres quartos; veyo o batel do pataxo trazer me huma carta do Capitão mor, a que respondy mandando logo o batel; à tarde chegou o galião a dar nos boa viagem.

Quinta feira 5. Pela manhã amanheceo o vento Sudueste, e as embarçaõens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em quatro graos e corenta e dous minutos; à tarde chegou o pataxo a dar a boa viagem, estando à meza os fidalgos que vão nesta nao a quem dou de comer tiverão huma desconfiança Dom João Lobo e João Furtado, e dando se me conta logo os mandey prender, e também o Capitão da nao Hieronimo Carvalho, e o Mestre Luis Fernandes tiverão outras rezoens; chamey os e fi los amigos.

Sesta feira 6. Pela manhã amanheceo o mesmo vento, e as embarçaõens junto a esta capitania; veyo o batel do galião trazer me

⁹⁵ Leia-se «rações».

huma carta do Capitão, e como não continha cousa que importasse, e os mares estarem grossos, e o vento rijo, lhe [não?] respondy. E estranhey muito mandar cá o batel em tal tempo, porque estiverão ariscados os marinheiros d'elle ao atracar desta nao; tomou o Piloto o sol, e achou se em seis graos e vinte e dous minutos.

[fl. 27v] Sabbado 7. Pella manhã amanheceo // o mesmo vento, e as embarçaõens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em nove graos menos dous minutos, e achou que a nao andava nesta sangradura seçenta e tantas legoas.

Domingo 8. Pella manhã amanheceo o vento Sudueste e as embarçaõens junto a esta capitania; e por ser o vento rijo e haver mares grossos fomos navegando só com o traquete estingado; tomou o Piloto o sol e achou se em dez graos menos catorze minutos; no quarto da prima cresceo mais o vento, e por não poderem sustentar o leme bem os marinheiros, deu a nao por devante; porem com o traquete se fez logo pôr a caminho.

Segunda feira 9. Pela manhã amanheceo o mesmo vento tromen-tozo, e com mares grossos, e as embarçaõens à vista desta capitania, havendo se navegado digo havendo se navegado toda a parte da noite passada quazi a arvore seca⁹⁶; tomou o Piloto o sol e achou se em dez graos e corenta e hum minutos; e faz reparo em que andara a nao só com hum bolsso⁹⁷ do traquete vinte e quatro legoas nesta sangradura, e achou que tinha passado à altura do estreito de Mecca⁹⁸, que está dez graos, e dezejando o Piloto andar menos em rezão de se querer pôr na altura de Goa que hé dezaseis graos na lua chea, para o como se poem em rezão de hir buscar a terra, ou o não pode conseguir; e pelo muito vento e mares que o fazem andar mais, ainda que sem vellas.

[fl. 28] Terça feira 10. Dia de Sam Lourenço. // Pela manhã amanheceo o mesmo vento rijo com mares grossos, e as embarçaõens perto desta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em onze graos e vinte e hum minutos, e pellas rezoens que estão ditas se navegou todo o dia e noite só com hum bolço do traquete.

⁹⁶ Sem nenhuma vela larga, por o tempo o não permitir.

⁹⁷ «Entumecimento de uma porção de pano que fica a receber o vento depois de carregada a vela, mas não ferrada». Cf. H. Leitão e J. V. Lopes, *Dicionário*, s.v.

⁹⁸ O estreito de Meca, o Bâb al-Mandab, a 12° 40' N e 43° 20' E, separa o continente asiático do africano, dando início ao mar Roxo dos cronistas portugueses de Quinhentos e de Seiscentos.

Quarta feira 11. Pella menhã amanheceo o mesmo vento rijo com mares grossos, e as embarçaçoens perto desta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em doze graos e hum terço; e por achar que a nao andava mais do que queria pello intento que está dito, mandou tomar o bolço do traquete ficando a arvore secca; e como o vento hé à poupa ainda assim faz a nao caminho como se fora velejada; morreo hum grumete por nomem Manoel de Barros, filho de Miguel de Barros, natural de Viana.

Quinta feira 12. Pela menhã amanheceo o mesmo vento rijo com mares grossos e as embarçaçoens perto desta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em treze graos e hum terço; e com hir a nao a arvore secca andou hum grao nesta sangradura; e hé para notar que hindo as outras embarçaçoens com os traquetes, anda esta nao mais que ellas sem vella nenhuma; mandey fazer alardo da gente do mar e guerra que vay nella, e que se conferise, com o que mandey fazer ao sahir da barra, e assisty a elle.

[fl. 28v] Sesta feira 13. Pella menhã amanheceo o mesmo vento rijo com mares grossos, e as embarçaçoens junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em treze graos // e vinte e dous minutos; por achar que com hir a nao a arvore secca anda mais do que hé necessario, mandou largar a vella grande para nos pormos à capa⁹⁹.

Sabbado 14. Pela menhã amanheceo o mesmo vento rijo, e com os mares grossos, e as embarçaçoens junto a esta capitania; não se tomou o sol, por se encontrar oje com a altura em que vamos.

Domingo 15. Amanheceo o mesmo vento rijo e as embarçaçoens junto a esta capitania; chegou a almiranta a dar a boa viagem; mandey perguntar ao Piloto a altura em que se fazia, e quantas legoas da terra. Respondeo que se fazia em quinze graos largos da terra, e cento e corenta legoas de Goa; e porque este dia era de lua chea que hiamos esperando ver como se punha, e se achar que estava o tempo mais brando, mandey perguntar ao dito Piloto se lhe parecia que fossemos buscar a terra, e o mesmo disse o Capitão e Piloto do pataxo, que também chegou a falar, que ambos tem passado à India em diferentes tempos; e perguntado ao Piloto desta nao capitania, e ao Mestre e Capitão della forão do mesmo parecer, e da mesma maneira o Capitão a quem o tinha mandado perguntar; e com isto resolvy a mandar

⁹⁹ A pairar.

[fl. 29]

fazer o caminho para terra; se Deos for servido conservar o tempo que levamos podemos cuidar que até quinta feira dezanove ou vinte, entraremos em Mormugão que hé o surgidouro que se vay buscar // a Goa de Inverno; se Deos permitir assim será de grande utilidade ao serviço de Sua Magestade a resolução que tomey de não hir ao Norte, assim em rezão de neste tempo não podermos achar a barra empedida, como por acudir às couzas que tocarem à guerra; não se pode tomar o sol, por estar ainda muito junto a nós.

Segunda feira 16. Amanheceo o mesmo vento, e as embarcações junto a esta capitania; e por o sol não descobrir a tempo se não tomou.

Terça feira 17. Amanheceo o mesmo vento e as embarcações junto a esta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se em quinze graos e hum terço, e pello seu ponto noventa legoas da terra.

Quarta feira 18. Pela manhã amanheceo o mesmo vento, e as embarcações junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em quinze graos e vinte e oito minutos; propuz aos officiaes e Capitão da nao, que visto ser o vento Sudueste, riço, e estarmos em vespóra de lua cheia, e na altura em que haviamos de hir buscar Goa, se converia esperarmos fora que abrandasse mais o tempo por parecer ainda verde para hir buscar aquella costa. Responderão todos que lhes parecia navegar porque a lua parecia hir branda, e que dillatar fora tinha inconvenientes; com esta sua resposta que assinarão; mandey se fizesse assy.

[fl. 29v]

Quinta feira 19. Amanheceo o vento Oesnoroeeste, e as embarcações junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, de ontem, e fez se corenta legoas da terra; chegou o pataxo a dar a boa // viagem, e deu se lhe por ordem fosse de noite pera nossa proa sondando, e que achando fundo tirasse huma pessa no quarto da madorna; tirou pessa de noite digo pessa deitou o Piloto desta nao fundo e achou se em setenta braças, e da segunda vez em secenta, e depois disso chegou o pataxo a falar de madrugada, e disse que achara o mesmo fundo.

Sesta feira 20. Amanhecerao os navios junto a esta capitania, e o gajeiro que hia no tope¹⁰⁰ deu sinal de que vira terra; e por estar o tempo nublado se não deixava ver bem; mandey ordenar ao pataxo

¹⁰⁰ No extremo do mastro.

[fl. 30]

se adiantasse pela nossa proa, e que vendo terra se fincase qual era, e fosse a da barra deitasse bandeira de quadra; e à couza das oito horas de manhã alcançou, e aclarando mais o dia se virão os outeiros de Mormugão; fomos tirando algumas pessos para darmos avizo para que nos mandassem Pilotos de terra; e por o tempo crescer, e chuveiro, em occazião que estávamos huma legoa da terra, deu se fundo a hum auste¹⁰¹ pelas tres da tarde; aclarou o tempo abonançado o vento; mandey chamar o Piloto, o Mestre, e Capitão da nao, e propuz lhe se seria conveniente entrar a barra, ou estar ancorado visto ser o tempo travessia, e não podermos sahir para o mar. Responderão que estava o tempo calma, e que não podíamos entrar a barra e que assim era forçado ficarmos esta noite sobre ferro, o que não deixou de ser sem risco, mas foy Deos servido que abrandasse o vento; às sinco horas da tarde chegarão a esta nao dous parós¹⁰² que havia tres ou quatro dias estavam aly esperando as naos, nos quaes vinhão quatro Pilotos de que mandey logo hum à almiranta, e outro ao galião, ficando me com dous, // e não mandey outro ao pataxo, por rezão de que mandando se lhe por ordem desse fundo perto das naos se foy meter na barra de Mormugão. Às nove da noite veyo o paró que havia levado os Pilotos à almiranta e galião, e tive huma carta do Capitão mor.

Sabbado 21. Nos amanheceo o mesmo vento Oeste; escrevy ao Capitão mor e mandey lhe a carta por hum dos parós; veyo me dizer o Piloto que era tempo e maré ap proprio para hirmos demandar a barra. Respondi que me parecia bem largarmos a anchora aboiada, e fomos entar na barra de Mormugão; salvey com nove pessos a Nossa Senhora do Cabo¹⁰³, e a Sam Lourenço com tres, e ao forte de Agoada outras tres, e ao de Mormugão com o mesmo. E elles responderão com muitas salvas de artelheria; chegamos a dar fundo pellas dez horas; veyo o Capitão mor Antonio de Souza de Menezes a bordo desta nao, e os capitaens dos fortes, e outros fidalgos de quem particularmente me enformey do estado das couzas da India, lastimando me muito de o saber, e enxerguey que me não enganava com elle porque demais das fortalezas que estavam perdidas no Canará¹⁰⁴ se tinha per-

¹⁰¹ Aúste, um cabo que serve de amarra para rebocar ou outros fins, podendo ser empregue, como parece ser o caso, para medir a profundidade. Cf. Humberto Leitão e J. Vicente Lopes, *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*, s.v.

¹⁰² O mesmo que paraus: pequena embarcação, comum no Oriente, utilizada para a guerra ou o comércio, semelhante à galeota ou à fusta.

¹⁰³ Forte de Nossa Senhora do Cabo.

¹⁰⁴ As fortalezas do Estado da Índia no Canará eram quatro, Onor, Barcelor, Man-

dido a de Caranganor¹⁰⁵, e o Dialcão¹⁰⁶ havia mandado entrar alguma gente sua nas terras de Bardes hindo depois com mais gente à de Cuculim, onde estava Dom Manoel Lobo da Silveira em humas casas somente com treze soldados e setenta negros¹⁰⁷, posto que com munições, e algumas armas de fogo, com os quaes se defendeo tres dias com muito valor, até que lhe queimarão as portas e lhe entrarão [n]as casas, ferindo lhe a mayor parte da gente e o levarão captivo, a

galer e Cambolim (das quais a segunda tinha sido desmantelada), foram tomadas de 1652 a 1654 pelo rei do Equeri (Ikkeri) Sivapa Naique (Sivappa Nayak). A última a cair foi Onor, em Novembro-Dezembro de 1654, após um cerco de dois anos e quatro meses. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, apêndice n.º 68, «Carta de D. Brás de Castro para D. João IV», Goa, 07-02-1655, pp. 581-582.

¹⁰⁵ Leia-se Cranganor, uma fortaleza no Malabar, a qual não caíra, dado que o termo de posse do vice-rei conde de Sarzedas, datado de 24 de Agosto de 1655, mencionou a sua entrega. Cf. Panduroga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 194, p. 388. Veja-se o que sobre o assunto se escreveu na introdução.

¹⁰⁶ Leia-se Idalcão, '*Ādil Khān*', um título de origem híbrida, do árabe '*Ādil*', «justo», e do turco '*Khān*', «senhor», ou seja «senhor justo», tornou-se o nome pelo qual eram designados os soberanos indo-muçulmanos de Bijapur, os quais adoptaram mais tarde a entitulação de '*Ādil Shāh*', «soberano justo». Nessa altura o sultanado era governado por Muhammad '*Ādil Shāh*' (r. 1626-1656).

¹⁰⁷ A prisão de D. Manuel Lobo da Silveira em Cuncolim (15º 11' N e 50º 19' E), ocorrida após 11 de Outubro de 1654, foi o último episódio do confronto bélico que estalara entre o sultanado de Bijapur e o Estado da Índia no final de 1653, tendo-se concluído um ano depois. D. Manuel Lobo da Silveira encontrava-se em Cuncolim quando o capitão bijapuri Abdulá Haquim ('Abd Allāh Hakim) invadiu Salsete aproveitando o período de tréguas pedidas por Muhammad '*Ādil Shāh*' em carta endereçada a D. Brás de Castro (1653-1655), datada de 3 de Outubro de 1654, e aceites pelo Estado da Índia a 11 do referido mês. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 188, pp. 366-367; apêndice n.º 63, pp. 574-575. A ilha estava desprotegida e desguarnecida, tendo o capitão do Idalxá apanhado desprevenidas as poucas forças portuguesas aí estacionadas e que eram compostas por doze soldados portugueses e alguns «negros» (i.e. lascarins), na versão do padre Gonçalo Martins, ou treze soldados reinóis e setenta «negros», como registou o conde de Sarzedas no seu diário. O combate de Cuncolim durou dois dias para o jesuíta e três para o vice-rei, mas o desfecho foi idêntico, a rendição de D. Manuel. Este, cercado por forças numericamente superiores, sem munições, com feridos e três baixas entre os regulares, foi forçado a entregar-se e levado para Bijapur com os sobreviventes da sua companhia (nove portugueses, os lascarins e um jesuíta capturado na excursão). A sua libertação teria ocorrido por volta de Novembro de 1654, em boa parte graças aos esforços diplomáticos desenvolvidos pelos padres da Companhia de Jesus residentes na corte bijapuri, entre os quais os padres António Botelho e Gonçalo Martins, e ao empate técnico verificado no terreno entre as forças contendentes. D. Manuel Lobo da Silveira foi libertado com os seus companheiros e seguiu para Goa com o padre Gonçalo Martins, o qual terminara a sua missão diplomática que viera desempenhar em Bijapur desde Abril de 1654.

[fl. 30v] el Rey Idalxa, o qual sabendo quem era lhe fez muito // favor, e lhe deo hum cavallo e outras couzas; dize¹⁰⁸ do que não queria por seu resgate mais que hum esmeralda que tinha hum mercador de Goa¹⁰⁹, a qual elle lhe prometeo; e com isto o mandou hir, e chegando a Goa lhe mandou logo, e lhe custou quatro mil pardaos, e porque a cidade tinha mandado Dom Manoel Mascarenhas com trezentos infantes para se oppor ao poder do inimigo.

Há outra parte do registo do vice-rei que não foi corroborado por outros documentos, o do teor da mensagem entregue a D. Manuel Lobo da Silveira, que era seu filho. O conde de Sarzedas, ou o compilador dos textos, confundiu a missão entregue pelo Idalxá ao seu enviado a Goa, Melique Acute (Malik Yâqût), com a libertação do capitão português (veja-se nota infra), feita, ao que se sabe, sem quaisquer condições prévias ou pedidos de resgate. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 190, Goa, 03-01-1655, pp. 375-376; doc. 192, Goa, 17-08-1655, pp. 382-386.

¹⁰⁸ Entenda-se «disse».

¹⁰⁹ O mercador mencionado era Baltazar da Veiga e posto que o conde de Sarzedas tenha identificado aqui a pedra como uma esmeralda, mais tarde registaria, de forma correcta, que se tratava de uma espinela. Aliás, em torno da pedra gerou-se uma polémica, não só em torno da sua identificação como, ainda, do seu papel nas relações luso-bijapuris. A pessoa que revelou o nome do mercador, o jesuíta António Botelho, esclareceu o governador D. Brás de Castro, em carta datada de 26 de Julho de 1655, que a pedra em questão era um «balais», i.e. uma espinela. Para adensar o mistério, o jesuíta afirmou que o contratador esperava receber o balais da Europa porque não havia pedras daquela qualidade em Goa. Ora, esse ponto não fazia sentido, tanto mais que esse tipo de «rubis» era minerado no Bada~~kh~~^{sh}âm, no curso médio do rio Oxus (Âmu Daryâ), pelo que afluíam a Goa e não à Europa, já que a capital do Estado era, ainda, um dos maiores centros asiáticos e mundiais na transacção de pedras preciosas e jóias. Cabe a hipótese do contratador ter enviado a espinela para o continente europeu a fim de ser lapidada, possivelmente em Amesterdão, por a técnica europeia ser superior à indiana, sendo reexportada para Goa. Sabe-se que o mercado indo-muçulmano preferia as pedras buriladas às «naives», as quais eram avidamente consumidas pelos mercados no Sul da Índia. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 193, Goa, 17-08-1655, p. 285.

Há, ainda, a versão rocambolesca em torno dessa pedra preciosa, escrita pelo médico indiano Nicolau Manucci, que viveu na Índia durante a segunda metade do século XVII. Segundo o registo do italiano, a história envolvia o jesuíta Gonçalo Martins, apresentado pelo médico como usurário, o que não seria improvável dadas as multifacetadas actividades do Paulista, mas foi longe de mais quando fez dele a causa da invasão dos territórios circunvizinhos de Goa por tropas do sultanado de Bijapur em 1654. Para Manucci, tudo teria começado quando Malique Acute, apresentado como favorito do Idalxá e guardião do tesouro real, se foi curar a Goa levando uma jóia de grande valor, que teria empenhado junto do padre Martins por 20.000 xera-fins, mas que não conseguira recuperar, nem mesmo pagando os interesses acumulados. Melique Acute, de regresso a Bijapur, dera conta do sucedido ao Idalxá, o qual enviara mercadores a Goa a fim de confirmar a história do seu favorito. Recebida a confirmação da posse da pedra (jamais identificada pelo italiano), o monarca gizou

um plano para a recuperar, tendo para isso declarado que se queria converter ao cristianismo, conjuntamente com a sua família, pedindo que lhe enviassem Jesuítas, entre os quais Gonçalo Martins, para ajudar à conversão. Chegado a Bijapur, o padre foi inquirido sobre a jóia e foi-lhe pedida a sua devolução, tendo Gonçalo Martins negado sempre tê-la em seu poder, apesar das sevícias a que foi sujeito. Para forçar a mão do Paulista, o Idalxá mandou Abdulá Aquim invadir e devastar Salsete e Bardes, tendo, ainda, informado o governador da razão pela qual procedia assim. Por fim o padre Martins cedeu e pediu ao seu provincial que enviasse a pedra para Bijapur, conseguindo, dessa forma, a sua libertação. Cf. Nicollao Manucci, *Mogul India or Storia do Mogor*, reimpressão da edição de William Irvine, vol. III, Nova Deli, 1989, pp. 157-159.

A «estória» de Manucci pecou por ser rebuscada, embora tenha uma fundo de verdade, como no facto de Muhammad 'Ādil Shāh ter pedido expressamente a presença do padre Martins em Bijapur, mas fê-lo no quadro das movimentações que o Estado da Índia e os jesuítas residentes na sua corte exerciam para o levar a pressionar um seu feudatário, Sivapa Naique (Sivappa Nayak) de Equeri (Ikkeri), a levantar o cerco a Onor e a restituir as restantes praças tomadas aos portugueses no Canará. Aliás, as instruções dadas a Gonçalo Martins antes de partir para Bijapur eram claras nesse ponto, o único que foi mencionado. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 173, Goa, 20-03-1654, pp. 325-328; apêndice n.º 60, «Carta de Muhammad 'Ādil Shāh para D. Brás de Castro», Bijapur, 13-03-1654, pp. 567-568; apêndice n.º 61, «Instrução para o Padre Gonçalo Martins», Goa, 16-04-1654, pp. 568-571. Nem era de crer que o Idalxá tivesse despendido tanto dinheiro para arregimentar e avitualhar a cavalaria e infantaria que invadiu Bardes e Salsete, em 1654, só para recuperar uma jóia. Por trás encontrava-se uma situação política e diplomática mais complexa do que a mera vontade de reaver a pedra, a qual começara a ser posta em prática desde 1653, e que passaria por uma aliança neerlandesa-bijapuri para atacar Goa, aproveitando a crescente fraqueza militar e naval dos portugueses, para a qual atraíram e envolveram o bispo de Crisópolis, D. Mateus de Castro, que procurou captar convertidos e assimilados de Bardes e Salsete descontentes com a administração lusa para se associarem ao ataque que o Idalxá planeava. De notar que o conde de Sarzedas percebeu muito bem essa ligação, conforme a espelhou na carta que escreveu a D. João IV, bem como na suspeita que alimentou que os propósitos finais da aliança entre a V.O.C. e o Idalxá não eram assim tão lineares, tanto que os holandeses só pretendiam empatar o poder militar e naval do Estado em torno de Goa, enquanto atacavam os seus objetivos em Ceilão, e Bijapur queria forçar o governo goês a aceitar uma forma de tributo encapotado. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, apêndice n.º 84, «Carta do Conde de Sarzedas para D. João IV», Goa, 15-12-1655, pp. 603-604; apêndice 86, «Carta do Conde de Sarzedas para D. João IV», Goa, 25-12-1655, p. 605. A teoria do vice-rei não era assim tão despropositada, dado que após a assinatura do tratado de paz luso-bijapuri de 1655, a 7 de Março de 1655, o governador D. Brás de Castro enviou para a capital do Idalxá dois elefantes a precederem a chegada de Melique Acute e do padre Francisco Morando, o qual levava, como «presente», uma boceta de ouro com uma jóia de peito, onde ia engastado «o» balais, um anel com um rubi encastado e uma carta, guardada numa bolsa de veludo carmesim. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, apêndice n.º 81, «Instrução para o Padre Francisco Morando», Goa, 26-03-1655, p. 599.

O envolvimento do padre Gonçalo Martins, como apontou Manucci, não seria, também, tão descabido, tendo em conta a complexidade da personagem referida. A sua relação seria já com o balais que o Idalxá receberia no ano seguinte como tributo ou como presente de Melique Acute, de forma a manter o seu favoritismo numa

Domingo 22. Pela manhã escrevy ao Capitão mor, e a[*o*] do galião, e pataxo, e dando a todos por ordem que estivesse com grande cuidado na vigia e guarda das embarcaçoens, porque há avizo de que passarão há poucos dias seis naos do inimigo de Europa¹¹⁰, que pode acontecer juntarem se outras, e com a noticia que tiverem de haverem entrado estas naos poderem intentar alguma facção; e juntamente que não deixasse sahir nenhum soldado em terra sem ordem particular minha; mandey pelo Padre Enfermeiro fazer hum rol de dezanove pessoas digo rol de todos os doentes a que percizamente se havia de dar licença para se hirem para o hospital; e trouxe hum rol de dezanove pessoas a que dey licença, e a mesma diligencia mandey fazer com os doentes das outras embarcaçoens; e depois de ouvir missa me embarquey na manchua do Estado para os Reys [Magos] adonde me acompanharão alguns fidalgos. Pareceo me o caminho muito bem asombrado assim pelas quintas que vy, como por estar tudo verde, e da mesma maneira a cidade por donde passey, cujos templos me parecerão grandes e fermozos, e as cazas da mesma maneira. Cheguey ao collegio dos Reys Magos às quatro da tarde, e na entrada da igreja estava hum figura de fama que me deu as boas vindas em verso; depois de o ouvir entrey na igreja a fazer oração, e acabada fuy assim adonde se passou o restante da // tarde com visitas; tive hum carta do Inquizidor no caminho, com treslado do auto da fé que oje se celebrou em que sahindo duzentos e tantas pessoas não houve nenhum queimado; também receby pela manhã outra de Dom Bras¹¹¹ a que respondy, e antes de anoitecer me veyo falar com seu filho¹¹².

[fl. 31]

corte de onde estava ausente. Era de crer que o jesuíta, senhor de inúmeros contactos comerciais no Reino e na Índia, estivesse envolvido na aquisição do balais ou no financiamento da sua compra, entregue a Baltazar da Veiga. Por alguma razão desconhecida, a espinela não chegou a Goa com a armada onde veio o conde de Sarzedas, pelo que o Melique Acute suspeitou que as outras partes não tivessem cumprido a sua parte do acordo. A pedra serviu antes como um factor que despertou várias intrigas na corte bijapuri, tanto mais que Fate Can (Fath *Khân*, o «senhor vitorioso»), um dos cortesãos favorável a uma boa relação com os portugueses, comunicou ao padre António Botelho que adquiriria o balais para a oferecer ao Idalxá, fragilizando a posição de Melique Acute, cujo peso saíra reforçado com a guerrilha luso-bijapuri de 1653-1654, dado que regressou a Goa como embaixador e avaldar (do persa *havâldâr*, que significa literalmente «ocupador de cargo de confiança») do Concão, para além do rendimento das terras de Perném, que custearia a sua embaixada. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 193, Goa, 17-08-1655, p. 382.

¹¹⁰ Os holandeses.

¹¹¹ D. Brás de Castro, governador que havia usurpado o poder e se encontrava em funções.

¹¹² D. Rodrigo de Castro.

Segunda feira 23. Pela manhã ouvi missa cantada neste collegio dos Reys, e depois estive com o Secretario¹¹³, e lhe ordenei escrevesse cartas para as fortalezas do Norte com aviso de ser chegado, e outras couzas convenientes ao serviço de Sua Magestade; mandei chamar a Relação para ver a forma em que havia de tomar posse do governo, e asentou-se o que abaixo vai declarado; à noite tive hum aviso do Tronqueiro em que me dizia que hum clérigo por nome Antonio Caldeira, que havia sido o principal amotinador no caso do Conde de Obidos, e que depois quiz tornar a fazer novo motim para tirar do governo a Dom Bras, por cuja cauza estava preso no Tronquo, que o Cabido o queria levar para o Aljube; mandei chamar o Ouvidor geral para saber o que havia [na] materia; e disse-me que elle o havia preso por ordem do Governador passado, dando o mesmo Governador conta ao Cabido; avisou o Ouvidor ao Tronqueiro que mandasse a ordem para se ver, e ao comunicar ao Cabido, e no inter o tivesse preso.

[fl. 31v]

Terça feira 24. Dia de Sam Bartholameu. Foi¹¹⁴ ouvir missa à igreja dos Reys, e em presença da Cidade e Conselho do Estado, Relação e fidalgos, tomei posse do governo¹¹⁵; soby assim e fiz Conselho do Estado, propondo a forma em que havíamos de desembaraçar os soldados das naos, e juntamente em que havíamos de mandar gente às terras de Salcete e // Bardes, por haver novas que vinha chegando alguma gente de cavalo e pé do Idalxa às nossas fronteiras¹¹⁶; achou-se nam havia hum real para nada, nem de onde pudesse vir; ordenei-se pedisse dous mil e quinhentos xerafins emprestados para isto; este hé o estado em que achei este Estado, e os sinco galioens perdidos à vista desta cidade, vindo de volta de Ceilão por não quererem vir unidos, e o fazerem cada hum por seu cabo, e assim que em hum dia os queimou o olandes a todos, e os outros fez dar à costa; da mesma maneira derrotou o inimigo a armada do Norte toda, e no mesmo surgidouro da barra deu à costa a nao Santa Elena, das da companhia de Dom Fernando, estando ainda com a carga. À tarde veyo hum patamar com cartas de Antonio de Souza Coutinho, Geral

¹¹³ O secretário de estado era José de Chaves Sotomaior.

¹¹⁴ Entenda-se «fui».

¹¹⁵ O acto de posse encontra-se transcrito nos assentos do Conselho de Estado. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 194, pp. 386-388.

¹¹⁶ O assento do Conselho de Estado com a tomada de posse foi mais prosaico, pois só reconheceu que, apesar da paz jurada e firmada a 17 de Agosto desse ano, havia movimentações de tropas do Idalxá nas vizinhanças (veja-se referência supra).

que foy para Ceilão, que tinha partido daquy com oito navios de socorro antes da minha chegada, em que dá novas que pello seu Piloto o levar [a] avistar a praça de Galé sahirão do porto duas naos que forão em seguimento das galiotas, e que elle escapara milagrozamente, e se não sabia athé agora mais de outra galiota e hum pataxo, e que huma das naos inimigas passara com outra pela popa com que vem a faltar quatro; queira Deos se não hajão perdidas também, porque há perda consideravel, a respeito de que necessitava aquella praça de socorro.

[fl. 32] Quarta feira 25. Pella menhã ouvuy missa nos Reys; mandey que se escrevessem escritos da minha parte aos conventos pedindo se dessem graças a Deos pelo bom successo da minha viagem, e se lhe pedissem e assistissem com os acertos neste meu governo que o estado // miseravel das couzas pedem. Mandey passar huma ordem ao Guarda mor das naos para que se tivesse grande cuidado dellas com a descarga, assim pelo pertencente à Alfandiga como pelo que sobejasse de vinho e mais couzas que tocão ao serviço de Sua Magestade; à tarde estive comigo Dom Bras de Castro e outros fidalgos; assiney as cartas todas para o Norte.

[fl. 32v] Quinta feira 26. Pela menhã dey algumas audiencias, estive com o Secretario do Estado [tratando] sobre materias importantes ao serviço de Sua Magestade, faley com hum¹¹⁷, e às duas horas de tarde depois de fazer oração nos Reys me embarquey para Goa com acompanhamento que se custuma em actos semelhantes. Cheguey às quatro da tarde, e estava me esperando a Cidade, e me entregou as chaves fazendo me huma pratica que eu folgara muito me ficara na memoria para a referir, pelo que pudera obrigar a rir; mais adiante estava o Cabido que me deo a bejar huma imagem de Christo crucificado, e daly continuou o acompanhamento debaixo do palio athé à Sé, com danças e fulias, por baixo dos arcos, pouco custuozos, porque eu ordeney assim a respeito dos gastos; chegado à Sé fiz oração, e acabada ella me voltey para casa a cavallo adonde achey a mayor parte da nobreza da cidade que me havião acompanhado, e me estavam esperando; e porque entrando na caza que me serve de camara me disse hum homem velho que serve o officio, que em // hum almario que estava aberto na dita camara estavam os cofres das vias que se havião aberto na occazião que se tirou o Conde de Obidos¹¹⁸ digo

¹¹⁷ Frase incompleta.

¹¹⁸ Esta palavra encontra-se parcialmente riscada. O episódio do assalto popular aos cofres das vias, ocorrido a 22 de Outubro de 1653, foi narrado pelo principal

Obidos deste governo, mandey pôr de guarda ao almario hum escrivão que aly se achou, e mandey chamar o Secretario do Estado para me informar do que naquillo havia; e porque me disse que quando as vias vinhão do Reino assistia ao meter no cofre no mosteiro de Sam Francisco, o Chanceler mor e Vedor da Fazenda¹¹⁹, os mandey chamar, e propuz a todos tres me dessem seu parecer do que devia fazer na materia; e se assentou se fizesse hum assento de cuja copia se verá o que se rezolveo; tratey com ministros outras materias que tocão à Fazenda Real, que hé grande lastima ver o como cada hum está levantado os mayores com ella¹²⁰; mas vou mostrando a esta gente, assim officiaes da justiça como poderozos, que se ha de acudir ao serviço de Sua Magestade como hé justo e sem respeitos; bem sey que lhes não ha de parecer bem, porem dá se me pouco disso.

Sesta feira 27. Levantey me às sinco horas de manhã, ouvvy missa e dey audiencia na sala real a todos os que me quizerão falar; fuy à Ribeira a dar calor à armada da Coleta¹²¹, e assim ao socorro que hei de mandar a Ceilão, e juntamente a capitania que ha de hir para o Norte adonde invernou a armada, e assim a outros dous navios que se lhe han de juntar; e tudo isto sem haver hum real, nem se donde poder

beneficiado, D. Brás de Castro, para D. João IV. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, apêndice n.º 50, Goa, 02-01-1654, pp. 556-557.

¹¹⁹ Quem desempenhava o cargo era Martim Velho Barreto.

¹²⁰ Parece haver falta de palavras.

¹²¹ Chamava-se «colecta» à contribuição que se pagava a alguma instituição, dos mantimentos importados, além dos direitos aduaneiros e das gratificações dos empregados. Cf. S. R. Dalgado, *Glossário...*, s.v. Em 1622, sendo vice-rei D. Francisco da Gama, foi estabelecido um contrato entre a câmara da Cidade de Goa e o governo, segundo o qual a cidade e os adjuntos (espécie de comissão de cidadãos eleitos pela cidade para juntamente com a Câmara tratarem de tudo quanto pertencera à colecta) deviam dispender o dinheiro que rendesse a colecta numa armada de 12 navios, em fortificação, artilharia e em 1000 homens apresentados fora da cidade. O capitão-mor e os demais capitães seriam apresentados pela cidade e adjuntos, em número de 24, e escolhidos pelo vice-rei. Em 1637, sendo vice-rei Pedro da Silva, ao ser prorrogada a colecta por mais seis anos, foram reformuladas algumas das condições então estabelecidas. Assim, todo o rendimento da colecta seria investido na própria armada e em galeões, por mandado da cidade e dos adjuntos. O capitão-mor seria escolhido pelo vice-rei, de entre os três nomes propostos pela edilidade e adjuntos. Estes nomeariam os capitães dos navios, que teriam obrigatoriamente de ser «casados» A armada, que sairia em Setembro, teria de ser integrada por quinze navios e não poderia ocupar-se senão em trazer os mantimentos à cidade de Goa, não só para provimento dela como para maior rendimento da colecta. Cf. Biblioteca Pública de Évora, *Cmilha Rvava*, armário V e VII, n.º 15-26. À armada do Canará, chamava-se em 1655 armada da Colecta. Cf. *Diario do Senlior Conde de Sarzedas...*, fls. 40-40v e 48v.

[fl. 33v] sahir; e hé muito para reparar que sendo isto fim de Inverno, tempo em que costumão a estar aprestadas estas armadas, e estarem os navios todos na Ribeira cubertos de palha e se não tratava disso como se não fora necessario. Vizitey na // Ribeira a Caza de Fundição e a do Armazem, em que nam achey mais que huns poucos reparos; receby huma carta de hum mouro que diz hé embaxador de Dialcão¹²², e

¹²² O «mouro» era Melique Acute (Malik Yâqût), um eunuco ao serviço de Bijapur que era o habitual embaixador de Muhammad 'Âdil Shâh em Goa desde 1649, posto para o qual voltara a ser nomeado após o reestabelecimento das relações diplomáticas entre o Estado e o sultanado em Dezembro de 1654, reforçadas a 7 de Março de 1655 com a assinatura de um novo tratado de paz com o Idalxá, no mesmo molde que os três anteriores, assinados em 1576, 1582 e 1633. Cf. Júlio Firmino Júdice Biker, *op. cit.*, vol. II, pp. 232-239. Melique Acute, depois da celebração do acordo, regressara a Bijapur, de fim de Março a princípio de Abril, a fim de obter a ratificação pelo Idalxá do tratado. A ratificação não teria sido imediata e só teria ocorrido por alturas de Junho ou Julho, sinais do difícil equilíbrio vivido na corte bijapuri e dos desenhos mais vastos que o sultanado visava para a região compreendida entre Chaul e Ancola, no Canará.

As diversas facções giravam em torno do corpo fisicamente exausto de Muhammad 'Âdil Shâh, que entrara numa fase mística desde que tinha sido tolhido por uma paralisia em 1646, atribuindo a sua salvação à intervenção do sufi Hadrat Hâshim 'Alawî. Mudou o pendor sincrético da primeira parte do seu reinado, herdada do seu antecessor, Ibrâhîm 'Âdil Shâh II (r. 1580-1626), por um Islão mais ortodoxo, o que dificultaria as suas relações com os chefes maratas ao seu serviço, onde pontificava Xaagi (Shahgi), enfraquecendo o sultanado face às pressões mogóis e ao crescente irredentismo marata. O poder ficara na mão da primeira mulher do Idalxá, Bârî Sâhiba, filha de Muhammad Qutb-Shâh (r. 1612-1626), mas, sendo mulher numa sociedade islâmica, tivera que o partilhar com outros ministros e generais do marido, entre os quais pontificava o Can Canan (Khân-Khânân). Cf. D. C. Varma, *History of Bijapur*, Nova Deli, 1974, p. 30; Govind Sakharan Sardesai, *New History of the Marathas*, 2.^a edição, vol. I, Nova Deli, 1986, pp. 107-108; Stewart Gordon, «The Marathas 1600-1818», in *The New Cambridge History of India*, vol. II-4, Nova Deli, 1993, p. 57.

O sinal dessas facções contendentes era descrito nas cartas do padre António Botelho a D. Brás de Castro. Nelas, o jesuíta referiu que o tratado ratificado fora entregue a um maldar («ministro ou superintendente da Fazenda»), que o daria a Melique Acute logo que o embaixador tivesse a espinela nas mãos, prova que o soberano, ou quem estava por trás dele, depositara uma confiança limitada no seu enviado diplomático. A pedra preciosa fora, ainda, motivo de um trocadilho entre o Paulista, o monarca e um dos poetas da sua corte, Sayyid Nûr 'Allâh, apreciado por membros de outra facção, inimiga de Melique Acute, onde pontificava Fate Can (Fath Khân) e Cassy Pandito (Cassi Padit).

Melique Acute, ao sair de Bijapur, fora nomeado avaldar do Concão e encarregar de várias missões, todas elas de cariz bélico. Assim, deveria entregar uma espada a Rustam-i-Zamân, um dos principais generais do sultanado, bem como vinte e um formões para rajás e dessais feudatários do Idalxá, desde Chanda Rao (nas vizinhanças de Chaul) até Sivappa Nayak, de Ikkeri, que acabara por tomar todas as fortalezas

que antes que eu viesse estava gente nos contornos com titulo de trazer as capitulaçoens das pazes com este Estado; findas porem athé agora não surtido nenhum effeito, antes tenho noticias que o Dialcão tem setecentos cavallos, e alguma gente de pé na nossa vizinhança de Bardes e Salsete, e que elles disfarção com titulo de outro mouro, com quem aly tem guerras; e assim estou com todo o cuidado, e determino ajuntar duzentos e sincoenta¹²³ mais aos tres fortes que estão em Tivim¹²⁴, para que se emxergue que da nossa parte não há descuido, e nos hirmos prevenindo. Vim a jantar, achey prestes que torney a vir; à tarde ouve Conselho do Estado, em que se virão as cartas de dezaseis de Julho de 655 que vierão de Ceilão, de Antonio de Souza Coutinho, que por ordem do Governador antecedente se tinha nomeado por General daquella praça, em que dá conta que havendo partido daquy com oito navios de socorro foy amanhecer com hum temporal que lhe deu defronte de Galé¹²⁵, e vendo os inimigos occazião tão oportuna sahirão duas naos do porto e seguirão a armada, e que elle escapara com grandissimo risco, com mais dous navios de remos e hum pataxo, e que faltavão os quatro, e que detras se sabia se havião perdido dous, e que hum metera no fundo, de que se salvou parte da gente, e que de outro se não sabia; foy grande a perda destes navios para aquella praça, pella necessidade que tinha de ser socorrida; estou tratando de o fazer com o que puder, supposto que embaraça muito para isso as suspeitas com que estamos de guerra de el Rey Idalxa, mas há se de

portuguesas no Canará. O embaixador levava, também, cem cavalos, pelo que o jesuíta aconselhara o governador a manter uma rede de espias para ficar a par das movimentações dessas forças. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 193, «Carta do Padre António Botelho para D. Brás de Castro», Bijapur, 26-07-1655, pp. 384-386. Cinco dias mais tarde, a 31 de Julho, o padre Botelho voltara a advertir D. Brás de Castro das intenções bélicas do Melique, tanto que a sua expedição era tema de conversas nas ruas de Bijapur. A 13 de Agosto de 1655, Melique Acute escreveu a D. Brás de Castro da localidade onde se encontrava, Medda, pedindo autorização para entrar em Goa. Por essa razão, o governador convocou um Conselho de Estado a 17 de Agosto, no qual se assentou que o embaixador seria autorizado a entrar, mas, antes, seriam adoptadas uma série de medidas preventivas para evitar ataques de surpresa a Goa. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 192, pp. 382-384. Era essa a situação quando o conde de Sarzedas tomou posse e, pelas informações que avançou, a entrada de Melique Acute não se tinha dado, ainda, nem as autoridades do Estado tinham recebido o tratado ratificado. Daí que temessem toda e qualquer movimentação militar nas vizinhanças da capital.

¹²³ Entenda-se 250 soldados.

¹²⁴ Tivim, na ilha de Bardes, a 15° 38' N e 73° 54' E.

¹²⁵ Gale, Galle, porto na ilha de Ceilão, a 6° 01' N e 80° 14' E.

fazer tudo o que for possível; tratey também no Conselho da gente que também há de hir para Tivim, para que vejão os mouros pellas rezouens das suspeitas com que estamos, ou reformando aquelles postos com soldados, e hum destes dias // determino hir a Bardes e a Salcete a visita los, e ver huma cava que se fazem em Bardes¹²⁶.

Sabbado 28. Dia de Santo Agostinho. Fuy ao seu convento onde ouvy missa e sermão, e depois de vir para casa dey audiencia a muitas partes; escrevy ao Capitão da fortaleza de Mormugão Ruy Dias de Menezes; mando lhe huma ordem para o Sargento mor Christovam Moitinho embarcar todas as companhias de infantaria que estão alojadas naquelle prezidio, mandando as para Tivim à ordem de Pedro Pinto de Mello, a quem escrevy e dey ordem que o tivesse aly com a mais infantaria que aly prezide para ficar a fortaleza de Mormugão desoccupada, para mandar para ella os soldados que trouxe do Reino; mandey passar outra ordem para Andre Caldeira Recebedor das terras de Bardes, para que continue com a obra que aly se faz em abrir huma cava que hé cousa de muita emportancia para a deffença daquelle sitio; esteve comigo o Deam, e dey audiencia a algumas partes e fidalgos, em que se gastou todo o restante da tarde; à noite estive com o Secretario do Estado.

[fl. 34] Domingo 29. Pela manhã mandey ler todas as petiçoens que me derão estes dias, para hir começando a despacha las; ouvi missa, e depois dey audiencia a partes athe depois de meyo dia que me recolhy a jantar, maltratado, e muito quebrantado; à tarde veyo me ver o Patriarcha de Ethiopia¹²⁷, e esteve // comigo o Vigario Geral de Sam Domingos; depois mandey chamar o Secretario do Estado, e dey lhe ordem para que escrevesse cartas para as fortalezas do Norte, e para Ceilão e Negapatão; à noite tive huma carta de Hieronimo Carvalho, Capitão da minha casa digo da minha nao¹²⁸, que me remeteo com dous prezos que mandey meter no Tronquo; hum delles por matar hum homem na¹²⁹ mesma nao depois de cá haver desembarcado, e outro por outro delicto.

¹²⁶ Esse assunto foi, de facto, tratado na reunião do Conselho, mas no assento desse dia não ficou registado qualquer ponto relativo ao envio de soldados para Tivim, a fim de se precaverem as fronteiras de Goa dos desenhos belicosos feitos pelo exército do Idalxá.

¹²⁷ O patriarca da Etiópia era D. Afonso Mendes (1622-1659).

¹²⁸ A *Bom Jesus da Vidigueira*.

¹²⁹ Entenda-se «da».

[fl. 34v]

Segunda feira 30. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia a partes, ainda muito quebrantado até o meyo dia; à tarde mandey juntar os ministros dos Contos para lhes dizer que tratassem de fazer a obrigação de seus officios directamente, porque acho queixa geral de seus procedimentos, e mal que acodem à arrecadação das dividas reaes; ordeney me fizessem huma memoria das pessoas que estão devendo, como com effeito se começam a fazer; faley com o Vedor da Fazenda sobre o apresto do socorro que mando a Ceilão, e juntamente os sinco navios que tenho mandado aprestar para se ajuntarem à armada do Norte, para onde tenho mandado nomeado por Capitão mor a Dom // Manoel Mascarenhas; veyo me ver o Rey das Ilhas¹³⁰; depois dey algumas ordens ao Secretario do Estado, entre ellas que escrevesse a Ceilão a figura ha¹³¹, porque são dous soldados de valor; assiney huma ordem para o Vedor da Fazenda me dar huma lista da cantidade da canela, pimenta e salitre e mais couzas que de presente há para se embarcarem nas naos por conta da Fazenda de Sua Magestade; e outra por que mandey que os officiaes a quem tocar passar certidoens justificadas e fazer correntes quaesquer papeis de soldados, não levem mayor selario e percalços que os que dispoem a ordenação e regimento, com pena o que o contrario fizer ser suspensso do officio; escrevy ao Capitão do pataxo mandasse prezo a Antonio de Aguiar à ordem de Ruy Dias de Menezes, Capitão de Mormugão, e a elle que o recebesse, até ter outra ordem minha.

Terça feira 31. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia a partes, e depois fuy à Ribeira a saber o estado dos navios que hei de mandar a Ceilão de socorro, e outros para a armada do Norte; fiz o Conselho¹³² da Fazenda sobre huma nao de Mecca que foy ter [...] ¹³³; à tarde dey algumas audiencias a religiosos, fuy aos Contos onde se despacharão alguns feitos de execuções; à noite faley com Vedor da Fazenda e Secretario do Estado sobre differentes materias do governo e fazenda; vierão dizer que os soldados que andavão de ronda tiverão

¹³⁰ Tratava-se de um descendente dos reis das ilhas Maldivas que, após a conversão ao catolicismo, se tinham exilado na Índia, na segunda metade do século XVI, primeiro em Cochim e depois em Goa. Era possível que o rei das Ilhas fosse, ainda, D. Filipe, mencionado desde as primeiras décadas do século XVII, que estivera envolvido na deposição do vice-rei conde de Óbidos em 1653.

¹³¹ Frase sem sentido, certamente por omissão de palavras.

¹³² Entenda-se «Conselho».

¹³³ Espaço em branco, não indicando o lugar.

[fl. 35] palavras huns com outros, de que rezultura¹³⁴ matar se hum; mandey
// prender a[o] matador.

Septembro de 1655

Quarta feira o primeiro de Septembro. Pela menhã ouvvy missa e dey audiencia a muitas partes, fuy aos Contos a tratar algumas materias de execuçoens, e depois fiz Conselho do Estado sobre huma carta que tive do Melique embaxador del Rey Idalxa, em que me diz que tem para mim carta del Rey, e que trás assentadas as pazes tendo lhe sinalado dia para vir tratar dellas; quererá Deos que tenham effeito¹³⁵. Estes mouros segundo tenho alcançado não tem firmeza em nada, e acho noticias que este tem trato com os olandezes e há dous annos que lhes pede se nos querião vir pôr na barra para elles nos sitiarem por terra¹³⁶; escrevy a Ruy Dias de Menezes, Capitão de

¹³⁴ Entenda-se «resultara».

¹³⁵ No Conselho realizado nesse dia, o vice-rei abordou matérias tocantes ao Idalxá, entre as quais o tratamento honorífico que se deveria dispensar a Melique Acute, se «vossa mercê», como se fizera a todos os embaixadores, se «vossa senhoria», por ter sido nomeado avaldar do Concão. O conde de Sarzedas, no que foi secundado pelos restantes conselheiros, inclinou-se pela primeira forma de tratamento. O problema mais premente que o vice-rei debateu no Conselho foi o da proximidade de forças militares de Bijapur, compostas por infantaria e cavalaria, sob o comando de Rustam-i-Zamân. Apesar de correr a notícia que esse exército iria atacar os dessais e nâyawâris desafectos de Ancola (Ankola), Mirizeu/Mirzeu (Mirjan) e Coroar (Karwar), tudo portos no litoral canarim. As autoridades de Goa já tinham sido informadas desse propósito por cartas do padre António Botelho, o qual se referia que Melique Acute antes de deixar Bijapur tinha enviado um formão a um des-sai leal nas imediações de Mirzeu a fim de angariar mais efectivos.

De notar, ainda, que o conde de Sarzedas recebera, a 29 de Agosto de 1655, uma carta do Idalxá e não do embaixador, que tinha sido alterada, tanto na data como no destinatário porque entretanto D. Rodrigo chegara a Goa e tomara a chefia do governo substituindo D. Brás de Castro, a quem fora inicialmente endereçada aquando da sua feitura a 27 de Julho de 1655. A missiva fora, assim, rasurada em dois sítios, na data, que passara para 27 de Agosto, e no destinatário. Esses detalhes não passaram despercebidos ao língua do Estado Crixna Sinai que a traduziu auxiliado por Mulah Muhâdin. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 196, pp. 390-392, apêndice n.º 74, pp. 589-590.

¹³⁶ O vice-rei referiu-se, sem dúvida, à missão efectuada por dois enviados holandeses que foram de Vingurlá (Vengurla) a Bijapur, em Novembro de 1653, na sequência do fim dos dez anos de tréguas luso-holandesas (1642-1652), para apresentar a Muhammad 'Âdil Shâh e a Fate Can (Fath Khân), a quem apresentaram, um plano de ataque conjunto a Goa, cabendo à V.O.C. o bloqueio marítimo e ao sultanado a

[fl. 35v] Mormugão, mandando lhe huma ordem que passey ao Capitão mor das naos e mais capitaens das outras embarçaõens, lhe fizessem entrega do resto da infantaria que está nellas; à tarde mandey chamar o Vedor da Fazenda para tratar negocios do serviço de Sua Magestade; tive huma carta de Ruy Dias de Menezes, em que me diz tem recebido o resto dos soldados que mandey alojar em Mormugão, e não passão de trezentos e sincoenta, e os que estão no hospital, que dizem são cento e sincoenta; este hé o socorro que veyo de Lisboa, pouco mais ou menos, porque ainda que as praças erão seisçentas pouco mais ou menos, entrão nellas os frades e capelaens das // naos que são mais de trinta e sinco, e outros sam rapazes que não são de serviço. À noite estive com o Secretario do Estado sobre se escrever de novo ao Norte ao Capitão de Baçaim, porque sendo assim que só daquella parte pode vir mantimento de arros para esta cidade, a respeito das guerras do Canará, e tendo avizos antecedentes para prevenir que todo viesse com a armada do Norte, escrevem de lá que tem dado licença para o arros daquellas partes passar a Cambaya, que se assim for só dos mouros por nossos inimigos poderemos esperar obra semelhante; ordeno lhe que se não deixe usar de nenhuma licença destas, e mando lá vigiar isso como couza em que tanto vay; e em cazo que o fação hei de mandar proceder na materia com grandississimo rigor.

[fl. 36] Quinta feira 2. Pela manhã ouvy missa e dey audiencia a muitas partes; mandey chamar o Ouvidor Geral do Crime, para saber que diligencia se havia feito com as pessoas que dizem tem emserrado o arros para socorrer a Ceilão; e porque tendo se feito o possível se não descobre, ordeney que se deitasse hum bando, que toda a pessoa que o tivesse, ou¹³⁷ viesse manifestar antes de vinte e quatro oras, e receber o dinheiro, sem embargo de que não há hum só vintem, e me hei de valer de empréstimos, e que // quem o não fizesse perderia o dito arros, com o mais castigo que a mim me pertencesse; hé grande couza que achando esta cidade em guerras com o Canará, e com Idalxa, e olandez, que ouvesse tam pouca prevenção que achasse sem nenhum provimento, e que me veja em estado que não tenho com que socorrer Ceilão; tenho escrito ao Norte que dos foros que pagão a el Rey de Baçaim empregue em arros e venha a esta cidade athé cantidade,

ofensiva terrestre. O objectivo dos agentes neerlandeses não seria tanto a conquista de Goa, mas impedir o socorro que o Estado poderia enviar ao Ceilão, desviando, assim, desse teatro de operações homens, navios e armas. Cf. Panduronga S. S. Pisurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 190, Goa, 03-01-1655, p. 372.

¹³⁷ Deverá ser «O» e não «ou».

prevenção que se fazia em outros [tempos], e que neste esqueço sendo mais necessario, posto que este arros não pode vir a tempo para socorrer Ceilão. Fez me huma molher nobre huma petição que continha que quando envio[vo]u ficando em cabeça do cazal mandasse lhe entregar a sua fazenda como o ordenão as leys; mandara quem governava que não se lhe entregase; tomei informação do que se havia passado no juizo onde correa a cauza, e constando que era assim lha mandey entregar; à tarde estive com alguns ministros e com o Secretario do Estado, com quem tratei materias do governo, justiça e fazenda, e nomei a Dom Manoel Lobo para hir¹³⁸.

Sesta feira 3. Pella menhã ouvuy missa e fuy à Rellação, por serem acabadas as ferias, onde despachei algumas petições de prezos, e fiz despachar outras de agravos, adonde me informei que feitos havia por despachar nas mãos dos dezembargadores, e ordenei lhes despachassem logo, e que desse expediente às partes; à tarde dei audiencia a algumas partes, escrevi ao Capitão de Mormugão e ao de Agoada; à noite estive com o Vedor da Fazenda e o Secretario do Estado, [conferindo lhei] sobre materias da fazenda e governo, e assiney varias ordens.

[fl. 36v]

Sabbado 4. Pela menhã erguy // me às quatro horas, ouvuy missa, e fuy a Tivim que hé hum dos passos por donde entrou a gente do Idalxa a fazer nos guerra, ao que para ver o modo da fortificação e muro que aly está que parte com as terras do inimigo, como também para ver a cava que se vay obrando, pela qual depois de acabado ha de entrar o rio para ficarem aquellas terras de Bardes em ilha; e se se conseguir a obra será mais difficultozo aos mouros poderem entrar nellas; mas hé necessario para se acabar muito tempo e dinheiro, e alem destas rezoens também me apreçey em hir ver isto a respeito do embaxador del Rey Idalxa lhe ter sinalado o dia de manhã para me vir falar, para que entendão os mouros que ainda quando me dizem que vem fazer pazes comigo, e as trazem ajustadas, que estou eu tam vigilante que vou tratando de me prevenir para a guerra; e debaixo deste intento mandey também para Salsete a Dom Manoel, meu filho, com duzentos e sincoenta soldados, para assistir naquelles passos por ondem¹³⁹ os mouros também entrarão na occasião passada, onde pelejarão com elle nas terras de Cochim¹⁴⁰, e o captivarão como

¹³⁸ D. Manuel Lobo da Silveira tinha sido o capitão português capturado por tropas do Idalxá em Cuncolim em Outubro de 1654.

¹³⁹ Entenda-se «por onde».

¹⁴⁰ Deve ser «Cuncolim» e não «Cochim».

[fl. 37] fica dito atrás; he hum das rezoens por que o mandey foy porque soase entre os mouros que mandava eu hum filho meu a guardar aquelle sitio. Neste dia se partio para lá com gente, e busquey dinheiro emprestado para se pagar assim aos soldados que estavam em Bardes como a estoutros, e para nada há hum real, mais que dividas e trabalhos; cheguey à noite desta jornada que são mais de tres legoas; faley com o Secretario do Estado e Vedor da Fazenda sobre materias tocantes à vinda do embaxador, e outras do governo e fazenda; dey ordem a Vedor da // Fazenda que despachase logo as tres almadias em que vay Dom Manoel Mascarenhas a tomar posse da armada do Norte, e disto faley com o Capitão mor Antonio de Souza Menezes sobre a canela que ha de vir de Ceilão, de que athé agora tenho poucas esperanças, sem embargo de que logo que cheguey mandey lá hum patamar a toda a diligencia aplicar se não perdesse hum momento de tempo em se fazer; estou prevenindo mandar sinco galio-tas, assim a levar socorro de soldados como de mantimentos para o que se não há hum grão de arros.

Domingo 5. Pella manhã ouvvy missa e dey audiencia a algumas partes; estive com o Secretario do Estado conferindo sobre o modo da entrada do embaxador del Rey Idalxa, e sobre outras couzas; veyo à tarde o dito embaxador, o qual me deu a carta del Rey¹⁴¹; desferi lhe a resposta como hé costume, para despois de a comunicar no Conselho do Estado¹⁴², e se asentar o que se deve fazer; despois disso faley com o Vedor da Fazenda sobre os aprestes das armadas, assim do Norte, como de Coleta e socorro que ha de hir a Ceilão, para o que não há hum só real; à noite entrou o Secretario do Estado a trazer me a carta del Rey traduzida, e quando se tratar desta materia se dirá adiante tudo o que se tratar nisto.

[fl. 37v] Segunda feira 6. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia a muitas partes; fuy à Matricula, e despois fiz Conselho da Fazenda; à tarde veyo me falar hum mouro grave, e despois dey audiencia athé perto da noite; // estive com o Secretario do Estado e Vedor da Fazenda, e porque me constou que hum Capitão ferira hum soldado dentro no corpo da guarda, [determinei] para se fazer averiguação do que se passou no cazo; tive hum carta do Capitão de Mormugão com que

¹⁴¹ A carta encontra-se transcrita por Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, apêndice n.º 74, pp. 589-590.

¹⁴² Não há qualquer registo desse assunto nos assentos do Conselho de Estado antes de 10 de Setembro de 1655.

me remeteo quatro soldados dos que vierão de Lisboa, que intentarão fugir daquella fortaleza.

Terça feira 7. Pella menhã dey audiencia a partes, e fuy à May de Deos por mar aonde ouvvy missa, e me pareceo a caza muito bem; à tarde faley a algumas pessoas, e depois tive Concelho¹⁴³ da Fazenda sobre muitos negocios que tocão a ella que hião muito desemcaminhados; estive com o Secretario do Estado sobre outras materias do governo, e cada vez vou emxergando mais, que se Portugal se não socorre este Estado com grande pressa assim com dinheiro, como com soldados e galioens, que não pode isto conservar se de nenhum modo.

[fl. 38]

Quarta feira 8. Pela menhã fuy cedo à May de Deos onde ouvvy missa e me confessey e communguey; recolhi me pellas dez horas; estive com o Vedor da Fazenda tratando negocios tocantes a ella; à tarde dey audiencia a algumas partes e fidalgos; esteve comigo o Vigario Geral de Sam Domingos; mandou me huma petição Dom Fernando Manoel que quando aquy vim achey se havião levantado com elle os marinheiros e soldados argoindo lhe couzas que me corro¹⁴⁴ de as dizer aquy que se saberão no Reino de que se devaçou na nao, e vindo cá // a devassa se anulou na Relação por se dizer que não fora tirada por juis compitente, com que o soltarão; depois disto tornou Dom Bras de Castro a prende lo no Tronco¹⁴⁵ com aperto, tomando por cauza que lhe havia mandado hum escrito em que dizia que lhe não tocava o governo, e que a elle lhe tocava por Capitão mor argoindo se lhe mais que para este mesmo effeito fazia conventiculos¹⁴⁶; e porque depois disto adoeceo perigozamente o dito Dom Fernando o mandou hir para Santo Augustinho prezo neste estado; achey esta materia logo que receby a petição [e] disse a quem ma trouxe¹⁴⁷. À noite tive huma carta do Capitão de Agoada, em que me aviza se vira huma vella de gavea na altura dos ilheos Queima-

¹⁴³ Entenda-se «Consellho».

¹⁴⁴ Será «coro», significando «vergonha»?

¹⁴⁵ Situado próximo do palácio do vice-rei. Segundo Pyrard Laval, era a maior e principal prisão de Goa, havendo nela muitos alojamentos para toda a espécie de presos. Cf. *Viagem de Francisco Pyrard Laval...*, versão portuguesa correcta e anotada por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, ed. revista e actualizada por Artur de Magalhães Basto, vol. II, Porto, Livraria Civilização, s.d., pp. 21 e 41.

¹⁴⁶ Ajuntamentos clandestinos e sediciosos.

¹⁴⁷ É provável que a frase esteja incompleta.

dos¹⁴⁸. Respondy lhe estivesse com todo cuidado vendo se apparece-
rão mais, e procurase saber de donde era.

[fl. 38v] Quinta feira 9. Pella menhã cedo tive huma carta do Capitão de Agoada em que me diz que a vela que ontem appareceo estava surta debaixo daquella fortaleza, e que vinha de Mombaça, e nella o Capitão Francisco de Seixas Cabreira, de quem tive também carta; mandey chamar a[o] Vedor da Fazenda e escrivão da Alfandiga, e passey ordem para o Meirinho della hir à dita embarcação notificar a todos os que trouxessem fazendas de mão, como são ambar e outras couzas meneaveis, as levassem à dita Alfandiga, sob pena de encorrerem nas penas da ley. Ouvy missa e dey audiencia a muitas partes; à tarde despachey algumas petiçãoens; veyo me ver o embaxador del Rey Idalxa, com que passey // algumas couzas em ordem a haver pedido licença para vir concluir as pazes, e agora pella lingoagem que me diz parece que quer meter tempo em meyo; à noite estive com o Capitão mor.

Sesta feira 10. Pela menhã ouv y missa, e dey audiencia a muitas partes, e depois fiz Conselho do Estado sobre as propostas do embaxador do Idalcão que se referirão no cabo na forma da conclução que se tomar¹⁴⁹; à tarde dey audiencia a partes e fuy à Caza da Polvora, e no mesmo tempo deu fundo defronte de Alfandiga o pataxo de Mombaça.

Sabbado 11. Pella menhã fuy a Bom Jesus, onde mostravão os Padres da Companhia o corpo de Sam Francisco Xavier; tive grande consolação de ver tam grande reliquia; depois de vir para casa dey audiencia às partes, e à tarde faley a algumas pessoas e despachey petiçãoens, e assiney cartas para varias pessoas; estive com o Secretario do Estado e Vedor da Fazenda tratando materias do serviço de Sua

¹⁴⁸ São as «Burnt Islands» ou «Vengurla Rocks» das cartas inglesas, situados a 15° 54' N e 73° 28' E, muito perto da costa ocidental da Índia. Cf. H. Leitão, *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino*, vol. III, p. 178.

¹⁴⁹ O Conselho reuniu-se, tal como o vice-rei afirmou, para debater o pedido de saída de Melique Acute para Pondá, a par da petição do capitão de Danda (a 18° 17' e 73° 00' E) Sidi 'Ambar. O conde de Sarzedas temia, como registara a 9 de Setembro, que o embaixador saísse sem ter entregue o tratado de paz ratificado. Contudo, perante a opinião de outros conselheiros, o vice-rei autorizou a saída do embaixador, mas antes de essa se verificar encarregou o padre Gonçalo Martins de o sondar no sentido de entregar o tratado. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 197, pp. 392-394.

Magestade sobre as armadas que estão para sahir para o Norte, e da Coleta, e socorro para Ceilão; à noite esteve comigo o Capitão mor.

[fl. 39] Domingo 12. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia a diferentes partes, e depois disso estive com o Secretario do Estado // tratando algumas couzas do governo; à tarde estiverão comigo fidalgos e o Procurador da Companhia¹⁵⁰ de Cochim, e despois disso fuy à Ribeira apressar o apresto das armadas; veyo me dizer hum mouro Capitão do navio que trouxe o de Mombaça, e me trazia hum presente de meleques que sam sedas, e ouro da Perçia que lhe não aceitey, dizendo lhe que para o meu governo agradecimento era o mesmo que se lhas aceitara, porem que não costumava faze lo a nenhuma pessoa; à noyte esteve comigo o Capitam mor.

[fl. 39v] Segunda feira 13. Pella manhã cedo tive carta do Capitão de Agoada em que me diz que chegara a surgir debaixo daquella fortaleza hum pataxo de Mossambique, e que vinhão mais outros dous, que se pode esperar cada dia; mandey differentes ordens ao Capitão de Agoada sobre não deixar desembarcar nenhuma pessoa d'elle sem hir o Guarda mor da Alfandiga a vizita lo; ouvvy missa e dey audiencia a partes, e despachey algumas petiçãoens; fiz Conselho da Fazenda sobre materias tocantes a ella que acho muy dessemcaminhada; tive avizo que havião fogido alguns soldados dos que vierão nas naos para a terra firme e que havião tomado quatro ou sinco caminho d'Ancola¹⁵¹ fortaleza dos olandezes, e os outros que estavam na terra // firme; mandey differentes ordens aos capitaens dos passos para prevenir não os deixassem passar; tive carta de Dom Manoel Lobo da Silveira em que me diz tivera avizo que chegarão aquelle sitio de Salcate tres parangues¹⁵² de arros e que lhe mandara meter soldados dentro para os remeter aquy a respeito da falta que sabia havia d'elle para o socorro de Ceilão, para o que tenho mandado fazer diligencias e mandado deitar pregoens, mandando ver chales¹⁵³, onde costumão os par-

¹⁵⁰ Entenda-se «Companhia de Jesus».

¹⁵¹ «Ancola», «Ankola»: um porto ao sul de Goa, na costa do Canará, a 14° 39' N e 74° 21' E. Deve ser um erro do compilador porque a feitoria holandesa ficava para norte, em Vingurlá (Vengurla a 15° 52' N e 73° 40' E).

¹⁵² Pequena embarcação usada na costa da Índia, que serve para conduzir alimentos. Normalmente não tem pregadura e é cosida com cairo. Do lume da água para cima é de esteiras de palma, tem uma vela quadrada e os maiores uma vela latina. Cf. Bluteau, cit. por S. R. Dalgado, *Glossário...*, s.v.

¹⁵³ Edifício estreito e comprido, ocupado por lojas e oficinas. Também se diz de quartirão habitado por certos artífices. Do marata-conc. *ṭṭal*. Cf. S. R. Dalgado, *Glossário...*, s.v.

ticulares emserra lo sem se achar nenhum, que hé a cauza de ter parados quatro navios que estou para mandar a Ceilão com socorro, sobre que tenho escrito a algumas partes.

[fl. 40] Terça feira 14. Pella menhã escrevy para Mormugão, e assiney algumas petiçoens; fuy a caza dos Tiatinos da Divina Providencia, adonde esteve o Senhor exposto, ouvy missa e communguey e fuy padrinho de hum judeo que se fez christão, o qual esteve prezo na Inquizição; depois de vir para casa antes de jantar dey audiencia a muitas partes, e à tarde fiz o mesmo; entrou para dentro o pataxo de Mossambique; faley com o Capitão que me deu grandes esperanças daquellas minas, e diz que são tão fecundas em produzir ouro que em algumas partes se tirão pedaços delle, e do dezemparo que lá há da gente nossa que pouvoe aquella terra, a que se deverá attender com o mayor cuidado pella importancia do que hé, e do que virá a ser; trouxe me hum carta do Feitor já em meu // nomem, por haver chegado em treze de Agosto a Mossambique hum naõ ingueza¹⁵⁴ que foy aly buscar refresco, que deu por novas que eu vinha à India, e as deu juntamente que os olandezes passavão com catorze naos a este Estado, e no caminho encontrarão duas com muita infantaria; à noite estive com o Vedor da Fazenda e Secretario do Estado conferindo lhe sobre materias da fazenda e governo e sahida das armadas.

Quarta feira 15. Pela menhã despachey algumas petiçoens e fuy à festa de Sam Domingos Suariano, onde ouvy missa e pregação, e depois de vir para caza dey audiencia a algumas partes; à tarde fiz Conselho do Estado digo da Fazenda sobre algumas materias tocantes a ella, e depois tive Conselho do Estado, onde tratey de algumas materias tocantes à paz com el Rey Idalxa, sobre o que athé agora não há concluzão, por não acabar de tomar resolução o seu embaxador.

[fl. 40v] Quinta feira 16. Pela menhã ouvy missa, tive avizo do Capitão de Agoada, em que me diz apparecia hum vela, e depois me tornou a fazer outro que era do Macassa¹⁵⁵ parte de donde há dias que não tinha vindo embarcação; dey audiencia a partes; elegi para cabo dos quatro navios que vão para Ceilão hum soldado velho de muito valor que chamão Manoel Salgado; dey preça à armada da Coleta que consta de quinze navios para // sair para a barra, e porque esta armada hé por conta da Cidade e nomea o Vice rey tres pessoas de que

¹⁵⁴ Entenda-se «inglesa».

¹⁵⁵ Porto de Macassar, no antigo reino das Celebes, a 5º 08' S e 119º 24' E.

escolhe huma para Capitão mor, nomeey a Manoel Magalhains Coutinho por ter serviços e merecimentos; tive avizo de Dom Manoel Lobo da Silveira que fogirão para terra firme tres homens, hum delles que fazia de feitor de Cuculy¹⁵⁶, por nomem Feliciano do Redondo, que havia sido Secretario de Dom Philipe Mascarenhas no tempo de seu governo¹⁵⁷, e muito seu valido, e porque me dizem que este homem hé muy esperto e sabe muito das couzas deste Estado, e que já o anno passado ouve delle prevençoins de se querer hir para os olandezes, por cuja cauza esteve prezo, procurey que por via de hum fidalgo, grande seu amigo por nomem Francisco da Silva Sotomayor que procurasse torná lo a reduzir a que tornasse para cá; não sey o que montará, e entendeo que se o não fizer será muy prejudicial a este Estado pellas muitas noticias que tem das couzas delle; à tarde dey audiencia a algumas partes, tive Conselho da Fazenda onde se vay tratando de se arendarem algumas rendas da Cidade, as quaes achey com grande baixa; vou procurando pello melhor modo que posso ver se se pode melhorar, posto que como há pessoas que vão intereçadas em se darem baratas, não sey se luzira muito o trabalho. À noite estive com o Vedor da Fazenda sobre o socorro que hei de mandar a Ceilão, para o que não posso achar hum grão de arros, que neste estado estava isto; estive também com o Secretario do Estado sobre couzas tocantes ao governo.

[fl. 41] Sesta feira 17. Pella menhã ouvvy missa // e despachey petiçãoens, e dey audiencia a algumas partes, e despois fuy à Ribeira a fazer aplicar os navios que han de ir de socorro a Ceilão. Entrou para dentro o navio que veyo de Macassa; à tarde dey audiencia e faley a muitos fidalgos e varias pessoas, e despachey algumas petiçãoens.

Sabbado 18. Pela menhã ouvvy missa e dey audiencia a algumas pessoas; fuy à Caza da Polvora a ver os quinze navios da armada da Coleta que tinha mandado hir para baixo a fazer agoada; dey lhe por ordem que se fosse logo para a barra, adonde hei de hir fazer alardo amenhã sendo Deos servido, para a fazer partir para os ilheos de Mormugão¹⁵⁸, e no mar tive avizo do Capitão de Agoada que havia chegado o segundo navio de Mossambique; quererá Deos trazer o outro que falta de que este se apartou por ser ruim de vella. À tarde

¹⁵⁶ Aldeia de Cuncolim, a 15° 11' N e 74° 03' E, na província de Salsete.

¹⁵⁷ De 1645 a 1651.

¹⁵⁸ Os ilhéus de Mormugão ficam por volta de 15° 23' N e 73° 50' E, à entrada da barra homónima.

dey audiencia a algumas pessoas, e faley com o Vedor da Fazenda sobre aprestos do socorro de Ceilão, e depois com o Secretario do Estado sobre materias do governo.

[fl. 41v] Domingo 19. Pella menhã me erguy muito cedo e fuy (despois de ouvir missa) à armada da Coleta, que está hum legoa desta cidade para vir fazer o alardo dos soldados, e por lhe faltarem alguns, e marinheiros, não pôde hir este dia para a barra, mas mandey alistar os que faltavão de hum genero e outro em cada navio; cheguey a casa pellas duas horas; despois de meyo dia // entrou para dentro o segundo pataxo de Mossambique; à tarde dey audiencia a partes até à noyte.

Segunda feira 20. Pela menhã cedo ouvuy missa; fuy à barra adonde está a armada da Coleta a mandar fazer alardo, e depois de se acabar dexey ordem que sahisse logo até os ilheos de Mormugão, a respeito de se estar esperando huma cuca¹⁵⁹ que falta de Mossambique e dizem que esta armada da Coleta foy a que daquy [saio] com melhor gente; recolhy me às duas horas de tarde; mandey chamar o Provincial de Nossa Senhora da Graça¹⁶⁰, porque tive avizo que começava a haver alguma inquietação entre aquelles religiosos, para lhe dizer que acudisse a isso para que não passase adiante; despois dey audiencia, despachey petições e assiney alguns papeis.

[fl. 42] Terça feira 21. Pela menhã ouvuy missa, e dey audiencia a algumas partes, e à tarde fiz o mesmo; estive com o Secretario do Estado; vierão falar comigo o Prior e huns religiosos mais de Santo Augustinho sobre sua dezemquitação; tive hum carta de Manoel de Magalhães Coutinho, Capitão mor da armada do Canará, em que me diz que por razão de ser o tempo conjunção da lua só sahio para fora como ontem¹⁶¹ lhe deixey ordenado, mas que tornava entrar da barra para dentro, sendo que hé paragem donde lhe não podia nenhum tempo fazer mal, e quando muito o poderá obrigar a entrar. Respondy lhe extranhando lhe, dando lhe por ordem seguisse o seu regimento, e desta maneira são todas as couzas da India; veyo hum homem que mandey disfarçado // daquy à feitoria que os olandezes tem em Vingurla¹⁶², e deu me por novas que hia partido de lá há oito dias hum

¹⁵⁹ Certamente «urca»: embarcação de 200 a 900 toneladas. Cf. H. Leitão e J. Vicente Lopes, *Dicionário...*, s.v.

¹⁶⁰ Provincial dos Agostinhos.

¹⁶¹ Repetidas estas duas palavras.

¹⁶² Ou «Vingorla», cidade situada a 15° 52' N. e 73° 40' E, ao norte e muito próximo do território de Goa.

navio pequeno para Ceilão, e que estavam com cuidado do socorro que eu havia trazido, e juntamente não tinham até agora novas de que lhe havia vindo de Olanda; à noite estive comigo o Secretario do Estado tratando algumas materias do governo, e despachey petições e papeis.

Quarta feira 22. Pela manhã ouvvy missa, e despachey algumas peticoens, e dey audiencia a partes, e depois fiz Conselho do Estado em que se tratou da armada que está para sahir do Canará, e do socorro de Ceilão, e outras couzas; à tarde dey audiencia a partes, e faley a alguns fidalgos e frades e à noite estive com o Secretario do Estado.

Quinta feira 23. Pella manhã ouvvy missa, e despachey petições, e dey audiencia a partes; à tarde asiney cartas e patentes para Ceilão; estive na Rellação vendo petições cujos despachos respondem ao Dezebargo do Passo, em que se pede provizoens para manssipaçoens¹⁶³, e outras couzas semelhantes; depois fuy à Ribeira apressar o socorro que há de hir a Ceilão; vim para caza já de noite; estive comigo o Secretario do Estado conferindo sobre algumas materias; tive avizo do Capitão da fortaleza da Agoada em que me diz que havia entrado a armada dos Periches¹⁶⁴, e outra do Capitão mor da do Canará, em que me diz que havia sahido da barra para fora com a armada, e por achar tempo rijo fôra de parecer tornar a entrar, e que dous navios estavam maltratados e necessitavão do conserto, para o que se lhe mandou logo officiaes.

[fl. 42v]

Sesta feira 24. Pela manhã ouvvy // missa, e despachey petições, e dey audiencia a muitas partes; à tarde fiz o mesmo, e estive no Conselho da Fazenda [conferindo]? sobre differentes materias que tocão a ella; tive avizo do Capitão da fortaleza de Agoada em que me diz que a armada do Canará não podia sahir por falta do tempo; depois fuy à Ribeira aprestar o socorro de Ceilão que pudera haver já partido se o tempo o não encontrara, e não faltara arros para elle, posto que oje trouxe Deos hum pouco não esperado, com que em parte se remedeia a falta; à noite estive comigo o Secretario do Estado.

¹⁶³ Leia-se «emancipações».

¹⁶⁴ Os periches constituíam uma armada costeira para patrulha e escolta da navegação comercial, sendo as embarcações homónimas pequenas, movidas a remo e providas de uma vela (latina ou redonda). Acompanhava a cáfila que vinha de Cambaia, trazendo sobretudo tecidos; veja-se o que sobre esta armada se diz neste diário a fls. 47v.

Sabbado 25. Pela menha ouvy missa e despachey peticoens; fuy à Ribeira dar pressa aos navios que se han de hir ajuntar à armada do Norte e outras couzas; confery com o Vedor da Fazenda e outros ministros sobre o troco dos cabedaes que vem do Reino em patacas, as quaes se desfazem aquy em tangas, e depois se trocão em santhomes, no que em huma e outra couza se tem avanssos grandes, e procuro haver se podem ser mayores. Recolhy me ao meyo dia, à tarde despachey peticoens e esteve comigo o Provincial da Companhia que acabou há pouco tempo, e com outros religiosos; tive avizo do Capitão da fortaleza de Agoada, em que me diz era sahida a armada da Coleta, e acho me com cuidado porque vay tardando huma urca de Mossambique que se apartou do pataxo que vinha da mesma fortaleza que aquy entrou, ainda que se entende que hiria ao Norte; à noite esteve comigo o Secretario do Estado.

[fl. 43] Domingo 26. Pela menhã ouvy missa e dey audiencia a partes, faley com o Secretario do Estado ordenando que lhe fosse aos Carmelitas Descalssos, e da minha parte dissese ao Prior lhe extranhava muito ser aquy chegado de dous dias // hum frade de sua Ordem seculiano, tendo ordens de Sua Magestade antecedentes para os não recolherem, e tornarem a mandar para a outra banda, que o mandasse para Sam Domingos athé eu o embarcar outra vez; à tarde dey audiencia a algumas pessoas particulares; depois fuy à Casa da Polvora de donde vim de noite.

Segunda feira 27. Pela menhã ouvy missa e dey audiencia a partes, e fuy à Ribeira a dar preça aos navios que han de sahir, e lá assisty na Meza da Fazenda, onde despachey muitas peticoens e ouvy a partes; escrevy ao Capitão mor da armada dos Periches (que deixey estar na barra athé sairem estes navios que vão a Ceilão), que viesse para dentro por estar o tempo mudado, e que viesse surgir defronte de Alfandiga para desembarcar nella o que deve de direitos; à tarde dey audiencia a muitas partes, e faley a alguns fidalgos athé noite.

Terça feira 28. Pela menhã ouvy missa e dey audiencia a partes, e despachey peticoens athé o meyo dia, e à tarde fiz o mesmo; esteve comigo o Padre Frey Antonio de Castro¹⁶⁵, da ordem de Sam Domingos; fiz Conselho do Estado sobre as couzas de Ceilão.

Quarta feira 29. Pela menhã fuy à Madre de Deos onde ouvy missa e comunguey, e supposto que me achey muito maltratado; as-

¹⁶⁵ Acompanhara o vice-rei na viagem de Lisboa a Goa.

siney à tarde varias ordens e noventa e duas cartas para Ceilão, Jafanapatão, Manar, San Thome, Cochim, Coulão, Cananor e Carganor; entrou para dentro a armada dos Periches, que consta de nove embarcações; à noite estive com o Secretario do Estado tratando negocios da fazenda e governo. //

- [fl. 43] Quinta feira 30. Pela manhã me vierão dizer que ontem à noite havião morto em Chorão hum fidalgo por nomem Francisco Carneiro Mascarenhas, sobre¹⁶⁶ do Conde da ilha do Principe, o qual sendo morador nesta cidade dizem passou à outra banda com tenção de mandar acutillar hum criado que havia sido seu, por ciumes que havia tido de ter amores com huma negra sua; e mandando o chamar a huma casa, de noite lhe mandou dar por hum cafre humas cutiladas, achandosse elle presente, de que rezultou dar lhe o ferido huma estocada pello coração da qual morreo logo; avizey ao Ouvidor geral do Crime que estava tirando huma devassa para aquella [parte]? largasse tudo, e a fosse tirar deste cazo; e porque soube que havião trazido o morto para sua caza, mandey chamar o Ouvidor geral do Civil para que fosse fazer exame das feridas; e porque me disse que o matador se havia acolhido esta manhã ao Hospital del Rey com algumas feridas, enformando me do dito Ouvidor geral, estilo que uzava a justiça em cazos semelhantes, me disse que emquanto se não averiguava o cazo se costumava prender o delinquente tirando da igreja, e depois de¹⁶⁷ julgava a imonidade; ordeney lhe que o fosse tirar, tendo todo o bom termo com o Padre da Companhia que aly assiste aos enfermos, o qual lhe requereo que o não tirasse por estar na igreja, e sem embargo disso o tirou dizendo lhe se lhe diferia na cadeia como era estilo, entendendo se ser o cazo de lhe valer a igreja. Ouy missa, e dey audiencia a muitas partes, e despachey petições, e assiney as vias que vão para Ceilão; e está isto tão falto de homens que não se achou para pôr nellas mais que hum Antonio de Amaral que está governando o reino [...] ¹⁶⁸ e outro por nomem [...] ¹⁶⁹ que hé morador em Columbo, que hé muito velho; serrarão se as cartas para Ceilão, Negapatão, Janapatão digo Jafanapatão, // San Thome, Chaul, Baçaim, Onor, Caranganor¹⁷⁰, e para outras fortalezas mais; escrevy também para Cochim; à tarde dey audiencia a partes e a
- [fl. 44]

¹⁶⁶ Será «sobrinho»?

¹⁶⁷ Será «se»?

¹⁶⁸ Espaço em branco, não indicando o nome.

¹⁶⁹ Espaço em branco, não indicando também o nome.

¹⁷⁰ Leia-se «Cranganor».

alguns fidalgos, e deu se o regimento a Manoel Salgado Capitão mor que vay para Ceilão com o socorro, e outra ordem de fora muy apertada para não deixar dezemcaminhar a canela que se embarcar em que há mil desemcaminhos, e para o vigiar nos portos que vem tomando; mandey hum ajudante por me parecer esperto para isso, escrevendo também a Antonio de Souza Coutinho; tive avizo do Capitão da fortaleza de Agoada, que entrara para a barra a armada do Canará; à noite estive com o Secretario do Estado, e com o Vedor da Fazenda conferindo sobre materias tocantes a ella, e dey lhe por ordem mandasse aparelhar seis navios da armada dos Periches para sahirem com o socorro de Ceilão.

Outubro

[fl. 44v] Sesta feira o primeiro de Outubro. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia a partes; tive huma carta do Capitão mor da armada do Canará em que me diz que despois que sahira para fora avista[ra] na barra de Vengurla, que hé sitio adonde os olandezes tem huma feitoria oito legoas desta cidade, e que vira dentro hum pataxo, e mandando buscar huma pessoa delle para dar rezão de donde era não erão dentro mais que hum negro de quem soubera que era dos mouros de Cochim, e que estava descarregado; mandou lhe o mouro que governava aquelle lugar offerecer refresco dizendo lhe que el Rey Idalxa de quem // aquelle lugar era tinha pazes comnosco, e assim que esperava elle que se não fizesse nenhum damno ao navio que estava no seu porto; e assim por esta rezão como por ser o navio de vassalos del Rey de Cochim, se lhe não fez nenhum agravo, e que entrara para esta barra a armada, a respeito de lhe adoecerem soldados, e alguns dos navios necessitarem de conserto, ordeney ao Vedor da Fazenda lhe mandasse acudir logo aos consertos como fez. Tive noticia de hum cazo para chorarmos todos que aconteceu há seis annos em Cochim, e foy que estando hum homem servindo de [...] ¹⁷¹ em huma freguezia o atentou o demonio abrir o sacrario onde estava o Santissimo Sacramento e vazando as particulas que estavam no vazo no altar, fugio com elle para a terra dos mouros, onde se prendeo, e sendo lá sentenciado pello Ouvidor em que lhe cortassem as mãos ao pé do pe-lourinho, e morresse enforcado, e o fizessem em quartos, e lhe puzessem a cabeça defronte da porta da igreja donde cometeo o delicto, apelou o dito Ouvidor da sentença para esta Relação na qual vendo se

¹⁷¹ Espaço em branco.

o negocio [...] ¹⁷² à tarde despachey muitas petiçoens e ouvy a algumas partes; faley com o Vedor da Fazenda sobre se ajustarem couzas para o socorro de Ceilão que está com o favor de Deos para partir amenhã; e depois disso tive Conselho do Estado em que se vio huma carta que tive do embaxador do Idalcão de cumprimentos, mas não acaba de concluir as pazes, e o peor hé que quando esta seja acho que estes mouros não guardão palavra quando nos podem fazer damno, e que estes dous annos atrás passados intentou este mouro ajuda dos olandezes contra nós como fica dito atrás; e estas dilaçoens entendo vem a parar em ver se isto tem effeito ¹⁷³; depois estive com o Secretario do Estado, e assiney alguns papeis.

[fl. 45] Sabbado 2. Pella menhã cedo por me achar muito maltratado me não atrevy a hir à barra assitir a ver fazer alardo // da gente que vay para Ceilão; escrevy a[o] Vedor da Fazenda o fizesse, e deitasse fora os navios que já estavam na barra, que consta, e o socorro do seguinte:

- It. Dez mil xerafins ¹⁷⁴ em dinheiro moeda desta cidade.
- It. Sincoenta barris de seis almudes ¹⁷⁵ de arros do Reino.
- It. Vinte e sinco candis ¹⁷⁶ de trigo por cem saccos.
- It. Vinte e dous quartos de carne de vacca do Reino.
- It. Vinte e hum quartos e hum barril de seis almudes de porco do Reino.
- It. Dez quartos de bacalháo

¹⁷² Espaço em branco para três ou quatro palavras.

¹⁷³ Houve de facto, a 1 de Outubro, uma reunião do Conselho de Estado sobre a carta que Melique Acute escreveu ao vice-rei, na qual pedira uma resposta portuguesa à de Muhammad 'Âdil Shâh, que era só uma missiva de saudação e apresentação do enviado. Todos os conselheiros viram no pedido uma manobra dilatória, tanto mais que a sondagem efectuada pelo padre Gonçalo Martins, em Setembro, não surtira qualquer effeito. O vice-rei acabou por endurecer o tom da resposta ao embaixador, salientando que a carta do Idalxá era só de apresentação e que tratava da entrega do tratado de paz, pelo que pediu que voltasse a Goa a fim de cumprir a missão que lhe tinha sido incumbida pelo seu soberano, tanto mais que debelara o levantamento de Nagogy, um dessai rebelde. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 198, pp. 394-395. Contudo, num ponto, no nome do «rnouro» que causara problemas em 1653 e 1654, o vice-rei estava errado. Tinha sido Abdulá Aquim quem cheficara pessoalmente a guerra entre Bijapur e o Estado da Índia, pese o facto de Melique Acute ter desempenhado um papel importante nas maquinações na corte do Idalxá durante todo esse período.

¹⁷⁴ Cada xerafim correspondia a 300 réis.

¹⁷⁵ Cada almude corresponde a 12 canadas e a cerca de 20 litros.

¹⁷⁶ O candel de trigo de Goa equivale a 245 litros. Cf. António Nunes, «O livro dos pesos da Yndia, e assy medidas e moedas», in Rodrigo José de Lima Felner, *Subsídios para a História da Índia Portuguesa*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1868, p. 58.

- It. Tres mil, cento e sincoenta peixes pao¹⁷⁷.
- It. Cento quarenta e oito candis de arros pretto¹⁷⁸.
- It. Dezaoito candis e sinco mãos de arros branco.
- It. Seiscentos pelouros¹⁷⁹ de ferro, quatrocentos e sincoenta de quatro libras, da receita do almoxarife Francisco Teixeira Leitão e os cento e sincoenta do cabedal da receita do feitor Manoel Fernandez da Costa, de dez, doze, e dezaseis libras;
- It. Dezaseis pastas de chumbo¹⁸⁰ por trinta e sete quintaes, tres aroubas e vinte e quatro arates.
- It. Quatro quintaes de pedra ume¹⁸¹ por quatro fardos.
- It. Cem barris de polvora de dous almudes cada hum.
- It. Duzentos arcabuzes.
- It. Duzentas bolças com suas cargas e polvorinhos¹⁸².
- It. Quantidade de biscouto.

Tudo repartido nas quatro galiotas pella maneira seguinte:

*O que vay na galiota del Rey
de que vay por Capitão e Piloto João Carvallio
e por Mestre Domingos Martins*

- It. Sinco mil xerafins em dinheiro e em tangas entregue ao Capitão e piloto João Carvalho.
- It. Secenta e sete candis de arros preto. //
- [fl. 45v] It. Nove candis de trigo por trinta e seis saccos.
- It. Quantidade de biscouto.
- It. Mil e secenta peixes páos.
- It. Duzentas e sincoenta balas, a saber: duzentas de quatro libras, e sincoenta de dez, doze, e dezaseis libras.
- It. Oito pastas de chumbo.
- It. Quatro fardos de pedra ume por quatro quintaes.
- It. Corenta barris de polvora.

¹⁷⁷ Nome vulgar dos peixes do género *Callionymus lyra* Lin., também conhecidos por aranha, peixe-aranha, peixe-pimenta, saguncho, taíinha magra, facão, etc. Cf. A. Morais *Dicionário...*, s.v.

¹⁷⁸ Arroz com casca, vulgarmente designado de «bate». O candil de arroz de Goa equivale a 245 litros e pesa 240,50 360 kgs. Cf. nota supra.

¹⁷⁹ Bala utilizada em algumas peças de artilharia.

¹⁸⁰ Usada no fabrico de balas.

¹⁸¹ Sulfato de alumina e potassa. Cf. A. Morais Silva, *Dicionário...*, s.v.

¹⁸² Recipiente onde se transportava a pólvora para escorvar as peças de fogo.

- It. Secenta arcabuzes.
- It. Secenta bolças com suas cargas e polvorinhos.

O que vay na galiota de Francisco Fernandes Sicio (sic)

- It. Sinco mil xerafins em dinheiro, em tangas.
- It. Oito candis de trigo por trinta e dous saccos.
- It. Dezaioito barris de seis almudes.
- It. Oito quartos de vacca.
- It. Sette quartos e hum barril de seis almudes de porco do Reino.
- It. Tres quartos de bacalhao.
- It. Cantidade de biscouto.
- It. Cento e setenta e sinco balas, a saber: cento vinte e sinco de quatro libras, e sincoenta de dez, doze, e dezaseis libras.
- It. Quatro pastas de chumbo.
- It. Vinte e sinco barris de polvora.
- It. Sincoenta bolças com suas cargas e polvorinhos.
- It. Dous caxoens de pelouros de chumbo.
- It. Vinte e sinco murroens¹⁸³.

O que vay na galiota de Manoel Cardozo de Figaredo, Paschoal de Menezes, Capitão della Francisco Barreto //

[fl. 46]

- It. Corenta e seis candins de arros preto.
- It. Tres candins e sinco mãos de arros branco.
- It. Oito candins de trigo por trinta e dous saccos.
- It. Cantidade de biscouto.
- It. Dezaseis barris de arros do Reino de seis almudes cada hum.
- It. Sette quartos de carne de porco do Reino.
- It. Quatro quartos de bacalhao.
- It. Mil e oito peixes páo.
- It. Cento e setenta e sinco ballas de ferro, a saber: cento e vinte e sinco de quatro libras, e sincoenta de dez, doze, e dezaseis libras.
- It. Quatro pastas de chumbo.
- It. Sincoenta arcabuzes.
- It. Sincoenta bolças com suas cargas e polvarinhos¹⁸⁴.
- It. Vinte e sinco murroins.

¹⁸³ Morrões: pedaços de corda desfiados na extremidade, e embebidos em qualquer matéria inflamável, com que antigamente se deitava fogo aos canhões, arcabuzes, etc.

¹⁸⁴ O mesmo que «polvorinhos».

*O que vay na galiota de Matheus de Souza,
de que hé Capitão Antonio de Souza.*

- It. Trinta e sinco candins de arros pretto.
- It. Quinze candins de arros branco.
- It. Dezaseis barris de arros do Reino de seis almudes.
- It. Cantidadade de biscouto.
- It. Sette quartos de carne do porco do Reino.
- It. Tres quartos de bacalhao.
- It. Corenta arcabuzes.
- It. Corenta bolças com suas cargas e polvarinhos.
- It. Dez barris de polvora de dous almudes cada hum.
- It. Vinte e sinco murroens.
- It. Dous caixoens de pelouros de chumbo.
- It. Duzentos e hum soldados repartidos pelas ditas embarçaõens.

[fl. 46v] Este socorro foy o maior que pode ser a respeito do tempo, e partito em muito acomodado; queira Deos levá lo a salvamento. Ouvy // missa e despachey algumas petiçoens, estive com o Secretario do Estado tratando alguns negocios; pelo meyo dia entrou hum pataxo do Sind¹⁸⁵, e no mesmo tempo tive hum carta do Capitão da fortaleza de Agoada, em que me faz avizo da chegada do mesmo pataxo, e de que ontem se ouvirão daquella fortaleza algumas bombardadas para a parte do Norte, que se entendia poderem ser algumas naos flamengas que entrarião em Vingurla, feitoria dos olandezes, adonde mandara hum naique disfarçado para saber se hé assim; à tarde despachey petiçoens, e dey audiencia a partes, e fiz Conselho da Fazenda para fazer andar em pregão as rendas do Estado, e se arematarão algumas com melhora, posto que pouca pelo estado em que está tudo; despois que sahy do Conselho tive avizo de hum gentio que vive da outra banda com os mouros, que está tido por confidente nosso há tempos, que os olandezes esperavão naos suas para se virem pôr nesta barra, e o peor hé que assim for que tenho noticias também que el Rey Idalxa há dous annos que solicita com elles o mesmo para citiarem esta ilha por mar e terra, e já o Conde de Obidos¹⁸⁶ quando se foy daquy tinha estas noticias, e eu lhe ouvuy em Lisboa, e havendo perto de corenta dias que estou neste governo me acho sem nenhum arros, muito pouca polvora, poucos soldados, nenhuma cavalaria, e as ilhas de Salcete e Bardes que

¹⁸⁵ O Sind, uma região no delta do rio Indo, a 25° N e 68° E no actual Paquistão.

¹⁸⁶ D. Vasco Mascarenhas, vice-rei e governador do Estado da Índia (1652-1653).

[fl. 47] são as por onde entrão os mouros digo por onde entrarão os mouros o anno passado, sem fortificação nenhuma; porem com morrer com a espada na mão cumprirey com a minha obrigação; logo que tive este avizo mandey hum homem disfarçado a Vingula donde escreverão estas novas, a saber: que pratica se achava aly destas naos que esperão, e se havião algumas surtas; e da mesma maneira se escreveo ao mesmo gentio confidente que avizasse de tudo o que pudesse alcançar; à noite estive com o Secretario do Estado e Vedor da Fazenda, conferindo sobre a armada // grande que há de hir a Cambaya¹⁸⁷ a buscar as roupas para as naos, e que há de hir para o cabo de Comorim¹⁸⁸ esperar a canella; e para todos estes aprestos não há hum só real.

Domingo 3. Pela manhã ouvy missa e dey audiencia a partes, e depois estive com o Secretario do Estado despachando alguns papeis; à tarde esteve comigo o Patriarcha de Ethiopia, e depois alguns religiosos; tive avizo do Capitão da fortaleza de Agoada que havião partido as quatro galiotas que levão o socorro a Ceilão, com as quaes forão seis navios da armada do Canará athe lançá lá fora, que já ti-nhão voltado; também o tive de que havião chegado a Vingurla hum pataxo e tres galiotas de mouros que vierão de Ormus¹⁸⁹ a vender mercadorias; tenho me mandar informar por diferentes vias das novas que aly correm; à noite estive com o Vedor da Fazenda e Secretario do Estado, tratando do apresto das naos que han de hir para o Reino, que athé agora não se sabe as que serão em rezão da canela que se espera de Ceilão, que há dous annos que não vem, assim em rezão das guerras, como de que os Capitaens gerais a respeito da falta de pagamento dos soldados a vendem.

Segunda feira 4. Pela manhã dia de Sam Francisco, fuy a sua casa adonde ouvy missa e pregação, e depois de me rocolher¹⁹⁰ ao meyo dia ainda dey audiencia a algumas partes; à tarde despachey muitas petiçoens, e ouvy partes, e dey audiencia; à noite estive com o Vedor da Fazenda; tive avizo por huma pessoa que mandey a Vingurla, que corria entre elles que esperavão treze naos de Sacatora¹⁹¹ que vinhão pôr sobre esta barra. //

¹⁸⁷ Porto e centro têxtil no Guzerate a 22° 19' N e 72° 38' E.

¹⁸⁸ O extremo meridional da Índia a 8° 04' N e 77° 36' E.

¹⁸⁹ O vice-rei queria dizer do estreito de Ormuz e, mais precisamente, de Bandar 'Abbas, a antiga Comorão, a 27° 12' N 56° 15' E.

¹⁹⁰ Entenda-se «recolher».

¹⁹¹ Ilha no Índico, junto à costa sul da península arábica, a 12° 40' N e 54° 00' E. As naus eram, obviamente, da V.O.C. que teriam ido comerciar aos portos do mar Roxo.

[fl. 47v] Terça feira 5. Pella menhá ouvy missa, e dey audiencia a muitas partes, e despachey algumas petiçãoens, e à tarde fiz o mesmo; estive com o Secretario do Estado e Vedor da Fazenda assistindo a ver pezar as patacas dos cabedaes.

Quarta feira 6. Pella menhá ouvy missa e dey audiencia a partes; fuy à Ribeira apressar a armada dos Periches que está para partir [a] acompanhar a cafilla que há de vir de Cambaya, e há de trazer as roupas para as naos, e para poder sahir há de fazer de gastos mais de dez mil xerafins, não havendo nenhum dinheiro para isso; à tarde mandey chamar os guzarates, que são huns gentios que tratão em mandar vir estas roupas, e com grande trabalho lhe pude tirar seis mil xerafins de emprestimo, e o que falta não sey de donde há de vir; faley a algumas pessoas, e depois tive Conselho do Estado sobre huma carta que hum homem portuguez escrevia de Surrate ao governo pasçado feita em vinte e quatro de Agosto, em que me diz se ouvia aly praticar que os inimigos de Europa esperavão poder grande para este anno virem pôr serco à fortaleza de Dio; disse se no Concelho¹⁹² que todos os annos costumava haver semelhantes avizos. Respondy que não era isso bastante para se haver de desprezar este; assentou se que a armada do Norte que está para hir a aquella costa pasçasse pella dita fortaleza, e lhe levasse algum socorro de polvora e muniçoens, advertindo a que estivessem com todo o cuidado¹⁹³; e para nenhuma destas couzas há hum só vintem, sendo tam grandes; acuda Deos a este Estado pella sua Divina Misericordia.

[fl. 48] Quinta feira 7. Pela menhá ouvy missa e dey audiencia a muitas partes, e despachey petiçãoens; à tarde faley a alguns fidalgos, e frades, e outras partes. Entrarão treze parangues de arros da costa do Canará; à noite estive com o Vedor da // Fazenda tratando negocios tocantes a ella, e com o Secretario do Estado vendo cartas que se me escrevem de Chaul, em que pedem socorros, e de Baçaim, que também ficava quazy para se romper guerra da parte dos mouros que tinham mandado que não se segase o bate¹⁹⁴ das nossas mesmas aldeas.

Sesta feira 8. Pella menhá ouvy missa e dey audiencia a partes; chamey o Secretario do Estado com quem despachey petiçãoens athé

¹⁹² Entenda-se «Conselho de Estado».

¹⁹³ Nada disso transpareceu no assento do Conselho, onde se discutiu, unicamente, a questão do abastecimento de mantimentos a Goa a partir dos portos do Canará. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 199, pp. 395-397.

¹⁹⁴ Bate: arroz em casca. Do concani-marata, *bhat*.

depois de meyo dia; à tarde ouvy partes athé às quatro, que entrey a fazer Conselho do Estado, onde se tratou sobre a entrada dos parangues do arros que vierão ontem da costa do Canará se havião descarregar, ou não, ou tomarem se por perdidos; resolveosse que visto entrarem aquy há dous annos sem se lhe impedir, e vierem naquella fé não devião ser perdidos¹⁹⁵, e também que o Norte não era capaz de dar a este pouvo o que lhe era necessario, e era certo padecer se fome he haver carestia na terra, em tempo que estavamos de por meyo com a guerra del Rey Idalxa aquy à porta, e o socorro de Ceilão ameaçado, da serca à fortaleza de Dio, que se devia dissimular hindo receber o arros que trouxeem, mas comtudo não se lhe concedera licença sem embargo do exemplo que se alegou; estando no mesmo Conselho mandou pedir licença o Padre Gonçalo Martins, religioso da Companhia, para entrar com hum negocio do serviço de Sua Magestade, o qual era mostrar huma carta que teve de hum lapidario, que vive em Surrate, que conthem haver aly noticias que os inimigos da Europa tratão de hir sobre a fortaleza de Dio, por meyo de hum portugues que se tem hido para elles que lhe facilita a empreza¹⁹⁶; com este avizo e outro que já tive, detremino mandar lhe algum socorro de polvora e muniçoens, supposto que está tudo tão atenuado que não sey de donde // há de sahir.

[fl. 48v]

Sabbado 9. Pella menhã ouvy missa, e dey audiencia a partes, e despachey algumas petiçoens, e assiney cartas para o Rey¹⁹⁷ e Rainha de Cochim¹⁹⁸, e outras mais para as fortalezas do Norte; à tarde estive na Meza do Dezembargo com os ministros delle, em que despachey papeis e petiçoens, e à noite tive Conselho do Estado em rezão das armadas que han de sahir a buscar a cafila de Cambaya, e a cabo de Comorim buscar a canela que há de vir de Ceilão, necessarias ambas as couzas para poderem as naos hir ao Reino. Assentou se que visto estar eistinta a do cabo do Comorim há annos, pello Estado a não poder sustentar, que fosse a da Coleta, que hoje chamão a do Canará, ao cabo do Comorim, e as¹⁹⁹ dos Periches com duas galiotas mais a dar guarda à cafila de Cambaya, por não se achar ainda aquy a armada do

¹⁹⁵ Primeiro chegaram dois parangues canarins a 6 de Outubro e, como não foram apresados, passado um dia aportaram mais doze embarcações. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 200, pp. 397-398.

¹⁹⁶ O assunto não foi registado no assento do Conselho de Estado. Cf. nota supra.

¹⁹⁷ Rama Varma (r. 1650-1656).

¹⁹⁸ Talvez seja a Rani Gangadhara Maha Lakshmi.

¹⁹⁹ Entenda-se «a».

Norte, por haver invernado em Baçaim, para onde Dom Manoel Mascarenhas tem partido há dias para vir com ella²⁰⁰.

Domingo 10. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia a partes, e à tarde despachey petiçãoens, e faley a fidalgos, e alguns frades, e à noite estive com o Secretario do Estado tratando algumas materias tocantes ao governo e fazenda.

[fl. 49] Segunda feira 11. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e fuy à Ribeira apressar a armada que há de hir buscar a cafila, e depois de vir // para casa dey audiencia a algumas pessoas, e despachey petiçãoens; à tarde estive no Conselho da Fazenda vendo andar em pregão algumas rendas, e nelle despachey muitas petiçãoens e mandados de dinheiro.

[fl. 49v] Terça feira 12. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e fuy à Rellação onde [se] tratou sobre a devaça e successo dos galioens, e se anulou por falta da jurisdição de quem o mandou tirar, ficando varios testemunhos dos mortos e auzentes, revalidando se os outros testemunhos; também torney a lembrar puxassem pello cazo que aconteceo em Cochim, atrás referido, e não se acha noticia dos auttos, pello que se verá o descuido que cá há, pois sendo o caso tamanho tem passado seis annos sem se lhe aplicar o castigo; agora se passão precatorios para tornarem a vir cá os auttos; tive avizo de que se embarrancara²⁰¹ hum parangue de mouros nas nossas costas vindo fugindo aos malavares²⁰² em sabbado nove deste mez de Outubro, que trazia algum ferro, asso, sandalo, e alguns fardos de roupas, a que acudio Valentim Soares que hé o Capitão da fortaleza de Rachol, e recolheo o que poude, e alguns mouros que alcançou que vinhão nelle, não me fazendo avizo senão esta manhã que são doze; mandey logo lá o Juis dos feitos a devaçar do cazo, ordenando a Valentim Soares não sahisse de Goa athé a devassa se tirar; e mandey buscar os dous mouros para se saber que navio era, e de donde vinha, e que fazendas trazia; tive avizo de Salcete, donde está Dom Manoel Lobo da Silveira²⁰³, em que me diz que por avizos que teve da outra banda // se dizia se ajuntavão dezaseis mil homens para entrar nas terras de Bardes e Salcete; à tarde dey audiencia, e despachey petiçãoens, faley com

²⁰⁰ Não sobreviveu registo desse assento.

²⁰¹ «Encalhara».

²⁰² O mesmo que «malabares».

²⁰³ Filho do conde de Sarzedas.

o Vedor da Fazenda sobre a pressa que se havia de dar à sahida das armadas que han de hir para o cabo de Comorim e para Cambaya, e com o Secretario do Estado sobre materias do governo.

Quarta feira 13. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e despachey petiçãoens; tive huma carta de Pedro Pinto de Mello que hé Capitão mor da gente da guerra que está em Bardes, em que me diz que da outra banda se começava a fabricar hum forte na bocca do rio que entra por Chapora dentro²⁰⁴, a titulo de mesquita; mandey no mesmo ponto Dom Julianes de Noronha a ver este forte que se principia, para que sendo em parte que nos prejudique mandar arazar o que está feito; e desta prevenção que os mouros fazem me persuado não querem pazes comnosco, e lhe tenho feito as contas que se elles as querem fazendo primeiro o forte que hé o melhor defendendo lho²⁰⁵, à tarde despachey petiçãoens, e ouvvy algumas partes; faley com o Secretario do Estado sobre algumas couzas do governo, e em particular sobre os regimentos das armadas que estão para sahir; tive avizo que havião vindo novas de Vingurla, que havião chegado à costa de Choromandel vinte naos de olandezes.

[fl. 50] Quinta feira 14. Pella // manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e à tarde fiz o mesmo, e despachey petiçãoens, e faley a alguns fidalgos e frades, e depois estive no Conselho da Fazenda, e arematou se nella a venda de Baçaim²⁰⁶, que andava em vinte e sete mil xerafins, e sobia a trinta mil e setecentos, muito à custa do meu trabalho; e despacharão se nelle algumas petiçãoens, e tratarão se negocios tocantes à Fazenda; à noite estive com o Vedor della e Secretario do Estado, sobre os que tocão ao governo, e despachey algumas petiçãoens.

²⁰⁴ Trata-se do rio Colvalle que desagua a 15° 37' N e 73° 48' E, entre Bardes e Perném.

²⁰⁵ O aviso escrito por Pedro Pinto de Melo, recebido pelo vice-rei a 12 de Outubro, referira-se às obras que o dessai de Perném, Quessoa Naique (Quessoa Nayak), fazia na margem oposta do rio Colvalle, defronte da igreja da referida povoação no lado português. A informação mencionara que o edifício, uma mesquita ao que se dizia, era construída por ordem de Melique Acute. O conde de Sarzedas enviou, a fim de apurar a verdade, D. Gil Eanes de Noronha, por ser o conselheiro mais antigo, para ver a obra *in loco* e pedir a opinião a Pedro Pinto de Melo. O conselheiro partiu no dia 13 de Outubro e voltou a 15 pela manhã, a fim de apresentar o seu relatório ao vice-rei no Conselho do Estado. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 201, pp. 399-400.

²⁰⁶ Presumimos tratar-se das rendas de Baçaim.

[fl. 50v]

Sesta feira 15. Pela manhã dia de Santa Thereza, fui a casa dos Carmelitas Descalssos onde me confessey e comunguey, e estive ao sermão; à tarde dey audiencia e ouvy partes; à noite estive em Conselho do Estado que se fez sobre o modo com que nos devíamos haver com o baluarte que os mouros intentavão, porque as pessoas que lá mandey²⁰⁷ me trouxerão informação que se fazia dentro de humas muralhas velhas em que os mouros tiverão já dous baluartes e delles deixarão cahir hum, e agora tinhão aberto humas sarjas²⁰⁸ para começarem outra obra que se não sabe ainda se hé baluarte, se mesquita, como elles dizem; assentou se que primeiro que se fizesse nenhuma demonstração, se devia ver primeiro que obra era a que se fazia, e que neste cazo se trataria do que mais convinha²⁰⁹; tive avizo que os mouros com hum Capitão do Idalcão²¹⁰, que está nestes contornos, de quem elle se fia muito, hia // fazendo gente a titulo de entrar pellas terras de Salcete e Bardes com dezaseis mil homens; e da mesma maneira tinhão dez legoas daquy oitocentos cavalos, e que esperavão hum socorro grande de naos de Olanda para se porem nesta barra, e cercarem esta ilha por mar e terra, e já o anno passado lhes faltarão os olandezes com o dito socorro porque também o tinhão tratado; queira Deos que assim seja este.

Sabbado 16. Pela manhã ouvy missa e dey audiencia, e despachey petiçãoens; apliquey as armadas que estão para sahir, e não acabão de concluir os mercadores a venda do marfim, e outras couzas, sendo que se tinha apregoado que havião de sahir a dar lhes escolta

²⁰⁷ D. Gil Eanes de Noronha.

²⁰⁸ Aberturas no solo.

²⁰⁹ O relatório que D. Gil Eanes de Noronha apresentou ao Conselho do Estado foi bem mais parco que o registo do vice-rei. O conselheiro referiu-se, efectivamente, às obras que vira de longe e à informação que lhe fora transmitida por Pedro Pinto de Melo, corroborada pelo relator, sem nunca precisar a sua natureza e extensão, tanto mais que elas decorriam dentro do perímetro muralhado, pelo que ambos não puderam descortinar o seu desenho. Contudo, por elementar prudência, D. Gil Eanes e Pedro de Melo acharam conveniente instalar guardas na fronteira para impedir a ida de trabalhadores de Bardes para trabalhar no «forte», para além de enviar espias, cujo objectivo seria descobrir o verdadeiro propósito das obras. Cf. Panduronga S. S. Pis-surlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 201, p. 399. O Conselho deliberou, por sugestão do vice-rei, que se escrevesse a Melique Acute e, consoante a sua resposta, o Estado reagiria de acordo com os seus interesses e forças disponíveis.

²¹⁰ Talvez o vice-rei aludisse a Abdulá Aquim, o capitão que invadira Salsete e Bardes em 1653-1654, pese o facto de, face às informações fornecidas anteriormente pelo padre António Botelho, o conde de Sarzedas fosse levado a pensar que se tratava de Rustam-i-Zamân.

em quinze deste mez, mas espero que sahirão athé dezaoito; à tarde dey audiencia a alguns fidalgos, e à noite estive com o Secretario do Estado ajustando como se havião de emcaminhar as cartas que vão para o Reino por terra, dirigidas ao feitor Duarte da Costa, que está no Congo²¹¹; tive carta de Chaul; mandey à Cidade, Inquizição, Relação, Provinciaes da Companhia, Santo Augustinho, Sam Domingos a proposta seguinte: para que me dêem seu parecer se us²¹² apertos em que este Estado está são aquelles em que me dispoem o direito e os doutores que licitamente se possa deitar algum tributo ou imposição, para com seu parecer tratar se por algum meyo pode[r] ter algum remedio o miseravel estado em que isto está, sendo que nunca o pudera haver se de Lisboa se não acudir e socorrer com muito dinheiro, gente e navios.//

[fl. 51]

Copia da proposta que assima se faz mençam

Os ministros da Relação com toda attenção, cuidado e zelo do serviço de Sua Magestade conformando se com o direito e mais autores que tratão dos cazos em que licitamente se podem pôr imposições e tributos, me digão se o são o termos guerra continua com os inimigos da Europa em Ceilão, de que depende a conservação deste Estado, e a que nos pode vir fazer a esta barra, a que temos com o Canará, para o que necessitamos de huma armada, e assim o obrigar a paz conveniente, para com isso se franquear o mantimento, necessitando igualmente de outra para o Estreito, sendo também precizamente necessario a vela de galioens para segurarmos os nossos mares e comercio, porque de falta della se tem visto as miserias e trabalhos em que tudo está; e estar outrosy em aberto a guerra del Rey Idalxa, em que athé agora não está asentado paz, e pella inconstancia e pouca verdade dos mouros se não pode nunca ter por certa; e porque antes que me resolvesse a mandar esta ordem examiney com todo o cuidado o estado do rendimento das rendas reaes e despezas que tem, e me constarem serem mayores que a receita, ficando de fora as grandes que se fazem nos prezidios que não tem outra parte de donde sayão, senão à custa dos quarteis que são também merecidos, e não ser justo, nem rezão, que sendo a cauza commua e geral deixe de tocar a

²¹¹ Congo, Bandar Kung, porto persa a 26° 35' N e 54° 56' E, onde os portugueses tinham uma feitoria desde 1635 e recebiam metade das receitas alfandegárias.

²¹² Entenda-se «os».

[fl. 51v] todos; alegando para isto o exemplo que está passando o Reino, que além das sizas que se pagão por razão das guerras que temos com Castella, paga todo o Reino geralmente decima, e a nobreza quintos dos bens da Coroa, e ordens, e se pagão mais seis rés de real // de agoa, no vinho e na carne, havendo se lançado mais tributos no sal, azeite e outras couzas que tem sido o meyo de nossa conservação, e entender se que não há outro caminho para ella na Índia, senão este, e segundo o estado das couzas poder damnar a dilação de se não tratar do remedio, emcommendo muito a esse tribunal me diga seu parecer na materia. Goa 14 de Outubro de seiscentos sincoenta e sinco.

Domingo 17. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia a partes, e à tarde faley a fidalgos, e despachey muitas petiçãoens, e assiney algumas cartas, e à noite estive com o Secretario do Estado tratando algumas materias tocantes ao governo.

[fl. 52] Segunda feira 18. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes; tive avizo que em Ponda, tres legoas daquy, onde assiste o Melique²¹³ Embaixador e valido do Idalcão, que se hia ajuntando muita gente de cavalo e infantaria, e posto que hé com o titulo de fazer guerra a humas fortalezas vizinhas daquy a huns levantados, também tenho avizos por diferentes partes que posto que o titulo seja este a tenção hé virem sobre as terras de Salcete e Bardes, e que esperão por armada de Olanda para os ajudar vindo se pôr sobre esta barra; queira Deos frustar lhe estes intentos por Sua Misericordia, porque posto que aplico as diligencias que posso pera lhe debater; // estas terras de Salcete e Bardes são abertas, e não temos cavaleria nenhuma, e infantaria pouca para repartir para tantas partes, mas Deos sobretudo; avizei aos capitaens mores de Bardes e Salcete estivessem com todo o cuidado deitando espias ao largo, procurando saber todos os dezenhos dos mouros para me fazerem avizo; à tarde veyo hum enviado do Embaixador do Idalcão com huma carta del Rey Idalxa²¹⁴ (cuja copia vay abaixo e a minha reposta) de cumprimentos, a qual hé a segunda que tive sua sem haver respondido athé agora à primeira por razão de conter as pazes que se vinhão confirmar as pazes²¹⁵ cujo negocio remetia ao seu Embaixador, o qual athé agora o não tem feito, e por estar esperando a tivesse lha tinha dilatado; tive também carta do mesmo Embaixador em que me pede quinhentos soldados de

²¹³ Malik Yâqût.

²¹⁴ Muhammad 'Âdil Shâh.

²¹⁵ Presumimos que as palavras «as pazes», estejam repetidas.

socorro e cantidade de polvora e balas, que diz me pagaria; e como isto que pede hé impossível dar se, me parece occasião de quererem tomar esta para rompimento; à noite estive com o Secretario do Estado tratando sobre algumas couzas tocantes ao governo e hida das armadas.

Treslado da propia carta del Rey Idalxa

Ao assistente no alto Estado mando poderes e governo, e sustentador da paz e amizade, e advertido de avizos de todas as partes, escolhido na ley do Mexia²¹⁶ e lião do mar Conde de Sarzedas Vice Rey do Estado de Goa que sempre esteja com o seu Estado, e com boa-ventura, a quem escrevo esta, e fazendo por ella a saber.

[fl. 52v] Ao presente no tempo muy gostozo me escreveo o honrado nobre de minha confiança e da real prezença e merecedor // das minhas merçes reaes Melique Acutte²¹⁷, com que fiquey inteirado em como Vossa Excelencia hé de grande entendimento, e muy destro em todas as couzas, e de bom procedimento que poem os olhos a longe, e com a vinda de Vossa Excelencia sey certo que haverá grande augmento de amizade entre mym e el Rey de Portugal que tem a coroa de ouro, e a diferença que ovisse²¹⁸ por via de gente de mau procedimento ficará tudo de fora o que ouve no tempo atrás, e Vossa Excelencia faça da maneira que a amizade que há entre mim e el Rey de Portugal de coroa de ouro seja muy aventejada. E feita aos 16 do mez de Gilcaida²¹⁹ da era dos mouros de mil secenta e sinco, que por conta acho ser escrita em treze de Septembro de seiscentos sincoenta e sinco²²⁰,

Copia da carta do Embaxador que veyo com a del Rey Idalxa

Como tive a de Vossa Excelencia, tive vontade de receber com os olhos d'alma, como de feito²²¹ fiz com grande contentamento, e alegrey muito com as novas de sua perfeita saude, e juntamente o animo

²¹⁶ Leia-se «Messias».

²¹⁷ Malik Yâqût, o embaixador.

²¹⁸ Entenda-se «ouvesse».

²¹⁹ Dhû l-Qa'da, o undécimo mês do calendário muçulmano, tendo começado o ano da hégira de 1065 a 11 de Novembro de 1654.

²²⁰ De recordar que a anterior carta de Muhammad 'Âdil Shâh entregue ao conde de Sarzedas fora endereçada, inicialmente, ao governador D. Brás de Castro.

²²¹ Entenda-se «de facto».

com que tratava e mostrava particularidade de haver nos Estados boa paz, e reformation de amizade antiga, avizando me que seria melhor ter boa correspondencia e acrescentamento na dita amizade; espero em Deos que hé todo poderoso para fazer vir a lume tudo isto como Vossa Excelencia e eu dezejamos; crea me Vossa Excelencia que trato a minha força, a fazer que haja sempre acrescentamento, sem nunca haver falencia no puro união e irmandade que tem os Senhores Reys dos ambos Estados; crea me Vossa Excelencia que de minha parte nunca haverá falta para effeito de fazer como Nosso Senhor hé boa testemunha, e espero que o dito Senhor proveja no meu desejo. Amen.

[fl. 53] Tinha vontade de em pessoa hir entregar // sendo portador o formão²²² del Rey grandiozo e poderoso meu senhor, escreve a Vossa Excelencia, mas como esta ferida acompanhada das sezoens e frio me preçegue não pude asertar, e envio pelo Nane Agá²²³, que hé também criado do dito senhor a quem amo como irmão, com o qual informará Vossa Excelencia do que tenho manifestado à prezença real das partes e grande entendimento e prudencia que em Vossa Excelencia concorre, e por ella entenderá Vossa Excelencia com quam grande vontade dezejo reformar a amizade dos Estados, e com que coração dezejo dar gosto a Vossa Excelencia que em diante saberá certissimamente o meu dezejo.

Nagozi²²⁴ traidor ajuntado com o mao Abadula Haquimu²²⁵, armou treição em Cuculim ao senhor Dom Manoel Lobo²²⁶, e foy mao à nasção portugueza como hé notorio em geral a todos que terão a Vossa Excelencia informado, e terá noticia disso mas crea que falo muita verdade, e com o dito hodio e attentado à amizade que entre eu e a nasçam portugueza temos não descansey emquanto não cortej a cabeça do dito rebelde²²⁷, para em diante terem noticia os mais motinadores, e não verem aos vassalos das terras de Sua Magestade com mao intento.

²²² Decreto, carta real.

²²³ Nanny Âqâ/Agha, à letra «pequeno chefe», «capitão», era o enviado que transportou as cartas de Melique Acute para o vice-rei conde de Sarzedas.

²²⁴ Nagogi Nayaka Pratap Rau Sardessai de Pondá.

²²⁵ 'Abd Allâh Hakîm, o capitão das forças bijapuris que invadiram Salsete e Bardes em 1653 e 1654.

²²⁶ Entenda-se Manuel Lobo da Silveira, filho do conde de Sarzedas.

²²⁷ Depreende-se que o traidor decapitado seria Nagogi Nayak, dado que há notícias de 'Abd Allâh Hakîm em 1658.

[fl. 53v]

Quesoa Naique²²⁸ como traidor ajuntando com o dito mao Ha-quimu²²⁹ e Calu Sinay²³⁰ armou traição contra a dita nação portuguesa, e perseguiu as fortalezas da jurisdição das terras de Bardes dando lugar e ajuda aos dessais²³¹ e gancares²³² das ditas terras de Bardes, fez muitos delictos e como eu tratava com amizade a Nasção Portuguesa, só para // destruir a este rebelde pedy com toda a força a el Rey meu Senhor manifestando com muitas informaçoes tomei as ditas terras de Perná²³³ à minha conta, e logo como cheguei a ellas mandei proceder contra elle, e só o parbu²³⁴ que era leal, também dessai das ditas terras, assentei por meu afilhado, e por sua via preendi sete pessoas que hum delles logo mandei rastar amarrado ao pé do elefante, e os mais seis tenho deixado em fortaleza de Pondá, com grilhoens nos pés, só para dar gosto à Nasção Portuguesa; e como vira o dito Quesoa Naique e os mais de Bardes retirão das ditas terras e forão para de Curale²³⁵, e para evitar este damno tenho vontade de destruir e cortar a cabeça deste vilão; e para o effeito de fazer he necessario ajuda de Vossa Excelencia, pello que seja servido de mandar quinhentos espingardeiros com quatro candis de polvora, e pelouros necesarios, que para o gasto da gente darei mil e quinhentos xerafins, e o custo da polvora, e pelouros que entregarei à pessoa que por Vossa Excelencia for ordenado; parecia-me muito melhor rancarmos essa má arvore que hia crescendo emquanto não tomei raiz, pois era contra Coroa, e muito encontrado à Nasção Portuguesa; convinha tratarmos disso com toda a pressa e avizo a Vossa Excelencia para mais não haver lugar para pôr palavra sobre mim, porque só para acertar na amizade com que tratamos tenho feito este avizo offerecendo muitas couzas; e para certificação disso poderá Vossa Excelencia informar dos mais portugueses e Capitão das terras de Bardes que dará disso boa relação; e tenho avizado a Vossa Excelencia muy claramente descobrindo o meu defeito para só proceder contra o

²²⁸ Quesoa Nayak, dessai de Perném.

²²⁹ O já referido 'Abd Allâh Hakim.

²³⁰ Callu Sinai foi identificado, por Panduronga S. S. Pissurlencar, como o dessai de Corgão.

²³¹ Antigos chefes ou administradores de concelho ou de aldeia do Concão.

²³² Membro das comunidades de aldeia.

²³³ Entenda-se Perném, terras de Quesoa Nayak.

²³⁴ O parbu (do sânscrito *prabhu*, «amo», «senhor») era um dos dessais da região de Perném, sem que se vislumbre a sua identidade.

²³⁵ Curale é o porto de Terekhol, Tirakul, Tiracol, a norte de Goa, a 15° 43' N e 73° 44' E.

[fl. 54] rebelde, sobretudo Vossa Excelencia hé prudente attentando ao diante, trate logo de fazer o que digo e tras vontade de dar a isso a execução me avize com tempo para mandar o dinheiro, e tratar de cortar a cabeça deste traidor // para em diante terem todos noticia, e não uzarem de treição, e não virem com mao intento sobre as terras de Bardes; e também eu ficarey alvoroço hirey à prezença de Vossa Excelencia e asentaremos tudo na forma que Vossa Excelencia trata, para que fique Vossa Excelencia certo, porque tenho grande vontade de ajustar e não quebrar como a todos hé notorio; e crea Vossa Excelencia que sou seu leal amigo ao que Nosso Senhor hé boa testemunha, e como entendo que Vossa Excelencia hé pessoa de grande entendimento e prudencia, conciderado em tudo, nesta forma tenho avizado; espero que me haja reposta disso logo para mandar dinheiro e fazer o que convém, não offerecendo mais. Nosso Senhor guarde a pessoa de Vossa Excelencia como dezeja etc^a. Melique Acuty²³⁶.

Reposta da carta del Rey Idalxa

Com muy grande contentamento receby a carta de Vossa Alteza feita em treze de Septembro proximo enviada pelo honrado Melique Acuty da prezença de Vossa Alteza a quem rendo as devidas graças pella merçe que Vossa Alteza nella me faz em me significar o prazer que há tido de minha chegada a governar este Estado, onde Vossa Alteza me terá certo para o servir e dar lhe gosto em tudo o que me mandar.

[fl. 54v] El Rey meu Senhor foy servido mandar me governar este Estado e posto que dezeje escuzamente de viagem tão dilatada, não foy elle servido disso, a que me ouve de dispor seguindo a regra de que bons vassalos não há mais que obedecer; e quizera eu que quando aquy assistir conheça // Vossa Alteza de meu animo que dezejo muito agradar e servir a Vossa Alteza, e que vá sempre a paz e amizade em grande aumento, sem que haja occasião de outra couza, esperando de Vossa Alteza e de seus vassalos a mesma correspondencia, pois a vizinhança e liança²³⁷ de tantos annos pede seja assim, de mais que el Rey meu Senhor mo recommenda com grande affecto. Deos alumee a Vossa Alteza, em sua Divina Graça e com ella haja real prezença de Vossa Alteza em Sua guarda. Goa, vinte e dous de Outubro de seiscentos sincoenta e sinco. O Conde de Sarzedas.

²³⁶ Malik Yâqût.

²³⁷ O mesmo que «aliança».

Resposta da carta do Melique Acuty, Embaixador

[fl. 55]

Pello honrado Nani Hagá²³⁸ receby a carta de Sua Alteza el Rey Idalxa de que fiz muita estimação e das de Vossa Alteza, sentindo dizer me Vossa Senhoria que a ferida há sido cauza de sobreviverem sezoens porque quizera a Vossa Senhoria com muita saude, e como a doença hé procedida da cauza da mesma ferida, em breve a recuperarará Vossa Senhoria, e considero que o que Vossa Senhoria me significa do animo que o acompanha de dezejar perpetua paz e amizade será assim e também se deve Vossa Senhoria certificar que por minha parte e do Estado se não há de dar occasião ao contrario, assim pelo que Vossa Senhoria me escreve como pelo que me representou Nani Haga da parte de Vossa Senhoria; fiquey entendendo que o socorro que Vossa Senhoria me pede dos quinhentos homens e as mais couzas são para guerrear Quessoa Naique e outros dessais, a que eu concorrera de muy boa vontade se a tal guerra se continuara com algum rey muy poderoso inimigo del Rey Idalxa mas com dous vassallos seus tão humildes, entendo que não // convem a authoridade de Sua Alteza del Rey Idalxa ver se no mundo que hé necessario para elles, porque qualquer pequeno poder seu bastará para os reduzir e castigar, e se Vossa Senhoria tomará meu parecer não faltará nesta materia.

No tocante ao mais que Vossa Senhoria me escreve sobre Quenssoa Parabu, dessay de Perná, e socresto que se me fez na fazenda de Vittula Parabu²³⁹ tomarey as informações necessarias e responderey a Vossa Senhoria, mas hé necessario que Vossa Senhoria o faça tãobem; com effeito às tres mil vaccas que se tomarão aos moradores de Salcete da outra banda, que em confiança pagando os postos trazião lá em tempo de paz, e Sua Alteza tem reconhecido isto também, e as tem mandado entregar como Vossa Senhoria sabe, e se lhas forão tomadas e roubadas como Vossa Senhoria me diz, pois Vossa Senhoria governa agora esse Concão para o apurar e mandar fazer justiça. Deos alume a Vossa Senhoria em sua divina graça. Goa, 22 de Outubro de 655. O Conde.

Terça feira 19. Pela manhã tive duas cartas huma do Capitão da fortaleza de Agoada, em que me diz que tinha aly chegado a armada do Norte com a cafila e outra de Dom Manoel Mascarenhas, Capitão mor della; ouvvy missa e dey audiencia a partes, e depois fiz Conse-

²³⁸ Nanny Âqâ/Agha.

²³⁹ Vitula Parbu, talvez fosse um dos dessais de Perném.

[fl. 55v]

lho do Estado sobre a carta que tive del Rey Idalxa e do seu Embaixador, e se assentou nelle que não devia dar nenhum socorro do que me pedia por não estar em uzo, ainda que quando o tiveramos; deste mouro há se de fazer pouca confiança pelo trato e amizades que tem com os olandezes²⁴⁰; ordeney à armada do Norte que mandasse a cafila do arros, e que deixasse ficar na barra; à tarde tive Conselho da Fazenda sobre o apresto das naos do Reino; se vier canella de Ceilão dezejo que partão cedo; à noite // assiney muitas cartas que nesta occazião han de hir na armada que está para partir para Cambaya e cabo do Comorim e para todas as fortalezas do Norte e pa[ra] Cochim, a cujo Rey e Rainha escrevo esforcem mais o seu favor do que o tem feito athé agora no particular da chrandade de Caranganor²⁴¹, porque me escreve o Arcebispo²⁴² que hião tibiamente neste particular; respondo lhe emcomendando lhe muito o cuidado que deve ter de couza em que vay tanto; mando nesta occazião ao dito Rey de Cochim doze barris de polvora e seis quintaes de chumbo, por me pedir emvio [de] sincoenta barris de polvora [...] ²⁴³ e escrevo ao Capitão da dita fortaleza [...] ²⁴⁴ Sarmento estejam com todo o cuidado e prevenção em rezão dos avizos que tenho de que os olandezes que-rem aquella fortaleza; da mesma maneira mando de socorro ao reino de Negapatão, que está governando Andre de Amaral de Menezes, sincoenta soldados por elle me pedir alguma infantaria a respeito de ter avizos que os olandezes procurão infesta lo.

Quarta feira 20. Pela manhã dey audiencia a partes, e ouvy missa, e despachey algumas petiçoens, e assiney cartas para as fortalezas do Norte que han de hir na armada; ao meyo dia tive avizo do Capitão da fortaleza de Agoada que apparecia huma vela de gavea que se entendia seria o pataxo de Sacatorá; à tarde faley a alguns religiosos, e ouvy partes, e despachey petiçoens, e assiney cartas; à noite tive avizo do Capitão de Agoada em que me diz que o pataxo que hoje

²⁴⁰ No decurso do Conselho foi o conselheiro D. Gil Eanes de Noronha quem defendeu a neutralidade do Estado no conflito, tanto mais que, no passado, a Coroa portuguesa tinha sempre auxiliado os dessais das terras vizinhas de Goa a rebelar-se contra o Idalxá. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 202, pp. 400-401.

²⁴¹ A cristandade de Cranganor também era conhecida por «Cristandade da Serra» e por «cristãos de São Tomé».

²⁴² D. Francisco Garcia Mendes (1641-1659).

²⁴³ Espaço em branco para duas a três palavras.

²⁴⁴ O capitão de Cochim era Simão Gomes da Silva. O único Sarmento que nessa época era capitão era Inácio Sarmento de Carvalho, comandante da fortaleza de Diu.

[fl. 56]

apperecera ficava dado fundo debaixo daquella fortaleza, e que não era o que se tinha entendido, senão huma fragata que este anno partiria de Inglaterra; estive com o Secretario do Estado acabando de asinar algumas cartas que han de hir nas armadas a que detremino hir // amenhã, Deos querendo, ver fazer os alardos da gente do mar e soldados; tive huma carta da Cidade em que me pede deixe entrar aquy o arros do Canará, sendo que estamos em guerra com aquelle Rey²⁴⁵ por nos haver tomado quatro fortalezas²⁴⁶, estando prevenidas as couzas de maneira no Norte, que entendo não haverá falta nenhuma mayormente que se permitir isto não virá o dito Rey a partido conosco, e obrigo me mais a isto mandar elle agora aquy huma carta à Cidade, em que lhe pede que estejam os portos abertos, e escreve me hum mouro seu valido o mesmo na mesma occazião, do que se deixa ver dezeção elles paz mas para ser como commum a reputação das armas de Sua Magestade hé necessario que os partidos sejam como elles os não querem.

[fl. 56v]

Quinta feira 21. Me erguy ante menhã, ouvy missa e fuy à barra ha ver fazer os alardos das duas armadas que vão para Cambaya e cabo de Comorim, os ques se fizerão, e partio logo a que vay para Cambaya, e a do Cabo partirá amenhã Deos querendo; soube na barra que a fragata ingleza dera fundo diante do forte de Agoada, e que sem abater a bandeira que trazia de capitania ficara com ella no tope²⁴⁷ sendo o contrario do estilo que aquy se tem com as mesmas naos inglezas sendo mercantis, que hé não terem bandeira nos nossos portos; e porque o Capitão da Agoada lhe mandou dizer que abatesse, o fez com descontentamento; mandey por terceira pessoa dar lhe a entender que se lhe não havia feito nenhuma offença e a boa passagem que se lhe havia de fazer em tudo; dizem me que partio de Inglaterra em Mayo, e que me tras cartas do Reino, mas athé agora me não tem chegado. Recolhi me pellas tres horas com muy grande calma, e depois de comer estive comigo o Inquizidor Paulo Castellino; a carta que o Rey do Canará²⁴⁸ escreveo à Cidade mandey fazer reposta, // e eu o fiz à do mouro que veyo com ella, e também fiz reposta à Cidade sobre o que me pedia, que todas vão lançadas abaixo, mandando juntamente huma ordem à Cidade da forma em que se há de destrebuir a vender o arros.

²⁴⁵ Entenda-se Sivapa Naique (Sivappa Nayak) de Equeri (Ikkeri).

²⁴⁶ As quatro fortalezas eram Onor, Barcelor, Mangalor e Cambolim.

²⁴⁷ Extremidade do mastro.

²⁴⁸ O referido Sivapa Naique.

Sesta feira 22. Pela manhã ouvi missa, e dei audiência a partes, e despachei petições, e [ouvi] a alguns fidalgos do Norte que vierão na armada; à tarde dei audiência, e estive com o Vedor da Fazenda, que me veio dar conta de como havia saído a armada que vai para o cabo de Comorim; e à noite estive com o Secretario do Estado conferindo em materias tocantes ao governo e fazenda, e estive comigo o inglês, e não me trouxe cartas como cuidava²⁴⁹.

Sabbado 23. Pela manhã ouvi missa e dei audiência a partes e despachei petições; tive aviso do Capitão da fortaleza de Agoada, que apparecia para a parte do Norte huma embarcação de gavia,²⁵⁰ na volta da barra; à tarde dei audiência a partes, estive na Meza do Dezembargo do Passo adonde despachei muitas petições; à noite estive com o Vedor da Fazenda despedindo couzas que são necessarias para o apresto das naos.

Domingo 24. Pela manhã ouvi missa e dei audiência a alguns fidalgos do Norte e a partes; estive com o Vedor da Fazenda a quem dei ordem mandasse vir as naos, galião de Mormugão que vinhão do Reino para a Agoada²⁵¹; à tarde estiverão comigo alguns religiosos, falei a algumas pessoas, e à noite tive aviso do Capitão de Agoada que entrara outra nao ingleza, e que dá por novas que morrerão dous papas eleitos²⁵²; e que ouvirão dizer em Inglaterra // [que] passarão nesta monção a este Estado dezaseis naos olandezes.

Segunda feira 25. Pela manhã estive com o Vigario geral de Sam Domingos, ouvi missa, e dei audiência a partes, e falei a alguns

²⁴⁹ O capitão inglês entregou, em data posterior a 22 de Outubro, as cartas de D. João IV para o vice-rei, como esse reconheceria em resposta ao soberano que acabaria por despachar, cifrada, por via inglesa a finais de Novembro de 1655. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, apêndice n.º 80, «Carta do Conde de Sarzedas para D. João IV», Goa, 24-11-1655, pp. 598-599.

²⁵⁰ Espécie de gaiola, tabuleiro ou guarita assente em uma roda de tábuas no alto dos mastros e atravessada por eles. Cf. A. Moraes Silva, *Dicionário...*, s.v.

²⁵¹ O assunto, a ida das naus *Bom Jesus de Vidigueira*, *Santíssimo Sacramento da Trindade* e *Nossa Senhora da Graça* e do galeão *São Francisco*, de Mormugão para a Agoada, foi discutido e aprovado em Conselho de Estado de 19 de Outubro. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 202, p. 401.

²⁵² Não se vislumbra quais são esses dois papas eleitos que morreram no mesmo ano, pelo que deve tratar-se de um erro do capitão inglês. Há, todavia, um certo fundo de verdade na notícia do inglês, dado que o papa Inocêncio X (Giambattista Panfili) (r. 1644-1655) morreu a 7 de Janeiro de 1655 e o conclave, reunido após a sua morte, elegeu para a cadeira petrina o cardeal Fabio Chigi, que reinou sob o nome de Alexandre VII (r. 1655-1667).

fidalgos; ordeney a[o] Ouvidor geral do crime mandasse deitar dous bandos de que se faz menção; à tarde vy papeis e despachey petições, e estive no Conselho da Fazenda onde despachey algumas petições, e andarão algumas rendas em pregão; à noite estive com o Secretario do Estado.

[*Bando*]

[fl. 57]

Dom Rodrigo da Sylveira, Conde das Sarzedas, do Concelho de Sua Magestade, Vice rey e Capitão geral do Estado da India etc^a. Porquanto Sua Magestade que Deos guarde, por suas leys e provizoens tem defendido o uzo de pederneiras²⁵³ em todo Estado da India em razão de muitas mortes que se davão com ellas e querendo remediar este damno como convem ao serviço de Deos e do dito Senhor, e ser informado que nesta cidade de Goa tem havido muitas mortes, e que publicamente com grande dissimulação andão com as ditas pederneiras, assim cumpridas, como curtas em palamquins, e em mãos de mossos de dia e de noite, sem nenhum temor nem respeito da justiça de Sua Magestade. Hey por bem e mando que nehuma pessoa de qualquer calidade, condição e estado que seja, traga pedemeiras cumpridas, nem curtas em palamquins, nem fora delles, assim de dia como de noite nem com ellas acsedão às brigas, nem outrosy quando forem à cassa, ou a passarinhar as levem com fechos pella dita cidade, sob pena de sinco annos de degredo para a ilha e conquista de Ceilão e quinhentos pardaos para as despesas da Ribeira do dito // Senhor. Hey outrossy por bem que nenhum cafre, nem mossos captivos ou forros andem com trassados²⁵⁴, catanas, azagayas, arcos e frechas, soveloens²⁵⁵, sós nem em companhia de seus amos, excepto com seus sombreiros, e os bambus delles vãos por dentro, e sem ferroins, com pena de serem perdidos para a mesma conquista de Ceilão, por captivos de Sua Magestade e que qualquer cafre ou pretto que levantar mão a algum homem branco ora seja por mandado de seu senhor, ora de seu moto proprio emcorrera na pena da morte sem remição em que logo se fará execução. E esta provizão ficará por ley e sentença difinitiva. Goa, etc.

²⁵³ Armas de fogo cujo nome deriva do sílex (pederneira) empregue como percutor para incendiar a escorva, disparando a bala.

²⁵⁴ O mesmo que «terçados»: espadas de folha larga e curta. Cf. A. Morais Silva, *Dicionário...*, s.v.

²⁵⁵ Grande sovela: instrumento constituído por uma espécie de agulha direita ou curva e encabada, com que os sapateiros e correteiros furam o cabedal para o coser.

*Pregam**Ouvy o mandado do Senhor Conde Vice Rey*

Que nenhum cafre de qualquer dono que seja possa sahir da caza de seu senhor depois de Ave Marias, assim com arma como sem ellas, sem hirem em companhia do dito seu amo, e que sendo achados possa qualquer ministro da justiça prende los e leva los ao Tronco para daly passarem logo por seis annos à Caza da Polvora, para onde os hey por degradados, e que outrossy nenhu delles possa trazer de dia arma alguma, não sendo espada, e hindo em companhia de seu senhor, e que sendo achado com ella de qualquer calidade que seja será perdido e captivo para Sua Magestade, e os meirinhos que os toparem e os não prenderem perderão seus officios e nunca mais poderão servir outro nenhum na Republica, e pagarão a el Rey a valia delle, e o juis e julgador que tiver noticia que os taes meirinhos viçem algum cafre com arma e o não prendeo fará disso autto, e se procederá contra elles. Goa, etc. //

[fl. 58]

Terça feira 26: Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e despachey algumas petições; tive avizo de Dom Antonio Lobo, de que Melique²⁵⁶ embaxador del Rey Idalxa estava com mil e quinhentos infantes e duzentos de cavalo, para darem em huns mouros que tem huma fortaleza perto daquy que lhe não querem obedecer, e da mesma maneira, e que se dizia se lhe vinha juntando muito mais gente, e como esta vizinhança nada aparta mais que o rio, deve se estar com grande cuidado [o que] fiz; e porque também tive avizo de Salcete que por aquella parte se ajuntava mais gente para se emcorporar com Melique, e vejo que este homem não quer confirmar as pazes que veyo tratar comigo, tenho suspeitas grandes de que cada dia poderá romper nos guerra, mormente quando sey que esperão socorro da armada de Olanda para se porem nesta barra, couza que athé agora não fizerão, e se o conseguirem o que Deos não permita hé força que se veja esta ilha em grande aperto e trabalho, porque para deffender por mar não há força e por terra da mesma maneira; chamem a Concelho²⁵⁷, e proposto o referido se assentou fossem duas companhias da gente do mar, huma para Salcete e outra para Bardes, ajuntar se àquella gente que lá está²⁵⁸, as quaes mandey logo, e ordens

²⁵⁶ Entenda-se Malik Yâqût.

²⁵⁷ Entenda-se «Conselho de Estado».

²⁵⁸ Não sobreviveu registo desse assento.

apertadas para se estar com todo o cuidado, vigilancia, assim nos passos de Salcete, como de Bardes; porem como são abertos e os mouros tem muita cavaleria e nós nenhuma, mal se lhe poderá deffender a entrada se quizerem correr a campanha; à tarde dey audiencia a partes e despachey petiçãoens.

[fl. 58v] Quarta feira 27. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e estive com o Reitor dos Reys²⁵⁹, // e à tarde estive com o Secretario do Estado, e nomiey por Capitão de Agoada que occupava João de Mello de Sampayo, por eleição do governo passado a Dom Francisco Luis Lobo, que tem muitos annos de serviço, e foy já Capitão da armada do Comorim, e quando desapossarão o Conde de Obidos era Capitão do forte de Mormugão e o não quiz entregar sem o mesmo Conde lhe mandar o fizesse; ouvvy partes, e despachey petiçãoens, e à noite estive com o Secretario do Estado.

Quinta feira 28. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e despachey petiçãoens; mandey prender o mocadão²⁶⁰ de huma almadia que me chegou havia hido a Vingurla sem licença minha, e mandando apurar pello Ouvidor geral do Crime a rezão que tivera para o fazer, respondeo que o escrivão do passo de Panguim lhe passara por escrito para o poder hir comprar a hum porto que está junto a Vingurla, tamaras e amendoas; à tarde estive com o Inquizidor Paulo Castelino, e com o Secretario do Estado e Vedor da Fazenda conferindo sobre diferentes materias.

Sesta feira 29. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e despachey petiçãoens; à tarde, dey audiencia a alguns fidalgos, e despachey petiçãoens, e à noite estive com o Secretario do Estado, conferindo sobre negocios tocantes ao governo e Fazenda. //

[fl. 59] Sabbado 30. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e estive com o Secretario do Estado, tratando negocios da fazenda e governo; à tarde despachey algumas petiçãoens e estive no Conselho da Fazenda, onde se arematou o conserto da nao Bom Jesus da Vidiqueira em que vim, em sinco mil xerafins, e da mesma maneira se tratou de forrar o pataxo que há de ir a Macascá²⁶¹, e daly à China e a

²⁵⁹ Entenda-se «Reis Magos».

²⁶⁰ Mocadão, do árabe *muqaddam*, literalmente «o posto à frente», «chefe», «comandante», passou a designar o capitão, o arrais de uma embarcação. Cf. S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, s.v.

²⁶¹ Entenda-se «Macassar» e o patacho era o *Santa Teresa de Jesus*.

Maccáo, mas não se ajustou o preço, e ficou para outro dia; tive avizo de meu filho Dom Manoel²⁶², que está na ilha de Salcete, e de Dom Antonio Lobo, que está em Tivim, em que esforço os avizos de se vi-rem ajuntando muitos mouros; ordeney que fossem duas manchuas²⁶³ com alguns soldados.

Domingo 31: Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e faley a alguns fidalgos, e à tarde estiverão comigo dous Padres da Companhia, os que vierão comigo do Reino, e como se forão ouvvy algumas partes; à noite estive com o Secretario do Estado falando sobre negocios tocantes ao governo.

Novembro

Segunda feira, o primeiro de Novembro, dia de Todos os Santos. Pela manhã ouvvy missa e communguey, depois faley a algumas partes; à tarde dey audiencia a fidalgos e despachey muitas petiçoens e papeis; à noite estive com o Secretario²⁶⁴. //

[fl. 59v]

Terça feira 2. Pela manhã ouvvy missa, dey audiencia a partes, despachey algumas petiçoens; à tarde faley a alguns fidalgos e outras partes que me derão petiçoens; tive carta de Salcete e do Capitão de Agoada, a que respondi; à noite despachey papeis e petiçoens.

Quarta feira 3. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, despachey petiçoens; à tarde faley a alguns fidalgos; à noite estive com o Vedor da Fazenda, tratando algumas materias tocantes ao apresto das naos que han de hir para o Reino.

Quinta feira 4. Pela manhã me vierão dizer que o Ouvidor geral do Crime fora atrás de tres soldados que havião dado cutiladas em Simão Ribeiro, os quaes se havião acolhido a Santo Augustinho, e acudindo os frades a socorre los, os delinquentes que estavam nas mãos do Ouvidor geral lhos tirarão descompondo o; mandey chamar os ministros da Relação para lhes perguntar o que lhes parecia devia obrar neste caso, e estando lho propondo, entrou o Ouvidor geral do Crime

²⁶² D. Manuel Lobo da Silveira.

²⁶³ Mâchua, embarcação originária do Malabar que se dessiminou pelo litoral indiano, onde era empregue no comércio de cabotagem, tinha um pano redondo e armava entre 10 a 40 toneladas. Cf. S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, s.v.

²⁶⁴ Secretário de estado.

[fl. 60]

e deu conta de que tendo noticia se havia feito huma saltada a hum homem de negocio, a quem se derão algumas feridas perigozas, hindo em demanda dos delinquentes os alcançou entrando no convento de Santo Augustinho, hindo somente com o meirinho e pegando nelles já na igreja, acudirão os frades, e lhos tirarão das mãos discompondo o, sem admitirem dizer elle que era propozito, e que sem embargo se trataria da imonidade a seu tempo; não quizerão vir em nada, e lhos tirarão feichando as portas para isso; e sendo // que o Provincial ouvera de remedia lo foy o que mais se enfureceo, e deo motivo a semelhante successo; pareceo à Relação que devia eu mandar chamar o Provincial para lhe estranhar o modo, e dizer lhe fizesse entrega dos prezos; mandey lhe reccado, a tempo que elle tinha cá mandado o Prior do convento a dar me conta, e quando chegou o meu reccado respondeo que estava muito maltratado, e que tinha mandado o Padre Prior a dar me rezão do caso, mas que ainda assim se eu quizesse viria; despois da relação que fez o Ouvidor geral orde-
ney à Relação que vissem o modo que se devia ter no successo cometido, e como se devia proceder nelle; pareceo conformemente a todos que se não podia proceder com outra couza. Ouvy missa e dey audiencia a partes; à tarde despachey petiçãoens e faley a alguns fidalgos; à noite estive com o Secretario do Estado.

Sesta feira 5. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, e despachey algumas petiçãoens e papeis; à tarde estive no Conselho da Fazenda mandando andar algumas rendas em pregão, despacharão se alguns papeis, despois faley a alguns fidalgos e outras partes, à noite estive com o Secretario do Estado vendo cartas que me vierão da fortaleza de Dio.

Sabbado 6. Pela manhã ouvvy missa, e dey audiencia a partes, tive cartas do Capitão de Agoada, e do de Mormugão, a que respondy; à tarde fuy a Meza do Dezembargo do Passo, onde se despacharão papeis e petiçãoens; à noite estive com o Vedor da Fazenda que me veyo dar conta do que se obra no apresto das naos.

[fl. 60v]

Domingo 7. Pela manhã ouvvy missa; // chegarão duas companhias de sem homens de Salcete que vierão em lugar das duas que aquy achey da gente do mar que fazião guarda nesta fortaleza, e por me chegar que os capitaens erão feitura de Dom Bras e se communicarão muito com elle com occazião dos avizos que tive de Salcete e Bar-des, os mandey huns repartidos para aly, e outros para as duas naos que se estão aprestando, fuy fora ver os soldados e mandey lhes dar

hum socorro da minha fazenda; à tarde dey audiencia a partes; à noite estive com o Secretario do Estado lendo cartas que me vierão de Negapatão e Tanná.

Segunda feira 8. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia a partes, despachey petiçãoens e alguns papeis; à tarde mandey chamar os ministros do Conselho da Fazenda para haver Meza a que assisity, e nella andarão em pregão algumas rendas; despachey muitos papeis e petiçãoens de couzas que tocão à fazenda, onde se gastou a tarde athé noite; estive com o Secretario do Estado.

Terça feira 9. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia a partes, despachey petiçãoens; à tarde estiverão comigo alguns apostolos e frades de Sam Domingos, e como me deixarão faley a algumas pessoas, e despachey petiçãoens e papeis; à noite estive com o Secretario do Estado e Vedor da Fazenda falando sobre as couzas tocantes ao apresto das naos.

[fl. 61] Quarta feira 10. Pela manhã me pareceo executar as prizoens de Dom Bras de Castro, Rey das Ilhas, Dom Rodrigo de Monssanto, Dom Pedro de Castro, Manoel de Souza Cabral, Diogo de Salazar, Hieronimo de Falcato, // Dom Pedro Henriques²⁶⁵, as quaes fizerão todas a hum tempo com grande succego sem se errar nenhum; despois disso fuy à missa, e dey audiencia, e despachey algumas partes; à tarde estiverão comigo alguns fidalgos; estive à noite com o Secretario do Estado [falando] sobre alguns negocios importantes.

Quinta feira 11. Pela manhã ouvvy missa dey audiencia a partes, despachey petiçãoens, despois faley a alguns fidalgos; à tarde dey também audiencia, estive com o Secretario do Estado.

Sesta feira 12. Pela manhã ouvvy missa, dey audiencia, despachey partes, rezolvvy outros negocios com o Secretario do Estado, e escrevy a Baçaim; à tarde tive Conselho da Fazenda, e à noite estive com o Secretario do Estado.

Sabbado 13. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia, despachey partes; tive avizo que se prendera no estreito das terras de Salcete a Estevão Soares de Mello, hum dos cabeças do alevantamento do Conde de Obidos, o qual estando doente com as novas das prizoens se levantou e fogio para aquella parte; à tarde vy passar a prosção de

²⁶⁵ Tinham-se envolvido na deposição do vice-rei conde de Óbidos em 1653.

Nossa Senhora do Rozario que hé muito solemne, depois disso tive avizo que se havia prezo hum homem extrangeiro, por nomem, Carlos Zuzarte; à noite estive com o Secretario do Estado.

[fl. 61v] Domingo 14. Pela manhã ouvvy missa, dey audiencia, despachey partes, tive cartas de Chaul e Baçaim, em que se me dá novas de alguns rumores de guerra que se temem // por aquella parte, com os mouros; também as tive de Negapatão e Ceilão, em que me dizem que estão nove naos e hum pataxo naquella barra, dos inimigos de Europa.

Segunda feira 15. Pela manhã ouvvy missa, dey audiencia, fiz Conselho²⁶⁶ sobre os avizos do aperto em que estava Ceilão, a que chamey alguns fidalgos que tem noticia daquellas partes; assentarão todos uniformemente que se devia tratar de socorrer Ceilão tanto que pudesse ser visto encontra lo de prezente a monção que não dá lugar a isso e hé para reparar, que para este socorro não há vintem nem real, nem donde possa vir, acuda Deos com Sua Misericordia que só ella o pode fazer; à tarde dey audiencias, receby cartas de Chaul e de Baçaim, e hé para considerar que não há nenhuma que dê boas novas, nem quem deixe de pedir socorros; também me escreve o Embaixador del Rey Idalxa que está sinco legoas dequy que lhe desse licença para vir a esta cidade onde já tem vindo duas vezes; à noite estive com o Secretario do Estado dando ordens em materias importantes.

Terça feira 16. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia, despachey petiçoens, tive cartas do Governador de Surrate de boas vindas, e do feitor de Dabul²⁶⁷, e do mouro que governa aquelles contornos do mesmo.

[fl. 62] Quarta feira 17. Pella manhã ouvvy missa e dey audiencias; despachey petiçoens, escrevypara Sua // Magestade, e para a Condeza²⁶⁸ por via de huma nao que aquy achey de mouros amigos, que com hum temporal aribou aquy e vendeo o arros que trazia, com que naquella occazião se socorreo Ceilão, e não estava pago, remetendo as cartas por hum pasçageiro que hia em dereitura a Constantinopla,

²⁶⁶ Nessa altura realizou-se o Conselho de Estado que debateu a situação de Ceilão e os socorros que se deveriam enviar à ilha. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 203, pp. 402-409.

²⁶⁷ Dabul, Dabhol, porto ao norte de Goa, a 17° 35' N e 73° 09' E, que pertencia ao sultanado de Bijapur.

²⁶⁸ Seria sua esposa D. Maria Antónia de Vasconcelos?

com sobreescrito para o Embaixador de França que assiste naquella corte, a que escrevo as emcaminhe²⁶⁹; tive Conselho da Fazenda e dey audiencia a algumas partes.

[fl. 62v] Quinta feira 18. Pela manhã ouvy missa, dey audiencia, despachey partes; tive cartas de Dio em que me dizem dous procuradores daquella cidade, hum christão e outro gentio, na forma em que eu os tinha que viessem para se se lhe significar os apertos e trabalhos em que se acha o Estado, para por este meyo se disporem acudir lhe com o que puder ser; estive com o Secretario do Estado tratando sobre algumas couzas do governo; à tarde tive hum carta do Embaixador de Idalcão que está sinco legoas daquy, em hum governo em que pede me licença para vir cá, e como elle athé agora não tem retificado as pazes que veyo tratar, lhe respondy que posto disse lhe daria licença com boa vontade, que lhe lembrava que elle havia vindo com ordem de seu rey a retificar as pazes que estavam tratadas, e que já por outras vezes se havia hido sem o acabar de fazer, que tinha dado lugar a se fazer reparo nesta cidade; e assim que conciderasse elle se não vinha a concluir a materia se era mais conveniente dilatar por hora a vinda que queria fazer, mas de qualquer modo me conformaria com o que lhe parecesse em rezão de sua vinda; hé trabalhoso mouro este, e o certo hé que nelles tudo são mentiras e falçidades, // e que não tem fé nem constancia em nada; e assim venho achar grande differença nestes mouros, a respeito dos que tratey em Africa²⁷⁰, mas assim como isto hé longe, parece que também se emxerga na mudança do modo e natureza; à noite estive com Vedor da Fazenda conferindo sobre a vinda da nao Sacramento²⁷¹ da minha companhia que inda está em Mormugão, que mando vir para a barra para a guarda, assim por estar mais segura.

Sesta feira 19. Ouy missa, dey audiencia, despachey partes, estive com o Secretario do Estado despachando materias de governo, asiney cartas para Ceilão, Negapatão, Jafanapatão e Manar, em ordem a se irem dispondo os socorros para Ceilão, sem haver donde se tirem, com que estive com o Secretario do Estado conferindo estas e outras materias e com o Vedor da Fazenda.

²⁶⁹ Como o vice-rei não sabia se conseguia aparelhar a armada que seguiria para o Reino em 1656, resolveu enviar cartas por terra e por via de um navio inglês.

²⁷⁰ Referência ao seu governo da praça de Tânger.

²⁷¹ Trata-se da *Santíssimo Sacramento da Trindade*.

Sabbado 20. Pela manhã ouvvy missa, dey audiencia a partes, despachey petiçãoens; à tarde tive Conselho que responde ao Dezembargo do Passo, em que se despacharão muitos papeis; depois estive com alguns ministros.

Domingo 21. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia; à tarde estive com o Secretario do Estado [tratando] sobre algumas couzas tocantes à escritura do Reino²⁷²; tive cartas de algumas fortalezas do Norte, que todos representam mizerias e faltas, pedindo socorros.

[fl. 63] Segunda feira 22. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia, despachey petiçãoens, assiney cartas em reposta das que tive do Norte; à tarde tive Conselho da Fazenda, e à noite // estive com o Vedor da Fazenda e Secretario do Estado; tive avizos da outra banda sobre as couzas del Rey Idalxa, e tudo quanto colho delles se emcaminhão a nos haver de fazer guerra com o favor dos olandezes, vindo se pôr nesta barra, e elles citiarem as terras de Bardes e Salcete, e depois esta Cidade, o que se pode ter por muy certo, e em ordem a isto ser trata o olandes de fazer agora hum forte em Calvale²⁷³, ao Sul.

Terça feira 23. Pela manhã tive cartas de Ceilão, em que me dá conta Antonio de Souza Coutinho, que governa aquella ilha, de que as naos do inimigo se tem acrescentado o numero de treze, e dos ruins successos que haviamos tidos qual forão ocasionados da má disposição com que nos ouvemos, de que se fará relação abaixo. Tive avizo do Capitão de Cochim, em que quando chegarão as novas se achava aly [a] armada do Canará, e lhe fizera requerimentos passace logo a Ceilão, e que para isso aprestara, e me diz tinha partido, mas receasse como o tempo hé contra monção, que não possa passar o cabo de Comorim.

Quarta feira 24. Pela manhã ouvvy missa e confessey me, fuy à procissão de Santa Catharina, que hé muito solemne, por em dia semelhante se tomar esta Cidade; despachey huma armada a Dom Manoel Mascarenhas Capitão mor do Norte, que andava correndo a costa do Canará, em que lhe avizo que donde quer que o receber se vá até Cochim saber se passou a armada do Canará a socorrer Ceilão, e que em cazo que tenha hido que recolha elle a cafilla e alguma canella se ouver, e volte com ella a esta cidade, e achando o Capitão mor do Canará

²⁷² Presumimos tratar-se de assuntos respeitantes às cartas a escrever para o Reino.

²⁷³ Colvalle.

[fl. 63v]

por o tempo lhe não dar lugar digo não ter dado lugar em alguma parte ou porto lhe diga ou avize, espera occasião de seguir a viagem de Ceilão, ao qual escrevo e mando regimento que o dito Dom Manoel // leva para lhe dar ou mandar, em que lhe mando em todo o acontecimento vá socorrer aquella praça esperando pera²⁷⁴ isso tempo, pois depende de o fazer todo o bom successo della²⁷⁵; escrevy a Negapatão a Luis Gonçalves da Foncequa, Capitão mor, e a Jafanapatão, a Antonio de Amaral, que hé também daquelle reino, e ao Capitão de Tutacarim, que procurassem ajuntar todo o mantimento possivel para se socorrer Ceilão, mandando se todo a Manar para daly passar a Columbo.

Quinta feira 25. Ouy missa, dey audiencia, despachey petições; avizei a Dom Francisco Luis Lobo, Capitão de Agoada, que discesse a Dom Bras de Castro que está prezo naquella fortaleza, que tratasse de seu apresto para o Reino, que era serviço de Sua Magestade embarcar se para lá; o mesmo fiz neste dia a Ruy Dias de Menezes, Capitão da fortaleza de Mormugão, que fizesse a mesma diligencia com o Rey das Ilhas; tive repostas que fizeram a diligencia, e dizião estavam promptos para obedecer; à tarde torney a fazer Conselho²⁷⁶, chamando mais pessoas para elle, desses poucos fidalgos ve-

²⁷⁴ Palavra repetida.

²⁷⁵ Essa fora a deliberação tomada em Conselho de Estado reunido no dia seguinte. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 204, pp. 409-413. O pano de fundo continuava a ser o conflito luso-holandês e o receio de um eventual ataque conjunto de forças da V.O.C., por mar, e de Bijapur, por terra, a Goa, Bardes e Salsete.

²⁷⁶ O assento do Conselho de Estado realizado a 26 de Novembro teve um carácter alargado face ao realizado a 23 do mesmo mês sobre o tema dos socorros a enviar a Ceilão. Enquanto no primeiro só participaram os conselheiros habituais (cinco), para o segundo foram convidadas uma série de personalidades que tinham prestado serviço na Ásia.

Conselho de 23 de Novembro:
 – Conde de Sarzedas
 – D. Gil Eanes de Noronha
 – António de Sousa de Meneses
 – D. Fernando Manuel
 – Francisco de Seixas de Cabreira

Conselho de 26 de Novembro:
 – Conde de Sarzedas
 – D. Gil Eanes de Noronha
 – António de Sousa de Meneses
 – D. Fernando Manuel
 – Francisco de Seixas de Cabreira
 – Baltasar da Câmara de Noronha
 – Rui Dias da Cunha
 – Manuel Mascarenhas de Almeida
 – Manuel Corte Real de Sampaio
 – D. Luís de Melo
 – D. Francisco de Sousa
 – Francisco da Silva Sotomaior
 – Luís Gonçalves de Sousa
 – Paulo Castelino de Freitas

[fl. 64]

lhos que aquy há sobre o estado apertado de Ceilão, que socorro lhe havia de hir, em que tempo podia a respeito da monção ser em contrario, e donde se havia tirar dinheiro para elle, porque da Fazenda Real não há hum vintem, antes muitos empenhos; asentou se que o socorro havia de hir em Janeiro, que era o tempo mais conveniente por nelle começar a monção para aquellas partes, e este devia ser de seis galiotas e sanguiceis²⁷⁷, e levar alguns navios de mantimento e soldados, e que o dinheiro se // devia tirar pedindo se a esta Cidade, que hé certo que se não poderá acoallar couza de importancia; este hé o estado das couzas da India que dessa banda se não crê.

Sesta feira 26. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia, despachey petiçãoens, e depois estiverão comigo alguns ministros falando sobre materias do governo e fazenda, dizendo me não havia hum só real com que se acudir ao socorro de Ceilão, que hé tão percizo como se deixa ver; à tarde dey audiencia, despachey alguns papeis, e asiney outros.

Sabbado 27. Pela manhã ouvvy missa, dey audiencia, despachey petiçãoens; à tarde ajuntey na sala real a Cidade, os Tribunaes, e Provincias das Religioens, e alguns Procuradores das cidades do Norte, a que mandey avizar logo que cheguey a este Estado, e também aos de Sul, que viesse[m] a esta cidade para se tratar de negocio importante ao serviço de Sua Magestade; porem não se acharão presentes mais que os Procuradores de Chaul e Baçaim; propus os apertos deste Estado e o perigozo estado em que se achava Ceilão, com o sitio dos olandezes, que para lhe acudir nas necessidades presentes não havia hum só real, para o que comvinha disporem sem²⁷⁸.

Domingo 28. Ouvvy missa e dey audiencia, depois faley a alguns fidalgos; à tarde esteve comigo o Vigario geral de Sam Domingos, e à noite o Secretario do Estado e Vedor da Fazenda.

[fl. 64v]

Segunda feira 29. Ouvvy missa e dey audiencia, despachey petiçãoens, faley depois com diferentes ministros; tive cartas de diferentes partes, a que mandey responder; ordeney se // escrevesse a todas as Religioens emcomendassem a Deos o bom successo de Ceilão, e espuzesse o Senhor cada dia; as [novas]? estou esperando, com cuidado traga as Deos boas com sua Misericordia; à tarde faley a alguns fidalgos e religiozos.

²⁷⁷ Pequena e ligeira embarcação de guerra.

²⁷⁸ Será «disporem-se» [a ajudar]?

Terça feira 30. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencia a algumas partes; à tarde fiz Conselho da Fazenda e assiney papeis.

Mez de Dezembro

Quarta feira, o primeiro de Dezembro. Fuy à Sé, onde ouvvy missa e sermão, e acompanhey a proscissão que daly sae a dar volta à cidade, em graça do dia da aclamação; quando vim para a fortaleza achei que tinha vindo correio de Negapatão, e com a segunda via das cartas de Ceilão; e a primeira já tinha recebido, que hé a de que se tem dado conta; chamey o Vedor da Fazenda para lhe dizer apregasse o socorro de Ceilão, e fosse dispondo outras couzas, para o que não há vintem nem real; à tarde ouvvy algumas partes.

Quinta feira 2. Dia de Sam Francisco Xavier. Fuy a Bom Jesus aonde está o seu corpo, onde ouvvy missa e pregação, e vim de lá a huma hora; à tarde ouvvy partes, despachey petições, e assiney alguns papeis.

[fl. 65] Sesta feira 3. Pela manhã vy que tinha o braço direito e a mesma mão com alguma inchação, sem [ter] havido cauza para isso; chamey os medicos, pareceo lhes não puzesse nada para então; levantey me, ouvvy missa, dey audiencia, despachey petições, tive cartas de Damão e à tarde tive Conselho da Fazenda em que // se tratou das naos do Reino, e de haver passar o pataxo²⁷⁹ que veyo em minha companhia a Macassa com cartas²⁸⁰ e algum presente a aquelle Rey²⁸¹, pro-

²⁷⁹ O patacho *Santa Teresa de Jesus*, capitaneado por Gaspar Pereira dos Reis, chegou a Macassar em Maio de 1656, tendo passado depois a Macau voltando a aportar à ilha na torna-viagem, chegaria a Goa a 3 de Setembro de 1656. Cf. C. R. Boxer, *Francisco Vieira de Figueiredo. A Portuguese Merchant Adventurer in South East Asia, 1624-1667*, Haia, Martinus Nijhoff, 1967, pp. 22-23.

²⁸⁰ Não deve ter sobrevivido qualquer cópia dessa carta; tão só chegou aos nossos dias o regimento dado ao capitão Gaspar Pereira dos Reis, o qual fez referência às cartas que deveria entregar ao «chanceler» do sultão macassar e membro da dinastia Tallo', Karaennng Karunrung. De notar que o regimento, e provavelmente as cartas referidas, foram escritas em vida do conde de Sarzedas; o primeiro documento foi datado a 10 de Janeiro de 1656, três dias antes do falecimento do vice-rei, mas foram-lhes acrescentadas pós-escritos assinados pelo governador Manuel Mascarenhas Homem. Cf. «Regimento de Gaspar Pereira dos Reis», in C. R. Boxer, *op. cit.*, apêndice n.º VII, pp. 68-70.

²⁸¹ O rei era o sultão da dinastia Goa Hasanuddin (r. 1653-1669), que era também conhecido por «Sumbane» ou «Sumbanco», pese o facto do poder real ser exercido

curando com elle continue a guerra que estes tempos fazia os olandezes em Amboino²⁸²; e posto que não há hum só real para hir este pataxo, me pareceo buscar por emprestimo, assim por esta rezão como por haver de passar daly com cartas e alguns muniçoens a Maccao, de donde tive cartas há poucos dias, e se queixão de haver quatro annos que não sabem novas de cá, que foy a cauza haveremssse perdidos alguns navios que hião para aquellas partes.

Sabbado 4. Pela manhã ouvvy missa, dey audiencia, despachey petiçoens; chamey algumas pessoas para lhe pedir me quizessem fazer algum emprestimo para acudir ao socorro de Ceilão; todos escuzão com mizerias e trabalhos, com que me vejo no aperto que se deixa ver; à tarde ouve despacho que responde ao Dezebargo do Passo.

Domingo 5. Pella manhã ouvvy missa, faley a algumas pessoas, despachey petiçoens, assiney alguns papeis; à tarde faley com algumas pessoas e com o Vedor da Fazenda sobre o apresto das naos e so-

por outra linhagem real, a de Tallo', aparentada à anterior, sendo esse chanceler, no caso Karaeng Karunrung (1654-1664), quem administrava o sultanado. A instrução entregue a Gaspar Pereira dos Reis fazia menção expressa do teor da conversação que ele deveria manter com «el-rey do Macaça Principe Carraym Canrronro». Cf. C. R. Boxer, *op. cit.*, pp. 68-70. Esse tipo de monarquia dual, no qual a dinastia Goa reinava e a Tallo' administrava, institucionalizara-se em 1593, após o soberano de Goa, Tunipassulu' (r. 1590-1593), ter tentado reunir os dois tronos, dado que era filho de I Sambo de Tallo', filha de Tumenanga ri Makkoayang (r. 1566-77), e de Tunijallo' (r. 1566-1590), de Goa. Só que a tentativa foi rechaçada e o rei deposto, tendo sido substituído por um irmão, o sultão Alauddin (r. 1593-1639), enquanto a linhagem Tallo' providenciava um «chanceler» na pessoa do tio do deposto monarca, sultão Awwal-al-Islam (1593-1637). Esse sistema dual foi mantido durante a primeira metade do século XVII, embora começasse a ruir durante o reinado de Hasanuddin. Cf. Anthony Reid, *Southeast Asia in the Age of Commerce 1450-1680*, vol. II, *Expansion and Crisis*, New Heave-Londres, 1993, pp. 263-264.

²⁸² As notícias enviadas por Francisco Vieira de Figueiredo para Goa em 1654 ou 1655 já não correspondiam à realidade, dado que as novas do fracasso militar das forças macassares na ilha de Amboino, onde foram derrotadas por holandeses e nativos, chegaram a Macassar depois da partida dos navios para Goa. O desaire militar obrigara o sultão Hasanuddin a pedir paz a Batávia e a prometer o envio de embaixada. Todavia, por razões políticas e meteorológicas, foi a V.O.C. quem enviou uma missão a Macassar, a qual não deu o fruto esperado, pelo menos para os holandeses e para Vieira de Figueiredo. Mesmo assim, o português conseguiu que o monarca macassar mantivesse o título de rei de Amboino e de Buro, esperando reacender a luta e captar para Macassar a produção de cravo, estimada em 600 bares (163 863 kgs) anuais. Cf. «Carta de Francisco Vieira de Figueiredo para Manuel Mascarenhas Homem», Macasar, 12-06-1656, in C. R. Boxer, *op. cit.*, apêndice VI, pp. 63-64.

corro de Ceilão; está isto em estado que não há embarcação que lhe possa levar arros, e se espera pellas que han de vir de fora que tem sua duvida; e neste estado estão todas as couzas da Índia.

[fl. 65v] Segunda feira 6. Pela manhã por // continuar ainda a inchação no braço estive na cama, adonde ouvy algumas partes, despachey petiçãoens, e à tarde tive Conselho da Fazenda; faley com o Procurador que veyo de Damão.

Terça feira 7. Levantey me ainda com o braço inchado, ouvy missa, e dey audiencia, e despachey petiçãoens, assiney alguns papeis e cartas para diferentes partes; à tarde faley com algumas pessoas.

Quarta feira 8. Pela manhã, dia de Nossa Senhora da Conceição, festa nesta irmda, assisty à missa e pregação; à tarde fuy à Madre de Deos, onde estive o Senhor fora²⁸³, e ouve também pregação.

Quinta feira 9. Pela manhã ouvy missa, dey audiencia a partes, despachey petiçãoens; tive cartas de Baçaim e Damão, todas vem a parar em pedirem socorros por couzas das necessidades e brigas, mortes hum com os outros; chamey algumas pessoas.

Sesta feira 10. Pela manhã ouvy missa e dey audiencia, despachey petiçãoens, sem embargo de me não desinchar o braço; à tarde estive comigo o Provincial da Companhia.

[fl. 66] Sabbado 11. Ouy missa dey audiencia, // despachey petiçãoens; tive Conselho do Estado²⁸⁴ sobre avizos que tive de Baçaim e Cananor, donde me escreve Dom Manoel de Mascarenhas, Capitão mor do Norte, que depois de haver entrado com huma cafila de arros o

²⁸³ Exposição do Santíssimo Sacramento.

²⁸⁴ O Conselho de Estado versou sobre assuntos não aflorados pelo vice-rei no seu diário. As cartas de D. Manuel de Mascarenhas e do capitão de Cananor, Manuel Cabral de Vasconcelos, referiram-se ao pedido apresentado pelo príncipe herdeiro, em nome do seu tio, para os portugueses atacarem o Aderajão (Ali Rajá) e os mouros do bazar, em troca de ajuda militar no Canará contra Sivapa Naique. O Conselho advertiu os dois capitães que não deveriam fazer qualquer aliança com o monarca de Cananor, porque não convinha atacar o Aderajão, dado que a outra parte não cumpriria, como no passado, a sua parte do acordo. Quanto ao pedido do capitão de Baçaim, referente ao asilo pedido pelo Cole para a sua gente se refugiar na jurisdição de Asserim, o conde de Sarzedas e os conselheiros foram de opinião que, como no caso similar de Chaul, o Estado da Índia não se deveria comprometer para não atrair a cólera do Grão Mogol. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, doc. 206, pp. 419-421.

mandey correr a costa do Canará, que chegando a Cananor achou avizo do Capitão de Cochim, que qualquer armada que aly viesse fosse lá, a respeito do Canará, que lá andava haver partido para o cabo do Comorim, para com o primeiro tempo passar daly a Ceilão a socorre lo; pelo aperto em que está diz me que havendo sahido a vinte e seis de Novembro lhe dera huma tormenta Sul em 27, com que estivera muy ariscada a armada e fora força aribar a Cananor, onde se consertará e tornará a sahir em 28 em demanda de Cochim, e daly passar ao cabo do Comorim a recolher a cafila que aly achar; e à tarde tive Conselho da Fazenda, onde se tratou de hirem duas naos para o Reino, sem embargo de haver pouca canela para se acomodar a gente do mar; neste dia tive cartas de Ceilão, as quaes trouxe hum homem que partio daquella ilha em vinte e oito de Outubro, em que me dão novas do aperto em que estavão por haverem os olandezes ganhado postos, e postos duas baterias à praça.

Domingo 12. Havia passado a noite com alguma febre; amanhecy maltratado, levantey me, ouvvy missa, dey audiencia a algumas partes; à tarde esteve comigo o Patriarcha de Ethiopia²⁸⁵ e outras pessoas.

[fl. 66v] Segunda feira 13. Amanhecy com alguma melhoria; levantey me, ouvvy missa e dey audiencia; despachey petiçoens // e assiney papeis; à tarde estiverão comigo algumas pessoas.

Terça feira 14. Pela manhã ouvvy missa e dey audiencias, despachey petiçoens, tive cartas do Embaxador do Idalcão que hé Avaldar de Ponda, que hé o que governa estes contornos destas fronteiras, em que diz quer ter licença minha para passar cá quando quizer, e porquanto elle athé agora não tem retificado as pazes com este Estado e ter inconvenientes vir sem isso, lhe respondy por se assentar em Conselho que se a vinda era retificar as pazes que viesse muito embora,

²⁸⁵ Trata-se de D. Afonso Mendes, jesuíta, doutor em teologia, sagrado em 12 de Março de 1623. Chegou a Goa em Maio de 1624 e, em Novembro, partiu para aquele império onde exerceu as suas funções até cerca de 1632, altura em que se vê forçado a abandonar a sua cristandade, acolhendo-se em Goa. D. João IV desejando premiar os seus merecimentos, nomeou-o arcebispo de Goa, vindo a falecer em 29 de Junho de 1656. Note-se, porém, que a Santa Sé não o confirmaria, devido ao não reconhecimento da independência de Portugal, exercendo oficialmente apenas a função de governador do arcebispado. Veja-se, sobre o assunto: Casimiro Christóvão da Nazareth, *Mitras Lusitanas no Oriente. Catalogo dos Prelados da Igreja Metropolitana e Primacial de Goa e das Dioceses Suffraganeas*, 2.ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, pp. 163-164, e Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, nova edição, preparada e dirigida por Damião Peres, vol. II, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1968, pp. 695-696.

mas não sendo a isso devia conçiderar se convinha hir e vir cada dia sem effectuar aquilo a que seu Rey o tinha mandado²⁸⁶; à tarde estive com alguns ministros tratando do apresto das naos do Reino, socorro de Ceilão, e outras couzas do serviço de Sua Magestade.

Quarta feira 15. Pela manhã ouvy missa, dey audiencia, despachey petiçãoens e assiney papeis; à tarde dey audiencia a alguns fidalgos, e esteve comigo o Vedor da Fazenda e Secretario do Estado conferindo sobre o socorro que há de hir a Ceilão, para o que não há hum real.

Quinta feira 16. Ouvy missa, dey audiencia, despachey petiçãoens e assiney papeis; à tarde tive Conselho da Fazenda sobre couzas tocantes às naos do Reino e outras couzas.

[fl. 67] Sesta feira 17. Amanhecy maltratado // e com febres, comtudo me levantey; ouvy missa, despachey petiçãoens; tive huma carta de Jafanapatão em que me tornão a repetir novas de Ceilão; à tarde dey audiencia a algumas partes.

Sabbado 18, dia de Nossa Senhora do Ó. Amanhecy com alguma melhoria. Levantey me, ouvy missa, despachey petiçãoens; à tarde fuy à Ribeira a ver como se continuavão com o socorro de Ceilão e carga das naos do Reino.

Domingo 19. Ouvy missa e dey audiencia a algumas partes; à tarde fuy à Ribeira, e depois à Caza da Polvora.

Segunda feira 20. Ouvy missa, dey audiencia, despachey petiçãoens e assiney papeis; à tarde tive Conselho da Fazenda.

²⁸⁶ No dia posterior à recepção dessa carta, o vice-rei informou D. João IV sobre o assunto, referindo-se que o comportamento de Melique Acute era motivado pelo seu desejo de possuir o almejado balais. O conde de Sarzedas contou que o eunuco não tinha recebido, à data, a pedra e que insistia por todos os meios, inclusive militares, para a receber, tendo envolucrado o padre Gonçalo Martins no negócio. Como o vice-rei estava convencido de que a espinela era um mero pretexto para o Estado passar a pagar um tributo anual a Bijapur, procurara, nas conversas mantidas com o embaixador, afastar esse tema da discussão, aproveitando para referir que os armazéns estavam bem fornecidos de pólvora e de pelouros. O Melique, como não obtivera a pedra, retirara-se para Pondá em Setembro, sob o pretexto de ir exercer o cargo para que tinha sido nomeado. Um vez na «outra banda», Melique Acute voltou a usar movimentações militares para obter a pedra, só que entretanto caiu em desgraça na Corte, para onde foi chamado. Mau grado a partida do embaixador para Bijapur, o conde de Sarzedas preferiu jogar pelo seguro e manteve guarnecida a fronteira terrestre, tanto mais que não recebera a ratificação do tratado de 1655. Cf. Pandurunga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, apêndice 84, pp. 603-604.

Terça feira 21. Ouvy missa, dey audiencia, despachey petiçãoens e assiney papeis; à tarde dey audiencia a algumas pessoas, e à noite estive com o Secretario do Estado e Vedor da Fazenda.

[fl. 67v] Quarta feira 22. Ouvy missa, dey audiencia, despachey petiçãoens e assiney papeis; à tarde tive Conselho do Governo²⁸⁷ sobre a forma de socorrer Ceilão, onde declarey se havia capacidade e poder bastante para o fazer, que eu hiria com elle de muito boa vontade; asentou se que visto não haver poder de galioens de alto bordo, que fossem em Janeiro oito // ou dez galiotas com muniçoens e soldados.

Quinta feira 23. Ouvy missa, dey audiencia, despachey petiçãoens; tive cartas de algumas fortalezas do Norte, escrevy ao Idalcão dizendo que o seu Embaixador se havia hido sem ajustar nada a que elle tinha mandado, que lhe fazia a saber por o ter entendido²⁸⁸; à tarde dey audiencia a algumas pessoas, e assiney papeis.

Sesta feira 24, vespora de Natal. Ouvy missa, dey audiencia e gastey a menhã em receber boas festas; à tarde tive Conselho da Fazenda, onde se arendou a renda de espeçeria²⁸⁹ que querião tomar com perda de mais de mil xerafins, em que andou os annos passados,

²⁸⁷ Entenda-se «Conselho de Estado».

²⁸⁸ Esperança vã do vice-rei, que morreu sem ter recebido o tratado ratificado, tal como aconteceu com Muhammad 'Âdil *Shâh*, que nunca as voltou a enviar. O seu sucessor, 'Alî 'Âdil *Shâh* II (r. 1656-1672), era menor quando subiu ao trono, pelo que a sua mãe, Bârî Sâhiba, e o Can Canan (*Khân-Khânân*) exerceram uma regência dual. Em Janeiro de 1657, o governador Manuel Mascarenhas Homem encarregou o padre Costa de Brito, um convertido amigo do referido ministro, de uma missão diplomática em Bijapur, a qual tinha, entre outros objectivos, o propósito de receber a ratificação do tratado de 1655 e de terminar com a história da «pedra», vista pelo lado português como um mero pretexto para estabelecer um tributo vassálico do Estado da Índia para com Bijapur. Cf. Panduronga S. S. Pissurlencar, *op. cit.*, vol. III, apêndice 90, «Instrução para o padre Costa de Brito», Goa. 05-01-1657, pp. 609-611.

²⁸⁹ Segundo Simão Botelho, trata-se de renda antiga, anterior à conquista portuguesa. Abrangia uma enorme variedade de produtos: pimenta, canela, cravo, maçã, noz-moscada, gengibre seco, cominhos, cominhos secos, endros secos, sândalo branco e vermelho, ingue, açafrão da terra, alhos e cebolas secas, cânfora, aguila, mirabulanos secos, papel, sal de Ormuz, fio de coser, tamarindo seco, azougue, vermelhão, pedra-ume, tincal, solimão, benjoim, passas de uvas, ameixas passadas, tâmaras, amêndoas, toda a fruta de Ormuz, anjuão, pucho, mirra, incenso, anil, enxofre, breu de Samatra e algodão. Também o açafrão de Portugal constava desta longa lista de produtos taxados, mas, a pedido dos vereadores e povo da cidade de Goa, o governador Jorge Cabral (1549-1550) suprimiu-a. Cf. Simão Botelho, «Tombo do Estado da Índia», in Rodrigo José de Lima Felner, *Subsídios para a Historia da Índia Portuguesa*, pp. 49-50.

mas por meyo da diligencia que nisso se fez não só não quebrou, mas acrescentou alguma couza; tive avizo de Agoada de que as naos estavam trabalhadas a respeito de ventar muito o vento Sul, e mandey que se acudissem com gente e com tudo o mais necessario, avizando aos Capitaens mores acudissem à barra.

[fl. 68] Sabbado 25, dia do Natal. Ouvy missa e receby boas festas de muita gente; tive novas da barra de que havia lá grande tormenta, e que havião faltado ao Bom Jesus²⁹⁰ quatro amarras das seis com que estava, e da mesma forma a nao Sacramento da Trindade, e que a nao Graça²⁹¹ havia quebrado hum mastareo²⁹², e estava rendido outro; fuy logo à Ribeira fazer prevenir amarras e ancoras, onde se não acharão mais que quatro, de que se despedirão logo as tres para a barra, e ficou outra para hir pela menhã; recolhy me à noite muito molhado, e // confissão os naturaes daquy que neste tempo hé cá o coração do Verão, não se há visto tal tempestade de agoa, vento e trovoens como faz há tres dias.

Domingo 26. Havia passado a noite com grande cuidado em rezão das naos, por haver sido a noite muy tromentoza de agoa, trovoens e vento; ouvuy missa, fuy à Ribeira a fazer embarcar a ancora e amarra que ficou para hir pela menhã, que até a isso hé necessario assitir hum Vice Rey, e depois de a mandar vim para caza; faley a algumas pessoas que me estavam esperando, e à noite me trouxe o Ouvidor geral e Escrivão da Camara a eleyção dos Vereadores, Procuradores e mais Officiaes que han de servir os tres annos seguintes, para eu nomear delles o que me parecesse, como fiz, ajustando me com os mais votos, que hé o que Sua Magestade ordena; no discursso do dia tive avizos que a tormenta hia moderando se mais, e havia menos mares, e que havião chegado as ancoras, e amarras que mandey, e que se lhe havião deitado; e hé certo que milagrozamente escaparão estas tres naos da tormenta que tiverão, não vista nunca neste tempo; tudo se deve à Misericordia Divina.

Segunda feira 27. Ouvy missa e algumas partes; tive cartas de Agoada, do Vedor da Fazenda, Capitão mor Antonio de Souza Cout-

²⁹⁰ A nau *Bom Jesus da Vidigueira*.

²⁹¹ A nau *Nossa Senhora da Graça dos Milagres* partira para a Índia em 1654 sob o comando de D. Fernando Manuel e ficara no Índico durante 1655, só regressando ao Reino em 1656.

²⁹² Vergõntea, geralmente de madeira, que remata superiormente o mastro, podendo espigar por cima dele ou por cima de outros mastaréus. Cf. A. Morais Silva, *Dicionário...*, s.v.

[fl. 68v] tinha, que se foy meter na sua nao, em que me dizem que está o tempo melhorado, e da mesma maneira fez também Dom Fernando Manoel; obrou Deos grande milagre em sessar a tormenta, porque a durar mais perderão se as naos infalivelmente; e à tarde fuy à Ribeira a mandar continuar em fazer as amarras; e neste dia forão duas ancoras // mais para a barra; à noite tive cartas do Capitão de Cananor²⁹³, feitas em catorze deste mez de Dezembro, em que me manda outras do padre [...] ²⁹⁴ da Companhia de Jesus que assite em Manapar²⁹⁵, para elle com relação do bom successo que Deos nos deu em Ceilão que conthem²⁹⁶.

Terça feira 28. Ouvy missa, dey audiencia e depois disso fuy à Ribeira a fazer continuar com as amarras; à tarde ouvuy partes, e o restante passey em provimento de alguns officios; e porque me disserão que os officiaes da nao Graça, que prenderão Dom Fernando Manoel na viagem e estão prenunciados a prizão, os mandey prender.

Quarta feira 29. Ouvy missa, dey audiencia, despachey petiçãoens e provy alguns officios; à tarde tive avizo de Agoada, em que me dizem que parece²⁹⁷ huma vela de gavea na volta do Norte; à tarde dey audiencia a algumas pessoas, e em particular aos Capitaens mores Antonio de Souza Menezes, Dom Fernando Manoel, que vierão das naos que forão acudir à tormenta que ouve, e deixarão as naos amarradas e livres della, o que se pode atrebuir mais a milagre que outra couza, pello risco em que estiverão.

Quinta feira 30. Ouvy missa, dey audiencia, despachey petiçãoens; tive cartas do Capitão de Agoada e do de Mormugão que apparecião algumas velas ao mar, e juntamente a tive de Dom Manoel Mascarenhas, Capitão mor da armada do Norte, em como havia chegado de Cochim, e não havia passado ao cabo de Comorim em razão de ter avizo do Capitão mor do Canará não ter podido dobrar o cabo para socorrer Ceilão; trás as mesmas novas do bom successo que tivemos naquella ilha, posto que até agora não tenho carta do

²⁹³ Manuel Cabral de Vasconcelos.

²⁹⁴ Espaço em branco.

²⁹⁵ Manapad ou Munapad, a 8° 23' N e 78° 04' E, na costa ocidental do golfo de Manar.

²⁹⁶ As novas de Ceilão referiam-se ao levantamento do cerco holandês a Colombo, desbaratado a 12 de Novembro, com perdas assinaláveis para o lado sitiador, tanto em homens como em material.

²⁹⁷ Entenda-se «apareceu».

[fl. 69] // Geral Antonio de Souza Coutinho, mas também pellos mouros tenho as mesmas novas; e assim espero em Deos que han de ser verdadeiras.

Sesta feira 31 de Dezembro. Ouvy missa, dey audiencia, despachey petiçãoens, sem embargo de amanhecer este dia com febre, maltratado; tive avizo de duas naos de Olanda que andavão sobre esta barra, por cuja cauza, e estar esperando a armada que foy a Cambaya buscar a carga para as naos; mandey neste dia huma almadia²⁹⁸ com hum Cabo de confiança, para hir avizar a armada que eu estou esperando, que vem com a cafilla de Cambaya, que andão duas naos à vista desta barra para que venhão com todo o cuidado que convem; à tarde dey audiencias, faley a[o] Vedor da Fazenda e Secretario do Estado, dispondo na materia o apresto das naos, e juntamente sobre outras materias do governo; neste dia me veyo falar Manoel Mascarenhas Homem²⁹⁹ que estava em Cochim, e veyo na armada do Norte; trás consigo hum filho, hum genro e hum sobrinho.

Janeiro de 656

[fl. 69v] Sabbado, o primeiro de Janeiro. Fuy a Sam Domingos à festa de Bom Jesus. Lá me levarão novas que era chegada a armada que foy buscar a frota de Cambaya a salvamento, e que encontrara as duas naos de Olanda que andão defronte desta barra a huma vista; mandey logo a mesma almadia que havia hido dar avizo das naos a esta armada, que fosse dar a que estou // esperando que foy ao cabo de Comorim, de que hé Capitão mor Manoel de Magalhains Coutinho, que me escreveo de Cochim, ficava para partir com a pimenta, e que o tempo da vara³⁰⁰ não lhe dera lugar a passar a socorro de Ceilão; e por o querer fazer, estivera muito ariscado, e que deitara noventa soldados nas pedras de Cariapatão³⁰¹ para passarem a Manar; com sua vinda hei de mandar apurar o que nesta materia há, porque me es-

²⁹⁸ Almadia, uma embarcação pequena, estreita e comprida, oriunda do litoral suaíli, dado que a palavra vem do árabe africano *al-madija*. Cf. S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, s.v.

²⁹⁹ O sucessor do conde de Sarzedas no governo da Índia (1656), tendo feito parte da terceira Junta de Governo, conjuntamente com Francisco de Melo e Castro e António de Sousa Coutinho, a qual governou de 1656 até 1661.

³⁰⁰ Temporal de duração relativamente curta.

³⁰¹ Cadiapatam: a 8° 08' N e 77° 18' E, a sul do actual estado do Kerala.

crevem sobre ella diferentemente; à tarde esteve comigo Dom Manoel Mascarenhas, Capitão mor da armada do Norte, que me veyo dar conta da viagem que tinha feito; tive avizo de Agoada que andavão as duas naos olandezas ao mar desta barra.

Não se acha continuado este diario e sabe se que em 13 deste mesmo mez de Janeiro foy a sua morte.

Em outro livro rubricado pello dito Senhor Conde de Sarzedas se acha o seguinte:

*Memoria de algumas couzas que se vão obrando no meu governo da India
que começey a governar em 24 de Agosto em que tomey posse,
havendo chegado em 20 do dito mez de 1655*

Nomeey para Capitam mor do Norte a Dom Manoel Mascarenhas. //

[fl. 70] Nomeey para Capitão mor do Canará Manoel de Magalhains Coutinho³⁰², o qual aprobev por vir nomeado pella Cidade, e porque hé custume nomear ella também os Capitaens desta armada; e me chegou que alguns delles não erão capazes por menos, mandey vir diante de mim os Capitaens todos, e por reconhecer que não erão capazes pella pouca idade, e não haverem servido, escolhy outros que a mesma Cidade nomeava, e despois a estes sahio em [...] ³⁰³ de Setembro.

Na ilha de Thimor não há mais que quatro religiosos de Sam Domingos³⁰⁴. Hé muito grande, porque tem oitenta legoas de

³⁰² Manuel de Magalhães Coutinho foi nomeado para a capitania-mor da armada do Canará a 16 de Setembro de 1655. Cf. fl. 40v.

³⁰³ De acordo com o registo diário do conde de Sarzedas, a armada zarpu para os ilhéus de Mormugão a 20 de Setembro de 1655. Cf. fl. 41v.

³⁰⁴ A informação referente a Macassar, Solor e Timor chegou às mãos do vice-rei por intermédio do barco que aportou a Goa a 17 de Setembro de 1655 (cf. fl. 41), o qual trouxe cartas de Francisco Vieira de Figueiredo e de Karaeng Karunrung, dado que o regimento dado a Gaspar Pereira dos Reis o mencionou expressamente, enquanto as escritas em 1654 tinham sido dirigidas a seu pai, Karaeng Pattingolloang, que morreu nesse ano. Assim, a informação disponível em Goa sobre essa parte da

[fl. 70v]

cumprimento e trinta de largo; a casta da gente hé de gentios e alguns mouros; há nella muitos christãos, porem com a falta dos padres não tem a doutrina necessaria; hé necessario acrescentar o numero dos religiosos para que aquella christandade vá em aumento e não em diminuiçam como vay. Hé esta ilha governada por regulos; há nella huma rainha que chamão de Mena, que hé christã, por nomem Donna Catherina³⁰⁵, e os mais de seus vassalos o são também; há outro regulo também christão por nomem Dom Antonio³⁰⁶; há alguma gente portugueza e mistiços; há Capitão mor nomeado pellos Vice Reis que tem mais de cem soldados; e este prezidio se paga na mesma ilha e o Capitão mor, que se chama Francisco Carneiro de Sequeira, o hé da terra, e o do mar Simão Luis, que diz anda com dez ou doze manchuas. Nesta ilha de Thimor se tem descuberto há poucos tempos huma serra de metal de tambaca³⁰⁷, ouro, e dizem também que há minas de prata, ambar, perolas, e muita cera, sandalo, e escravos, // e tartaruga. As pessoas assima que lá governão, há annos que aly estão; o Carneiro³⁰⁸ hé nomeado pello Vice Rey Dom Phelipe Mascarenhas, e outro³⁰⁹ pello Conde de Obidos.

Insulíndia dataria da primeira metade de 1655. A relação mencionou quatro dominicanos que missionariam em Timor sem os especificar e frei Lucas de Santa Catarina referiu-se a sete, sem datar a sua presença na ilha. Para o dominicano houve em Timor, após a década de 1640, sete confrades a catequizar entre os timores. No reino de Mena estavam frei Miguel do Espírito Santo e frei Manuel da Ressureição, no de Lifau frei Pedro de São José, no de Cupão frei António de São Jacinto, no de Manubão frei Álvaro de Távora, no de Luca frei António de São Domingos, e no de Anafau frei António de Nossa Senhora. Cf. Frei Lucas de Santa Catarina, *História de São Domingos*, vol. II, 4.^a parte, IV-V, Porto, Lello & Irmão, 1977, pp. 1127-1128.

³⁰⁵ A rainha de Mena, um reino na costa norte de Timor, fora baptizada em Junho de 1641, por frei António de São Jacinto, a seguir à invasão da ilha por Karaeng Pattingalloang de Tallo' em 1641. Cf. Frei Lucas de Santa Catarina, *op. cit.*, 4.^a parte, IV-V, pp. 1122-1123. A rainha e o filho, D. João, morreram na primeira metade de 1656, às ordens de Francisco Carneiro de Sequeira, sob acusação de terem sido amigos dos holandeses que desembarcaram em Timor, comandados por Arnold de Vlaming van Oudshoorn. Francisco Vieira de Figueiredo comunicou a Manuel Mascarenhas Homem a má impressão que tais mortes causaram em Macassar, por se tratarem de um rei e de uma rainha, tendo sido preferível que o capitão-mor, seu amigo e conhecido de longa data, tivesse empregue um meio expedito e discreto, i.e. com «peçonha», para se ver livre deles. Cf. Humberto Leitão, *Os Portugueses em Solor e Timor de 1515 a 1702*, Lisboa, 1948, p. 178, C. R. Boxer, *op. cit.*, pp. 19-20.

³⁰⁶ Não se vislumbra qual possa ser o régulo timorense com esse nome.

³⁰⁷ Liga de cobre e zinco, mas também se utiliza o termo para cobre ou zinco. Do malaio *tambága* <sânscrito *Tamuraka*. Cf. S. R. Dalgado, *Glossário...*, s.v.

³⁰⁸ Entenda-se Francisco Carneiro de Sequeira.

³⁰⁹ Entenda-se Simão Luís.

Esta ilha está setenta legoas do Macasá, adonde assiste Francisco Vieyra³¹⁰ que a socorre nos apertos, pouco mais ou menos.

A ilha de Solor, governa o mesmo Capitão mor de Thimor, sam vinte e sinco legoas de huma a outra; há nella seis frades de Sam Domingos e muita gente bautizada, porem com pouca doutrina pella falta dos ditos religiosos; hé necessario acrescentarem se. Nesta ilha há algum ambar, cera e escravos; e estará esta ilha sincoenta e sinco legoas do Macasá.

³¹⁰ Entenda-se Francisco Vieira de Figueiredo.

BIBLIOGRAFIA

Manuscritos

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

Código 1659

Índia, caixas (25) 44, (26) 46,

BIBLIOTECA DA AJUDA

Código 50-v-38

BIBLIOTECA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Série Azul: n.º 58

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA

Fundo Cunha Rivara, armário v e vii, n.º 15-26.

Impressos

BIKER, Júlio Firmino Júdice, *Collecção de tratados e concertos de pazes que o Estado da Índia Portuguesa fez com os Reis e Senhores com que teve relações nas partes da Asia e Africa Oriental*, reimpressão da edição de 1884, vol. iv, Nova Deli, 1995.

BLANCO, Maria Manuela Sobral, *O Estado Português da Índia. Da Rendição de Ormuz à Perda de Cochim (1622-1663)*, vol. i, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992 (dissertação de doutoramento fotocopiada).

BOXER, Charles R., *A Índia Portuguesa em Meados do Século XVII*, trad. port., Lisboa, Edições 70, 1982.

— «The principal ports of call in the Carreira da Índia», in *Luso-Brazilian Review*, vol. viii-1, Summer, 1971.

COSTA, A. Fontoura da (prefácio e notas), *Roteiros Portugueses Inéditos da Carreira da Índia do Século XVI*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1940.

DALGADO, Sebastião Rodolfo, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919-1921.

DOMINGUES, Francisco Contente, e GUERREIRO, Inácio, *A Vida a Bordo na Carreira da Índia (Século XVI)*, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. xxxv, 1988.

- ENCARNAÇÃO, Carlos A. da, *Subsídios para o Estudo da Carreira da Índia*, 9, separata de *Anais do Clube Militar Naval*, CXXV, Janeiro-Março, 1995.
- ESPARTEIRO, António Marques, *Catálogo dos Navios Brigantinos*, Lisboa, Centro de Estudos de Marinha, 1976.
- *Três Séculos no Mar*, vols. III e IV, Lisboa, Ministério da Marinha, 1974-1975.
- FELNER, Rodrigo José de Lima, *Subsídios para a História da Índia Portuguesa*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1868.
- FITZLR, M. A. H., *O Cêrco de Ceilão*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928.
- FONSECA, Quirino da, *Os Portugueses no Mar. Memórias Históricas e Arqueológicas das Naus de Portugal*, 2.^a ed. Lisboa, s.d.
- GORDON, Stewart, «The Marathas 1600-1818», in *The New Cambridge History of India*, vol. II-4, Nova Deli, 1993.
- GUEDES, Max Justo, *A Carreira da Índia – Evolução do Seu Roteiro*, separata de *Navigator*, n.º 20, Rio de Janeiro, s.d.
- IRIA, Alberto, *Da Navegação Portuguesa no Índico no Século XVII (Documentos do Arquivo Histórico Ultramarino)*, 2.^a ed., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973.
- LAGOA, Visconde de, *Glossário Toponímico da Antiga Historiografia Portuguesa Ultramarina*, parte I, Ásia e Oceânia, 4 vols., Lisboa, Ministério do Ultramar, 1950-1954.
- LAPA, José Roberto do Amaral, *A Balia e a Carreira da Índia*, col. Brasiliana, vol. 338, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.
- LEITÃO, Humberto, (introdução e notas), *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino (1608-1612). Diários de Navegação Coligidos por D. António de Ataíde no Século XVII*, 3 vols., Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1957-1958.
- e LOPES, J. Vicente, *Dicionário de Marinha Antiga e Actual*, 2.^a ed., Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1974.
- LINSCHOTEN, Jan Huygen, *Itinerário, Viagem ou Navegação de [...], para as Índias Orientais ou Portuguesas*, edição preparada por Arie Pos e Rui Manuel Loureiro, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.
- MATOS, Artur Teodoro de, *Na Rota da Índia. Estudos de História da Expansão Portuguesa*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1994.
- *Timor Português 1515-1769. Contribuição para a Sua História*, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, Instituto Histórico Infante Dom Henrique, 1974.
- REGO, António da Silva, «Viagens Portuguesas à Índia em meados do Século XVI», in *Estudos de História Luso-Africana e Oriental*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1994.

BIBLIOGRAFIA

- SARDESSAI, Govind Skharam, *New History of the Marathas*, 2.^a ed., vol. I, Nova Deli, 1986.
- PISSURLENCAR, Panduronga S. S., (coord. e notas), *Assentos do Consellio de Estado*, vol. III, Bastorá, Goa, 1955.
- SILVA, António de Moraes, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.^a ed. , Lisboa, Editorial Confluência, s.d.
- TISSANIER, P. Joseph, *Relation du voyage du [...] depuis da France jusqu'au Royaume de Tunquin*, Paris, 1663.
- VARMA, D. C., *History of Bijapur*, Nova Deli, 1974.
- VITERBO, Sousa, *Trabalhos Náuticos dos Portugueses. Séculos XVI e XVII* (reimpressão da edição de 1898), Lisboa, Imprensa Nacional, 1988.

ÍNDICE ANALÍTICO

A

- ABDULA AQUIM ou HAQUIM ('ABD AL-LÂH HAKÎM) – capitão do Idalxa: 29, 80, 105, 114, 118, 119.
- Acidentes a bordo: 16, 42, 44, 46, 47, 51, 53, 58, 63.
- Aço: 112.
- Açúcar candi – medicamento: 59.
- ADRAJÃO (ALI RAJÁ): 138.
- AFONSO VI – rei de Portugal: 70.
- Agostinhos: 128; convento dos: 26; «inquietação» nos: 100; provincial dos: 100.
- Água: 65; falta de: 15.
- Aguada*: 142, 143, 145; capitão da fortaleza da: 93-99, 101, 102, 104, 121-124, 128, 129; D. Francisco Luís Lobo, capitão: 127, 134; João de Melo de Sampaio, capitão: 127; fortaleza da: 79, 108, 109.
- ACUIAR, António de: 63, 65, 66, 90.
- Agullhas* – cabo das: 56.
- Alardo da gente de mar e de guerra: 37, 77.
- ALAUDDIN – sultão: 137.
- Albacora: 19, 41.
- ALBUQUERQUE, Luís de Mendonça Furtado de – capitão-mor: 72.
- Alfândega de Goa: 85; escrivão da: 96; guarda-mor da: 97.
- 'Alî 'ÂDIL SHÂH II: 141.
- ALI RAJÁ (ADRAJÃO): 138.
- Aljôfar: 22.
- Almadias: 94.
- Almas do Purgatório – devoção das: 18, 44.
- ALMEIDA, Fortunato de: 139.
- ALMEIDA, Manuel Mascarenhas de: 134.
- Almoxarife – Francisco Teixeira: 105.
- Altar a bordo: 48, 52, 54, 57, 68, 75.
- Amanuſau* – reino de: 146.
- AMARAL, António de: 103; capitão da fortaleza de Jafanapatão: 132.
- Amarras: 25.
- Âmbar: 146.
- Amboino*: 136, 137.
- Amêndoas: 127.
- Aucola* (*Aukola*): 87, 91, 97.
- Âncoras: 25.
- ANDRÉ, Manuel – piloto: 9, 40, 69, 71, 72, 73.
- Angasija* – ilha de: 66.
- Angochie* – ilhas: 61.
- Angola*: 10, 13; governador de: 39, 40.
- Arábia* – mar da: 70.
- Arcabuzes: 105, 107, 108.
- Arcebispo de Cranganor – D. Francisco Garcia Mendes: 122.
- Arcebispo de Goa: 25.
- Arcos: 125.
- Armada da colecta: 24, 86, 98, 99, 100, 102, 111; apresto da: 94, 97; v. também Armada do Canará.
- Armada de Cambaia: 108, 110, 111, 113, 123, 144.
- Armada do Cabo Comorim: 111, 113, 123, 124; capitão-mor da D. Francisco Luís Lobo: 127, e Manuel de Magalhães Coutinho: 144.
- Armada do Canará: 86, 101, 104, 109, 111, 133; capitão-mor da, Manuel de Magalhães Coutinho: 100, 145; v. também Armada da colecta.
- Armada do Norte: 25, 84, 92, 102,

- 110-112, 121, 122, 144; apresto da: 94, 97; capitão-mor da, D. Manuel Mascarenhas: 90, 133, 134, 143, 145.
- Armada dos periches: 25, 27 101-104, 110, 111.
- Armada holandesa: 116, 126.
- Armadas – apresto das: 26, 94, 97, 98.
- Armadas de socorro a Ceilão: 25.
- Armazém da Ribeira de Goa: 25, 87.
- Armazéns da Índia: 35.
- Arrematação de rendas: 112, 125, 129, 130.
- Arrendamento das rendas da Cidade de Goa: 99.
- Arroz: 21, 92-94, 97; branco, 105, 107, 108; preto: 105-108; de Baçaim: 92; do Canará: 110, 111, 123; do Reino: 105, 107, 108; falta de: 27, 28, 108; venda e distribuição de: 123; envio para Ceilão: 99, 101, 138.
- Artilharia: 41, 62.
- Árvore seca: 76, 77.
- Árvores: 64.
- Ascensão – festa da: 18, 47.
- Asserim*: 138.
- ATAÍDE, D. Jerónimo de – conde de Atouguia, governador do Brasil: 40.
- ATOUGUIA, Conde de – D. Jerónimo de Ataíde, governador do Brasil: 40.
- Auditor da armada – Manuel Martins Madeira: 16, 41, 42, 43, 48, 63, 65, 66.
- Aúste: 79.
- Auto-de-fé: 23, 83.
- Avaldar de Pondá: 139.
- Ave-grazina: 62.
- AVEIRAS, Conde de – D. João da Silva Telo de Meneses, vice-rei do Estado da Índia: 69, 70, 71, 72.
- Azagaias: 125.
- B**
- Baçaim*: 70, 71, 103, 110, 112, 130, 131, 138; capitão da fortaleza de: 92; foros de 92; procurador de: 135; rendas de: 113.
- Bacalhau: 105, 107, 108.
- Bagagem de bordo: 49.
- Baía*: porto da: 15, 48; reconquista da: 12, 46.
- Baixio da Judia: 63, 64, 65; de João da Nova: 64, 65; do Patrão: 68, 69.
- Balais: 81-83, 140.
- BALÃO, António – pagem: 58.
- Balas: 106, 107, 117.
- Bando: 125; sobre o arroz para Ceilão: 92.
- Baptismo de um judeu: 26.
- Barcelor*: fortaleza de: 21, 123; abandono da fortaleza de: 21.
- Bardes*: 81, 84, 88, 89, 93, 108-110, 112, 114, 116, 119, 126, 127, 129, 133, 134; capitão-mor de: 116; capitão-mor da gente de guerra, Pedro Pinto de Melo 113; tropas para: 23.
- BĀRĪ SĀHIBA: 87, 141.
- Barra de: Cochim 69, 70; Goa: 63, 69, 71, 72, 73, 74, bloqueio: 69, 70; Mormugão: 73, 79.
- BARRETO, Francisco – capitão de galeota: 107.
- BARRETO, Martim Velho: 86.
- BARROS, Manuel de: 77.
- BASTO, Artur de Magalhães: 95.
- Batávia*: 137.
- Bate: 110.
- Bijapur*: 80, 81, 87, 91, 134, 140; missão diplomática a: 141.
- BIKER, Júlio Firmino Júdice: 70, 87.
- Biscoito: 105-108.
- Bispo de Crisópolis – D. Mateus de Castro: 82.
- BLANCO, Maria Manuela Sobral: 21, 22.
- Boa Esperança* – cabo da: 14, 54-56, 69, 71.

Bolsas: 105, 107, 108.
 Bom Jesus da Vidigueira – nau: 9, 11, 23, 36, 127, 142; população da: 15.
 Bom Jesus: Convento do: 26; festa do: 26.
 Bomba: 43.
Bombaim: 69, 70, 71, 72.
 BOTELHO, Padre António: 80, 81, 87, 88, 91, 114.
 BOTELHO, Simão: 141.
 BOXER, Charles R.: 10, 70, 136, 137, 146.
 BRANDÃO, Baltasar de Paiva – capitão do galeão *São Francisco*: 9, 20, 36, 41, 42
 BRANDÃO, Manuel da Costa: 36.
Brasil: 13, 29, 40; governador, conde de Atouguia, D. Jerónimo de Ataíde: 40.
 BRITO, Bernardo Gomes de: 64.
 BRITO, Padre Costa de: 141.
Burnt Islands: 96.
Buro: 137.

C

Cabido da Sé de Goa: 24, 84, 85.
Cabo Verde – ilhas de: 10, 13, 38, 39.
 CABRAL, Manuel de Sousa: 29; prisão de: 130.
 CABREIRA, Francisco de Seixas – capitão: 96, 134.
Cadiapatam: 144.
 Cáfila de Cambaia: 25, 27, 111, 144; v. também Armada de Cambaia.
 Cafre: 103, 125, 126.
Caldeira – ilha: 61.
 CALDEIRA, André – recebedor das terras de Bardes: 89.
 CALDEIRA, Padre António: 84.
 Calmarias: 20, 46, 50.
 CALU SINAY: 119.
 Câmara de Goa: 24, 27, 86; eleição dos oficiais: 142; eleição dos procuradores: 142; eleição dos vereadores: 142; escrivão da: 142.

Cambaia: 92, 122; armada de: 108, 144; cáfila para: 25, 27.
Cambolim – fortaleza de: 80, 123.
 CAN CANAN (*KHÂN-KHÂNÂN*): 87, 141.
Cananor: 103; capitão-mor de, Manuel Cabral de Vasconcelos: 138, 143; rei de: 138, 139.
Canará: 21, 87, 115, 138, 139; armada do: 86, 101, 104, 109, 133; arroz do: 110, 111, 123; capitão-mor da armada – Manuel de Magalhães Coutinho: 143, 145; guerras do: 28, 92; rei do: 123.
Cauárias – ilhas: 13, 38.
 Canas: 14, 66.
Cândia – rei de: 22.
 Canela de Ceilão: 27, 90, 94, 104, 109, 111, 122.
 Capitão da armada do Norte – D. Manuel Mascarenhas: 133, 134.
 Capitão da fortaleza da Aguada: 93, 95-99, 101, 102, 104, 108, 109, 121-124, 128, 129; D. Francisco Luís Lobo: 127, 134; João de Melo de Sampaio: 127.
 Capitão da fortaleza de Baçaim: 92.
 Capitão de Bardes: 120.
 Capitão de Cananor – Manuel Cabral de Vasconcelos: 138, 143.
 Capitão do Canará: 143.
 Capitão de Cochim: 133, 139.
 Capitão da fortaleza de Jafanapatão – António de Amaral: 134.
 Capitão da fortaleza de Mormugão: 93, 94, 129; D. Francisco Luís Lobo: 127; Rui Dias de Meneses: 89, 134.
 Capitão do fogo – D. João Lobo: 54.
 Capitão da fortaleza de Negapatão – Luís Gonçalves da Fonseca: 134.
 Capitão da fortaleza de Tuticorim: 134.
 Capitão da gente de guerra em Bardes – Pedro Pinto de Melo: 113.
 Capitão da nau *Bom Jesus da Vidi-*

- gueira* – António de Sousa de Meneses: 9.
- Capitão do patacho *Santa Teresa de Jesus* – Manuel de Castro Favila ou Tavila: 9.
- Capitão-geral de Ceilão – António de Sousa Coutinho: 88, 133, 142, 143.
- Capitão-mor da armada da carreira da Índia e da nau *Bom Jesus da Vidigueira* – António de Sousa de Meneses: 9, 17, 23, 63, 73, 79, 94, 101, 102, 104.
- Capitão-mor da armada do Cabo Comorim – Manuel de Magalhães Coutinho: 144
- Capitão-mor da armada do Canará – Manuel de Magalhães Coutinho: 100, 101, 104, 145.
- Capitão-mor da armada do Norte – D. Manuel Mascarenhas: 143, 145.
- Capitão-mor da armada dos periches: 102.
- Capitão-mor da Cidade de Goa – António de Sousa de Meneses: 25, 79, 94, 96, 97.
- Capitão-mor das naus: 92.
- Capitão-mor de Timor – Francisco Carneiro de Sequeira: 146.
- Capitão-mor do mar de Timor – Simão Luís: 146.
- Capitão-mor do Norte – D. Manuel de Mascarenhas: 138.
- CARAFA, Vicent – geral da Companhia de Jesus: 19.
- Cariapatão* – v. *Cadiapatam*.
- Carmelitas Descalços: 26, 102; convento dos: 114.
- Carne – de porco do Reino: 105, 107, 108; de vaca: 107; de vaca do Reino: 105.
- CARNEIRO, Gaspar – capitão de esquadra: 20, 53, 54.
- Carreira da Índia: 13-20;
– acidentes a bordo: 42, 44, 46, 47, 51, 52, 58, 63;
– alardo da gente de mar e guerra: 77;
– armada da: 9;
– bagagem: 49;
– castigos: 20;
– cirurgião: 52;
– clero: 92;
– comédias e entremezes: 18, 19, 54;
– confissões: 18, 38;
– conflitos: 17, 19, 38, 39, 65-67, 75;
– consultas: 20, 66, 69;
– danças: 18, 19, 85;
– degredados: 20;
– derrota da: 13;
– detenções: 62;
– devoção: das Almas do Purgatório: 18, 44; da Boa Morte: 19; do Rosário: 18, 19, 43, 44, 48, 50;
– doentes: 45, 53, 59, 67;
– escorbuto: 67;
– exercícios: 52, 53;
– festas de: Corpo de Deus 52; Santo António: 54; Santo Inácio: 18, 68; S. João: 57; S. Pedro: 58;
– festejos religiosos: 17;
– fogo: 38;
– fontes da: 10;
– infortúnios da: 10;
– jogos: 19, 38, 39;
– medicamentos: 45;
– médico: 44, 47;
– mortes: 40, 46, 50, 68, 77, 56;
– mostra aos soldados: 53;
– motins: 20, 42, 43, 48, 62;
– padre enfermeiro: 83;
– passatempos: 17, 19;
– peditório para missas: 19;
– pesca na: 19, 41 44;
– petição: 49;
– presos: 40, 63, 65;
– quotidiano: 17;
– rapazes a bordo: 92;
– regimento da: 69;
– violência: 19, 20, 40;

- CARREIRA, Ernestina: 9.
 Carrua: 40.
 CARVALHO, Inácio Sarmiento – capitão da fortaleza de Diu: 122.
 CARVALHO, Jerónimo da Carvalho – capitão de nau: 9: 10, 36, 59, 69, 72, 73, 75, 89.
 CARVALHO, João – capitão e piloto da galeota real: 106.
 Casa dos Contos de Goa: 24, 25, 28, 90, 91.
 Casa da Fundição de Goa: 25, 87.
 Casa da Pólvora de Goa: 25, 96, 99, 102, 126, 140.
 Casados: 86.
Cascais: 13, 35, 36.
 CASSY PANDITO (CASSI PADIT): 87.
Castela: 116.
 Castelhanos de Manila: 22.
 CASTELINO, Paulo – inquisidor: 123, 127.
 CASTRO, António de Melo de: 70.
 CASTRO, D. Brás de – governador do Estado da Índia: 21, 23, 29, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 129, 124; prisão de: 130.
 CASTRO, D. Mateus de – bispo de Crisópolis: 82.
 CASTRO, D. Pedro de – prisão de: 130.
 CASTRO, D. Rodrigo de: 83.
 CASTRO, Francisco de Melo e: 144.
 CASTRO, Frei António de – dominicano: 43, 44, 50, 54, 62, 63, 75, 102.
 Catanas: 125.
 Cavalaria – falta de: 27.
 Cavalos: 88.
Ceilão: 131, 132, 134, 139, 140, 143;
 – arroz para: 92;
 – ataques holandeses a: 22;
 – canela de: 27, 94, 111;
 – capitão-geral de: António de Sousa Coutinho: 88, 133, 144; Manuel de Mascarenhas Homem: 22;
 – hipótese de ida do vice-rei a: 29, 141;
 – motim em: 22;
 – preces para: 27;
 – queda de: 29;
 – resistência de: 26;
 – situação militar em: 28;
 – socorro a: 25, 27, 29, 84, 85, 86, 89, 103, 90, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 105-108, 111, 134-138, 140, 144.
 Cera: 146.
 Chanceler-mor de Goa: 86.
Chaporá: 113.
 Charruas: 13, 39, 40.
Chaul: 21, 69, 70, 71, 87, 103, 110, 115, 131, 138, 139; mouros de: 21; procurador de: 135.
China: 127.
Chorão – morte de um fidalgo em: 103.
 Chumbo: 105-108, 122.
 Chuveiros: 44, 47.
Cochim: 103, 104, 139, 143, 144; barra de: 69, 70; capitão de: 133, 139; cidade de: 22; mouros de: 104; procurador da Companhia de Jesus em: 97; rei de: 104, Rama Varna: 111; reis de: 122.
 Cofre das vias: 85.
 Colecta – armada da: 24, 99.
 Colégio dos Reis Magos: 23, 24, 83-85; reitor do: 127.
Colombo: 22 103, 134.
Colvalle: 133; rio: 133.
Combro – ilha de: 14, 66.
 Comércio com: Meca: 21; Moçambique: 21; Pate: 21; Macau: 22.
 Comércio regional: 26, 110.
Comorim – cabo: 109, 111, 122, 133, 143, 144.
Comoro – arquipélago das ilhas: 66.
 Companhia de Jesus: 143; procurador em Cochim: 97; provincial da: 102, 138.
Concão: 91.
 CONCEIÇÃO, Nossa Senhora da – festa da: 138.

- Conde da ilha do Príncipe: 103.
 Confraria: das Almas do Purgatório: 18, 19; de Nossa Senhora de Penha de França: 44.
 Congo: 115.
 Conselho do Estado da Índia: 23, 25, 27, 29, 84, 88, 89, 94, 96, 98, 101, 102, 105, 110, 111, 114, 122, 126, 131, 134, 138, 141.
 Conselho da Fazenda de Goa: 25, 29, 94, 90, 95, 97-99, 101, 108, 112, 122, 125, 127, 129, 130, 132, 133, 136, 138-141.
 Conselho Ultramarino: 70.
 Constantinopla: 131.
 Consulta: a bordo da carreira da Índia: 20, 66, 69; aos provinciais das ordens religiosas de Goa: 115.
 Contos: v. Casa dos Contos.
 Conventos: 24;
 – do Bom Jesus: 26, 96, 136;
 – dos Carmelitas Descalços: 114;
 – da Madre de Deus em Daugim: 26, 95, 102, 138;
 – de São Domingos: 102, 144;
 – de São Francisco: 86, 109, 114;
 – de Santo Agostinho: 26, 89, 128, 129;
 – da Índia: 85.
 Coroar (*Karwar*): 91.
 Coromandel – cidades do: 22; costa do: 113.
 Corpo de Deus – festa do: 18, 52.
 COSTA, A. Fontoura da: 15.
 COSTA, Duarte da – feitor: 115.
 COSTA, Manuel Fernandes da – feitor: 105.
 Coilão – fortaleza de: 22, 103.
 COUTINHO, António de Sousa – capitão-geral de Ceilão: 84, 85, 88, 104, 133, 142, 144.
 COUTINHO, Francisco de Sousa: 144.
 COUTINHO, Manuel de Magalhães – capitão da armada do cabo Comorim: 144; capitão-mor da armada da colecta: 99, 100.
 Crangauor – cristandade de: 122; fortaleza de: 80, 103.
 CRIXNA SINAI – língua do Estado da Índia: 91.
 CRUZ, Frei António da – dominicano: 16, 67.
 Cuncolim: 29, 80, 93, 118; feitor de, Feliciano do Redondo: 99.
 CUNHA, João Manuel Teles da: 30.
 CUNHA, Rui Dias da: 134.
 Cupão – ataque holandês a: 22; reino de: 146.
 Curale: 109.
- D**
 D. João de Castro – ilha de: 66.
 Dabul – feitor de: 131.
 DALGADO, Sebastião Rodolfo: 59, 86, 97, 128, 144, 147.
 Damão: 136, 138; procurador de: 25, 138.
 Daula – capitão de, SîDî 'AMBAR: 96.
 DANTAS, Luís Afonso: 11.
 Daugim – Convento da Madre de Deus de: 26.
 Deão da Sé de Goa: 89.
 Décima: 116.
 Degredados: 126; a bordo da carreira da Índia: 20, 62.
 Degredo: 48; para Ceilão: 125.
 Descarga das naus: 24.
 Desembargador – Manuel Martins Madeira: 16, 41.
 Desembargadores da Relação de Goa: 28, 93.
 Desembargo do Paço: 133, 137; v. também Mesa do Desembargo do Paço.
 Desertas – ilhas: 37.
 Dessai de Perném – QUESSOA NAIQUE: 113.
 Devoção: da Boa Morte 19; das Almas do Purgatório: 18, 44; do Rosário: 18, 19, 43, 44, 48, 50.
 Diu: 132; capitão da fortaleza de, Inácio Sarmento Carvalho: 122;

cerco à fortaleza de: 21, 110, 111;
 fortaleza de: 129; socorro para:
 110, 111.
 DOMINGUES, Francisco Contente: 17.
 Dominicanos: 16, 18, 40, 41, 43, 44,
 47, 50, 54, 62, 63, 65-68, 74, 75,
 89, 102, 130; vigário-geral dos:
 25, 95; em Timor 145, 146.
 DUARTE, Pedro – soldado: 46.

E

Embaixador: de França 132; do Idal-
 cão: 27, 87, 88, 93, 94, 96, 98, 105,
 116, 122, 126, 131, 132, 139, 141.
 Empréstimo de dinheiro para a Fa-
 zenda Real: 23, 28.
 Equador: 13, 46, 50, 51, 73.
Eqiri (Ikkeri) – reido, SIVAPA NAIQUE:
 80.
 Escorbuto: 17, 67.
 Escravos: 146.
 Escrivão: da Alfândega de Goa, 96; da
 Câmara de Goa: 142.
 Esmeralda: 81.
 Esmolas para missas: 44.
 Espada: 126.
 ESPARTEIRO, António Marques: 9.
 Especiaria: 15; renda da: 141.
 ESPERANÇA, Frei João da: 50.
 Espião: 29, 114, 116; em Vingurla:
 100, 108, 109.
 Espinela: 81.
 Espírito Santo – festa do: 18, 50.
 ESPÍRITO SANTO, Frei Miguel do – do-
 minicano em Timor: 146.
Etiópia – Patriarca da, D. Afonso
 Mendes: 25, 139.
Europa: 62.
 Exaltação de Santa Cruz – festa da:
 26.
 Exercícios militares a bordo: 52, 53.

F

FALCATO, Jerónimo de: 29; prisão de:
 130.
 Faróis: 58.

FATE CAN (FATH KHÂN): 87, 91.
 FAVILA, Manuel de Castro – capitão
 do patacho *Santa Teresa de Jesus*:
 9, 14, 15, 36, 63, 66.
 Fazenda Real de Goa: 24, 28, 85, 86,
 135; empréstimo para a: 28.
 Feitor de Cuncolim – Feliciano do Re-
 dono: 99.
 Feitor de Dabul: 131.
 FERNANDES, Luís – mestre de nau: 9,
 69, 63, 72, 75.
 Ferro: 105, 112.
 Festas de:
 – Ascensão: 18, 47;
 – Bom Jesus: 26, 144;
 – Corpo de Deus: 18, 52;
 – Espírito Santo: 18;
 – Exaltação de Santa Cruz: 26;
 – Natal: 142;
 – Natividade: 26;
 – Nossa Senhora da Conceição:
 26, 138;
 – Nossa Senhora da Encarnação:
 37;
 – Nossa Senhora do Ó: 140;
 – Páscoa: 18;
 – Santa Catarina: 26;
 – Santa Teresa de Ávila: 26, 114;
 – Santo Agostinho: 89;
 – Santo António: 18, 54;
 – Santo Inácio de Loiola: 18, 68;
 – S. Bartolomeu: 84;
 – S. Domingos: 18, 75, 98;
 – S. Francisco de Assis: 26;
 – S. Francisco Xavier: 26, 109, 136;
 – S. João: 16, 18, 57;
 – S. Lourenço: 76;
 – S. Pedro: 58.
 Festejos religiosos a bordo da car-
 reira da Índia: 17.
 FICALHO, Conde de: 59.
 Fidalgos: 25, 89, 95.
 FIGUEIREDO, Francisco Vieira de: 137,
 146, 147.
 FIGUEIREDO, Manuel Cardoso de: 107.
 FILIPE – rei das Ilhas: 90.

FILIPE III – rei de Portugal: 12.
 Flechas: 125.
 Fogão de bordo: 20, 38, 43.
 Fogos: 64.
 Folhas de violas – medicamento: 59.
 FONSECA, Luís Gonçalves da – capitão da fortaleza de Negapatão: 134.
 FONSECA, Quirino da: 9.
 Foros da Baçaim: 92.
 Fortaleza de:

- Aguada: 79, 101, 102, 104; capitão da: 93, 95-98, 128, 129; capitão da, D. Francisco Luís Lobo: 127; João de Melo de Sampaio: 127
- Barcelor: 79, 123; abandono da: 21;
- Cambolim: 80, 123;
- Chaul: 21;
- Coulão: 22;
- Cranganor: 80, 103;
- Diu: 129; capitão da, Inácio Sarmiento Carvalho: 122; cerco à: 21, 110, 111;
- Jafanapatão: capitão da, António de Amaral: 134;
- Mangalor 123; abandono da: 21;
- Mormugão: 73, 79, 89; capitão da: 93, 129, D. Francisco Luís Lobo: 127;
- Nossa Senhora da Guia: 35;
- Nossa Senhora do Cabo: 79;
- Onor: 79, 80, 81, 123;
- Pondá: 109;
- Rachol – capitão da: 112;
- São Lourenço: 79.

Fortalezas do:

- Canará: 79, 80;
- Estado da Índia – defesa das: 21;
- Malabar: 22;
- Norte: 69, 84, 89, 122, 133; procurador das: 25;
- Sul – procurador das: 25.

Forte: v. Fortaleza.

Fortificação de Tivim: 93.
 Fragata inglesa: 123.
 França: 9.
 Franciscanos: 16, 18, 26, 53, 65.
 FREITAS, Paulo Castelino de: 134.
 Fuga de soldados: 95, 97, 99.
 FURTADO, João: 20, 75.
 FURTADO, Manuel de Mendonça: 41.
 Fuzis: 57, 60-62, 64.

G

Gale: 88.
 Galeões: *São Francisco*: 9, 16-17, 19-20, 36-39, 41-44, 48-49, 52-58, 62, 66, 68, 74, 124; *Santíssimo Sacramento da Trindade*: 9, 36-39, 41-44, 48, 49, 52, 54, 56-58, 62, 66, 68, 74; *São Lourenço*: 11.
 GAMA, D. Francisco da – vice-rei do Estado da Índia: 86.
 GAMA, D. João Saldanha da – vice-rei do Estado da Índia: 11.
 GAMA, D. Vasco Luís da – marquês de Niza: 35.
 Garajinas – v. Grazina.
 Gente de guerra: 77.
 Gente de mar: 77.
 Gente de navegação – fuga de: 15.
Goa: 11, 15, 21, 23, 66, 73, 76, 78, 134; capitão-mor de: 79.
 GODINHO, Padre Manuel: 16, 57.
 GOMES, Carlos A. da Encarnação: 9.
 GORDON, Stewart: 87.
 Governador de: Angola: 40; Cabo Verde: 30; Surrate: 131.
Grande Comoro: 66.
 GRÃO MOGOL: 138.
 Grazinas – aves: 14, 62.
 Guarda-mor: da alfândega de Goa: 97; das naus na Índia: 85.
 GUEDES, Max Justo: 14.
 Guerra no Canará: 28, 92.
 GUERREIRO, A. Machado: 57.
 GUERREIRO, Inácio: 17.
Guiné: 19.
 Guzerates: 27, 110.

H

Haia: 70.

HAQUIMU ('ABD ALLÂH HAKÎM): 119.

HASANUDDIN – sultão: 137.

HENRIQUE, D. Pedro: 29; prisão de: 130.

Holanda – notícias da: 100.

Holandeses: 21, 22, 29, 62, 69, 71-73, 83, 84, 91, 92, 97, 98, 104, 105, 108, 110, 114, 122, 124, 126, 131, 133, 135, 136, 139, 146; naus dos: 41, 113.

HOMEM, Manuel de Mascarenhas: 141, 144; capitão-geral de Ceilão: 22; governador de Macassar: 136.

Hospital Real de Goa: 17, 103, 83; soldados no: 92.

I

IDALCÃO ('ÂDIL KHAÂN): 29, 80, 81, 84, 88, 91, 93, 105 88, 104, 108, 111; 115, 117, 120, 122, 133, 141; capitão do: 114; embaixador do: 27, 87, 88, 93, 94, 96, 98, 139; exército do: 23; guerra com o: 92; paz com o: 27.

IDALXA: v. IDALCÃO.

Igreja de São Caetano dos Teatinos: 26.

Illas – Rei das, D. Filipe 29, 134; prisão de: 130.

Illéus Queimados: 95, 96.

Impostos: 116; lançamento de: 28, 115.

Índia: 14, 68.

Inglaterra: 123.

Inquisição de Goa: 23, 26, 28, 83 98, 115.

Inquisidor – Paulo Castelino: 123, 127.

IRIA, Alberto: 14.

J

Jafanapatão: 103, 132, 140; capitão da fortaleza de, António de Amaral: 134

Jesuítas: 16, 18, 40, 42, 43, 48, 52, 57, 68, 80, 96, 128.

João da Nova – baixio de: 64, 65.

JOÃO IV – rei de Portugal: 12, 69, 80.

Jogo de parar: 19, 38, 39.

Judeu: 98; baptismo de um: 26.

Judia – baixo da: 63-65.

Juiz dos feitos: 112.

Justiça – situação da: 28.

K

Karwar v. *Coroar*.

Kerala: 22.

KHÂN-KHÂNÂN (CAN CANAN): 87 141.

L

Lagoa – baía da: 56.

Lambedor de violas – medicamento: 59.

LAPA, José Roberto do Amaral: 15.

Lastro: 65; falta de: 15.

LAVAL, Francisco Pyrad de: 95.

LEITÃO, Francisco Teixeira – alomoxarife: 105.

LEITÃO, Humberto: 39, 55, 57, 62, 64, 65, 67, 68, 76, 79, 96, 100, 146.

LENCASTRE, D. Mariana da Silva e: 49.

Lifau: 146.

LIMA, D. Joana de: 12.

Limoeiro – prisão do: 16, 19.

Língua do Estado – Crixna Sinai: 91.

LINHARES, Condes de: 12.

LINSCHOTEN, John Huyghen: 72.

Lisboa: 15, 37, 39, 40, 48.

LOBO, D. António: 126, 128.

LOBO, D. Francisco Luís, capitão da armada de Comorim: 127; capitão da fortaleza da Aguada: 127; capitão da fortaleza de Mormugão: 127.

LOBO, D. João: 53, 75; capitão do fogo: 20, 54.

LOPES, J. Vicente: 39, 55, 57, 62, 65, 67, 76, 79, 100.

Luca – reino de: 146.

LUÍS, Simão – capitão-mor do mar: 146.

M

- Macassar*: 99, 127, 136, 137, 146, 147; porto de: 98.
- Macau*: 128, 136, 137; comércio de: 22.
- MACHADO, Barbosa: 70.
- Madagáscar* – ilha de: v. *S. Lourenço*.
- Madeira* – ilha da: 10, 13, 36, 37; governador da: 13, 38.
- MADEIRA, Manuel Martins – desembargador e auditor: 16, 41, 43, 63.
- Maíamede* – ilha de: 61.
- Mal de Luanda: 67.
- Malabar*: 80; fortalezas do: 22.
- Malaca* – estreito de: 22.
- MALIK YÂQÛT (MELIQUE ACUTTE ou MELIQUE ACUTY ou apenas MELIQUE): 117, 120, 121; embaixador do IDALXA: 126.
- Manapad*: 143.
- Manar*: 103, 132, 134, 144.
- Manchua do Estado da Índia: 23, 83.
- Mangalor* – fortaleza de: 79, 80, 123; abandono de: 21.
- Mangas de veludo – aves: 14, 55.
- Manila* – castelhanos de: 22; motim em: 22.
- Manubão* – reino de: 146.
- MANUCCI, Nicolau: 81.
- MANUEL, D. Fernando: 95, 134, 143; capitão da nau *Nossa Senhora da Graça dos Milagres*: 142, 143.
- Maputo*: 56.
- Maranhão*: 10, 38.
- Maratas: 87.
- Marfim: 114.
- MARTINS, Cristóvão – soldado: 40.
- MARTINS, Domingos – soldado: 56; mestre: 106.
- MARTINS, Padre Gonçalo: 80, 81, 82, 96, 105, 111, 140.
- MASCARENHAS, D. Filipe – vice-rei do Estado da Índia: 11, 146; secretário de, Feliciano do Redondo: 29, 99.
- MASCARENHAS, D. Manuel: 81, 94, 112; capitão-mor da armada do Norte: 90, 121, 133, 134, 138, 143, 145.
- MASCARENHAS, D. Vasco de – conde de Óbidos: 38; v. também ÓBIDOS, Conde de.
- MASCARENHAS, Francisco Carneiro de: 103.
- Mascate* – fortaleza de: 21.
- MATOS, Artur Teodoro de: 17, 22.
- MATOS, Paulo Lopes: 30.
- Matrícula: 25, 94.
- Meca*: 90; comércio com: 21; estreito de: 76.
- Medda*: 88.
- Medicamentos: 17, 45; açúcar candi: 59; lambedor de violas: 59; pedra bazar: 59.
- Médico: 17, 45, 47, 52, 59, 64, 136.
- Meirinho: 129; prisão do: 40.
- MELIQUE ou MELIQUE ACUTE ou MELIQUE ACUTY (MALIK YÂQÛT) – embaixador do IDALXA: 82, 87, 88, 91, 96, 105, 113, 114, 116, 120, 121, 126, 140.
- MELO, D. Luís de: 134.
- MELO, Estêvão Soares de – prisão de: 130.
- MELO, Pedro Pinto de – capitão-mor da gente de guerra em Bardes: 89, 113, 114.
- Mena – reino de: 146; rainha de, D. Catarina: 146.
- MENDES, D. Afonso – patriarca da Etiópia: 25, 89, 139.
- MENDES, D. Francisco Garcia – arcebispo de Cranganor: 122.
- MENDONÇA, João de: 63.
- MENDONÇA, Luís de – capitão-mor: v. ALBUQUERQUE, Luís de Mendonça Furtado de.
- MENDONÇA, Manuel de: 20, 41, 42, 43, 44, 58, 65, 67, 75.
- Meneana: 67.
- MENESES, André de Amaral de – capitão de Negapatão: 122.
- MENESES, António de Sousa de – ca-

- pitão-mor da armada e capitão da nau *Bom Jesus da Vidigueira*: 9, 17, 23, 63, 73, 79, 94, 101, 102, 104, 134, 143.
- MENESES, Pascoal de: 107.
- MENESES, Rui Dias de – capitão da fortaleza de Mormugão: 89, 90, 92, 134
- Mesa do Desembargo do Paço: 25, 111, 124, 129.
- Mesquita: 113, 114.
- Mestre – Luís Fernandes: 9, 69, 72, 73.
- Minas de ouro de Moçambique: 98.
- Mirzeu (Mirjan)*: 91.
- Missa: 38; a bordo: 23, 24, 18, 37; esmolas para: 44; missa nova: 52.
- Mocadão: 127.
- Moçambique*: 11, 22, 61, 63, 65, 71; canal de: 64; comércio com: 21; escala de: 14, 15; feitor de: 98; minas de ouro: 98; nau inglesa abastecida em: 98; navio, patacho ou urca de: 97-98, 100, 102.
- Mombaça*: 96; patacho de: 96.
- Monção: 14, 23.
- MONSANTO, D. Rodrigo de – prisão de: 130.
- MORAIS, D. Francisca Xavier de: 11.
- MORANDO, Padre Francisco: 82.
- Mormugão*: 78, 79, 98, 107, 108, 143, 145; barra de: 132; capitão da fortaleza de: 90, 93, 94, 129; D. Francisco Luís Lobo: 127; Rui Dias de Meneses: 89, 134; fortaleza de: 73, 79; galeão de: 124; ilhéus de: 99, 100; porto de: 14, 23, 73, 74, 79.
- Morrões: 107, 108.
- Mortalidade a bordo: 16, 40, 46, 50, 56.
- Morte: 67, 68, 77; de um fidalgo em Chorão: 103.
- Mosquetes: 52.
- Mostra aos soldados: 53.
- Motim: a bordo: 22, 42, 48, 62; em Ceilão: 22; em Goa: 21.
- Mouros: 89, 92-94, 127, 138, 144; em África: 132; em Chaul: 21, 110; em Cochim: 104; na Índia: 132; em Tânger: 27.
- MOUTINHO, Cristóvão – sargento-mor: 89.
- MUHAMMAD ‘ÂDIL SHÂD: 80, 87, 91, 105, 116, 141.
- MUHAMMAD QUTB-SHÂH: 87.
- MULAH MUHÂDIN: 91.
- Munições: 110, 111.
- N**
- NAGOGY: 105.
- NAGOZI NAYAK (NAGOZI NAYAK PRATAP RAU): 118.
- NANE AGÂ (NANNY ÂQÂ/AGHA): 118.
- Natal – festa do: 141, 142.
- Natal* – terra do: 14, 59, 60.
- Nau:
- almiranta: 35, 44, 47, 53, 55, 58, 61-63, 65;
 - *Bom Jesus da Vidigueira*: 9, 23, 15, 127, 142;
 - *Bom Sucesso*: 11;
 - inglesa: 124, em Moçambique: 98;
 - de Meca: 90;
 - *Nossa Senhora da Graça dos Milagres*: 142, 143;
 - *Nossa Senhora da Nazaré*: 70;
 - *Santíssimo Sacramento da Triunidade*: 63, 132, 142;
 - *Santa Helena*: 84;
 - transferência de soldados de: 45.
- Naus – descarga de: 24; estrago nas: 15; partida das: 29.
- Naus do Reino: 109, 36; apresto das: 122, 140, 144; carregamento das: 25
- Naus holandesas: 124, 144, 145.
- NAZARETH, Casimiro Crstóvão da: 139.
- Negapatão*: 22, 89, 103, 122, 130-132, 136; capitão-mor da fortaleza de, Luís Gonçalves da Fonseca: 134.

- NIZA, Marquês de – D. Vasco Luís da Gama: 35.
- NORONHA, Baltasar da Câmara de: 134.
- NORONHA, D. Gil Eanes de – conselheiro de Estado: 113, 114, 122, 134.
- Nossa Senhora do Cabo – forte de: 79.
- Nossa Senhora da Encarnação – festa de: 37.
- Nossa Senhora da Graça dos Milagres – nau: 142, 143.
- Nossa Senhora da Nazaré – nau: 70.
- Nossa Senhora do Ó – festa de: 140.
- Nossa Senhora de Penha de França – confraria de: 44.
- Nossa Senhora do Rosário – procissão de: 130, 131.
- NOSSA SENHORA, Frei António de – dominicano em Timor: 146.
- O**
- ÓBIDOS, Conde de – D. Vasco de Mascarenhas : 38, 73, 85, 86, 90, 127, 130, 146; motim contra o: 29 84.
- Oficiais da Câmara de Goa – eleição dos: 142.
- OLIVEIRA, Eduardo Freire de: 13.
- Olor – fortaleza de: 79-81, 123; abandono de: 21.
- Ordens religiosas de Goa: 27, 28.
- Ormuz – estreito de: 109, 115.
- ORTA, Garcia de: 59.
- Ouro: 146; das minas de Moçambique: 98; da Pérsia: 97.
- Ouvidor-geral: do cível: 25; do crime: 25, 92, 103, 125, 127-129.
- Ouvidor-geral do Estado da Índia: 84, 142.
- P**
- Palácio-fortaleza do vice-rei: 24, 25, 85, 136.
- Palanquins: 125.
- Paliacate*: 22.
- Parangues: 97, 110, 111.
- Parar – jogo de: 19, 39.
- Paraus: 14, 79.
- Páscoa – festa da: 18, 37.
- Pássaros: 55.
- Pássaros*, ilha: 61.
- PASSOS, João de – criado do vice-rei: 59, 60, 64.
- Patacho de: Moçambique: 96, 97, 100; Mombaça: 96.
- Patacho – *Santa Teresa de Jesus*: 9, 13, 14, 16, 20, 35, 61-63, 66, 127, 136.
- Patamar: 84, 94.
- Pate* – comércio com: 21.
- Patrão* – baixos do: 68, 69.
- Patriarca da Etiópia – D. Afonso Mendes: 25, 89, 109, 139.
- Pau* – ilha: 61.
- Pederneiras: 125.
- Peditório a bordo da carreira da Índia: 19.
- Pedra bazar – medicamento: 59.
- Pedra ume: 105, 106.
- Peixe pau: 105-107.
- Pelorinho de Cochim: 104.
- PERES, Damião: 139.
- Periches – armada dos: 25, 27, 101.
- Perném*: 113, 119.
- Pérolas: 146.
- Pérsia* – ouro da: 97.
- Pesca a bordo da carreira da Índia: 19, 41, 44.
- Pescaria* – costa da: 22.
- Piloto: 40, 41-43, 45, 46, 66, 69, 73; da barra de Lisboa: 35; Jerónimo de Carvalho: 72; Manuel André: 9, 40, 69, 72, 73.
- Pimenta: 21, 90, 144.
- PIMENTEL, Manuel: 70.
- PINHEIRO, Luís da Cunha: 30.
- PISSURLENCAR, Panduronga S. S.: 21, 25, 70, 80, 82-84, 88, 91, 92, 96, 105, 110, 114, 119, 124, 131, 134, 138, 140, 141.

Pólvora: 27, 105-108, 110, 111, 117, 122.

Polvorinhos: 107, 108.

Pondá: 96, 116, 140; avaldar de: 139; fortaleza de: 109.

População da nau *Bom Jesus da Vidigueira*: 15, 16.

Porto de: Macassar: 98; Mormugão: 23, 74, 132.

Posse do governador do Estado da Índia: 23, 84, 85.

Prata: 146.

Pregão: 126.

Prior – dos Agostinhos: 129; dos Carmelitas Descalços: 102.

Prisão: 41; do Limoeiro: 50, 56.

Prisioneiros: 56.

Procissões: 26; comemorativa da restauração de Portugal: 136; de Nossa Senhora do Rosário: 130, 131; de Santa Catarina: 133.

Procurador da Companhia de Jesus em Cochim: 97.

Procurador: de Baçaim 135; de Chaul: 135; das cidades do Norte: 25, 27, 28, 135; das cidades do Sul: 25, 28, 135; de Damão: 25, 138.

Procuradores: da Câmara de Goa – eleição dos: 142; das ordens religiosas: 115, 135.

Provinciais das ordens religiosas de Goa: 115.

Provincial: dos Agostinhos: 100, 129; da Companhia de Jesus: 102, 138; v. também Vigário-geral.

Prumo: 55, 64.

Purgante: 49.

Q

Queimados – ilhéus: 95, 96.

QUESSOA PARABU: 121.

QUESSOA NAIQUE (QUESSOA NAYAK) – dessai de Perném: 109, 113, 119, 121.

R

Rachol – capitão da fortaleza de, Valentim Soares: 112.

RAMA VARNA – rei de Cochim: 111.

Recebedor das terras de Bardes – André Caldeira: 89.

Receitas da Fazenda Real: 115.

Recepção ao vice-rei: 24.

REDONDO, Feliciano do – feitor de Cuncolim e secretário de D. Filipe de Mascarenhas: 99.

Regimento: das armadas 113; dos capitães-mores das naus da Índia: 70; da carreira da Índia: 69; de navegação do vice-rei: 69.

REGO, António da Silva: 17.

Rei: de Cândia: 22; do Equiri (Ikkeri): 80; das Ilhas: 90, 130, 134.

REID, Anthony: 137.

Reis Magos – colégio dos: 23, 24, 83-85; reitor do: 127.

REIS, Gaspar Pereira dos – capitão do patacho *Santa Teresa de Jesus*: 136, 137.

Relação de Goa: 25, 28, 84, 93, 95, 101, 104, 112, 115, 128, 129; juizes da: 23.

Rendas: arrematação das: 112, 125, 129, 130; arrendamento das, da Cidade de Goa: 99; de Baçaim: 113; da especiaria 141; do Estado da Índia: 108.

RESSUREIÇÃO, Frei Manuel da – dominicano em Timor: 146.

Restauração de Portugal: 10; comemoração da: 26, 136; problemas decorrentes da: 29.

Ribeira de Goa: 24, 25, 29, 86, 87, 90, 97, 99, 101, 102, 110, 112, 140, 142, 143.

RIBEIRO, Simão: 128.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha 95.

RODRIGUES, Vicente – piloto e roteirista: 14, 15, 69, 70.

Rosário – devoção do: 18, 19, 43, 44, 50.

Roteiro da carreira da Índia: 69.

Roupas: 27, 110, 111, 112.

RUSTAM-I-ZAMÂN – capitão do Idalxa: 87, 91, 114.

S

S. Bartolomeu – festa de: 84.

S. Caetano dos Teatinos – Igreja de: 26.

S. Domingos – festa de: 18, 75, 98.

S. Francisco – galeão: 9, 36-39, 41-44, 48, 49, 52, 54, 56-58, 62, 66, 68, 74; conflitos a bordo: 38.

S. Francisco de Assis – festa de: 26.

S. Francisco Xavier – corpo de: 26; festa de: 26, 57.

S. João – festa de: 18.

S. Lourenço – festa de: 76; forte de: 79; galeão: 11.

S. Lourenço – ilha: 14, 61-65.

S. Pedro – festa de: 58.

S. Tomé de Meliapor: 22, 103.

SÁ, Tomé de: 38, 39.

Saint-Christophe – ilha: 64.

SALAZAR, Diogo: 29; prisão de: 130.

SALGADO, Manuel – capitão-mor da armada de socorro a Ceilão: 98, 104.

Salitre: 90.

Salsete: 84, 88, 89, 93, 94, 97, 99, 108, 112, 116, 126, 127, 129, 130, 133, 134; capitão-mor de: 116; invasão de: 29, 30; moradores de: 121; tropas para: 23.

SALVADO, João Paulo: 30.

Salvaterra de Magos: 12.

SAMPAIO, João de Melo de – capitão da fortaleza da Aguada: 127.

SAMPAIO, Manuel Corte Real de: 134.

Sândalo: 112, 146.

Sangrias: 17, 45, 58, 59.

Santa Catarina – procissão de: 133.

SANTA CATARINA, Frei Lucas de: 146.

Santa Helena – nau: 84.

Santa Teresa – festa de: 114.

Santa Teresa de Ávila: 26.

Santa Teresa de Jesus – patacho: 9, 13, 14, 16, 20, 26, 35, 63, 66, 127, 136.

Santiago – festa de: 67.

Santíssimo Sacramento da Trindade – galeão: 9, 63, 142.

Santo Agostinho – cabo de: 14, 15, 48.

Santo Agostinho – festa de: 89.

Santo António – festa de: 18, 54.

Santo Inácio de Loiola – festa de: 18, 68.

SÃO DOMINGOS, Frei António de – dominicano em Timor: 146.

SÃO JACINTO, Frei António de – dominicano em Timor: 146.

SÃO JOSÉ, Frei Pedro de – dominicano em Timor: 146.

Sargaços: 14, 61, 62, 66.

Sargento-mor – Cristóvão Moutinho: 89.

SARZEDAS, Conde de – D. Rodrigo Lobo da Silveira: 9, 11, 12, 17, 21, 25, 28, 29, 98, 102, 105; doença do: 136, 138, 140, 144; eventual ida a Ceilão: 141.

Sarzedas: 12.

Sé catedral de Goa: 24, 85.

Secretário de D. Filipe de Mascarenhas: 29.

Secretário de estado – Pedro Vieira da Silva: 13, 38, 40.

Secretário de estado da Índia – José de Chaves Sotomaior: 21, 23, 24, 25, 38, 84-86, 89, 90, 92-104, 108-110, 112, 113, 115-117, 123-125, 127-133, 135, 140, 141, 144.

Semana Santa – festejos da: 17, 18, 37.

Senado de Goa: 26, 28.

Senado de Lisboa – presidente do: 12.

SEQUEIRA, Francisco Carneiro de – capitão-mor de Timor: 146.

Setúbal: 36.

- Sezimbra*: 36.
 SÍCIO, Francisco Fernandes: 107.
 SÎDÎ 'AMBAR – capitão de Danda: 96.
 SILVA, João Gomes da – Regedor das Justiças: 49.
 SILVA, Pedro da – vice-rei do Estado da Índia: 71, 72, 86.
 SILVA, Pedro Vieira da – secretário de estado: 13, 38, 40.
 SILVEIRA, D. Luís Lobo da – filho do conde de Sarzedas: 49.
 SILVEIRA, D. Luís Lobo da – pai do conde de Sarzedas: 12, 49.
 SILVEIRA, D. Manuel Lobo da : 11-13, 29, 30, 80, 93, 94, 97, 99, 112, 118, 128.
 SILVEIRA, D. Rodrigo Lobo da – v. SARZEDAS, Conde de.
 SIMÕES, João: 50.
Sind: 108.
 SIVANAPA NAIQUE (SIVAPPA NAYAK) – rei do Equiri: 80, 87, 123, 138.
 SOARES, Valentim – capitão da fortaleza de Rachol: 112.
Sobreira Formosa: 12.
 Socorro a *Ceilão*: 92, 94, 97, 99, 100, 105-108, 111.
Socotorá: 109, 122.
 Soldados: 15, 16, 37, 43, 44, 67;
 – alojamento de: 92;
 – briga entre: 90, 91;
 – desembarque de: 23;
 – envio de, para Salsete: 93, 94;
 – falta de: 27;
 – fuga de: 94, 97, 99;
 – sua organização a bordo: 16;
 – transferência de soldados de nau: 45.
Solor – ilha de: 147; descrição: 147.
 Sombrios: 125.
 SOTOMAIOR, Francisco da Silva: 134.
 SOTOMAIOR, José de Chaves: v. Secretário de estado da Índia.
 SOTOMAYOR, Francisco da Silva – fidalgo: 99.
 SOUSA, António de – capitão de galeota: 108.
 SOUSA, D. Francisco de: 134.
 SOUSA, Luís Gonçalves de: 134.
 SOUSA, Mateus de: 108.
 Sovelões: 125.
Surrate: 110, 111; governador de: 131.
 T
 Tâmaras: 127.
 Tambaca: 146.
Taná: 130.
Tânger: 132; governador de: 12; mouros de: 27.
 Tartaruga: 146.
 TAVILA, Manuel de Castro – v. FAVILA, Manuel de Castro.
 TÁVORA, D. Joana de: 49.
 TÁVORA, Frei Álvaro de – dominicano em Timor: 146.
 Teatinos: 98; Igreja de São Caetano dos: 26.
 Terço – recitação do: 40, 47, 48.
 THOMÁS, Frei – dominicano: 43.
Timor: 22; capitão-mor de, Francisco Carneiro de Sequeira: 146; capitão-mor do mar de, Simão Luís: 146; descrição de: 145-147; dominicanos em: 145; governo de: 146; produtos de: 146.
 TISSANIER, Joseph – jesuíta: 9, 16.
Tivim: 88, 89, 128; fortificação de: 26, 93; reforços para: 25.
 TOMÁS, Frei: 44.
Tonquim – reino de: 9.
 Traçados: 125.
Trás-os-Montes: 46.
 Tratado de paz luso-holandês: 70.
 Tribunais de Goa: 27, 135.
 Trigo: 105-107.
 Tronco – prisão do: 84, 89, 95, 126.
 Trovoadas: 43.
Tuticorim – capitão da fortaleza de: 134; saque holandês a: 22.

V

- VARMA, D. C.: 87.
 VASCONCELOS, Bartolomeu – governador da ilha da Madeira: 38.
 VASCONCELOS, Luís Mendes de – vedor-geral da Fazenda: 70.
 VASCONCELOS, Manuel Cabral de – capitão de *Cananor*: 138, 143.
 VASCONCELOS, D. Maria Antónia de: 12, 131.
 Vedor da Fazenda de Goa – Martim Velho Barreto: 25, 86, 90, 92-96, 98-100, 102, 104, 105, 109, 113, 124, 127, 129, 130, 133, 135-137, 140-142, 144.
 Vedor-geral da Fazenda – Luís Mendes de Vasconcelos: 70.
 VEIGA, Baltazar da: 81, 83.
Vengurla Roches: 96.
 Vereadores da Câmara de Goa – eleição dos: 142.
Versavá – rio de: 69-71.

Viana: 77.

Vigário-geral da Ordem de São Domingos: 25, 89, 95, 124, 135.

Vigários-gerais das ordens religiosas: 25.

Vila Real: 46, 56.

Vingurla (Vengurla): 91, 97, 100, 113, 127; feitoria de: 104, 108, 109.

Vinho: 65, 85; falta de: 15.

Violência a bordo da carreira da Índia: 19, 20, 37, 40.

VISCOSO, Francisco: 67.

VITERBO, Sousa: 70.

VITULLA PARABU (VITULA PARBU): 121.

VOC: 62, 91, 134, 137.

X

XAVIER, S. Francisco: corpo de 96; festa de 136.

Z

ZUQUETE, Afonso Martins: 12.

ZUZARTE, Carlos: 131.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	7
DIÁRIO DO SENHOR CONDE DE SARZEDAS NA VIAGEM E GOVERNO DA INDIA	33
BIBLIOGRAFIA	149
ÍNDICE ANALÍTICO	155

Artur Teodoro de Matos nasceu na ilha de S. Jorge (Açores). Licenciado em História pela Faculdade de Letras de Lisboa, ingressou na Universidade dos Açores, em 1976, onde se doutorou. Aqui organizou o Departamento de História e o Centro Gaspar Frutuoso que dirigiu até ser nomeado vice-reitor em 1983. Posteriormente transferiu-se para a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde é professor catedrático de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa. Dirigiu o Departamento de História desta Faculdade e é o coordenador do mestrado de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa que lançou em 1985. Criou e dirige, com outros colegas, o Centro de História de Além-Mar da mesma Universidade. É director do Centro de Pré-História e Arqueologia do IICT. Dirigiu o Centro de Estudos Damião de Góis da CNCDP e do IAN/TT, em Lisboa. Tem realizado diversas missões de estudo e proferido cursos e conferências em muitos países no âmbito da História da Expansão Portuguesa, sendo autor de vários livros e de mais de uma centena de artigos, quase todos sobre aquele tema.

ISBN 972-787-052-X



9 789727 870523

As edições de literatura histórica – quer de fontes quer de estudos – ocupam lugar de relevo nos interesses do público. Que é preciso satisfazer, prezando a qualidade. Não poucos leitores querem conhecer o passado, e não se limitam a convencionais interpretações. Há muitos que se embrenham afoitamente em novas perspectivas e em novas problemáticas. Que podem contribuir para esclarecer os dias que vivemos. Novas margens, outras margens. Com este conjunto de publicações, a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses iniciou, em 1997, uma nova colecção que se designou *Outras Margens*: assim mesmo. Onde têm saído alguns títulos de importância para alargar o número de leitores do que tem vindo a ser investigado e escrito em Portugal. Em que cabem também reedições de obras fundamentais, que se encontravam esgotadas. Sobre o passado de um Povo que pelo Mundo se espalhou.

Joaquim Romero Magalhães
Comissário-Geral da CNCDP